

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional**  
**Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**

Bernardo Jordano Gomes

**“DIAS DE MUITO, VÉSPERA DE NADA”:**

**Uma história dos divertimentos na Petrópolis imperial escravista (1875-1888)**

Belo Horizonte

2025

Bernardo Jordano Gomes

**“DIAS DE MUITO, VÉSPERA DE NADA”:**

**Uma história dos divertimentos na Petrópolis imperial escravista (1875-1888)**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Memória e História do Lazer

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia da Cruz Santos

Belo Horizonte

2025

G633d Gomes, Bernardo Jordano  
2025 "Dias de muito, véspera de nada" [recurso eletrônico] : uma história dos divertimentos na Petrópolis imperial escravista (1875-1888) / Bernardo Jordano Gomes. – 2025.

1 recurso online (285 f. : il.) : pdf.

Orientadora: Flávia da Cruz Santos

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Inclui bibliografia.

1. Lazer – Teses. 2. Lazer – História – Petrópolis (RJ) – Séc. XIX – Teses. 3. Diversões – Aspectos sociais – Teses. I. Santos, Flávia da Cruz. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

### ATA DA 214ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO

**BERNARDO JORDANO GOMES**

Às 15h00min do dia 29 de agosto de 2025, reuniu-se no Mini Auditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "Dias de muito, véspera de nada": uma história dos divertimentos na Petrópolis imperial escravista (1875-1888)", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFMG)	X	
Prof. Dr. Coriolano Pereira Rocha Junior (UFBA)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: APROVADO

O resultado final foi comunicado publicamente, para o candidato pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 29 de agosto de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos (Orientadora)

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFMG)

Prof. Dr. Coriolano Pereira Rocha Junior (UFBA)



Documento assinado eletronicamente por **Victor Andrade de Melo, Usuário Externo**, em 11/09/2025, às 08:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Coriolano Pereira da Rocha Junior, Usuário Externo**, em 12/09/2025, às 05:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flávia da Cruz Santos, Professora do Magistério Superior**, em 12/09/2025, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0) informando o código verificador **4545847** e o código CRC **7D3397CC**.

*À memória dos muitos que se divertiram, em uma cidade pensada para o divertimento de poucos.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antonio Claudio Gomes (*in memoriam*) e Daisi Jordano, por construírem um caminho junto a mim, e assegurá-lo.

A toda a minha família pelo amor, em especial à minha avó Maria (*in memoriam*), à minha irmã Bianca e aos meus irmãos Tales, Ariel e Menandro.

Aos meus amigos-irmãos de sempre — Raphael, Guilherme, Pedro Alves, Pedro Antunes — e tantos outros que sempre estiveram comigo ou chegaram ao longo da caminhada.

À minha companheira Bruna, e à nossa cachorrinha Cacau, por estarem comigo nos momentos mais delicados desta escrita.

À minha orientadora, Flávia da Cruz Santos, pelo comprometimento com a orientação e com a minha formação.

Aos membros das bancas de qualificação e de defesa, Victor Melo e Coriolano Júnior, pelas contribuições valiosas e por aceitarem fazer parte desse processo de formação tão importante.

Aos professores do PPGIEL, pelas contribuições ao longo do curso — em especial a Helder Isayama, Luciano Pereira, Victor Melo, José Alfredo Debortoli e Cleber Dias.

Aos colegas do Diverte – Laboratório de História do Lazer e do Esporte – e do grupo Oricolé.

Aos colegas de turma Karol, Luciano, Leandro, Weberson, Scarlleth e Hannah.

Ao secretário do Programa, Danilo Ramos, e a todos os servidores da Universidade.

A todos os professores que cruzaram meu caminho, nos espaços formais ou não — um agradecimento especial ao meu orientador de graduação, Marcelo Melo, e àqueles que acreditaram em mim ainda na educação básica.

Aos companheiros do mandato do Deputado Yuri Moura — conciliar o trabalho de assessoria com a pesquisa não seria fácil. Trabalhar pelo bem comum torna tudo mais bonito.

À minha psicóloga, Maria, por todo o suporte.

Ao povo brasileiro, por contribuir com a minha formação por meio de seus tributos.

Ao Governo Federal, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado no segundo ano do curso.

Aos servidores da Biblioteca Nacional, pelo trabalho feito na Hemeroteca Digital – ferramenta essencial para a minha pesquisa.

À Universidade Federal de Minas Gerais e à incrível Belo Horizonte, pela acolhida.

Ao povo petropolitano e a todos aqueles que me inspiram a sonhar em uma cidade outra.

## RESUMO

O presente trabalho buscou discutir alguns divertimentos e seus usos culturais, sociais e políticos na cidade de Petrópolis-RJ, entre os anos de 1875 e 1888. Para tanto, foram usadas como fontes primárias as edições dos jornais *O Mercantil* e *Correio Imperial*, além de um guia de Petrópolis, publicado em 1885, e o censo populacional do Império, de 1875, em conjunto com a literatura especializada na história da cidade de Petrópolis e nas histórias dos divertimentos no Brasil. Foram encontrados, nesse sentido, elementos que ajudaram a conformar o cenário dos divertimentos na cidade, marcados pela criação de uma *Associação Hortícola* em 1875 que, com a ingerência de membros da família real, teria protagonizado as festas em favor da emancipação dos escravizados, em abril de 1888. Desta maneira, a presença – e a ausência – da família imperial na cidade, as características da beneficência e os ideais de moralidade e civilização teriam sido fatores preponderantes no que se refere às práticas de divertimentos da cidade, cada uma delas apresentando particularidades, ainda que tivessem tais elementos em comum. Em vista disso, foi possível notar como os divertimentos eram fator central para se compreender as relações de sociabilidade em torno de uma cidade que buscava ser notada enquanto moral e, sobretudo, civilizada.

Palavras-chave: História; Divertimentos; Petrópolis; Século XIX.

## RESUMEN

Este trabajo busca discutir algunos tipos de entretenimiento y sus usos culturales, sociales y políticos en la ciudad de Petrópolis-RJ, entre los años de 1875 y 1888. Para tal efecto, se utilizaron como fuentes primarias las ediciones bdiarias de Mercantil y Correio Imperial, además de una guía de Petrópolis, publicada en 1885, y el censo de población del Imperio, de 1875, junto con literatura especializada sobre la historia de la ciudad de Petrópolis y las historias del entretenimiento en Brasil. En este sentido, se encontraron elementos que contribuyeron a configurar la escena del entretenimiento de la ciudad, marcada por la creación de la Asociación Hortícola en 1875. Con la participación de miembros de la familia real, esta desempeñó un papel protagónico en las festividades por la emancipación de los esclavos en abril de 1888. Así, ante la presencia —y la ausencia— de la familia imperial en la ciudad, las características de beneficencia y los ideales de moralidad y civilización fueron factores predominantes en las prácticas de entretenimiento de la ciudad, cada una con sus propias particularidades, pero compartiendo elementos comunes. Por lo tanto, fue posible observar cómo el entretenimiento fue un factor central para comprender las relaciones sociales en torno a una ciudad que buscaba ser percibida como moral y, sobre todo, civilizada.

Palabras clave: Historia; Entretenimiento; Petrópolis; Siglo XIX.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Planta de Petrópolis, elaborada por Julio Frederico Koeler, em 1846.....	20
<b>Figura 2</b> - Área gênese da cidade de Petrópolis (Planta Koeler) e o município de Petrópolis/RJ nos dias atuais.....	21
<b>Figura 3</b> – Prestação de contas do conselho fiscal da Associação Hortícola de Petrópolis.....	59
<b>Figura 4</b> - Recorte do jornal com diferentes notícias e abordagens sobre a Escravidão.....	70
<b>Figura 5</b> – Anúncio da Grande Quermesse em favor da emancipação do elemento servil.....	73
<b>Figura 6</b> – Anúncio de Baile Popular a favor da emancipação em Petrópolis.....	85
<b>Figura 7</b> – Baile Popular em benefício dos cativos da cidade de Petrópolis.....	87
<b>Figura 8</b> – Concerto a favor da emancipação dos cativos de Petrópolis.....	88
<b>Figura 9</b> – Baile emancipador na Cascatinha.....	89
<b>Figura 10</b> - Anúncio de concerto musical em fevereiro de 1880.....	104
<b>Figura 11</b> - Anúncio de baile de máscaras durante o carnaval de 1876.....	120
<b>Figura 12</b> - Anúncio de passeio carnavalesco no carnaval de 1881.....	122
<b>Figura 13</b> - Anúncio de grupo carnavalesco local durante o carnaval de 1887.....	123
<b>Figura 14</b> - Anúncio de festas artísticas em benefício das vítimas sobreviventes de Teatro Baquet, do Porto.....	133
<b>Figura 15</b> - Anúncio de programação no Theatro Alencar.....	136
<b>Figura 16</b> - Anúncio de espetáculo de comédia da Companhia dramática Alencar, no Theatro da Floresta.....	138
<b>Figura 17</b> - Notícia sobre a presença da companhia "Os phenomenos" em Petrópolis.....	140
<b>Figura 18</b> - Anúncio de um Poliorama no Theatro Petropolitano.....	141
<b>Figura 19</b> - Anúncio de apresentação teatral em homenagem ao Imperador da Alemanha.....	147
<b>Figura 20</b> - Anúncio de concerto musical no Salão do Hotel Bragança.....	148
<b>Figura 21</b> - Anúncio de espetáculo beneficente dos alunos do Colégio Paixão no Theatro do Hotel Bragança.....	149
<b>Figura 22</b> - Anúncio e programação de sarau dramático de sociedade dramática particular para inauguração do Theatro da Floresta.....	154
<b>Figura 23</b> - Espetáculo dramático beneficente de sociedade dramática alemã.....	156
<b>Figura 24</b> - Anúncio de sarau dramático em regozijo à chegada dos imperadores na cidade, de associação local.....	161
<b>Figura 25</b> - Anúncio de espetáculo em benefício de uma liberdade de uma pessoa escravizada e em alusão ao Dia da Independência.....	164
<b>Figura 26</b> - Anúncio de espetáculo beneficente com a presença dos imperadores.....	173
<b>Figura 27</b> - Outro anúncio de espetáculo beneficente com a presença dos imperadores.....	174
<b>Figura 28</b> - Anúncio de Companhia Dramática de Ribeiro Guimarães.....	181
<b>Figura 29</b> - Anúncio de um Cosmorama Mecânico.....	191

<b>Figura 30</b> - Anúncio de um Diorama.....	192
<b>Figura 31</b> - Anúncio de divertimento "O Phonographo" .....	194
<b>Figura 32</b> - Anúncio de divertimento: Aparição de uma Cabeça de Menina.....	196
<b>Figura 33</b> - Anúncio de último espetáculo da companhia de Baptista e seus bonecos .....	199
<b>Figura 34</b> - Anúncio e programação de espetáculo de prestidigitação e outras atrações.....	200
<b>Figura 35</b> - Anúncio de função de magia moderna .....	206
<b>Figura 36</b> - Anúncio de espetáculo por mágico espanhol.....	208
<b>Figura 37</b> - Programação do espetáculo dado por mágico espanhol .....	209
<b>Figura 38</b> - Anúncio da companhia equestre, ginástica e zoológica de Paul Serino no Salão da Floresta .....	214
<b>Figura 39</b> - Anúncio da companhia de Manoel Pery .....	215
<b>Figura 40</b> - Anúncio de leilão com materiais do Circo Pery .....	218
<b>Figura 41</b> - Anúncio do Circo Cantagallense, de James Adams .....	219
<b>Figura 42</b> - Anúncio da Companhia Cantagallense, em festejo ao aniversário da princesa Isabel.....	221
<b>Figura 43</b> - Anúncio da estreia do Circo Casali, em 1875 .....	224
<b>Figura 44</b> - Anúncio de matinê infantil promovida pela companhia de Paul Serino .....	236
<b>Figura 45</b> - Anúncio do Circo Olympico, no largo da estação da estrada de ferro..	239
<b>Figura 46</b> - As festas religiosas móveis no ano de 1885 .....	243
<b>Figura 47</b> - Produto do benefício às obras da capela de Nossa Senhora do Rosário em 1879.....	245
<b>Figura 48</b> - Anúncio de trens especiais para a Festa da Penha, na corte .....	257
<b>Figura 49</b> - Padre Siqueira e as alunas da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, em 1871.....	260
<b>Figura 50</b> - Programação da festa literária promovida pela Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo .....	269

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Dados populacionais de Petrópolis em 1875.....	22
<b>Tabela 2</b> - Menções a divertimento, diversão/diversões, passatempo, lazer e recreação/recreações nos periódicos da Hemeroteca Digital .....	30

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Jornais encontrados no período proposto para a pesquisa (1875-1888) .....	35
<b>Quadro 2</b> - Número de edições do jornal Mercantil disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira .....	36
<b>Quadro 3</b> - Relação dos donativos agenciados pelo Major José Cândido Monteiro de Barros .....	62
<b>Quadro 4</b> - Relação dos donativos agenciados por Moreira Guimarães .....	63
<b>Quadro 5</b> - Empreendimentos e associações envolvidas no Carnaval em Petrópolis (1875-1888) .....	124
<b>Quadro 6</b> - Associações locais noticiadas no Mercantil (1875-1888).....	152
<b>Quadro 7</b> - Companhias teatrais de fora de Petrópolis noticiadas no jornal Mercantil .....	179
<b>Quadro 8</b> - Demais festas religiosas encontradas nas edições do Mercantil .....	252

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Procedimentos metodológicos: usos das fontes, recorte temporal e definições conceituais.....</b>	<b>27</b>
<b>2 POR ENTRE “HOMENS SEM CONSIDERAÇÃO” E UM DIVERTIMENTO CHINFRIN: A CONFORMAÇÃO DOS DIVERTIMENTOS NA PETRÓPOLIS IMPERIAL ESCRAVISTA (1875-1888).....</b>	<b>38</b>
<b>2.1 As elites, a “sublimidade” e os “fins humanitários”.....</b>	<b>47</b>
<i>2.1.1 A organização hortícola em Petrópolis.....</i>	<i>49</i>
<i>2.1.2 Das festas patrióticas à emancipação dos escravizados em Petrópolis.....</i>	<i>65</i>
<i>2.1.3 “Está livre a risonha Petrópolis!”: o ano de 1888.....</i>	<i>76</i>
<b>2.2 “Mais quarenta dias em Petrópolis, são mais quarenta anos de vida que se ganha”: Petrópolis entre a estação calmosa e o inverno.....</b>	<b>98</b>
<b>3 “FELIZES OS QUE RECEBEM, MAIS FELIZES OS QUE DÃO”: OS USOS CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICOS E AS EXPERIÊNCIAS SOBRE OS DIVERTIMENTOS EM PETRÓPOLIS (1875-1888).....</b>	<b>107</b>
<b>3.1 O Carnaval e “A grande folia do entrudo”.....</b>	<b>107</b>
<b>3.2 O Theatro em Petrópolis e a busca por engrandecimento local.....</b>	<b>126</b>
<b>3.3 As grandes novidades da estação calmosa.....</b>	<b>189</b>
<i>3.3.1 A prestidigitação, a modernização e o fazer científico.....</i>	<i>201</i>
<i>3.3.2 “Já não estamos na infância da arte”: o circo e as companhias equestres e ginásticas.....</i>	<i>213</i>
<b>3.4 A religião e os divertimentos.....</b>	<b>241</b>
<i>3.4.1 As festas religiosas.....</i>	<i>243</i>
<i>3.4.2 A Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo e os divertimentos.....</i>	<i>258</i>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>275</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>279</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>280</b>
<b>Anexo A.....</b>	<b>280</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Minha história com esta pesquisa não se inicia agora. Nascido em Petrópolis, meus pais se conheceram no Centro de Cultura Raul de Leoni, onde meu pai atuava como agente cultural e minha mãe como corista, ambos servidores do município. Ali cresci e acompanhei filmes e debates que eu sequer sabia do que se tratavam, ensaios musicais, peças de teatro e diversas atividades culturais que, apesar de minha ingenuidade, me soavam como algo rotineiro. Durante a minha infância, me foi possibilitado frequentar clubes e praticar diferentes modalidades esportivas, além de estudar em escolas que contavam com um atencioso olhar para diferentes manifestações de lazer, as quais eu pude vivenciar de forma abundante.

A partir de minha vivência, pude ingressar na graduação em Educação Física, ainda sob um olhar enviesado acerca da profissão, de forma que eu encontrasse dificuldades em articular minha experiência discente com problemas enfrentados por nossa sociedade nesse tempo histórico.

Passados alguns semestres, destaco dois importantes fatores para que houvesse minha primeira aproximação com o campo dos Estudos do Lazer e, em alusão a Hobsbawn, pudesse se conformar o meu próprio poleiro<sup>1</sup>, são eles: 1) a vitória nas eleições presidenciais de 2018 do neofascista<sup>2</sup> Jair Messias Bolsonaro; 2) a pandemia do novo coronavírus. Entendo que a existência simultânea destes dois acontecimentos causou uma das maiores ondas de problemas relacionados à desigualdade social de nossa história contemporânea, fruto do negacionismo, da aporofobia, dos ataques à educação e à saúde pública, dentre outras diversas facetas ocasionadas pela relação entre estes dois elementos.

Tendo passado os meus quatro anos e meio de graduação sob a presidência de Michel Temer e Jair Bolsonaro (2018.2 a 2022.2), os ataques sofridos pela

---

<sup>1</sup> Segundo Hobsbawn, “Todo historiador tem seu próprio tempo de vida, um poleiro particular a partir do qual sondar o mundo” (2013, p. 317). No caso do autor, é citada a ascensão de Hitler em Berlim, no que viria a contribuir para a determinação de suas posições políticas e seu interesse pela História. Eric Hobsbawn, entretanto, não é o único autor a trabalhar com a necessidade de se perceber o lugar de onde escreve o historiador. Para esta abordagem, Barros (2020) apresenta a expressão “Lugar de Produção”, cunhada por Michel de Certeau. Aponta ainda que esta é uma discussão recorrente na historiografia, que passa por “autores como Marc Bloch, Lucien Febvre e inúmeros historiadores ligados a movimentos como o da Escola dos Annales ou o do Presentismo estadunidense, além daqueles ligados a perspectivas como a do Materialismo Histórico ou da hermenêutica alemã” (Barros, 2020, p. 17).

<sup>2</sup> Termo utilizado por Marcelo Badaró Mattos (2020) para definir a atuação do ex-presidente, sistematizando elementos que assim o configurassem, partindo também de análise sociológica sobre o fascismo clássico.

Universidade, em especial pelas Ciências Humanas e Sociais, passam a receber minha atenção e, a partir deste momento, inicio minha trajetória de aproximação com o campo da Educação e do Lazer<sup>3</sup>, na Iniciação Científica (PIBIC), além de passar a frequentar locais de discussão política sobre o próprio Lazer e os Esportes, inicialmente na própria Universidade, especialmente a partir do Movimento Estudantil, e na minha cidade (inicialmente atuando no Conselho Municipal de Esportes e Lazer de Petrópolis-RJ e, posteriormente, também como assessor parlamentar).

No que se refere à conformação de meu poleiro, não posso deixar de destacar o triste momento que minha cidade tem vivido devido às catástrofes socioambientais. No dia 15 de fevereiro de 2022, enquanto eu ainda somente planejava ingressar neste programa de pós-graduação, a maior tragédia da história de Petrópolis deixou 235 pessoas mortas e 4 mil desabrigadas ou desalojadas<sup>4</sup>, dentre elas amigos e amigas, vizinhos e vizinhas. Em março do mesmo ano, outras sete pessoas morreram<sup>5</sup> e enquanto escrevo esta dissertação, outra tragédia deixou mais quatro pessoas mortas, em março de 2024<sup>6</sup>. Em sua esmagadora maioria, eram pessoas negras e pobres, marginalizadas e invisibilizadas na história petropolitana.

Tendo em vista esta conformação, tenho buscado – em um constante processo de formação acadêmica, política e cidadã – novas maneiras de olhar para os fenômenos sociais que me atravessam. Volto-me à minha breve – e privilegiada – trajetória e passo a me perguntar sobre de que forma posso produzir uma pesquisa relevante, no sentido de que os problemas sociais dos quais atravessamos possam

---

<sup>3</sup> Esta aproximação inicial se dá a partir de um projeto de pesquisa intitulado 'Marxismo e Educação Física: primeiros passos', do Grupo de Estudos em Políticas de Esportes, Educação Física e Lazer (GEPOLES), coordenado pelo professor Marcelo Paula de Melo, da Escola de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que tinha como objetivo compreender a relação do movimento renovador da Educação Física com o marxismo, de forma que tenhamos ampliado o escopo para o trato com pesquisadores do Lazer.

<sup>4</sup> MACHADO, Lucas; GOMES, Marcelo; ALVES, Júnior; FREITAS, Flávia. Em 2020, mesmo depois da maior tragédia climática da história, Petrópolis gastou apenas 15% do valor autorizado em habitação. **Portal G1**, 14 mai. 2023. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/02/14/em-2022-mesmo-depois-da-maior-tragedia-climatica-da-historia-petropolis-gastou-apenas-15percent-do-valor-autorizado-em-habitacao.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>5</sup> JONES, Roberto. Tragédia que vitimou sete petropolitanos em março de 2022 completa dois anos. **Sou Petrópolis**. 20 mar. 2024. Cidade. Disponível em: <https://souponpetropolis.com/2024/03/20/tragedia-que-vitimou-sete-petropolitanos-em-marco-de-2022-completa-dois-anos/>. Acesso em: 29 abr. 2024

<sup>6</sup> MARQUES, Ariane; LUCHESE; CRUZ, Adriana. Saiba quem são as vítimas do desabamento em Petrópolis, na Serra do Rio. **Portal G1**. 23 mar. 2024. Região Serrana. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2024/03/23/saiba-quem-sao-as-vitimas-do-desabamento-em-petropolis-na-serra-do-rio.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2024.

ser refletidos e mais bem caracterizados e, ainda, que possam atravessar as barreiras dos “muros da Universidade”. Vem sendo uma tarefa árdua.

Neste momento, já é possível notar dois objetos que têm me atravessado mais categoricamente – o campo dos Estudos do Lazer e a cidade de Petrópolis –, além da maneira pela qual tenho tentado compreender nossas relações sociais, culturais, políticas e – evidentemente – históricas. É neste sentido que passo a olhar para como as diversões e a cultura, outrora atacadas ou tidas como de menor importância, têm sido notabilizadas neste município ao longo do tempo, e como minhas vivências – parcializadas – refletem na escolha deste objeto.

A partir de um olhar acerca da vasta literatura dos Estudos do Lazer, diversas poderiam ser as formas pelas quais eu poderia problematizar estas questões e, deste modo, contribuir para novas maneiras de se olhar para o problema do lazer em Petrópolis: a partir da análise quanto a (má) distribuição dos espaços e equipamentos de lazer; da centralidade das políticas públicas de lazer e esportes; ou até pelas próprias escolhas de determinados grupos ou sujeitos em relação às suas práticas. A meu ver, entretanto, no apaixonante fazer histórico, nos<sup>7</sup> será permitido compreender significados sociais e políticos em torno de sua conformação. Segundo Hobsbawn (2013):

A postura que adotamos com respeito ao passado, quais as relações entre passado, presente e futuro não são apenas questões de interesse vital para todos: são **indispensáveis**. [...] Podemos aprender coisas erradas — e, positivamente, é o que fazemos com frequência —, mas se não aprendemos, ou não temos nenhuma oportunidade de aprender, ou nos recusamos a aprender de algum passado algo que é relevante ao nosso propósito, somos, no limite, mentalmente anormais. (Hobsbawn, 2013, pp. 44-45. **Grifos nossos**.)

Ainda assim, dentre as preocupações para o presente estudo inerentes às pesquisas históricas, como os temidos anacronismos, surge também a de não lançar um olhar de causa-consequência ou mesmo de “planejar o futuro” acerca do fazer historiográfico. Como bem alerta Melo:

O máximo que podemos fazer a partir do estudo histórico é levantar algumas tendências, apresentar algumas possibilidades, 'lançar uma luz

---

<sup>7</sup> Passada a minha trajetória pessoal, que me leva ao presente objeto, optarei a partir de agora por utilizar o plural quando estiver falando em primeira pessoa. Esta escolha se dá por entender que a construção desta pesquisa contou com o apoio de muitas pessoas, sem as quais *eu* não conseguiria escrever o primeiro parágrafo sequer. Esta escolha, portanto, não visa dialogar com uma percepção neutra acerca da ciência, o que esperamos deixar evidente durante o desenvolvimento da pesquisa.

ainda mais tênue', mas de forma alguma afirmar, em um exercício irresponsável de futurologia, a exatidão dos acontecimentos futuros. (1997, p. 58)

Concordamos também com Melo no que se refere à possibilidade de contribuição da pesquisa histórica no âmbito do conhecimento e da manutenção de tradições estabelecidas, além do “desenvolvimento e estímulo de forças transformadoras e questionadoras das estruturas sociais” (1997, pp. 58-59).

Nesta pesquisa, portanto, buscaremos nos apropriar da segunda possibilidade, refletindo sobre os usos culturais, sociais e políticos e as relações inerentes às elites de Petrópolis – sobretudo a imperial – no âmbito dos divertimentos, entre os anos de 1875 e 1888.

Nesta perspectiva, buscamos construir um fazer histórico que não se limite às vozes da aristocracia presente na cidade naquele período, e que, ao contrário, seja conduzido de forma crítica, permitindo compreender os mecanismos que levaram à invisibilização de outras classes sociais na “história que se conta”.

Um ponto importante, neste sentido, é a maneira pela qual a historiografia sobre Petrópolis vem sendo apresentada. A cidade de Petrópolis-RJ, amplamente conhecida pela sua amena temperatura, suas montanhas e vales, e suas importantes indústrias nos ramos têxtil e cervejeiro, é conhecida também por ter servido de refúgio para a família imperial durante o século XIX, além de ter contado com a chegada de imigrantes de diversos países da Europa e de todo o mundo – sobretudo alemães, portugueses, italianos e ingleses<sup>8</sup>.

Um fator extremamente importante no que se refere à notoriedade da cidade a nível nacional, se deu a partir da fundação do *Atalho de Soares Proença*, datado de 1725, que encurtava o trajeto do *Caminho-Novo* – estrada que ligava a cidade do Rio de Janeiro ao estado de Minas Gerais – proporcionando “um percurso menos sinuoso em direção às atividades mineiras” (DAIBERT, 2010, p. 18) e, portanto, transformando a região em um local estratégico para as relações econômicas do país naquele período.

Como apresentam Taulois (2007), Ambrozio (2008) e Daibert (2010), as primeiras aproximações do imperador D. Pedro I às terras petropolitanas ocorreram na Fazenda de Padre Correia – considerada uma das principais fazendas da

---

<sup>8</sup> Discutiremos, no decorrer do texto, como este entendimento serviu como base para o apagamento da memória negra na cidade, a partir das contribuições de pesquisas como as de Aquino e Cunha Junior (2014), Dias (2016) e Silva (2018).

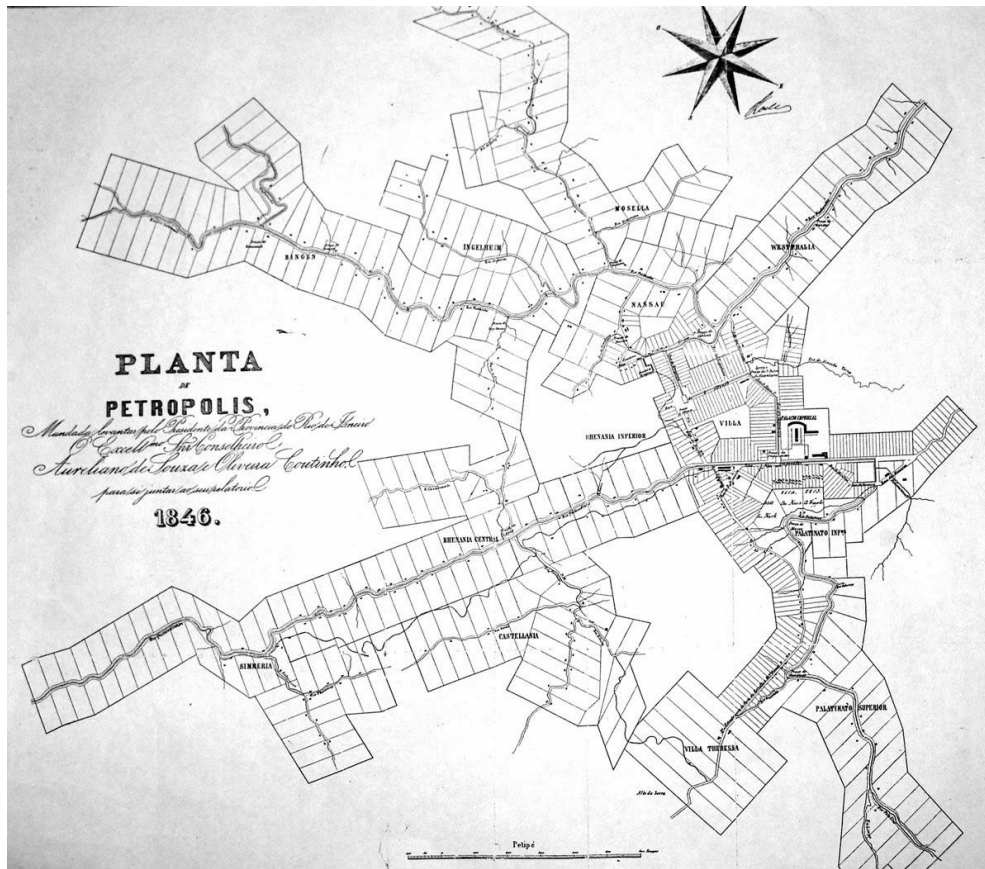
província do Rio de Janeiro. Foi ao pernoitar na fazenda, enquanto ia a caminho das Minas Gerais, que o então Príncipe Regente decide adquirir uma propriedade na região. Além do interesse em construir um palácio fora da cidade do Rio de Janeiro em um clima mais ameno, sua filha Paula – que tinha diversos problemas de saúde – ali se sentia melhor, apresentando-nos, além dos motivos políticos, um caráter “higiênico” em sua escolha. Posteriormente, o imperador acaba por adquirir outra propriedade na cidade: a Fazenda do Córrego Seco.

Já no que se refere ao lazer, contamos com o discurso de que foi esta a “primeira cidade brasileira planejada e ‘inventada’ *unicamente para o lazer da elite carioca*” (Almeida, 2005, p. 11. *Grifos nossos*). Essa dimensão, no entanto, estava condicionada por uma visão moralizante e seletiva em torno da urbanização da cidade, como revela o discurso de um dos responsáveis pelo plano urbanístico da cidade, o Major Julio Frederico Koeler, em 1845:

Poderá parecer, à primeira vista, odiosa e demasiadamente excepcional a cláusula do contrato que reserva para o arrendatário o monopólio de certos ramos de negócio, porém esta ideia se desvanecerá logo que se refletir que **é este o único meio de livrar Petrópolis do flagelo de um sem número de tabernas e botequins, focos de vadiagem e de imoralidade**, e que, sem oferecer recursos satisfatórios aos habitantes e passageiros, impossibilitam o estabelecimento em ponto grande de uma empresa que faculte ao público todos os objetos de precisão e de comodidade por preços razoáveis. (Koeler, 1845, *apud* Ambrozio, 2008. **Grifos nossos**.)

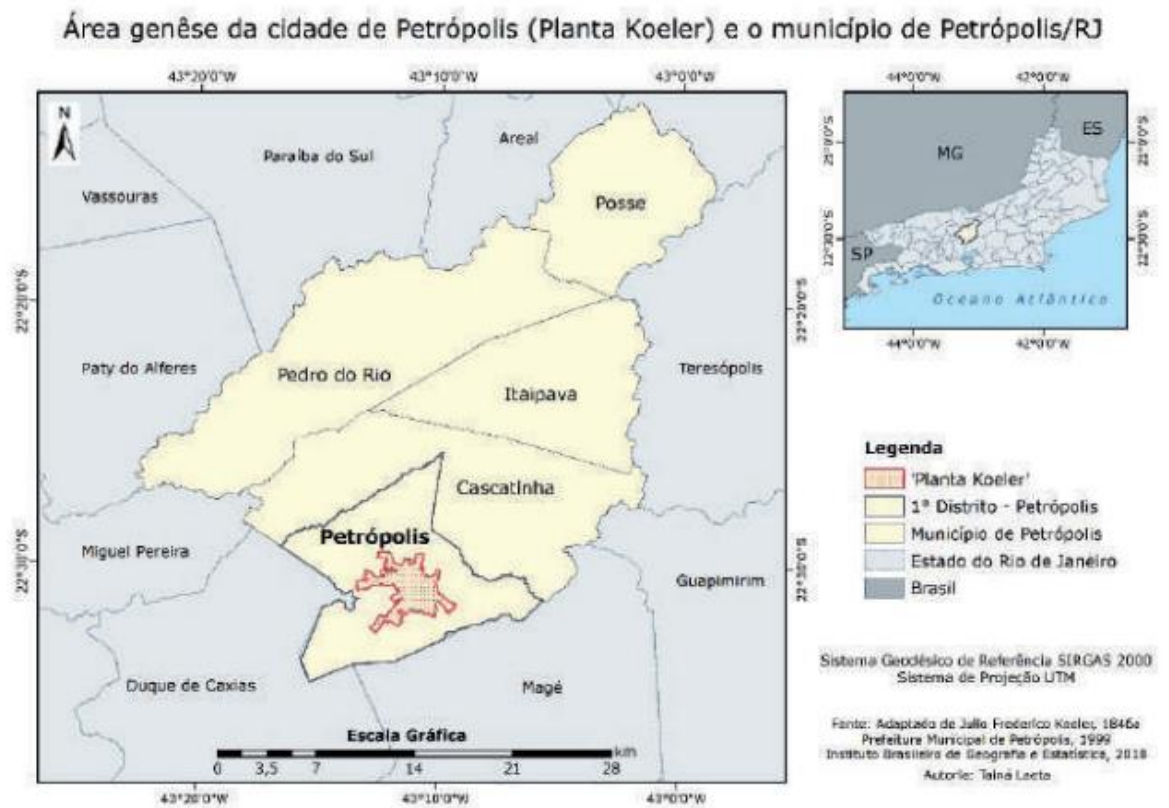
Nota-se que a preocupação em torno de práticas vistas como desordeiras revela que o lazer pretendido para Petrópolis se dava de maneira restrita, isto é, em acordo com o ideal de civilidade de suas elites. Como aponta Ambrozio, o discurso de Koeler evidencia o que seria o projeto de fundação da cidade: “de um lado, a possibilidade do [...] distanciamento sazonal da capital popular e malsã; de outro lado, o processo atraente de certa construção territorial que planeava a segregação sócio-espacial no interior das terras da Casa Imperial.” (2008, p. 236).

Figura 1 - Planta de Petrópolis, elaborada por Julio Frederico Koeler, em 1846



Fonte: Haack (2014). Disponível em: <https://ahistoriadepetropolis.blogspot.com/2014/03/plano-koeler.html>. Acesso em: 01 jul. 2025.

**Figura 2 - Área gênese da cidade de Petrópolis (Planta Koeler) e o município de Petrópolis/RJ nos dias atuais**



**Fonte:** Laeta *et al.* (2023)

Desta maneira, conforme evidenciado pela proposta e o discurso de Koeler, torna-se notório como a configuração de Petrópolis refletia divisões sociais. Para ilustrar isso, apresentamos a seguir uma síntese dos dados do Censo Imperial de 1875, para compreender as dinâmicas da cidade.

Tabela 1 - Dados populacionais de Petrópolis em 1875

Casas			Total	1366
			Desabitadas	125
			Habitadas	1241
Instrução	População escolar de 6 a 15 anos	Meninas	Total	429
			Não frequentam	287
			Frequentam escolas	142
		Meninos	Total	791
			Não frequentam	611
			Frequentam escolas	180
	Mulheres		Analfabetas	2834
			Sabem ler e escrever	230
	Homens		Analfabetos	3087
			Sabem ler e escrever	635
Nacionalidade		Das mulheres	Estrangeiras	960
			Brasileiras	2104
		Dos homens	Estrangeiros	1784
			Brasileiros	1998
Religião		Das mulheres	Acatólicas	59
			Católicas	3005
		Dos homens	Acatólicos	68
			Católicos	3654
Raça		Das mulheres	Caboclas	30
			Pretas	317
			Pardas	939
			Branças	1778
		Dos homens	Caboclos	22
			Pretos	103
			Pardos	385
Estado Civil		Das mulheres	Viúvas	406
			Casadas	1175
			Solteiras	1483
		Dos homens	Viúvos	338
			Casados	1345
			Solteiros	2039
Total da população do município			6786	
Total da população da paróquia			6786	
Sexo			Mulheres	3064
			Homens	3722
Paróquias			São Pedro de Alcântara de Petrópolis	
Município			<b>Petrópolis</b>	

Fonte: Adaptado de **BNDigital**. Brasil. Ministério do Império : Relatório da Repartição dos Negócios do Império (RJ) - 1832 a 1888. Ano 1875, ed. 003.

A partir dessas informações, é possível notar alguns elementos que poderão balizar algumas discussões em torno de nosso objeto, quais sejam: a considerável presença de pessoas pretas que, como veremos, sofre a tentativa de apagamento por meio da história oficial; a forte presença de estrangeiros, indicando tanto a grande parcela de colonos de diferentes regiões da Europa, quanto a relação com os portugueses, sob a ótica do Império. Elementos como esses, além da grande presença de pessoas analfabetas, ou da pouca população escolar, indicam uma cidade diversa e, portanto, complexa, de forma que não seja possível compreender aspectos culturais e sociais sem levar em consideração tal complexidade.

Neste sentido, partindo da necessidade de se escrever uma “história outra” de Petrópolis<sup>9</sup>, nos apoiaremos no entendimento acerca da necessidade de se refutar o pressuposto de que haja uma única “história oficial” de Petrópolis – que comporta apenas reflexões sobre a família real ou a chegada de imigrantes alemães – ou do consenso acerca da “elitização” de suas práticas e de que esta é uma cidade que se volta apenas para os interesses desta parcela da população.

Dialogando com Silva (2020a; 2023a) e Dias (2016), partimos do entendimento de que a escassez de pesquisas sobre a população negra em Petrópolis não se dá por falta de fontes, mas sim por uma construção histórica voltada à desconstrução dessa memória. Esse apagamento é parte do projeto de consolidação de uma memória imperial, construído ao menos desde a Era Vargas, se consolidando em cenários como a criação do Instituto Histórico de Petrópolis em 1938 e no decreto nº 85.849, de 27 de março de 1981, que concedeu à cidade o título de Cidade Imperial.

Dias (2016) interpreta esse processo como um movimento de negação-silenciamento-apagamento vinculado ao desejo de inserir Petrópolis em um projeto de civilização com padrões urbanos e turísticos europeus. Nesse imaginário, os afro-brasileiros são associados à criminalidade, vício e ócio, enquanto colonos e elites ocupam os papéis de laboriosos e refinados. Essa construção se articula a uma divisão socioespacial da cidade, baseada na hierarquia da proximidade com a corte. A autora também questiona o mito da “baixa densidade” negra em Petrópolis,

---

<sup>9</sup> Em Petrópolis, diversos pesquisadores e pesquisadoras, além de movimentos sociais e a sociedade civil organizada, têm se preocupado em dar voz a outros atores que não as elites ou a monarquia. No âmbito da pesquisa, alguns exemplos são: Silva (2023), sobre o movimento abolicionista na cidade; Silva (2018), sobre o povoamento da região por africanos e afrodescendentes; e Machado (2005), sobre o movimento operário e antifascista no município, no século 20.

apresentando evidências da atuação de pessoas negras – escravizadas ou livres – em serviços urbanos e rurais, e nas obras públicas.

Ainda que a pesquisa de Dias não tenha esse grupo como objeto principal, suas contribuições, aliadas a outros autores, nos ajudam a compreender como o silenciamento se operou ao longo do tempo. Ao longo deste trabalho, tentaremos tensionar essas narrativas, buscando inseri-las na análise dos divertimentos da cidade, compreendendo-os como espaços também atravessados por exclusões, hierarquias raciais e disputas de poder.

A discussão sobre a participação de pessoas negras escravizadas – e das diferentes classes populares – no âmbito dos divertimentos não será apresentada de maneira isolada, mas poderá atravessar toda a análise, considerando os limites das fontes disponíveis e a necessidade de enfrentar esses silenciamentos. Deste modo, ainda que as estimativas de população escravizada variem ao longo das décadas, faz-se necessário considerar a escravidão como parte estrutural da cidade e não como exceção.

A construção de Petrópolis como cidade voltada à vilegiatura, termo que será melhor discutido no primeiro capítulo, foi um dos principais elementos para a conformação de uma organização espacial e social excludente. Como destaca Dias (2016), o projeto urbanístico e social da cidade era pensado para acolher uma corte sazonal e uma elite que buscava descanso, distinção e visibilidade social. A presença da família imperial durante o verão reforçava esse ideal, ao mesmo tempo em que promovia a divisão da cidade entre zonas de prestígio e áreas de serviço. A lógica da vilegiatura, portanto, não apenas influenciava a configuração dos divertimentos como também participava da exclusão de certos grupos sociais – especialmente a população negra, que, embora presente na dinâmica urbana e rural, era empurrada para as margens físicas e sociais da cidade.

Diante dessa reflexão inicial, que evidencia as contradições em torno da identidade de cidade “Imperial” – que não pode ser compreendida sem ser também reconhecida como escravista – é que surge o título deste trabalho: “*Dias de Muito, Véspera de Nada*”. Trata-se de uma expressão popular retomada em um dos jornais analisados como fonte primária, numa crítica ao esvaziamento político e social após o 13 de Maio, indicando que a abolição da escravidão não teria se convertido, na prática, em avanços reais na sociedade.

CONTINUAREMOS?

**Dia de muito, véspera de nada** – dito popular é este que bem observado está sendo. Se compararmos os primeiros dias de maio aos que se lhe tem seguido do 13 até o presente, veremos que estamos voltados ao nosso ócio costumeiro. O nosso parlamento, que naqueles dias memoráveis, saindo dos hábitos antigos, mostrou-se de louvável atividade, retrocedeu à vida que lhe temos conhecido. [...] Enquanto o parlamento assim procede, o elemento popular continua igualmente no seu viver de outrora: fala mais alto ou mais baixo, grita ou cochicha, busca abafar os seus gemidos com gargalhadas e, sempre propenso à teoria, nada apresenta de prática. Dir-se-ia que a lei de 13 de maio uma vez sancionada foi o sinal para a calma geral e imperturbável. Talvez não falte quem assim o pense, porque grande é o número dos que não se preocupam com o dia a vir. Mas laboram em erro, porque a lei de 13 de maio não foi um fim, mas um princípio: condenando-se a antiga vida, com ela deu-se começo a uma vida nova. **Nem todas as grandes reformas podem ser operadas em uma semana, e o Brasil necessita de muitas e grandes reformas.** O descanso necessário ao revigoramento de forças é indispensável; mas o descanso que produz a paralisia é um prenúncio de morte.<sup>10</sup>

Essa reflexão, que reforça a complexidade do processo abolicionista – não fruto da iniciativa de uma “salvadora” princesa, mas sim de pressões políticas internas e externas, de um movimento abolicionista fortalecido e de um conjunto de fatores que envolvem disputas e resistências – nos ajuda a perceber como aquela abolição legal não significou necessariamente inclusão ou ascensão social.

Embora nosso recorte temporal não vá inserir o período republicano, indicamos a necessidade de marcar outros significados da *véspera de nada*. Segundo Schwarcz (2012), a abertura social experimentada no Brasil a partir do final do século XIX “seria freada por novos critérios de alteridade racial, religiosa, étnica, geográfica e sexual” (p. 21). A autora aponta esses elementos como parte de um “novo racismo científico”, já que

acionava um uma pletera de sinais físicos para definir a inferioridade e a falta de civilização, assim como estabelecer uma ligação entre aspectos “externos” e “internos” dos homens. [...] uma série de “indícios foram rapidamente transformados em “estigmas” definidores da criminalidade e da loucura. **O resultado foi a condenação generalizada de largos setores da sociedade**, como negros, mestiços e também imigrante, sob o guarda-chuva seguro da biologia (*Ibid.* **Grifos nossos.**)

Ainda de acordo com a autora, nesse momento largas parcelas da sociedade experimentaram um processo de queda social, indicando a instabilidade política do período, o que contribuiu para que não se superassem ideais da monarquia, e pode ajudar a explicar as projeções atribuídas à princesa Isabel pelo fim do regime escravocrata (Schwarcz, 2012, pp. 26-27).

<sup>10</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 56, n.p., 1888. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Neste sentido, tendo o tema da escravização aparecido durante a nossa pesquisa em total articulação com os divertimentos, indicamos um uso social e político desses elementos para a conformação de uma sociedade pautada em aspectos sobretudo morais e de afirmação das elites. Por isso, “*Dias de Muito, Véspera de Nada*” nos ajuda a compreender as representações em torno dos contrastes que evidenciam a construção de uma cidade para uns em detrimento de outros.

Por este motivo, também, tratamos de *uma* história dos divertimentos, por entender que a história aqui delineada, é apenas uma das diferentes narrativas possíveis.

Apresentada a justificativa e feita a reflexão sobre como chegamos ao presente objeto, nos apoiaremos na História Social enquanto dimensão, ainda que isso não restrinja a possibilidade de aproximações com outras dimensões, como a História Cultural e Política, ou abordagens como a História Comparada e a Micro-história, por exemplo<sup>11</sup>.

Pela própria dinâmica de nossas fontes primárias, isto é, periódicos construídos a partir das e para as elites, o uso da História Social neste momento não se dará somente por meio da compreensão de uma classe em detrimento de outra – “a história vista de baixo” – , assim, buscaremos superar, como sugere Perrot (2017a, n.p.), “a descrição estrutural de categorias isoladas” em prol de uma reflexão mais ampla sobre a relação entre elas. Segundo a autora, “toda ação se inscreve num modo de representação; não existe consciência de classe sem visão do mundo ou cultura sem elaboração de uma simbologia” (n.p.).

Nesse sentido, a compreensão sobre os divertimentos em Petrópolis não se dará somente sob a ótica de suas práticas, experiências e conteúdos, mas sobre como poderão revelar disputas e hierarquias sociais. A História Social, nesta perspectiva, poderá contribuir para que os divertimentos sejam notados também enquanto espaços de poder, de autoafirmação e, evidentemente, de conflitos e contradições.

O presente estudo, portanto, tem como objetivo compreender os usos sociais e políticos dos divertimentos em Petrópolis entre os anos de 1875 e 1888.

---

<sup>11</sup> Sobre as dimensões e abordagens da história, ver Barros (2004).

Partindo do entendimento de que este era um momento de efervescência política no cenário municipal e nacional, marcado sobretudo pelos movimentos abolicionistas e republicanos, também pretendemos compreender como objetivos específicos: 1) como era a vida cultural, social e política na cidade de Petrópolis; 2) quais eram e de que forma algumas experiências de divertimentos eram vivenciadas; e 3) como se davam as relações das diferentes classes em torno daqueles divertimentos.

### **1.1 Procedimentos metodológicos: usos das fontes, recorte temporal e definições conceituais**

No que se refere ao uso de fontes primárias, foram utilizadas de maneira central as edições do jornal *Mercantil* e do *Correio Imperial*, que serão justificadas a seguir, além de um Guia de Petrópolis publicado em 1885 – utilizado para compreender as festas religiosas da cidade no período –, e o Relatório da Repartição dos Negócios do Império, com foco no censo de 1875.

Já no tocante ao recorte temporal definido para a presente pesquisa, de 1875 a 1888, indicamos como referência a criação da primeira exposição hortícola em Petrópolis, em 1875. Temos como hipótese que esta exposição, inicialmente evidenciada como possibilidade de contribuir para o progresso da cidade, teve importante influência sobre os divertimentos daquele período, culminando no que aqui chamaremos de uma *organização hortícola*<sup>12</sup>, contando com influência direta da família real – inclusive no que se refere aos divertimentos –, tornando-se, já em 1888, uma das responsáveis pelas festas em favor da *emancipação das pessoas escravizadas* em Petrópolis (nosso recorte final). Assim, tal organização serviria como um instrumento de *promoção* (às vezes *autopromoção*) das elites petropolitanas<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Em nossa pesquisa, quando nos referirmos à organização – acerca do processo hortícola –, estaremos falando sobre as múltiplas dinâmicas culminadas pela criação da exposição em 1875, como a criação da Associação, dos Conselhos e da Caixa Hortícola, por exemplo. Esta escolha se dá para que possamos compreender o processo em sua amplitude, não como sinônimo de associação, enquanto uma entidade que organiza os indivíduos.

<sup>13</sup> Como notaremos no decorrer da pesquisa, Petrópolis contava com a particularidade de viver dois momentos distintos durante o ano. No verão, com a chegada da família imperial e de visitantes da corte, a população poderia quase dobrar em relação ao inverno. Por isso, quando utilizarmos o termo *elites petropolitanas* também estaremos nos referindo aos visitantes, que passavam a “estação calma” em Petrópolis, e também teria forte influência em seu cenário político. Indicamos também a importância de mantermos o termo *elites* no plural, tendo em vista a polissemia, isto é, a

No tocante ao campo do lazer, este período é concomitante a um espaço de tempo de importantes modificações nas ofertas e consumo das atividades de entretenimento no Brasil (DIAS, 2018a). Neste sentido, Dias (2018a) aponta para duas questões: a primeira, a expansão mundial da indústria, da qual o Brasil fez parte como fornecedor de matéria-prima, surgindo um novo tipo de desenvolvimento econômico. Já a segunda, muito em virtude da primeira, se dá a partir de um grande crescimento populacional em todo o país, passando de 10 a 30 milhões de habitantes entre 1870 e 1920, contando com um crescimento também entre as áreas urbanas com mais de 20 mil habitantes. Para o autor:

[...] esse crescimento populacional, especialmente nos setores urbanos, esteve relacionado com o comércio de exportação, que exigia maior mão de obra, ao mesmo tempo em que impulsionava vários setores da economia. (DIAS, 2018a, p. 385).

Esse elemento também é notado em Silva (2010). Segundo a autora, sobretudo as décadas de 1880 e 1890, “foram de intensa movimentação cultural”. Em sua análise sobre os divertimentos no Rio de Janeiro, a autora aponta que o aumento da oferta desses divertimentos foi acompanhado pela chegada de grupos de artistas estrangeiros, pela formação e consolidação de grupos nacionais, assim como avanços no que se refere ao desenvolvimento dos atores envolvidos naqueles divertimentos. Para além disso, a autora indica que naquele momento outros tipos de tensões também se faziam presentes:

As produções artísticas eram temas de discussões entre políticos, literatos, críticos e intelectuais, que **tentavam analisar como era ou deveria ser o gosto do público**, como e quais deveriam ser os gêneros, textos, encenações a serem produzidas, e como elas contribuiriam para a formação de um “povo educado e civilizado. (2010, pp. 138-139. **Grifos nossos.**)

Em vista disso, em conjunto com as fontes encontradas, buscaremos dialogar com uma bibliografia atualizada sobre a História de Petrópolis e suas diversas possibilidades de compreensão. Além disso, optaremos por elencar pesquisas que, em algum momento, mencionem as práticas de divertimentos em Petrópolis, além de estudos com um recorte geográfico mais ampliado sobre a temática, como o estado do Rio de Janeiro e o Brasil, além das relações internacionais, tendo em vista a nacionalidade das elites presentes em Petrópolis e dos colonos, ou a influência

---

multiplicidade de sentidos, que poderia ser atribuída às diferentes classes na cidade de Petrópolis daquele século.

européia sobre os ideais de modernidade presentes naquele período. Por fim, tendo em vista o período estudado e os resultados a serem apresentados no primeiro capítulo, também dialogaremos com estudos sobre a história da escravidão no Brasil.

A possibilidade de se contar uma “história outra”, sobretudo no que se refere a uma cidade em que a “história oficial” parece já estar consolidada, não é uma tarefa fácil. O legado de uma “Cidade Imperial” vem contribuindo para o apagamento de outros atores, evidenciando a desigualdade social e coibindo a possibilidade de se pensar a cidade com um olhar menos etnocêntrico e conservador. Ainda assim, mesmo que de maneira tímida, é possível encontrar na literatura sobre a cidade pesquisas que se empenhem em resistir a este legado.

Com a finalidade de se conhecer o “estado da arte”, no que se refere às pesquisas históricas, além de buscar fontes de estímulos para a presente pesquisa, será feita uma revisão de literatura a partir de quatro bases de dados científicos (Google Acadêmico; Plataforma Scielo; Portal de Periódicos da CAPES; e Banco de Teses e Dissertações da CAPES). Devido às particularidades de cada uma dessas bases, os critérios de inclusão e exclusão serão definidos individualmente.

Note-se que, por tratar-se de uma pesquisa historiográfica, evidenciamos a necessidade de dar destaque às fontes, de forma que não caiamos no erro de tentar “enquadrar” as fontes encontradas de acordo com os resultados bibliográficos. Em sentido contrário, o objetivo desta revisão de literatura, portanto, é o de servir como suporte para uma análise mais aprofundada acerca das fontes manejadas.

Optaremos, para a presente pesquisa, em não dedicarmos um capítulo unicamente ao contexto, com o “estado da arte” encontrado, mas associarmos o conjunto de fontes encontrados com estes resultados, a fim de “evitar a artificial separação entre pesquisa empírica e problemas teóricos”, como sugere Santos (2017, p. 19).

Para tanto, utilizaremos como fontes primárias as edições do jornal *Mercantil* de 1875 a 1888, e do jornal *Correio Imperial* de 1888 – todas as edições serão coletadas no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, através da Hemeroteca Digital Brasileira.

Essa escolha se deu a partir de uma primeira pesquisa na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Lá, foram encontrados, a partir da pesquisa inicial

pelo termo *Petrópolis*, 27 periódicos, sendo 3 de datas posteriores a 1930<sup>14</sup> e 3 sem data especificada (mas que após abertura dos periódicos, consta-se que eram de anos posteriores a 1930). Nos restou, deste modo, 24 periódicos, distribuídos da seguinte forma: 2 apenas no 3º quartel do século XIX; 11 apenas no 4º, 8 entre 1901 e 1930, 2 entre os 3º e 4º quartéis do século XIX e um entre o último quartel do século XIX e o início do século XX (1901-1930).

Dentre os 24 jornais previamente encontrados na Hemeroteca Digital, foram encontradas 351 ocorrências de menções ao termo *divertimento*, 444 a *diversão* e *diversões*, 159 a *passatempo*, 23 a *lazer* e 9 a *recreação* e *recreações*, em diferentes edições e periódicos, como é apresentado na tabela a seguir<sup>15</sup>.

**Tabela 2 - Menções a *divertimento*, *diversão/diversões*, *passatempo*, *lazer* e *recreação/recreações* nos periódicos da Hemeroteca Digital**

Periódico	Ano	Menções a <i>Divertimento</i>	<i>Diversão/ Diversões</i>	<i>Passatempo</i>	<i>Lazer</i>	<i>Recreação/ Recreações</i>	Total
A Sentinela	1909	3	0/6	3	0	0/0	12
Cidade de Petrópolis	1902	7	0/2	0	0	0/0	9
Correio Assu	1888	0	0/0	0	0	0/0	0
Correio de Petrópolis	1893	4	0/36	0	0	0/0	40
Correio de Petrópolis	1910	0	1/1	0	0	0/0	2
Correio de Petrópolis	1913-1914	0	1/8	0	0	0/0	9
Correio Imperial	1887-1888	1	2/0	0	0	0/0	3
Correio Mirim	1888	0	0/0	0	0	0/0	0
Echo Lusitano	1898-1899	0	0/0	0	0	0/0	0
Gazeta de Petrópolis	1892-1904	112	95/152	62	8 de 252	4/1	434
Gazeta Fluminense	1905	8	5/59	0	0	0/0	77
Guia de Petrópolis para o ano de 1885	1885	0	0/0	0	0	0/0	0
O Beija-flor	1915	Não correspondeu	Não correspondeu	N.C.	N.C.	N.C.	N.C.
O Bohemio	1903	0	1/0	0	0	0/0	1
O Commercio	1898	0	1/1	1	0	0/0	3
O Estado	1897-1898	0	2/6	0	0	0/0	8
O Gymnasial	1910	0	0/2	0	0	0/0	2
O Larangeiras	1887	0	0/0	0	0	0/0	0
Mercantil	1872-1892	139	26/17	70	4 de 108	3/0	256
O Novo Mundo	1870-1879	59	10/1	14	11 de 64	0/0	95

<sup>14</sup> Este recorte foi determinado previamente, a partir da compreensão de que seria um período muito distante de um importante movimento de efervescência política na cidade de Petrópolis, fruto de cenários como a abolição da escravatura ou a Proclamação da República, por exemplo.

<sup>15</sup> A escolha destes vocábulos para a pesquisa é baseada na pesquisa de Santos (2017), que buscou compreender o percurso histórico do conceito de divertimento na cidade de São Paulo entre os anos 1828 e 1867.

O Parahyba	1857-1859	9	3/2	4	0	1/0	19
O Popular	1899-1900	0	0/0	0	0	0/0	0
O Povo	1902	8	0/2	0	0	0/0	10
O Publicador	1869	0	0/0	0	0	0/0	0
Revista da Academia Literaria San Vicente de Paulo	1910	1	2/0	0	0	0/0	3
Revista de Petrópolis	1922	Não correspondeu	Não correspondeu	N.C.	N.C.	N.C.	N.C.
Total		351	149/295=444	159	23	8/1=9	983

Fonte: Elaboração Própria (2023)

Nota-se, portanto, uma maior notoriedade dos temas propostos nos periódicos *Gazeta de Petrópolis* e *O Mercantil*, com 434 e 256 menções, respectivamente. Apesar do terceiro lugar para o jornal *O Novo Mundo*, em uma análise mais aprofundada foi visto que suas publicações, apesar de serem feitas na cidade de Petrópolis, não tratavam especificamente desta, destinando-se a noticiar sobretudo os Estados Unidos da América e a Europa, evidenciando a tentativa de Petrópolis de se relacionar com estes locais.

Outra reflexão importante se dá acerca dos termos mais mencionados nestes jornais, com maior ênfase às *diversões* e *divertimentos* – 444 e 351 menções respectivamente – seguidos pelo vocábulo *passatempo*, de forma que o *lazer*<sup>16</sup> e a *recreação/recreações* ocorressem em menor expressão.

Para tanto, entendemos como necessária uma discussão acerca dos termos que aqui serão discutidos, de forma que seja evidenciada uma importante análise pautada na perspectiva histórica do campo de estudos em questão. Visto isso, em pesquisa intitulada *Sobre o conceito de lazer*, Melo (2013) aponta para uma nova abordagem conceitual, retratando o entendimento de que o conceito de *lazer* da forma que se consolidou no Brasil, surge a partir de um movimento recente que se relaciona com a solidificação de seu campo acadêmico. É neste sentido que o autor analisa os vocábulos ponderados antes de tal estruturação, com diferentes abordagens para a ideia que temos – e tínhamos – de recreação. Pautando-se, portanto, no conceito de diversão – e como este se materializou no que chamamos de lazer –, o autor busca o entendimento do que os informantes, sobretudo em seus estudos no Rio de Janeiro do século XIX, dizem ser a diversão.

<sup>16</sup> Para este termo, foi encontrada dificuldade maior de busca, visto que a plataforma apresentou também palavras semelhantes como *fazer*, o que demandou uma análise ainda mais minuciosa para que os resultados fossem apresentados com a insuspeição necessária.

Na mesma perspectiva, Santos (2017), em sua tese de doutorado intitulada *Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)*, compreende o termo *lazer* de forma pouco contundente naquele cenário, enquanto o passatempo, a recreação, a diversão e o divertimento eram utilizados para conceituar aquilo que objetivavam, tendo a última sido utilizada com maior frequência. Para a autora:

O significado, ou o conteúdo do conceito, dizia respeito a atividades que tinham em comum sentimentos e expectativas. Elas provocavam alegria, prazer, regozijo. Estavam em oposição ao que era sério e sisudo. Mas apesar de possuírem essa natureza comum, eram atividades muito variadas que incluíam desde a música e o teatro, às zombarias e ao mais novo divertimento da cidade, os esportes. (Santos, 2017, p. 139).

Portanto, o objetivo de Santos (2017) foi refletir acerca do processo de utilização de tais conceitos na cidade de São Paulo, evidenciado na apresentação de seu trabalho intitulada *Por uma história do conceito de lazer*. Desta forma, a autora discute, *a priori*, a disputa linguística que contava com a utilização de quatro palavras para a definição de um único conceito – o *divertimento* – entre os anos de 1828 e 1867, assim sua pesquisa aponta que:

As palavras diversão, passatempo, divertimento e recreação foram usadas pelos paulistanos com um mesmo significado, para dizer de um conjunto de atividades culturais que tinham em comum um mesmo sentido, e que eram informadas por uma mesma estrutura de sentimentos e intencionalidades. Apesar de mobilizadas com diferentes intensidades ao longo do período, houve um padrão na ocorrência dessas palavras. O único período temporal em que todas elas foram usadas sem interrupção e ao mesmo tempo, foi nos anos finais do período, entre 1862 e 1867. E nesse padrão de mobilização, um fato mais se destaca: divertimento teve uma intensidade de uso muito expressiva em relação às demais palavras. (Santos, 2017, p. 82).

Neste sentido, a autora até enxerga uma disputa entre diferentes vocábulos, mas neste momento o conceito “já estava compreendido e articulado de modo indissociável ao vocábulo divertimento, já precisava dele para se materializar linguisticamente.” (Santos, 2017, p. 83). É sugerido pela autora que ambos – o vocábulo e o conceito – tornam-se indissociáveis neste período, de forma que “o significado do conceito só pode ser compreendido por meio dessa palavra, pois ela reuni [sic] em si mesma diferentes sentidos, que sem ela não podem ser compreendidos.” (Santos, 2017, p. 83).

Em um segundo momento, entre os anos de 1868 e 1889, na pesquisa de Santos (2017) foi ponderada a fixação do conceito a uma palavra, contando também com uma ampliação de seus usos. Deste modo:

A medida que o conceito se fixava às palavras, seus usos se generalizavam. Portanto, quanto mais conectado estava o conceito a um termo, mais esse termo era usado e seus usos eram ampliados. Essa fixação foi paulatina, processual no conceito de divertimento, que foi ao longo de todo o período denominado de quatro diferentes formas – recreação, passatempo, divertimento e diversão –, mas que foi pouco a pouco aumentando sua ligação à palavra divertimento. (Santos, 2017, p. 136).

Entretanto, a autora aponta que neste momento outra palavra passa a ganhar notoriedade: a *diversão*, que ganha o espaço do termo *passatempo* – o segundo mais utilizado no período anterior. A *diversão* e o *divertimento* passaram a ser as mais utilizadas para designar o mesmo conceito, ainda que a hegemonia desta tenha sido irrefutável (Santos, 2017).

Tamanha análise serviu para além da compreensão de como e quais eram os divertimentos paulistanos no período proposto, mas para uma conclusão no campo da linguagem, entendendo o termo *lazer* como inexpressivo para designar o conceito proposto (Santos, 2017), como fora iniciado por Melo (2013), em seu estudo anterior<sup>17</sup>.

Desta forma, tal reflexão parece contar com importante sentido para o presente estudo, de modo a haver paralelos essenciais entre o que foi discutido pelos pesquisadores historiográficos do Lazer (Melo, 2013; Santos, 2017; Dias, 2018b) e a realidade notada nesta pesquisa.

Neste sentido, a contribuição da presente pesquisa, ainda que de forma embrionária<sup>18</sup>, é a de assimilar a importância desta discussão conceitual em uma

---

<sup>17</sup> Estas constatações iniciais que surgem a partir de uma reflexão importante e coerente, acabam por provocar novos debates no campo dos estudos do Lazer. Deste modo, Dias (2018a) aponta para uma perspectiva em que o conceito de lazer não precisa necessariamente ser desarticulado para as pesquisas históricas, mas que seja compreendido a partir de seu contexto histórico-social, tal como de suas práticas. O autor aponta para a criação de importantes conceitos como o Iluminismo ou a Revolução Industrial, que mesmo que ponderados posteriormente aos seus acontecimentos, são essenciais para o entendimento daquilo que estava em curso, tal como sugere que possa ser semelhante no caso do vocábulo lazer: Assim, o autor reflete que: “Por si só, a inexistência da palavra em determinados contextos históricos, ou seu uso socialmente limitado, não deve ser tomado como motivo suficiente para não usá-lo em análises históricas.” (DIAS, 2018b, p. 21).”

<sup>18</sup> Não é o objetivo deste trabalho desenvolver de forma mais agudizada uma análise do conceito, mas utilizar as pesquisas citadas como um estímulo para a definição do termo utilizado, baseado no que as fontes nos apresentam *a priori*. Para uma discussão mais aprofundada sobre a definição dos conceitos no Lazer, além dos textos já citados, ver Santos (2019).

perspectiva historiográfica, de forma a compreender que não tenha sido o objetivo dos autores (Melo, 2013; Santos, 2017) tratar a escolha de determinado vocábulo como regra a ser adotada, mas como fruto de uma relevante reflexão, que parece gerar importantes repercussões no campo dos Estudos do Lazer e seus estudos históricos. Ainda assim, é a partir da colaboração destes autores, que será definido um fragmento do título – e parte imprescindível da pesquisa – baseado em *uma história dos divertimentos*.

Esta escolha se dá levando em consideração o período utilizado para a nossa pesquisa. Embora a palavra *diversão/diversões* tenha contato com maior número de menções em todo o período identificado acima, os *divertimentos* estariam mais incorporados no recorte temporal proposto para a presente pesquisa (1875-1888) e no jornal utilizado como fonte primária: o *Mercantil*.

No que se refere à escolha deste jornal como fonte primária, utilizamos a seguinte metodologia: 1) foi feito um levantamento dos jornais que contavam com o maior número de menções aos divertimentos e vocábulos do mesmo campo semântico; 2) a partir deste levantamento, foi feita a leitura de suas edições, em conjunto com as pesquisas encontradas em nossa revisão de literatura, buscando encontrar as fontes mais utilizadas nestes estudos; 3) a partir desta leitura de fontes e pesquisas, foi possível delimitar um recorte temporal (1875 a 1888); 4) foram levantados todos os jornais encontrados neste período, como apresentado no quadro a seguir; 5) por fim, foi feita a leitura detalhada destes jornais, de forma que o *Mercantil* tenha sido o único a se adequar aos interesses da pesquisa.

A adequação deste jornal para a presente pesquisa se dá por diversos fatores, dentre eles: 1) a quantidade de menções aos divertimentos; 2) a notoriedade do jornal à época; 3) a complexidade do jornal, apresentando tipos diversos de notícias, folhetins, anúncios, etc.; 4) seu caráter abolicionista – ainda que isso apresentasse contradições, já que representava, *a priori*, os interesses das elites – podendo contribuir para os resultados desta pesquisa, que busca na História Social seu suporte.

Posteriormente, o *Correio Imperial* foi incluído como fonte por ter tido protagonismo durante o carnaval e as festas em prol da emancipação dos escravizados de Petrópolis, no ano de 1888, como apresentaremos no decorrer do

texto. Este jornal era editado pelos filhos da princesa Isabel com o auxílio de seu preceptor, o barão de Ramiz Galvão.

**Quadro 1** – Jornais encontrados no período proposto para a pesquisa (1875-1888)

Periódico	Ano
Correio Assu	1888
Correio Imperial	1887-1888
Correio Mirim	1888
Guia de Petrópolis para o ano de 1885	1885
O Larangeiras	1887
Mercantil	1872-1892
O Novo Mundo	1870-1879

Fonte: Elaboração própria (2024).

Deste modo, como já esboçado sobre o lugar de produção do próprio historiador, a partir deste momento nos dedicaremos à compreensão acerca deste lugar em relação às fontes históricas. Como sugere Barros:

O texto historiográfico é [...] elaborado em um lugar de produção específico (o “lugar de produção” do próprio historiador), e a partir da análise sistemática de textos ou objetos relacionados a outros lugares de produção (as fontes históricas).” (2020, p. 15)

Segundo Santos (2007, *apud* Costa, 2011, p. 16), o *Mercantil* foi o primeiro jornal fundado no município, em 03 de março de 1857, logo após Petrópolis ter sido elevada à categoria de *cidade*. Segundo os autores, o jornal foi fundado pelo português Bartholomeu Pereira Sudré<sup>19</sup>, como possibilidade de continuar exercendo sua profissão de tipógrafo-jornalista. Segundo os autores, tratava-se de um periódico monarquista, o que foi constatado em nossa leitura, apesar de sua visão abolicionista ter sido frequentemente utilizado para exaltar a família imperial – sobretudo a princesa regente, Isabel – e de terem sido encontradas propagandas a políticos republicanos em seus anos finais<sup>20</sup>.

Apesar de ter sido criado em 1857, o jornal somente é encontrado na Hemeroteca Digital a partir do ano de 1872, chegando até seu último ano de edição:

<sup>19</sup> Segundo Costa (2011), Bartholomeu Sudré ocupou cargos na Câmara durante o período de existência do jornal, chegando a alcançar a Presidência da instituição em 1884.

<sup>20</sup> BNDigital: Mercantil (1872-1892), ed. 47, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 28 mai. 2024.

1882<sup>21</sup>. Assim, o jornal contempla todo o recorte temporal de nossa pesquisa (1875 a 1888), de forma que tenham sido encontradas edições em todos os anos.

**Quadro 2** - Número de edições do jornal *Mercantil* disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira

Ano	Número de edições disponíveis
1875	99
1876	100
1877	2
1878	6
1879	100
1880	93
1881	100
1882	97
1883	98
1884	99
1885	97
1886	97
1887	100
1888	96

Fonte: Elaboração própria (2024).

Até o ano de 1876, o jornal apresentava-se em seu cabeçalho como “jornal político, literário, comercial e noticioso”, quando finalmente passa a retirar o “político”. Esta retirada do jornal acontece quando também decidem aumentar o seu formato. Assim consta na primeira edição deste ano:

[...] envidaremos todos os nossos esforços em advogar, como sempre, os interesses locais, a causa da justiça, e procuraremos **guardar a maior imparcialidade nas lutas dos partidos políticos**.<sup>22</sup>

Ao longo de toda a sua duração, o jornal passou por muitas crises. No ano de 1880, por exemplo, a tipografia do jornal foi atingida por um desabamento, tendo

<sup>21</sup> As edições encontradas na Hemeroteca Digital Brasileira, são as mesmas presentes no acervo físico do Arquivo do Centro de Cultura Raul de Leoni, em Petrópolis, segundo me foi informado por uma funcionária deste arquivo, a quem agradeço pela presteza.

<sup>22</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 01, n.p., 1876. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

sido necessário o apoio financeiro da população para que fosse possível recompor a tipografia<sup>23</sup>. Já a partir de 1886, Sudré passa a dividir a propriedade da tipografia, evidenciando mais uma possível crise financeira.

Com o falecimento de Bartholomeu Sudré no ano de 1891, houve uma mudança de direção no dia 16 de maio de 1892. Assim, o Mercantil foi transformado em Gazeta de Petrópolis (Costa, 2011) – o outro jornal com o maior número de menções aos termos relacionados ao lazer.

Quando atravessava o trigésimo-sexto ano de existência<sup>24</sup>, suspende o Mercantil a sua marcha, tendo passado a outros a propriedade deste estabelecimento. Durante a sua vida procurou sempre esta folha corresponder ao auxílio que constantemente recebeu da família petropolitana, conservando-se em posição de merecer a estima pública, pugnano pelos interesses da pátria e esforçando-se para que o elemento popular mais e mais crente se tornasse do seu valor. Dificuldades erguidas foram sempre dificuldades derrubadas, a luta era a vida, e a direção desta folha lutava. Afinal, motivos de ordem superior determinaram o fato que se operou a 16 do corrente mês, dia em que o estabelecimento passou a nova direção, que a si tomou o encargo de satisfazer compromissos de assinaturas e anúncios firmados em datas anteriores, não sendo desse modo em nada prejudicados os nossos valiosos auxiliares. Na próxima quinta-feira será publicado o primeiro número da Gazeta de Petropolis, folha tri-semanal, dirigida pela firma que desde o dia 16 é proprietária do estabelecimento. Agradecemos aos-nossos amigos, que sempre nos auxiliaram; e desejamos à nova folha toda a sorte de prosperidade.<sup>25</sup>

Ademais, o Mercantil era mais do que apenas um jornal, mas uma tipografia completa, responsável pela edição de livros, criação de rótulos de garrafas, venda de livros e romances, etc., tornando-se assim, elemento crucial para se compreender as relações sociais e econômicas da cidade de Petrópolis na segunda metade do século 19.

---

<sup>23</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>24</sup> Segundo Costa (2011), teria sido esse o primeiro periódico da cidade de Petrópolis, fundado em 1857, logo após a elevação de Petrópolis de povoado a cidade.

<sup>25</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, p. 01, 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

## 2. POR ENTRE “HOMENS SEM CONSIDERAÇÃO” E UM DIVERTIMENTO CHINFRIN: A CONFORMAÇÃO DOS DIVERTIMENTOS NA PETRÓPOLIS IMPERIAL ESCRAVISTA (1875-1888)

No dia 29 de março de 1879, em uma notícia e um anúncio comerciais usuais dentre as folhas do jornal Mercantil, era comunicada uma grande novidade em um hotel de Petrópolis – o Hotel Bragança. Tratava-se de um espetáculo – um “brilhante *soirée de physica*” – apresentado por uma artista chamada de Mme. Lina Calgan, com a presença do professor Sr. Hugo Calgan, apresentado pelo periódico como físico do então imperador alemão. Este espetáculo se iniciaria com um “prólogo científico da beneficiada [Mme. Lina Calgan] sobre os aparatos elétricos construídos [no] moderno sistema Agioscop, premiado na exposição de Paris”<sup>26</sup>.

O anúncio destacaria dois fatores primordiais que evidenciariam a boa qualidade do divertimento: o primeiro, seria a presença de suas “majestades imperiais”<sup>27</sup>, o imperador D. Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina; o segundo, seria o destaque dado às apresentações anteriores feitas em solo europeu, que teriam sido “sumamente aplaudidas nos teatros de Londres, Paris, Berlim, Hamburgo, etc. [...]”<sup>28</sup>. Assim, o anúncio conclui que aqueles que se interessassem pelo triunfo da arte, não deveriam faltar a estas apresentações.

Durante o manejo das fontes estabelecidas para a presente pesquisa, anúncios e notícias de divertimentos como este foram muito comuns. Assim, unia-se dois fatores que, relacionados, destacavam não somente a boa qualidade do divertimento, mas demarcavam o grau de civilidade que se esperava do público presente. Por um lado, a presença de membros da família imperial apresentava a noção de qual(is) classe(s) poderia(m) concorrer<sup>29</sup> aos espetáculos; por outro, a evidência de um divertimento concorrido e aplaudido em cidades europeias, apresentava a possibilidade de uma cidade na serra fluminense se enquadrar nos moldes civilizatórios europeus.

Na prática, entretanto, este espetáculo – ocorrido no domingo, dia 30 de março – seguiria um caminho oposto da grande maioria dos divertimentos

---

<sup>26</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>27</sup> *Ibid.*

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> Utilizaremos, na presente pesquisa, o verbo “concorrer” e suas variações verbais para indicar o comparecimento de público aos divertimentos, assumindo o sentido atribuído pelas próprias fontes ao descrever essa dinâmica social.

anunciados com um caráter civilizatório semelhante, como veremos no decorrer da pesquisa. É o que nos apresenta a primeira notícia da seção *Notícias diversas* na quarta-feira seguinte ao espetáculo, inserida na primeira página da edição 25.

Assistindo ao espetáculo que teve lugar na noite de domingo passado, no teatro do hotel de Bragança, experimentamos **duas decepções bastante desagradáveis**. A primeira foi ao ver a **sem-cerimônia com que zombou-se da população desta cidade oferecendo-lhe coisa tão chin-frin à título de divertimento**. A segunda e mais desagradável foi **o modo por que alguns escravos e criados de famílias aqui residentes, segundo nos consta, revelaram o seu descontentamento fazendo uma descortês assoada**, própria de barraca ou de circo. **Estando na sala a Família Imperial e muitas famílias distintas, deviam ser melhor respeitadas as conveniências**, e embora habituados às vaias e assobios aqueles lacaios deviam conter-se. Felizmente as pessoas de critério que faziam parte da reunião tiveram ocasião de verificar que **naquele pronunciamento descortês não tomava parte um só homem de consideração**.<sup>30</sup>

Não é por acaso a escolha de demarcar tantos pontos deste trecho, tampouco o é a escolha desta notícia para iniciar este capítulo. As diferentes interpretações e inquietações que apresentarei a seguir, contudo, partem do meu “lugar de produção”. Assim, diferentes percepções e interpretações sobre o que pode ter significado este divertimento poderão ser notadas pelo leitor, que parte de um outro “lugar de produção”, como já discutido na introdução.

Destarte, uma discussão a ser compreendida a partir da fonte é sobre a presença de escravizados na cidade de Petrópolis durante o período do império brasileiro. Neste sentido, buscaremos apoio no que Pires (2023) chama de “mito da baixa densidade de negros” em Petrópolis, isto é, a problematização do que vem sendo proposto tanto pela historiografia quanto pela narrativa imperial que busca dizer que a presença de escravizados na cidade petropolitana foi irrisória.

Neste sentido, Silva (2020a) problematiza a incipiência de pesquisas que tenham como objeto a escravidão em Petrópolis, apresentando possibilidades de fontes que podem contribuir no trato com este tema. Assim, evidencia que “o problema do estudo sobre escravidão na ‘cidade de Pedro’ não está na falta de fontes, mas sim em outra instância, na construção de memória” (Silva, 2020a, p. 158).

Esta constatação se dá a partir da prerrogativa de que as construções de memória na cidade culminam no apagamento da memória negra, sob a lógica

<sup>30</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1879. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

idealizada de uma Cidade Imperial. Segundo o autor, apesar desta construção ser evidenciada pelo Decreto nº 85.849, de 27 de março de 1981, sob a ótica do incentivo ao turismo histórico, esta ideia já vinha sendo apresentada pelo menos desde Getúlio Vargas, em sua tentativa de aproximação à imagem de D. Pedro II, notada pela criação do Museu Imperial pensado para narrar a história de um “Império idealizado pela República” (p. 149).

Um fator importante encontrado na presente pesquisa, evidenciado na dimensão proposta em nossos procedimentos metodológicos – os *Estudos sobre a relação entre a cidade de Petrópolis e a história negra ou da Abolição da Escravatura* – é a recenticidade das produções encontradas, tendo sido a primeira encontrada apenas no ano de 2014. Não estamos aqui querendo apontar que nunca antes foi feita uma produção historiográfica em Petrópolis que versasse sobre a escravidão ou sobre a população negra invisibilizada na cidade, mas evidenciar que este é ainda um tema sensível e pouco vislumbrado pelos pesquisadores.

Podemos dizer que sejam ainda postas em segundo plano as vozes ecoadas por uma população negra ainda marginalizada. Assim, em passos lentos, algumas pesquisas ainda tentam comprovar a importância dos negros e escravizados para a história – e, conseqüentemente, para a historiografia – petropolitana. Este é o caso, por exemplo do artigo *Cidades negras – Petrópolis imperial* (2014), de Renata Aquino e Henrique Cunha Junior; da tese de doutorado *Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades* (2018), de Renata Aquino da Silva; e da dissertação de mestrado *Do apagamento à fala pública: A memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do Quilombo da Tapera* (2016), de Paola Vanessa Gonçalves Dias. De maneira geral, a lógica utilizada por estes autor e autoras, é a de compreender a presença negra em Petrópolis a partir da presença de quilombos na região.

Deste modo, concordamos com Silva (2023a), que também evidencia tal incipiência. Para o autor:

A historiografia sobre escravidão e assuntos relacionados em Petrópolis é incipiente, sendo os primeiros trabalhos circunscritos à discussão sobre os quilombos. As análises a respeito do sistema escravista, a experiência de africanos e descendentes de africanos na cidade, e o processo de abolição, foram se apresentando como assuntos ainda a serem abordados (p. 15).

Outro indício importante que a fonte nos traz se refere à presença de membros da família imperial nos espetáculos encontrados. Em nossa análise, esta pode ser tanto uma maneira encontrada para distinguir aqueles que podem ou não concorrer aos divertimentos, quanto pela tentativa de se formar uma imagem positiva deste grupo.

No que se refere à distinção entre os divertimentos das elites – e neste caso, de uma elite, a imperial – e dos populares, precisamos entender as particularidades do município de Petrópolis, no século 19. Para tal, nos baseamos na concepção de lazer pautada na *vilegiatura*, ponderada por Ambrozio (2008). Sem precisarmos nos ater à discussão conceitual sobre este termo, sua compreensão enquanto fenômeno é essencial para que possamos dar sequência à discussão.

Este termo, foi utilizado como ferramenta para evidenciar os processos de urbanização, apropriação e estadias na/da cidade de Petrópolis. Segundo o autor, a prática de vilegiatura se diferencia da prática turística, sendo o conceito originalmente “vinculado à formação das vilas de recreio da aristocracia e à constituição de subúrbios” (Ambrozio, 2008, p. 9). O autor explica essa diferenciação:

A vilegiatura, aqui, foi conceituada como gênero diverso do turismo. Vilegiatura como velho contraparente do turismo. Uma designação renascentista para a estada ou permanência do campo, vida de campo ou morada no campo durante a **estação calma**, gerando vilas aristocráticas, diferentemente do turismo, variante do vocábulo *tour*, que, de fato, apenas surgiu quando os trabalhadores dos países altamente industrializados foram incorporados, como sócios menores, aos benefícios do aumento da produtividade do trabalho, dentre esses proveitos, a redução da jornada de trabalho gerando maior tempo livre remunerado – as férias (Ambrozio, 2008, p. 18. **Grifo nosso.**)

Ainda amparados em Ambrozio (2008), podemos notar que a escolha inicial de D. Pedro I pela região onde hoje se localiza Petrópolis para a *vilegiatura* também não se dá pelo acaso. Conforme já indicamos, a região era um local estratégico para a conformação das relações políticas e comerciais do país, além de uma perspectiva de salubridade, evidenciada pelo ameno clima da localidade.

Este atributo peculiar da cidade, que culmina na divisão entre “duas cidades” – a Petrópolis do verão, quando as elites fluminenses se faziam presentes, e a do restante do ano – evidentemente reflete nas características de seus divertimentos. Neste sentido, era muito comum que os jornais anunciassem tanto a chegada dos

membros da família imperial, quanto suas partidas em retorno à corte. No geral, chegavam entre novembro e dezembro, ficando até meados de maio e junho, isto é, poderiam passar quase metade de um ano em terras petropolitanas. A esta época do ano, os periódicos chamam de *estação calmosa*.

O sentimento petropolitano acerca da estação calmosa e de como sua chegada influencia no cotidiano da cidade parece bem representado em uma contribuição levada ao jornal Mercantil, na edição 97, de 22 de dezembro de 1875, por um contribuinte anônimo em seção intitulada *Folhetim*.

À proporção que o calor vai aumentando, **crecem as esperanças dos proprietários nesta cidade**, pois da maneira que as coisas caminhavam era para estarmos todos de crista caída. Se o calor não for bastante para atrair a concorrência à Petrópolis, as Casalistas, certamente conseguirão esse fim. [...] **Finalmente todos esperávamos com tanta ansiedade a estação calmosa, como os S[ão] Gonçalistas esperam o tempo da goiaba**. E com efeito temos razão, porque não há nada mais triste, mais insípido e revoltante do que ver as ruas de uma cidade inteiramente desertas de passeantes. Uma cidade deserta é o mesmo que um jardim sem flores, um céu sem estrelas, um dia sem sol, um verso sem poesia, uma moça sem namorados, uma cabeça sem cabelos, ou um baile sem moças. Felizmente, porém, breve teremos uma transformação de cena: Os sapos se recolherão aos seus quartéis, os músicos farão soar os seus instrumentos, as ruas ficarão apinhadas de povo, os armazéns entulhados de gêneros frescos não venderão mais gato por lebre, a carne fresca não terá mais bichos, a seca baixará de preço, o bacalhau terá grande extração, os ratos e pulgas deixarão de habitar no teatro, e os armarinhos fornecerão às crianças assovios, gaitas, cornetas, tambores, chocalhos e guizos para nos deleitarem os ouvidos. Teremos também teatros, bailes, a exposição artística do Sr. Klumb, cavalinhos, passeios, cavalhadas, o Zé Pereira dando e recebendo boas festas e grande foguetaria, porque é regra que não admite exceção, que não há festa sem foguetes. [...]

Veritas.<sup>31</sup>

Retornando ao espetáculo de 30 de março de 1879 e relacionando-o com a contribuição acima trazida, podemos destacar um elemento: a necessidade de se formar um público crítico em relação aos seus divertimentos, mas que seguisse um adequado padrão de comportamento, o que envolveria necessariamente uma elevada concorrência aos divertimentos, sobretudo àqueles com maior apreço – notadamente em sua maioria, os ofertados por companhias e artistas estrangeiros ou da corte.

Esta necessidade, evidentemente, partiria da imprensa que, no caso do espetáculo de 1875, critica fortemente o espetáculo, mas também aqueles que se

---

<sup>31</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 97, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

manifestaram, em uma dicotomia entre o dever de ser crítico, mas também civilizado. Este discurso se faz presente em diferentes momentos, em que destaco uma notícia de 27 de fevereiro de 1875, sobre a presença de um prestidigitador espanhol, o Sr. D. Lopes, que estaria de passagem na cidade por alguns dias, oferecendo alguns espetáculos no teatro.

O Sr. D. Lopes, tendo obtido ultimamente na cidade da Parahyba os mais frenéticos aplausos, certamente encontrará no nosso público o mesmo acolhimento. Pelo programa do espetáculo, que detalhadamente publicamos noutra seção da folha de hoje, é de esperar que tenhamos amanhã uma noite de agradável entretenimento, e que o público concorra ao teatro para animar ao artista e **para desmentir o juízo que se faz de nós a respeito de divertimentos.**<sup>3233</sup>

Apesar da necessidade exposta de que o público animasse o artista, não é possível confirmar sobre qual era o juízo que se fazia da população petropolitana a respeito dos divertimentos. Mais uma vez, podemos nos questionar: seria o público desanimado? Os espetáculos contariam com pouca concorrência? Ou seria o público petropolitano demasiadamente crítico?

Não temos uma resposta concreta. Até o momento, o que sabemos é que pessoas tidas como “incivilizadas” – isto é, os negros e escravizados – também participavam de alguns divertimentos e, muitas vezes se faziam presentes no mesmo ambiente dos homens e mulheres livres. Esta é mais uma das particularidades da escravidão na cidade de Petrópolis.

Portanto, partindo do que fora chamado por “mito da baixa densidade de negros”, nos deparamos novamente com a pesquisa de Dias (2016). A autora buscou manejar algumas pesquisas que contribuíssem com a quantificação de escravizados na cidade de Petrópolis, dentre elas nos interessa neste momento o que foi elencado por Vasconcellos (1988).

Em sua pesquisa, foram contabilizados 79.711 escravos em oito municípios fluminenses de destaque político e econômico no Vale do Paraíba, no ano de 1887. Se, segundo o autor, a cidade de Campos contava com 18.056 escravos, Petrópolis era a última colocada com 141. A título de comparação, a penúltima cidade – Sapucaia – contava com 5.061 escravizados. No que se refere a Petrópolis, a

<sup>32</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>33</sup> Cabe ressaltar que na parte destinada aos anúncios, ao final do periódico, também constava o fato de que este divertimento teria atraído a concorrência do público em diversas cidades europeias.

principal diferença não é somente em relação a quantidade de escravos, mas ao caráter da mão de obra destes, sendo 67,38% voltados ao setor econômico urbano (Vasconcellos, 1988, *apud* Dias, 2016). Assim, Dias (2016), conclui:

É de se notar que na cidade de Petrópolis, apesar do baixo emprego de escravos em sua sede no ano de 1887, a tendência à utilização do escravo como mão de obra urbano-industrial se observaria mais pronunciadamente. A maioria dos escravos da cidade estava alocada em setores econômicos de serviços ou indústria. São relacionados 49 negros na indústria gráfica (jornaleiros), além dos 36 escravos artistas (p. 86).

Indicamos, contudo, a necessidade de cuidado ao considerar estes dados como verdade. Para isso, elencamos dois pontos de reflexão no que se refere a esta pequena quantidade de escravizados, ainda sem respostas: 1) tratando-se de uma cidade dedicada à vilegiatura, notamos a dificuldade em compreender até mesmo a quantidade de habitantes da cidade, já que era dividida em dois cenários – a “estação calmosa”, em que a concorrência em Petrópolis se multiplicava exponencialmente, e o inverno. Supomos, deste modo, não ser demais sugerir que aqueles membros da corte e de outras cidades fluminenses, eram acompanhados pelos seus escravos em suas estadias na cidade; 2) ao analisarmos estes dados, não estaríamos caindo na contradição de enxergar na parte (isto é, a região central e urbanizada da cidade), o todo (o que incluiria as áreas rurais mais distantes da Vila Imperial)?<sup>34</sup>

Assim, mesmo que não tratemos estes dados como verdades absolutas, muitos são os fatores, fontes, pesquisas e indícios que nos permitem assumir a presença dos escravizados nas áreas urbanas da cidade; assim, assumimos o risco de partir deste pressuposto.

No que se refere à divisão dos mesmos espaços entre escravizados e pessoas livres, tal como ocorrera no *soirée de physica*, temos como um exemplo o relato do viajante francês Castelnau, algumas décadas antes, em 1843, indicado por Taunay (1938). O viajante se queixava da necessidade de dividir seu espaço com negros, comparando-os com animais durante sua estadia em Petrópolis, em propriedade do Padre Correia. Para Dias (2016), o texto de Castelnau destacaria a maleabilidade das regras sociais, já que a presença de negros era notada nos ambientes de sociabilização dos hóspedes, além de contar com hóspedes negros.

---

<sup>34</sup> Buscaremos, no decorrer do texto, nos deter mais profundamente neste e em outros dados sobre a presença de escravizados na cidade de Petrópolis, no século 19.

Evidentemente, a diferença de mais de 40 anos entre a viagem de Castelnau e o período proposto em nossa pesquisa, resguarda a necessidade de nos atentarmos às transformações oriundas do desenvolvimento urbano-industrial na cidade e da própria elevação de Petrópolis a município. Conquanto, não poderíamos ignorar o fato de que o viajante se surpreendeu com esta dinâmica, já que em caso contrário, não a descreveria – ou ao menos, traria comparações com vivências anteriores semelhantes. Além disso, cabe ressaltar que sua estadia ocorreu em propriedade do mesmo possuinte – o padre Correia – de fazenda que outrora D. Pedro I havia se encantado.

Voltando ao encontro do espetáculo de abril de 1879, notamos mais uma reflexão que nos ajudaria a dar prosseguimento à pesquisa. Se desagradável foi o espetáculo, pior foi o comportamento dos críticos, que mais pareciam estar “em uma barraca ou em um circo”. Esta representação se contrapõe de maneira diametralmente oposta àqueles que deviam ser respeitados somente por estar ali presentes, que apresentavam um comportamento cortês, protegendo suas posições de “homens de consideração”, apesar do desgostoso espetáculo que haviam assistido.

Neste sentido, Silva (2018) apresenta fortes considerações sobre o evento. Pautada pela necessidade de desmistificação de uma suposta humanidade de D. Pedro II no trato com os escravizados, a autora defende a possibilidade destas manifestações terem sido ocasionadas pelos seus descontentamentos com a situação em que se encontravam. Assim, o mau espetáculo apresentado serviria como um disfarce, um encobrimento, para que pudessem expressar suas revoltas, sem que fossem castigados. Assim, a autora expõe sua reflexão:

Na hora certa, uma vaia precisa diz mais do que se imagina. Pelo sim ou pelo não, **nunca saberemos se as vaias no teatro do hotel de Bragança foram tão somente pelo espetáculo**. Apenas sabemos que, **em muitos episódios, os escravizados se manifestaram contra a exploração e o cativeiro de forma que não fossem submetidos a castigos** (Silva, 2018, p. 99. **Grifos nossos**).

Como citado anteriormente, múltiplas são as possibilidades de compreensão e análise deste evento. Não descartamos a perspectiva acima apresentada.

Já levando em consideração a supracitada tentativa de se formar uma imagem positiva das elites, sobretudo a elite imperial, buscaremos, no decorrer do capítulo, apresentar algumas considerações sobre os diferentes movimentos

abolicionistas presentes a níveis municipal e, sobretudo, nacional. Esta apresentação busca apoio na compreensão de que a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, não se deu pelo “humanismo” de princesa Isabel, mas por diferentes fatores que apresentavam a insustentabilidade da escravidão no país.

Inicialmente, portanto, é necessário compreender o ano de 1879 dentro deste contexto, isto é, um ano de transição entre as décadas de 1870 e 1880, em que os movimentos abolicionistas passavam pelo período de maior efervescência no Brasil.

É nesta perspectiva que Silva (2023a) destaca as décadas de 1860 e 1870 como um período de fortificação da campanha em prol da abolição a nível nacional, como consequência dos debates travados pela imprensa em torno da Lei do Ventre Livre (Costa, 1994, p. 44, *apud* Silva, 2023a), ainda que houvesse grande resistência, a partir da defesa do princípio da propriedade privada, como ponderado por Sidney Chalhoub (2011), o que contribuiu para que se optasse por uma extinção gradual do cativo. Esta proposta se concretizaria com a aprovação de duas medidas: a Lei do Ventre Livre e a Lei dos Sexagenários.

Já a década seguinte, é marcada pela maior intensidade do processo de contestação da escravidão no Brasil, destacando-se, dentre os mais diversos fatores, “a formação da Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro; a publicação de *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco; e a abolição nas províncias do Amazonas e Ceará; e o projeto Dantas [...]” (Silva, 2023a, p. 42). Segundo o autor, é fruto deste movimento a inspiração para a abertura do Livro de Ouro em 1884 na cidade, que tinha como objetivo angariar recursos para a compra de alforrias dos escravizados.

É neste momento de efervescência política que se insere a nossa pesquisa. Deste modo, a partir das reflexões geradas pelas fontes manejadas, buscaremos discutir neste capítulo as diferentes dimensões que nos foram apresentadas até o momento. Para tanto, inicialmente, justificando o recorte temporal proposto para a pesquisa, discutiremos sobre a relação das elites, sobretudo a elite imperial, com os divertimentos da cidade, a partir de movimentos como a organização hortícola de Petrópolis que, relacionados à uma organização mais ampla tida como abolicionista, teve como produto final os eventos em favor da *emancipação* e da *abolição*, em Petrópolis.

## 2.1 As elites, a “sublimidade” e os “fins humanitários”

Se por um lado os divertimentos das classes populares e dos escravizados apareciam de maneira disfarçada nos documentos, os divertimentos das elites eram sempre evidenciados. No que se refere à menção acerca da participação dos membros da família nos divertimentos, isto serviria até mesmo como forma de distinção daqueles divertimentos que mereceriam mais atenção do público em contraposição a outros, menos importantes, já que não teriam a presença de “vossas majestades ou altezas”.

É a partir desta compreensão que apresentamos uma característica central no que se refere aos divertimentos petropolitanos das últimas décadas do século 19: a *necessidade de autoafirmação das elites petropolitanas* – sobretudo a imperial – a partir da idealização de divertimentos que assegurassem a estas um caráter positivo, isto é, em uma perspectiva funcionalista, os divertimentos deveriam garantir uma idealização do bom funcionamento da ordem monárquica em Petrópolis, mas também no país. Alguns exemplos da formação deste ideário são notados pela própria concepção da família imperial como abolicionista e humanista. É o que buscaremos apresentar nesta seção.

Para tal, apresentaremos finalmente os elementos que marcam o nosso recorte temporal: a criação de uma exposição hortícola na cidade, em 1875, que vai ganhando novos contornos e participações, tornando-se uma organização demasiadamente influente no meio político da cidade; até a culminância, no ano de 1888, com a demarcada presença desta organização nos eventos que marcam a emancipação dos escravizados em Petrópolis, a partir de festas, bailes e cerimônias emancipatórios.

Sob esta perspectiva, é Lucas Ventura da Silva quem tem ganhado destaque quantitativo no que se refere à produção de pesquisas sobre a Escravidão em Petrópolis. Assim, cabe nesta seção o diálogo com sua dissertação de mestrado defendida em 2023, intitulada *Movimentando a abolição: sociabilidades, emancipação e liberdade na Petrópolis Imperial (1884-1888)*.

O autor, em sua pesquisa, busca compreender – e problematizar – a maneira pela qual as elites política e intelectual, se organizaram durante o processo de abolição na cidade de Petrópolis, em especial entre os anos de 1884 e 1888,

período inserido em um processo de constatação da escravidão que já ocorria em todo o país. Nota, contudo, que “as movimentações do abolicionismo de elite em Petrópolis apresentaram intenções que extrapolavam a ‘felicidade pública’ da abolição na cidade” (Silva, 2023a, p. 20) a partir de *interesses particulares das elites*.

Apesar disso, o autor compreende a diversidade de atores e segmentos que buscaram resguardar a abolição legal da escravatura, isto é, a Lei Imperial nº 3.353. Assim, destaca:

a dinâmica de revoltas e fugas de escravizados; as estratégias políticas e judiciais; o movimento abolicionista propriamente dito e os vários abolicionismos; e toda a pressão estrangeira sobre o Brasil em face ao contexto internacional de decadência do sistema escravista” (Silva, 2023a, p. 24).

No que tange ao processo de formação do movimento abolicionista brasileiro, inserido em um contexto de experiência internacional, Silva (2023a) destaca elementos importantes como a própria conjuntura internacional de revoltas e a contestação da escravidão – vale lembrar, neste sentido, que o Brasil foi o último país do continente americano a abolir legalmente a escravidão. O autor indica a importância de dois nomes na busca pelo respaldo político transnacional: Abílio César Borges e Jorge Nabuco.

Assim, diversos atos em favor da emancipação na cidade de Petrópolis, contaram com a presença e o apoio de figuras estrangeiras, como a ata da solenidade de entrega dos títulos de remissão aos últimos escravizados de Petrópolis, em 1º de abril de 1888, que contou com sete representantes de legações estrangeiras, seis ministros plenipotenciários e um encarregado de negócios; e um baile para a diplomacia que se encontrava na cidade, oferecido pela princesa regente no dia 14 de fevereiro de 1888 (Silva, 2023a). Para Silva:

inserir a diplomacia nas movimentações para a abolição era importante e estratégico, uma vez que nesse momento, estava no horizonte de expectativas dos dirigentes imperiais a continuidade da Monarquia, tenho [sic] a princesa Isabel como imperatriz no possível Terceiro Reinado” (p. 31).

A pesquisa de Silva (2023a), embora nos apresente elementos centrais para compreender a movimentação das elites petropolitanas no que se refere ao processo que culminou na emancipação dos escravizados na cidade, utiliza o ano de 1884 como período inicial para entender tal movimentação, a partir da criação do

Livro de Ouro, que tinha como objetivo angariar recursos para a compra de alforrias dos escravizados em Petrópolis, e havia sido fruto de uma década marcada pela maior intensidade do processo de constatação da escravidão em todo o Brasil, destacados por exemplo, pela formação e estruturação da “Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro; a publicação do *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco; a abolição nas províncias do Amazonas e Ceará; e o projeto Dantas [...] (Silva, 2023a, p. 42)”.

Assim, o autor constrói seu recorte de pesquisa a partir da abertura do Livro, em 1884; passa pela criação do Fundo de Emancipação, e finaliza com a solenidade de 1º de abril, quando houve, em princípio, a libertação dos últimos escravizados no município.

Em nosso entendimento, embora seja impossível constatar um momento exato para se evidenciar o início da participação das elites petropolitanas no processo de emancipação, destacamos a *criação das exposições hortícolas*, em 1875, e seus processos de culminância, como a criação da Associação e da Caixa Hortícola, as exposições industriais, a apropriação do Palácio de Cristal e, evidentemente, a relação inerente entre esta organização e o processo de emancipação. É sobre este processo que buscaremos dialogar neste momento.

### 2.1.1 A organização hortícola em Petrópolis

No final do século 19, o movimento de horticultura era notado a partir de uma perspectiva de avanços científicos, de forma que cidades que prezassem pelo seu bom desenvolvimento deveriam estar atentas a este fenômeno. É neste sentido que Petrópolis – “a cidade das flores e das crianças” – investe de maneira contundente para o desenvolvimento de ações voltadas ao engrandecimento e ampliação dos saberes e fazeres hortícolas, evidenciadas sobretudo pela criação das exposições, que culminam na criação de uma caixa e de uma associação hortícola.

A primeira notícia da primeira página da edição 8 de 1876 do jornal Mercantil, nos apresenta alguns elementos sobre o caráter desta organização. Como indicamos, a exposição é notabilizada com o intuito de evidenciar uma prática voltadas aos avanços científicos como a agricultura aplicada; também evidencia esta

prática como algo útil e produtivo, necessária às cidades que prezassem pelo progresso.

No ato da inauguração da segunda exposição hortícola que teve lugar nesta cidade, a 20 do corrente mês, e que já noticiamos, S. A. o Sr. Conde d'Eu, presidente do conselho diretor da associação particular que levou a efeito esta exposição, disse: Que tendo aceitado fazer parte da associação particular que, por ora ainda em via de organização, se propõe a desenvolver e tornar periódicas festas agrícolas análogas ao modesto ensaio do ano passado e ao que hoje se realiza com proporções pouco maiores, competia-lhe, em nome dos iniciadores desta instituição, agradecer a Sua Majestade a sua generosa proteção e dizer-lhe algumas palavras acerca da segunda exposição hortícola e agrícola de Petrópolis, que Sua Majestade se digna neste momento inaugurar; que atendendo porém a sua falta de habilitações, julgava mais acertado pedir a orador mais competente que tomasse a si desempenhar este encargo e expender as considerações que desperta um assunto tão intimamente ligado com o desenvolvimento de mais de um ramo da riqueza nacional.<sup>35</sup>

Trata-se da segunda exposição hortícola em Petrópolis – a primeira teria ocorrido em 1875. A partir desta fonte podemos notar algumas de nossas primeiras constatações: 1) a estreita relação entre a exposição e os membros da família imperial, notados pela própria figura de Conde d'Eu, marido de princesa Isabel, como presidente da associação, tal como pela participação do imperador D. Pedro II, seja pela sua “proteção”, isto é, apoio à exposição, seja pela sua participação, estando presente na inauguração, por exemplo; 2) a necessidade de continuidade do evento, em sua segunda edição, mas que já apresentava avanços em relação à edição anterior. Transcreveremos em Anexo, o discurso do “orador mais competente”, o Sr. Dr. José de Saldanha da Gama<sup>36</sup>, feito na inauguração desta exposição, no dia 20 de janeiro de 1876 (ANEXO A).

A edição do jornal se propôs a inserir este discurso na primeira página do jornal, junto à fala de Conde d'Eu, ocupando quase metade desta página, sendo a outra parte ainda voltada aos acontecimentos da exposição hortícola que havia

---

<sup>35</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>36</sup> José de Saldanha da Gama (1839-1905), nasceu em Campos dos Goytacazes-RJ e morreu no Rio de Janeiro-RJ. Botânico, biógrafo, Professor, diplomata, sócio fundador da Escola Politécnica, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, da Sociedade Vellosiana, da Sociedade de botânica e aclimação da Bélgica, da Sociedade de botânica de Ratisbona, da Sociedade Lineana de Paris, da Academia de Ciências da Filadélfia, da Sociedade experimental e terapêutica da França, comendador da Ordem da Rosa, da ordem portuguesa da Conceição Villa-Viçosa, da ordem austriaca de Francisco José e oficial da ordem italiana da Coroa. (JOSÉ de Saldanha da Gama [s.d.]

ocorrido. Esta escolha editorial, por si só, nos remete ao grau de importância dada não somente por aqueles que participavam ou faziam o evento acontecer, mas pela própria imprensa, em acompanhar e, sobretudo, destacá-lo. Esta relação da imprensa com a organização já havia sido notada em 1875 a partir do agradecimento e da solicitação de contribuição do jornal Mercantil frente à possibilidade de prosperidade do evento, feito por um membro da comissão da primeira exposição – o Sr. Rocha Fragoso –, e publicado na sexta edição daquele ano:

[...] aproveito o ensejo para pedir a V., que por meio de seu conceituado jornal faça sentir aos nossos agricultores a conveniência de concorrerem com os seus produtos para enriquecerem a nossa exposição; demonstrando-lhes ao mesmo tempo, a utilidade destas festas industriais a favor do progresso de Petrópolis, e a exemplo dos países mais adiantados, que as tem adotado com muita vantagem. Espero pois, que V. aplique o **impulso da alavanca civilizadora da imprensa**, para erguer entre nós o gosto e o costume das exposições industriais, deixando na devida obscuridade o humilde nome do de V. amigo.

Obrigado.  
– Augusto da Rocha Fragoso<sup>37</sup>

Voltando ao discurso de José de Saldanha da Gama, notamos para além da relação de engrandecimento da família imperial, elementos que merecem também algumas marcações, que nos possibilitarão compreender a importância dada a esta organização. A partir do que foi refletido pelo discursante, evidenciamos um destaque dado às ciências naturais em todo o mundo, notados pela importância destinada aos saberes práticos da agricultura e horticultura não somente como meros saberes, mas como possibilidade para o desenvolvimento da cidade, seja a nível científico e intelectual, seja na perspectiva econômica e social. O orador evidencia também as então recentes descobertas científicas acerca das ciências naturais. Neste sentido, tanto essas descobertas, quanto a própria ênfase dada às teorias de Lamarck e Darwin, não fariam sentido se não fossem aplicadas aos territórios, sob a lógica das *exposições agrícolas e hortícolas*.

Nesta perspectiva, a cidade de Petrópolis teria um grande potencial de ser modelo para a criação destas exposições. Ainda com as incertezas de um evento que estaria por acontecer, o jornal apresenta, em sua quinta edição do ano de 1875,

---

<sup>37</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

as riquezas petropolitanas, evidenciadas pelo solo propício da amena cidade de Petrópolis.

Sendo a primeira vez que vão ser expostas ao público as numerosas riquezas do ubérrimo solo de Petrópolis, esperamos e pedimos toda animação dos habitantes desta cidade e seus arrabaldes, bem como dos visitantes e moradores dos municípios vizinhos, e a maior concorrência possível de expositores, a fim de que esse ato atinja à solenidade que ardentemente desejamos.<sup>38</sup>

Sabemos que as incertezas acerca da participação da população se apresentaram rapidamente como um acerto, a partir da continuidade de suas ações, a culminância na criação de uma associação e de uma caixa hortícola, a influência nas cidades vizinhas, a possibilidade de exposições industriais etc. Cria-se, portanto, uma organização extremamente importante para a compreensão de um ideário positivo sobre a cidade de Petrópolis. É o que nos apresenta uma transcrição feita pelo jornal Mercantil, já em 1886, de uma publicação do Jornal do Comércio, sobre o futuro de Petrópolis. Este artigo buscava evidenciar a possibilidade de levar instituições de instruções e asilos da corte para cidades como Petrópolis, Teresópolis e Friburgo. Neste sentido, evidencia-se tudo o que há de melhor na cidade, a partir de alguns elementos como as suas duas fases (a estação calma e o inverno), mas também sobre as suas belezas naturais, as exposições e o desenvolvimento industrial<sup>39</sup>.

As exposições hortícolas e industriais em Petrópolis contavam com influências *em e a partir de* Petrópolis, isto é, por um lado Petrópolis buscava seguir o exemplo daquilo que acontecia no exterior; por outro, buscava ser referência para outras cidades, como aconteceu com as cidades de Niterói e Juiz de Fora.

Neste sentido, somente no ano de 1876, um ano após a primeira exposição em Petrópolis, foram noticiadas exposições na Filadélfia<sup>40</sup>, na Bélgica<sup>41</sup>, e em Buenos Aires<sup>42</sup>. Na exposição da Filadélfia, inclusive, o Brasil teria sido destaque em

---

<sup>38</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 05, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>39</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 57, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>40</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>41</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>42</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 63, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

diferentes seções, sobretudo, no edifício de agricultura, que contou com a participação ativa de Saldanha da Gama<sup>43</sup>. Alguns artefatos que representaram o Brasil foram diferentes tipos de madeiras, cafés, fumos, rapés, fibras de borracha, cacau, mate e chá, etc. Já em outra seção desta exposição, foram expostas “as joias que adornaram D. Pedro I quando foi aclamado imperador do Brasil”, atraindo a atenção de seus visitantes<sup>44</sup>.

No que se refere à influência das exposições em Petrópolis nas cidades vizinhas, temos como fontes as edições número 14, 15, 18 e 19 de 1875, no que se refere à cidade de Niterói<sup>45</sup>, e nas edições 31 e 38, de 1886, acerca de Juiz de Fora<sup>46</sup>.

Exposição. O bom êxito da nossa exposição de horticultura, animou, certamente, a câmara municipal de *Nitcheroy* a iniciar uma exposição deste gênero, [...]. Os benéficos efeitos destas festas industriais, adotadas nos países mais adiantados, se farão em breve sentir no nosso país, **animando as artes, a indústria, o comércio e a lavoura**. A Inglaterra, a França e a Áustria já deram esse grandioso exemplo ao mundo; os Estados Unidos marchando na vanguarda da civilização promete exceder àquelas grandes nações, na sua futura exposição de 1876. Na corte, já tivemos um ensaio e exposição em 1867 e ainda agora projeta-se outro, porém, com o fim especial de obtermos alguns produtos para serem enviados ao grande colosso da América. **Se tivéssemos no nosso país o gosto pelas exposições, o Brasil seria por certo melhor representado nas exposições estrangeiras**. Compreenda bem, pois, o nosso povo e governo essa grande conveniência, e se vá procurando reproduzir as exposições parciais, que **brevemente poderemos conseguir uma exposição central ou nacional, que rivalize com as de outras nações**. Com efeito, parece que a primeira tentativa que acabamos de fazer, a 2 deste mês, animou a nossa população a concorrer com vantagem para outra exposição que se iniciasse; convém portanto não abandonar ou deixar arrefecer o pensamento e a **esperança de outra exposição, na próxima futura estação, de maior concorrência de visitantes da nossa florescente cidade**. A solicitude da augusta iniciadora da nossa exposição não tem limites em promover a prosperidade do nosso país, seguindo os exemplos do seu augusto pai. Temos por tanto fundadas esperanças que se reproduzam as nossas festas industriais, sob tão auspiciosa proteção.<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 57, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>44</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>45</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1875; **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, p. x, 1875; **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, p. x, 1875; **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1875. Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>46</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1886; **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 38, p. x, 1886. Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>47</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Notamos, posteriormente, a constatação feita pelo Mercantil de que a exposição, caso ocorresse no dia 7 de setembro, estaria concorrendo com outra – a exposição nacional – que ocorreria na corte no mesmo dia, dividindo a concorrência e os produtos expostos, dificultando assim o envio destes produtos à exposição que ocorreria nos Estados Unidos (na Filadélfia), no ano seguinte. Assim, a exposição de Niterói foi adiantada para o mês de agosto.

Vejamos, contudo, que a notícia acima apresentada não se destinou a falar apenas da exposição de Niterói, mas evidenciava-se a possibilidade de as exposições serem instrumentos para o avanço das artes, da indústria, do comércio e da lavoura, além da busca por uma exposição nacional que rivalizasse com aquelas do exterior, em uma prerrogativa que nos apresenta a competência que tinham tais exposições. Por fim, nos parece ser possível indicar que os diferentes atores petropolitanos – sobretudo a partir da força da imprensa em relação com as elites – buscavam indicar Petrópolis com potencial de sediar esta exposição com o investimento que supostamente faltava às outras exposições do país.

Acerca da cidade de Juiz de Fora, os primeiros indícios para a consolidação da influência petropolitana, se dão a partir da iniciativa de que além da exposição agrícola e hortícola, a Associação promovesse também uma *exposição industrial*. Esta exposição foi mais um fruto da organização hortícola em sua amplitude. Em 1886 foi aprovado na câmara municipal para que ocorresse no Palácio de Cristal de Petrópolis, no dia 9 de maio – segundo constamos, o Palácio de Cristal era notado como propriedade da Associação Hortícola e Agrícola de Petrópolis –, sob a justificativa de ser este um incentivo para progressos no futuro petropolitano<sup>48</sup>. Na seção *Declarações* de 10 de abril de 1886, consta a seguinte declaração da câmara municipal:

**Exposição, industrial e artística.** A câmara municipal desta cidade, tendo resolvido fazer no dia 9 de maio próximo futuro, no edifício da associação Hortícola e Agrícola de Petrópolis, uma exposição dos produtos industriais e artísticos do município, convida a população a concorrer com o produto de sua indústria ou arte. [...] A câmara espera que a população prestará benevolmente o seu concurso à exposição, cujo resultado, demonstrando o adiantamento atual da indústria e das artes do município, será um poderoso incentivo para maiores progressos no futuro.

Petrópolis, 8 de abril de 1886.

---

<sup>48</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1886. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

- Manoel Antonio Bordini, presidente. – Henrique Kopke. – Candido José Valle de Almeida. – Bartholomeu Pereira Sudré. – Antonio Joaquim Alves Cabral.<sup>49</sup>

A exposição seguiria a mesma lógica das exposições hortícolas, mas se diferenciaria destas, pois contava “apenas” com o apoio da organização hortícola, já que era promovida pela própria câmara municipal. Esta evidência nos faz notar com maior clareza a articulação que se fazia entre as elites promotoras destes eventos e os próprios órgãos públicos municipais.

Neste sentido, não podíamos esperar menos do que uma tentativa de valorização de um ideário humanista, que fazia com que se tentasse notabilizar a figura dos trabalhadores petropolitanos, a partir da busca por suas contribuições para a exposição com seus ofícios. Sob a ótica de valorização do trabalho – evidentemente intrínseca à relação de desenvolvimento industrial que ocorria em todo o país – buscava-se apresentar os artefatos produzidos pelos trabalhadores como ferramenta de empoderamento e demonstração da autonomia daqueles trabalhadores, sendo responsabilidade dos próprios expositores o merecimento ou não de destaques, representados pelas premiações que viriam a ser ofertadas.

Exposição industrial e artística. Oferece-se atualmente às classes laboriosas desta cidade, que se consagram às artes e ofícios, um favorável ensejo de porem em evidência os frutos de seu trabalho inteligente e progressivo. [...] Não se poderá dizer que o esforço extraordinário produziu o artefato, que o desejo de engodar o comprador presidiu a intenção do vendedor: **é perfeito o trabalho, porque o operário tem créditos a perder, porque esmera-se enquanto faz.** Todas as indústrias, todas as artes, todos os ofícios que são aqui exercidos, devem fazer-se representar na futura festa do labor. [...] A eles [os expositores] e somente a eles, está confiada a tarefa de porem em evidência os seus merecimentos: a diminuez do tempo seja compensada pelo *afan* do trabalho; e **a futura exposição industrial e artística tornar-se-á o prólogo de uma obra grandiosa.**<sup>50</sup>

Esta exposição industrial, contudo, não se deu de forma linear e sem disputas. A própria data determinada pela câmara municipal, dia 9 de maio, era refutada pela imprensa<sup>51</sup>, que acreditava ter se dado de maneira precipitada, não nutrindo esperança sobre os prazos. Em artigo publicado no jornal era notada a

<sup>49</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1886. **Grifos da fonte**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>50</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1886. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>51</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

preocupação com a possibilidade de não haver produtos suficientes na exposição, preocupados com o que seria o prêmio mais importante desta “festa do trabalho”: o louvor do público. Assim, considerava a exposição que estava por vir como uma “festa-ensaio”.

Duas edições depois, entretanto, o jornal opta por mudar o discurso e apoiar a data escolhida, que se aproximava: “Não primará a festa pela quantidade, mas sim pela qualidade”, era o que apresentava o jornal<sup>52</sup>. Assim, com a festa confirmada, o Mercantil fazia seu papel de pedir a concorrência do público, indicando que “a vontade é uma poderosa força”, referindo-se ao que fora determinado pela câmara municipal. Vale ressaltar, neste sentido, que Bartholomeu Pereira Sudré, editor do jornal, havia assinado a declaração do dia 8 de abril, pela câmara municipal.

Desta maneira, no decorrer das edições do jornal, eram apresentadas características desta exposição industrial e sua relação com a população trabalhadora da cidade. A exposição seria inaugurada por Dom Pedro II, contando com a apresentação da banda de música da Casa Imperial. O valor da entrada variava entre 1000 réis para adultos e 500 réis para as crianças em uns dias, 500 réis para adultos e gratuito para crianças em outros.

Consta na edição 35 de 1886, que houve em um destes dias a presença de 748 crianças de diferentes colégios, “como que inspirando-se em um bom exemplo para, mais tarde, se tornarem verdadeiramente úteis à sociedade”<sup>53</sup>. São os seguintes colégios particulares: Santa Isabel, Viscondessa de Geslin, Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, Paixão, S. José e Escola Evangélica. Já as públicas e subvencionadas eram as de: Mme. Viard, Mme. Cornelia David, Sra. Darbely, Sra. Fragoso, Sr. Moncken, Sr. George Frederico Schorsch, Sr. Moret, Sr. Guanabara e Sr. Muniz.

O último dia da exposição, entretanto, nos apresentava um elemento interessante: até as quatro horas da tarde seria gratuita a entrada “para todas as pessoas que se apresentarem decentemente vestidas”<sup>54</sup>.

Não sabemos a quem se referia a organização do evento, ao permitir a entrada gratuita ao evento. Isto é, se por um lado seria permitida a entrada gratuita,

---

<sup>52</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>53</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 35, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>54</sup> *Ibid.*

por outro, deveriam adotar uma postura civilizada, diferente daquela relacionada ao comportamento no teatro de abril de 1879, mas em relação à vestimenta. Evidenciava-se, mais uma vez, a nosso ver, a possibilidade de se apresentar uma característica humanista das elites petropolitanas, mas que perpassasse por certos limites. Vale ressaltar que estaríamos há apenas dois anos da Abolição legal no Brasil e dos movimentos de emancipação na cidade, o que nos leva a compreender uma efervescência política em prol da abolição ainda mais contundente do que aquela de 7 anos antes.

Estas pessoas que estiveram presentes neste dia puderam acompanhar uma vasta programação, iniciada a uma hora da tarde com a distribuição de prêmios aos expositores, e a partir das quatro horas da tarde com a apresentação da banda de música da Casa Imperial, terminando, à noite, com iluminação dos jardins e mais música.

Segundo o jornal, a partir desta exposição ficaria notável que Petrópolis “não é [era] simplesmente uma cidade de recreio, é [era] também um núcleo de trabalhadores”<sup>55</sup>. O artigo conclui que “Os laboriosos habitantes desta cidade elevaram os seus créditos e mostraram-se dignos dos elogios que lhes tributam quantos têm visitado o palácio de cristal na presente semana”. Notava-se a necessidade de se apresentar Petrópolis como uma cidade com importante potencial industrial, não somente pela presença de indústrias importantes<sup>56</sup>, mas também pela boa qualidade de seus trabalhadores.

Como pudemos notar, a Organização Hortícola se fez presente como apoiadora desta “festa do trabalho”, de maneira que possamos apontá-la como um dos resultados da primeira exposição hortícola em 1875. Ademais, a partir deste momento, buscaremos nos ater a outros elementos centrais desta organização: a criação da associação hortícola e da caixa hortícola.

A primeira menção a estas duas se dá na de 11 de dezembro de 1875 do jornal Mercantil. O objetivo do artigo era noticiar os preparativos para a exposição que ocorreria novamente no ano seguinte, em 9 de janeiro, destacando também o fato de esta iniciativa estar em consonância com aquelas do norte global, vide a

---

<sup>55</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 34, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>56</sup> Para uma história da industrialização e da memória industrial em Petrópolis, ver Machado (2008) e Mesquita (2012).

exposição que estaria por vir nos Estados Unidos, em comemoração ao centenário de sua independência. Assim, referia-se à primeira exposição de fevereiro:

O bom êxito, pois, da nossa primeira exposição, **deu em resultado a formação de uma caixa ou associação com o fim de conseguirmos novas e sucessivas exposições**, inculcando-se no povo o gosto por estas festas da indústria e do trabalho, e conseqüentemente promovendo-se o interesse geral do país e especialmente da prosperidade desta cidade.<sup>57</sup>

Cabe dizer que por mais que o jornal apresente a caixa e a associação como a mesma coisa, a partir de outras fontes notamos que são elementos distintos de uma mesma organização. De maneira geral, a *associação* era a responsável por agrupar e organizar indivíduos a fim de estarem reunidos para todos os fins resultantes das exposições industriais e de sua organização; e dentre estes fins estaria a *caixa*, responsável por angariar recursos para a associação. Ambas, *associação* e *caixa* eram parte de uma mesma *organização*, como sugerimos. A criação destes dois elementos, portanto, seria *consequência da exposição de 1875*, e teria como objetivo *assegurar a sua continuidade e qualidade* nos anos posteriores.

Já em 1886, notamos a figura do Sr. Conde d'Eu, marido da princesa Isabel, como presidente da associação<sup>58</sup>. O presidente seguia um discurso de desenvolver e tornar periódicas as festas agrícolas, desta vez já entranhadas em sua relação com a família imperial. No decorrer das edições do jornal, portanto, a Associação buscava prestar contas de suas ações, convidando seus acionistas para assembleias, convocando novas eleições da diretoria e suas comissões ou apresentando aprovações de contas por seu conselho fiscal.

---

<sup>57</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 94, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>58</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

**Figura 3** – Prestação de contas do conselho fiscal da Associação Hortícola de Petrópolis

DEBITOS				CREDITOS				
		DIAS	Ns.	QUANTIAS		DIAS	Ns.	QUANTIAS
1887					1887			
Janeiro . . . 19	Pago a A. M. Coelho da Rocha para impressão do relatório da Exposição, brochuras e capas, com o visto do Exm. Sr. secretario . . . . .	349	143,325	425\$000	Janeiro . . . 1			
	A' typographia do Mercantil, de Petrópolis, por publicações diversas; com o visto do Exm. Sr. secretario . . . . .		8,934	25\$600	Dezembro 30	1	Saldo em 31 de dezembro passado. . . . .	330 750240 2:100\$600
	Balanço dos numeros.	598081					Juros a s/ favor, contados até hoje, na razão de 6 % ao anno. . . . .	93\$8,10
		<u>750240</u>						
Dezembro 30	Saldo a s/ favor a c/ nova . . . . .			1:749\$899				
	Rs. . . . .			<u>2:200\$499</u>				
					1888			
					Janeiro . . . 1	1	Saldo da c/ velha. . . . .	1:749\$899

O TESOUREIRO, JOÃO BAPTISTA DA FONSECA.

### PARECER DO CONSELHO FISCAL

O conselho fiscal da associação Hortícola e Agrícola de Petrópolis, tendo examinado as contas da directoria desta associação no anno de 1887, é de parecer que sejam approvadas.

Em 16 de janeiro de 1888.—E. P. WILSON. — BARÃO DA LAGOA. — IGNACIO EUGENIO TAVARES.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Embora não tivesse ocorrido exposição em todos os anos desde 1875, em 1886, era chegada a sexta exposição hortícola<sup>59</sup> (no mesmo ano, posteriormente, também ocorreria a exposição industrial) e a Associação Hortícola já teria passado por uma mudança de estatutos que dariam “como fim essencial concorrer para o desenvolvimento da horticultura e agricultura e da criação de animais domésticos neste município”<sup>60</sup>, buscando também a permanência do apoio da família imperial. O artigo publicado no Mercantil, contudo, apresentava certa indiferença dada pelo público a esta organização, ainda que não seja possível, até o momento, elencar fatores que tenham contribuído para tal. Por outro lado, devemos olhar com atenção para esta constatação, tendo em vista a própria força que a Associação daria à

<sup>59</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>60</sup> *Ibid.*

exposição industrial que estaria por vir, tanto pelos movimentos em favor da emancipação, em que tiveram destaque, como evidenciaremos no próximo subtópico.

Infelizmente, como não poucas vezes acontece a empresas desta ordem [as associações], a boa vontade da associação encontrou em seu caminho obstáculos, que têm sua origem na indiferença, e assim é que, forçoso nos é confessá-lo, estas festas do trabalho não têm até hoje apresentado o progresso que anhelávamos e que era de esperar.<sup>61</sup>

No que se refere à caixa hortícola, a primeira menção que encontramos se dá ainda no ano de 1875, quando o jornal noticia que Joaquim Nabuco apresentaria uma conferência literária em benefício da criação desta caixa, por iniciativa da princesa Isabel e com a participação de seus pais<sup>62</sup>.

Perante Suas Majestades Imperiais, que acabavam de chegar da corte e um numeroso e escolhido auditório de senhoras e cavalheiros, ostentou, mais uma vez, o Sr. Joaquim Nabuco os recursos de sua esplêndida inteligência, falando cerca de hora e meia, tempo durante o qual foi ouvido com a mais apurada atenção. A tese escolhida foi a *Inspiração da natureza*. Começou estabelecendo, com dedicada alusão, o paralelo entre a mulher e a flor, dizendo que à Princesa, senhora do futuro, pertencia o empregar sua brilhante mocidade no estudo da natureza, fazendo alusão aliar ao sentimento da liberdade, que essa inspira, e a lei que tornou imortal sua curta regência. Falando da *Inspiração da natureza*, disse que uma raça mudando de país deve, sob a influência da natureza diversa que encontrar, produzir uma literatura diferente da metrópole, na razão da distância e da diversidade da constituição física dos dois países. [...] A conferência terminou, depois de [...] pôr um paralelo entre a impressão que produzem as obras de arte e as da natureza, dizendo o orador que se nos faltam aquelas, estas fazem do Brasil a mais sumptuosa e magnífica das habitações do homem no planeta. Terminada a conferência foi o orador viva e justamente aplaudido, recebendo de pessoas altamente colocadas as mais sinceras felicitações.<sup>63</sup>

Sugerimos que a escolha de Joaquim Nabuco não se deu pelo acaso. Embora não tenhamos acesso aos bastidores deste convite, sabemos do prestígio que o orador tinha no cenário político, evidenciado pela presença maciça de um público que ouvia atentamente à sua fala. Tratava-se de uma figura importante no cenário político conhecida pela sua defesa da monarquia e da abolição da escravidão, embora ainda não tivesse sido criada, naquele ano, a *Sociedade Brasileira Contra a Escravidão* – criada apenas em 1880 – e não tivesse sido

<sup>61</sup> *Ibid.*

<sup>62</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>63</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

publicado o livro *O Abolicionismo* – 1883. Estes elementos, em conjunto com a sua relação com a família Imperial davam à Organização Hortícola um prestígio que poderia ser importante, sobretudo se notarmos que tinha sido terminada havia pouco tempo a primeira exposição.

A criação da caixa hortícola, portanto, partia de uma necessidade de melhor organização. A sociedade petropolitana se sentia no dever de contribuir em benefício da caixa hortícola com o desenvolvimento de doações e divertimentos em benefício desta. Divertimentos como bailes populares<sup>64</sup> e campestres<sup>65</sup>, espetáculos dramáticos<sup>66</sup>, durante o ano de 1875, tinham frequentemente como fim os benefícios em prol da Caixa Hortícola.

Além disso, notemos que já estamos tratando de uma outra estação que não mais a estação calmosa e, portanto, os divertimentos tinham diferentes configurações, com pouca inovação como as trazidas pelos circos ou espetáculos de mágica, mas sendo desenvolvidos por associações locais, como destaca a seguinte notícia:

Benefício. – Amanhã terá lugar no teatro Petropolitano o espetáculo que anunciamos, oferecido pela sociedade particular *Recreio da Mocidade*, a benefício da *Caixa Hortícola de Petrópolis*, o qual será honrado com a presença de SS. MM. E AA. II. Àquela **modesta e generosa sociedade, criada há pouco tempo e composta de moços do trabalho e empregados no comércio**, sem tempo de estudarem convenientemente os seus papéis, espera a indulgência que bem merecidamente lhe há de dispensar o ilustrado público que vai assistir à sua terceira exibição. [...].<sup>67</sup>

Assim, posteriormente a Sociedade agradece:

A sociedade dramática particular, *Recreio de Mocidade*, agradece muito cordialmente ao ilustrado público que concorreu para abrilhantar o seu espetáculo da noite de 25 de abril último, e as generosas ofertas que se dignou contribuir para o benefício da *Caixa Hortícola de Petrópolis*. Agradece igualmente à **empresa do teatro**, o valioso auxílio que prestou **cedendo gratuitamente o mesmo teatro para aquele fim**, e não menos agradecida se acha a referida sociedade para com o **proprietário da tipografia do Mercantil**, por **haver oferecido gratuitamente as**

<sup>64</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1875; **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 58, n.p., 1875. Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>65</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>66</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>67</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

**impressões** das circulares, bilhetes de camarotes e cadeiras, programas, etc., ficando assim reduzidas as despesas do espetáculo a 62\$000, sendo 16\$000 de iluminação, 20\$000 de gratificação à música e 26\$000 de despesas do corpo cênico, do que **resultou um produto líquido de 805\$000 a benefício da supra dita Caixa.**

Petrópolis, 4 de maio de 1875.  
- O secretário, *Pinto*.<sup>68</sup>

Podemos notar, a partir da notícia e da declaração, um envolvimento de diferentes atores da sociedade que passa desde os “moços do trabalho” da sociedade dramática e seu público, chegando aos proprietários do Theatro Petropolitano e da própria tipografia do jornal Mercantil, que mostravam apoio a este espetáculo, sobretudo pelo seu fim “generoso e humanitário”: angariar recursos para a Caixa Hortícola.

Outra maneira de levar recursos à caixa era por meio das doações individuais. Assim, no primeiro ano da Caixa, encontramos doações do Sr. Major José Cândido Monteiro de Barros, de 1:850\$<sup>69</sup>; do Sr. Manoel José Moreira Guimarães, de 1:040\$<sup>70</sup>, além de uma lista com a relação dos donativos, agenciados por estes homens, que apresentaremos nos quadros a seguir.

### Quadro 3 - Relação dos donativos agenciados pelo Major José Cândido Monteiro de Barros

Doador	Valor da doação
Sr. Major José Cândido Monteiro de Barros	1:000\$
Comendador Paulino Afonso Pereira Nunes	300\$
Joaquim A. dos Passos	200\$
Fernando L. dos S. Werneck	100\$
Fernando Augusto da Rocha	100\$
Um anônimo	100\$
Antonio Augusto Coelho de Souza	50\$
<b>Total</b>	<b>1:850\$</b>

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 43, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>68</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1875. **Grifos em negrito são nossos**, e em *itálico*, da fonte. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>69</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 43, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>70</sup> *Ibid.*

**Quadro 4 - Relação dos donativos agenciados por Moreira Guimarães**

<b>Doador</b>	<b>Valor da doação</b>
Barão de S. Francisco Filho	200\$
José Maria Alves da Silva	100\$
L. M. de Rezende	100\$
Barão do Bananal	100\$
Antonio de Miranda Marques	50\$
D. Delphina Santos	50\$
Francisco José Gonçalves	50\$
C. L. de Abreu	50\$
Carlos Arthur dos Santos	50\$
A. U. Lemgruber	50\$
Francisco Rodrigues Ferreira	50\$
F. A. P. Bueno	40\$
C. Hosting	30\$
A. R. de Miranda	20\$
Manoel José Moreira Guimarães	100\$
<b>Total</b>	<b>1:40\$</b>

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 43, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Encontramos também a doação de Antonio Augusto Coelho de Souza, de 2:000\$000<sup>71</sup>; do Comendador Villeneuve, proprietário do jornal do Comércio, de 500\$000<sup>72</sup>; da diretoria da companhia União e Indústria, de 2:000\$000<sup>73</sup>; de Antonio Ubelhart Lengruber, de 1:000\$000<sup>74</sup>; de Barão da Vargem Alegre e Visconde de Silva, de 1:000\$000, cada um e, evidentemente, dos senhores Conde e Condessa d'Eu, também de 1:000\$000<sup>75</sup>. No dia 25 de dezembro de 1875, portanto, consta no Mercantil, que a soma total dos donativos era de 19:669\$000<sup>76</sup>.

<sup>71</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 56, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>72</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 77, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>73</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>74</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>75</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 79, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>76</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Já indicamos a forte articulação entre Conde d'Eu e a Princesa Isabel e a Organização Hortícola. A edição do jornal de 24 de abril de 1875<sup>77</sup> nos apresenta mais alguns elementos, ao apresentar que o Sr. Conde d'Eu havia aceitado a presidência do conselho diretor da Caixa Hortícola. Assim, a nova configuração da caixa contaria com um *conselho diretor* e uma *comissão agenciadora de donativos*. O primeiro era composto por Conde d'Eu como presidente; Sr. coronel Joaquim Ribeiro de Avellar, como tesoureiro; e Sr. Capitão Augusto da Rocha Fragoso, como secretário. Já a comissão, contava com os senhores Comendador Paulino Afonso Pereira Nunes e major José Candido Monteiro de Barros, em Petrópolis, e os senhores Visconde de Silva, Barão da Lagoa e Eduardo Wilson, na corte.

Antes da criação da Caixa Hortícola, contudo, doações já eram feitas à organização. Em edição do dia 3 de abril de 1875, além de apresentar a doação da Sra. Condessa de Barral, de 1:335\$000, o Mercantil destacava a “sublimidade” de Conde d'Eu e princesa Isabel.

Exposição d'horticultura. – Sua alteza o Sr. Conde d'Eu mandou entregar a comissão encarregada dos trabalhos da exposição d'horticultura, que teve lugar à 2 de fevereiro último, a quantia de quatro contos de réis, com que sua alteza a princesa imperial concorria para as despesas da mesma exposição. **Como se não bastasse a dedicação que a mesma augusta senhora manifestou para o bom êxito da exposição**, contribuindo com imensas plantas e flores de ornamentação, que até muitas vezes com as suas próprias mãos as colocava em seus lugares, **não quis ainda permitir que os cavalheiros a quem encarregou dessa festa industrial, carregassem somente com as despesas**. Paramos aqui, porque a sublimidade deste ato, é mais eloquente do que tudo quanto poderíamos dizer.<sup>78</sup>

Pudemos compreender, até o momento, como a organização hortícola se estabelecia, de forma que pudesse contar com o apoio de diversos atores da sociedade petropolitana e não-petropolitana. Entendemos que esta organização contribuiu para a formação de outros divertimentos, destacando a necessidade de se olhar com maior atenção para aqueles que tivessem fins mais humanitários em acordo com os ideais de progresso da cidade de Petrópolis. Notaremos, a partir de agora, o que entendemos ser a culminância desta organização, que se dá no ano de 1888 com os movimentos em favor da emancipação dos escravizados na cidade,

---

<sup>77</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>78</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

que buscavam, além de tudo, enaltecer a elite imperial como potencialmente salvadora e humanista.

Segundo Silva (2023a), “o engajamento desses agentes sociais denota estratégia de sociabilidade, de um lado reforçando seus lugares sociais, e de outro buscando por uma mobilidade ascendente” (p. 134), nos fazendo compreender, mais uma vez, um processo emancipatório com diferentes significados e atribuições por parte de seus atores. É o que buscaremos apresentar no prosseguimento deste texto.

### *2.1.2 Das festas patrióticas à emancipação dos escravizados em Petrópolis*

Como apresentamos, a década de 1880 é crucial para o movimento de contestação da escravidão a nível nacional, havendo importante conexão entre os diferentes atores sociais envolvidos direta ou indiretamente neste processo com a imprensa. Neste sentido, voltamos a Silva (2023a), que aponta uma necessidade de membros das diferentes elites petropolitanas em se aliarem à causa abolicionista como forma de estarem próximas a uma monarquia que, embora já estivesse sendo embrionariamente contestada, ainda contava com importante apreço público.

Um exemplo dado pelo autor, neste sentido, se dá pelo retardamento para a compra de alforrias, fruto da criação do Livro de Ouro, então recém-inaugurado em 1884<sup>79</sup>. A primeira alforria foi comprada somente no último mês de 1885, e este atraso é explicado por Silva (2023a) como consequência da falta de recursos angariados, que só começaram a aparecer após D. Pedro II ter feito a sua doação. O autor indica, desta maneira, que

O abolicionismo como cultura política, nesse momento, era latente e se vincular às essas pautas [sic], do ponto de vista do comportamento político, representava se inserir em um movimento presente em todos os campos do mundo social e que envolviam os mais diversos e contraditórios interesses e motivações (Silva, 2023a, p. 70).

---

<sup>79</sup> O Livro de Ouro, criado em 1884, era uma ferramenta que visava angariar recursos para a compra de alforrias de escravizados não contemplados pelo Fundo de Emancipação. O Livro contava com particularidades que o diferenciava, por exemplo, do Fundo de Emancipação, que por sua vez, sustentava-se nas prerrogativas de sua lei de criação, a Lei do Ventre Livre, e pelo decreto nº 5.135, de 13 de novembro de 1872. Assim, alguns critérios eram estabelecidos, como a utilização do Livro como complemento ao pecúlio dos escravizados no custeio do valor de suas alforrias.

É com este entendimento que o autor busca compreender as diversas motivações e atuações pelas quais as elites se inseriam no contexto de emancipação na cidade de Petrópolis, evidenciando um caráter plural no que tange a essas atuações. Segundo o autor,

[...] ser abolicionista no Brasil não significava necessariamente defender a diversidade, a extensão da cidadania para todos, a igualdade étnica e racial e, muito menos, a República. [...] o abolicionismo das elites no Brasil, sobretudo, o experimentado em Petrópolis, era **majoritariamente monarquista, racalista, percebia a escravidão como algo menor e representava interesses, dos mais diversos, que extrapolavam o argumento da abolição.** (Silva, 2023a, p. 97. **Grifos nossos.**)

Isso é ressaltado quando, pautado em uma publicação de artigo sobre a criação do Livro de Ouro, em 15 de março de 1884, o autor evidencia algumas das percepções que membros da elite abolicionista petropolitana tinham sobre os escravizados: “Sem religião, sem convicções, sem família, sem intelectualidade e sem humanidade” (p. 99).

Esta reflexão inicial nos servirá como um pano de fundo para a nossa análise, de forma que não nos permita romantizar os interesses abolicionistas em uma perspectiva única e meramente humanitária, usualmente atribuída aos membros da família imperial.

Voltemos às fontes...

Como indicado, notamos no jornal Mercantil um importante apreço pela abolição da escravidão no Brasil – neste momento, já estamos seguros de que outros interesses poderiam estar por trás desta defesa. Apesar disso, é importante ressaltar que embora a imprensa, sobretudo a independente, estivesse engajada nas questões sociais do período, ela atingia um público pequeno, já que cerca de 88% dos habitantes da cidade eram analfabetos naquele momento (Silva, 2023a).

Este apreço pela abolição, portanto, é posto em destaque, mas ganha ainda mais realce se articulado com outro componente defendido e divulgado de maneira proeminente pelo periódico: os divertimentos. Assim, em 5 de junho de 1886, o jornal anuncia:

SARAH BERNHARDT. Está no Brasil a maior glória do teatro contemporâneo – Sarah Bernhardt! Esta artista extraordinária, que há

recebido aclamações de todas as plateias civilizadas da Europa, acaba de empreender uma viagem à América do Sul [...].<sup>80</sup>

Ao longo do artigo, embora inicialmente noticioso, o autor evidencia a chegada da atriz francesa Sarah Bernhardt ao Brasil como um importante marco para o teatro nacional, notabilizado pelo grandioso talento da “mulher de gênio, da artista inspirada”, partindo também de uma noção de exaltação à figura daquela mulher<sup>81</sup>. Contudo, sobre sua chegada ao país, o autor escreve:

Grande Sarah Bernhardt! Portento grandioso de tua arte neste século, interpretadora das grandes paixões humanas no palco, tu, que tens colhido glórias em toda a parte do mundo, tu, cuja fama é universal; que vieste pela primeira vez admirar a musculatura invejável do colosso americano, que mal se conhece na Europa, e que chama-se Brasil; que vieste sorver o aroma embriagador das selvas e florestas americanas, e ao mesmo tempo auscultar o grau de civilização do povo brasileiro; **não podes certamente deixar o território do Brasil, cujo povo vai aclamar-se em noites de verdadeiro delírio, sem levar uma recordação triste e amarga**, e esta é que **o povo que aclamou-te rainha do palco é um povo que ainda tem impresso na fronte o estigma vergonhoso e ignóbil da escravidão**, e que tendo como governo um estadista da tempera de Dantas, que pretendia em parte lavar essa mancha, que tem palpitações dilacerantes nas páginas da história de dois reinados, voltou as costas ao estadista como que dizendo – É preciso que a propriedade escrava continue.<sup>82</sup>

Conclui o autor:

A França está atualmente voltada para o Brasil. Paris quererá naturalmente saber das impressões de Sarah nesta parte da América. E a imortal artista tem obrigação de dizer a verdade. Achará o Brasil muito culto, muito civilizado. **O seu povo preza as letras, as ciências e as artes, mas a sua política não tem orientação e a consciência nacional ainda não sentiu a vergonha da escravidão!...**

Alfredo de Paiva.  
Petrópolis. – 1886.<sup>83</sup>

A partir da exaltação da figura de Sarah Bernhardt, outros elementos ganham notoriedade na perspectiva do autor: qual a imagem que o Brasil estaria levando ao exterior? E que imagem deveria estar sendo levada? Neste sentido, indicamos não ser por acaso a tratativa no que se refere à França, notadamente compreendida por sua exportação ao Brasil de bens culturais e simbólicos que faziam parte de uma

<sup>80</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 41, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>81</sup> *Ibid.*

<sup>82</sup> *Ibid.*

<sup>83</sup> *Ibid.*

noção de civilidade intrinsicamente relacionada às noções de progresso e desenvolvimento econômico e cidadão.

Neste sentido, se por um lado, a atriz poderia retornar ao país europeu com noções bem definidas sobre a natureza brasileira, e até mesmo dos avanços culturais e científicos de seu povo; por outro, seria evidenciado um país que ainda apresentava as mazelas da escravidão e que, mais do que isso, tinha no Estado o consentimento desta aberração.

Além disso, a tentativa da imprensa e de outros atores em utilizar das ilustres figuras das artes como meio de notabilizar a problemática da escravidão, não era algo inusual. Silva (2023a) citando Alonso (2015), apresenta o exemplo da soprano russa Nadina Bulicioff. A partir de uma ópera que tratava da libertação da filha do rei da Etiópia – *Aida* – presa em um cativeiro no Egito antigo, que foi representada por Bulicioff,

[...] José do Patrocínio levou ao palco seis mulheres escravizadas, e Bulicioff, quebrando as correntes cenográficas, entrega-lhes cartas da liberdade. “A plateia frenética gritava Viva a Bulicioff!, Viva a libertadora!, Viva a abolição dos escravos! Em seguida, ovacionaram os líderes do movimento pelo fim da escravidão” (ALONSO, 2025, p. 15). Foi um evento significativo que marcou a dinâmica abolicionista da década de 1880 (SILVA, 2023a, p. 32).

Em nosso caso, não sabemos qual foi a real percepção de Sarah Bernhardt sobre o Brasil, tampouco, se ela pôde ser considerada uma “libertadora” tal como Bulicioff. No entanto, esta relação entre as artistas e movimento abolicionista era utilizada como uma estratégia de levar aliados à causa a partir da importância dada às artes, isto é, “a arte se apresentava como uma das formas de fazer política” (Silva, 2023a, p. 32).

Voltando ao jornal e sua aproximação com a causa abolicionista, destacamos algumas publicações que nos remetam à contestação da escravidão, amplamente discutida em suas folhas. Além das notícias, o jornal apresentava poesias e textos que versassem sobre os desprazeres, mazelas e feridas causadas pela escravidão, evidenciando a necessidade de sua superação para o bom desenvolvimento da nação.

Neste sentido, em artigo publicado em 1886, o jornal relaciona a escravidão à febre amarela, em uma nítida cobrança aos governos envolvidos no texto (sobretudo

Brasil e Portugal)<sup>84</sup>. Voltando a 1875, é apresentada uma “pequena, porém robusta produção poética”, escrita por Sá de Menezes intitulada *Esmola*. “Uma linda poesia escrita [...] em alusão à lei de 28 de setembro, que apagou para sempre essa nódoa que escurecia as páginas da nossa gloriosa história”<sup>85</sup>.

Nesta mesma edição, de 01 de dezembro de 1875, houve mais espaço para refletir sobre o processo de escravidão no país. Além da poesia supracitada, na seção *Variedade*, o jornal – sem apresentar o autor – apresenta um breve texto, intitulado *Aforismos*, com algumas frases concisas que nos ajudam a entender o pensamento do jornal. Falava-se sobre a necessidade de harmonia entre cônjuges, os problemas do adultério, do ateísmo, do vício em jogo, sobre a necessidade de boa educação, da prudência, dos bons exemplos, etc. O aforismo sobre a escravidão é o primeiro, evidenciando uma pauta urgente naquele momento: “É requinte de egoísmo justificar a escravidão como necessário ao desenvolvimento material de um povo”<sup>86</sup>.

Por outro lado, o jornal ainda precisava se curvar aos interesses da escravidão. Este entendimento fica notável quando notamos, dividindo espaço com a poesia e os aforismos, uma seção intitulada *Declarações* com o anúncio da delegacia de polícia, sobre um “escravo fugido”.

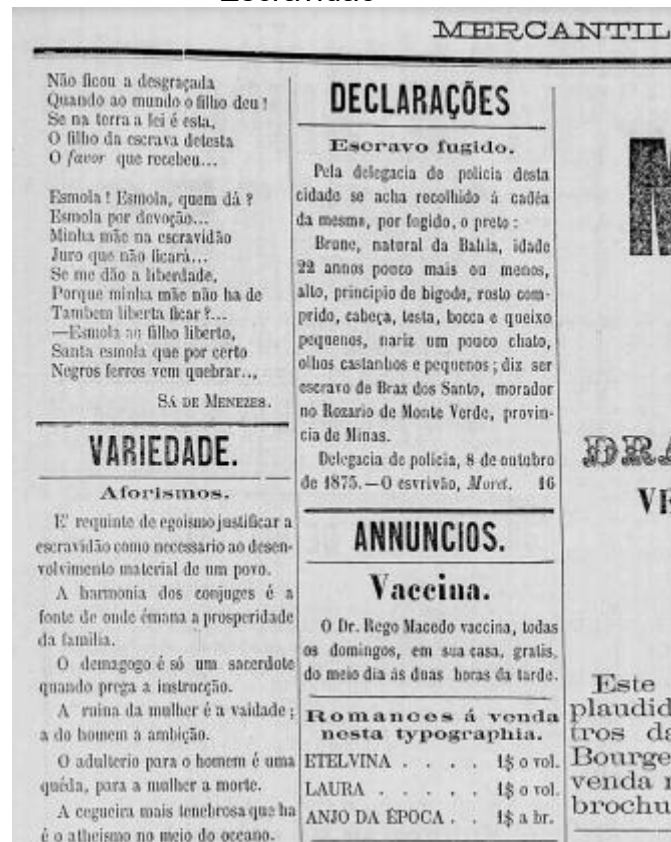
---

<sup>84</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 63, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>85</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>86</sup> *Ibid.*

**Figura 4 - Recorte do jornal com diferentes notícias e abordagens sobre a Escravidão**



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Curiosamente, a mesma edição ainda anunciava, dentre as primeiras notícias, o aniversário de cinquenta anos de Dom Pedro II, que contaria com diversos festejos comemorativos e, posteriormente, serviria inclusive como preceito para que proprietários de pessoas escravizadas as alforriassem na cidade.

Um exemplo no que se refere a esta alusão é o caso de José Antônio Vaz de Carvalhaes.

O dia 2 de dezembro – Resolvido a alforriar paulatinamente, na proporção dos meus recursos, os poucos escravos que me têm servido, **escolho sempre para esse fim os dias festivos da Família Imperial.** [...] Terminarei por dizer, que quando o rei se mostra tão ilustrado e patriota como o mais patriota e ilustrado dos seus concidadãos; quando sua esposa é geralmente proclamada o modelo da boa mãe de família; quando sua filha, em poucos meses de regência, descortina o seu futuro reinado sancionando leis libérrimas e inutilizando o patíbulo; quando seu genro, nos campos de batalha, partilha com o exército os louros da vitória, ninguém deve envergonhar-se de manifestar publicamente a sua dedicação ao rei, pelo contrário, em tais condições, eu me envergonharia de ser democrata, se visse injuriado e caluniado na imprensa ou na tribuna, por

correligionários meus, um semelhante rei, mormente, se a democracia não tivesse riscado ainda da sua bandeiras as palavras – Monarchia Constitucional Representativa.

José Antônio Vaz de Carvalhaes.  
Petrópolis, 2 de dezembro de 1875.<sup>87</sup>

Notamos mais uma vez, em edição de alguns meses antes, em 17 de março de 1875, as contradições que se faziam presentes nas folhas do jornal: se por um lado, declarava-se o recolhimento de pessoas escravizadas que haviam fugido, na cadeia da cidade; por outro noticiava-se a cessão de pessoas escravizadas por parte do mesmo José de Carvalhaes, como manifestação de alegria pelo aniversário da imperatriz. Isso nos mostra que, embora este escravocrata usasse os dias festivos para alforriar seus escravos, estas alforrias não se davam de maneira integral, de forma que sempre pudesse utilizar essas datas para 1) se autopromover; e 2) promover a imagem dos membros da família imperial, como nos evidencia sua declaração transcrita acima.

Quatorze de maço. – Neste dia, do feliz aniversário natalício de sua majestade a imperatriz, a população desta cidade foi despertada ao alvorecer pelos sons festivos de uma excelente banda de música que percorreu todas as nossas ruas, e à noite, iluminou-se a casa da câmara o quartel do destacamento policial e a repartição das obras públicas. [...] **O Sr. Dr. José Antonio Vaz de Carvalhaes, querendo manifestar o seu regozijo por este dia, fê-lo por um modo esplêndido, cedendo a parte que lhe cabia nos escravos da herança de sua finada mãe, a favor da liberdade dos mesmos escravos [...].**<sup>88</sup>

Foi possível encontrar outros exemplos que utilizassem essas datas com o mesmo fim: ambas em 1886. Na primeira, é apresentada a figura da Sra. Baronesa da Vila Velha, que “em demonstração de regozijo pelo aniversário natalício de Sua Majestade a Imperatriz, concedeu liberdade à sua escrava Silvana, crioula, de vinte e dois anos, única que possuía”<sup>89</sup>. A segunda, contudo, foi fruto de um movimento da própria câmara municipal, com o fim de utilizar esta alforria para solenizar o aniversário do imperador. Além disso, utilizou os recursos angariados pelo Livro de Ouro.

<sup>87</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>88</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>89</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

A câmara municipal desta cidade, ainda pelo *Livro de Ouro*, alforriou a escrava Maria, de cor parda, com quarenta anos presumíveis, pertencente a José Ribeiro de Carvalho. **Essa liberdade foi conferida para solenizar o aniversário natalício de Sua Majestade, o Imperador.** O Sr. Ribeiro de Carvalho recebeu a quantia de 100\$000.<sup>90</sup>

Assim, tangenciados pela construção de um ideário positivo, a possibilidade de emancipação na cidade ganharia mais força na segunda metade da década de 1880, a partir do desenvolvimento de eventos que contassem exclusivamente com este fim. No ano de 1886, destacamos dois exemplos: um espetáculo dramático do Grêmio Literário do Colégio Paixão; e uma quermesse ocorrida no distrito de Cascatinha;

O *Grêmio Literário – Culto à Sciencia* – do Colégio Paixão, promoveu um espetáculo dramático no Theatro Floresta, produzindo uma quantia de 220\$000 réis, deduzidas as despesas. Destes 220\$000, 110\$ seriam destinados à publicação de um *Dicionário Geográfico*, fazendo jus à causa da ciência defendida; já os outros 110\$ eram destinados “à causa da liberdade”, embora tenha sido depositada na tesouraria do próprio grêmio, sob o compromisso de “na época precisa, dar-se-lhe o fim conveniente”<sup>91</sup> e não no *Livro de Ouro* da câmara municipal. Este espetáculo faria parte de um processo maior em alusão ao dia da Independência do Brasil (7 de setembro), contando também com uma sessão solene no paço da câmara municipal<sup>92</sup>.

Sobre a quermesse, sabe-se que o produto angariado foi de 368\$500, que seria entregue à câmara municipal para a sua inscrição no *Livro de Ouro* da cidade<sup>93</sup>. Trata-se de um bazar beneficente organizado pelo proprietário de estabelecimento chamado *Au Pique-nique*, que ocorreu em três dias, durante o mês de janeiro. As festas contavam com participação de diferentes bandas de música, como a do *Club União Philarmonico da Cascatinha*. Exclusivamente no primeiro dia, a entrada era de 200 réis, de forma que nos outros dias tenha ocorrido gratuitamente. Há também notícias sobre a doação de prendas tanto por parte da Imperatriz, quanto da Princesa imperial.

---

<sup>90</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>91</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 69, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>92</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 66, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>93</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

**Figura 5** – Anúncio da Grande Quermesse em favor da emancipação do elemento servil

**GRANDE KERMESSE**

Inauguração **CASCATINHA** Inauguração

**Domingo 17 de janeiro de 1886**

TOMBOLA  
SORPREZAS  
GRANDE FEIRA  
MUSICA

**FLORES, FESTÕES, ETC.**

A' noite sorprendente illuminação de diversos gostos

**Em favor da emancipação do elemento servil**

**MAIS DE TREZENTOS ARTIGOS**  
de luxo  
variedade  
e bom gosto

offerecidos por distinctas senhoras e illustres cavalheiros, serão vendidos por

**Uma commissão de senhoras**  
que gentilmente se presta á honrosa tarefa

Ao meio-dia será dado o signal da

**INSTALLAÇÃO**

pela excellente banda de musica da fabrica de tecidos da *Cascatinha*, que generosamente se presta a abrilhantar o acto, executando escolhidas e bellissimas peças do seu variado repertorio.

O *bond* trabalhará constantemente, partindo do ponto do costume, Padaria Francaza, rua do Imperador n. 49.

Entrada para a kermesse . . . . .	200 réis
Passagem no <i>bond</i> (ida e volta) . . . . .	1\$000

N. B.— Continua-se a receber prendas para o grande hazar.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

O anúncio da quermesse contou com espaço privilegiado nas folhas do jornal *Mercantil*, contando com menções a ela em pelo menos 8 edições durante os meses de janeiro e fevereiro de 1886, em diferentes setores do jornal como as notícias diversas, o folhetim, ou os anúncios propriamente ditos. Na edição anterior ao primeiro dia da quermesse (4), contudo, ela teve o merecimento de figurar na primeira notícia do jornal, com um importante artigo que não somente a noticiava, mas tratava de seus benefícios morais e ideais patrióticos.

A *GRANDE KERMESSE* – Amanhã será inaugurada a grande *kermesse* anunciada desde dias do mês passado e **destinada a contribuir para a bendita obra da redenção dos captivos**. [...] Não considera ela a redenção do captivo como uma obra de misericórdia, antes a vê como um dever de justiça. O escravo merece-nos a sua libertação; e, restituindo-lhe a liberdade, engrandecemos-nos – nós livres – por elevá-lo a nossa altura. O estado de adiantamento das sociedades modernas não pode mais tolerar os preconceitos de raça, as distinções de cores. O homem é homem – nascido nas brenhas africanas ou nas mais civilizadas capitais. [...] Neste sentido

fazemos votos para que a coleta alcançada pelas graciosas caixeiras da grande *kermesse* seja tão elevada, que bem corresponda à sua patriótica vontade. E considerando nós uma boa ação o cumprimento do dever, lembraremos à população de Petrópolis as palavras de Lamartine: - **Nunca se deve considerar como perdidos o tempo e o trabalho empregados em praticar uma boa ação.**<sup>94</sup>

Por outro lado, uma publicação na seção *Folhetim* sem autoria explicitada, embora tivesse outro fim e contasse com um tom extremamente satírico e metafórico, nos ajuda a compreender quem eram os participantes daquela quermesse:

Fomos à grande *kermesse*, **a festa das brancas bonitas em favor dos feios negros...** Andamos pelo *Pique-Nique*: ali nos aquecemos aos raios de tantos belos olhos, ali nos enlevamos aos risos de tantos belos lábios... [...]<sup>95</sup>

A partir desta menção, podemos mais uma vez apontar para indícios de uma busca exacerbada por parte das elites das “brancas bonitas” de se autopromoverem como humanistas, ao passo que não pudessem ao menos contar com a participação dos “feios negros” – justamente os escravizados que seriam beneficiados por aqueles divertimentos. Trata-se de uma declaração extremamente racista, mas que nos apresenta compreensões sobre a participação destas pessoas nos divertimentos da cidade, ainda que durante o segundo e o terceiro dia a entrada fosse gratuita – o que não quer dizer que tenha sido liberado a todas as pessoas.

Por fim, no que se refere à participação de pessoas escravizadas nos divertimentos – tal como a evidenciada na abertura do presente capítulo – encontramos mais duas fontes, que poderão nos ajudar no prosseguimento da presente pesquisa. Como indicamos, entretanto, não foi possível perceber, até o momento, uma participação tão notória quanto aquela participação no espetáculo dramático em 1872. Trata-se de indícios sobre a possibilidade de mulheres escravizadas terem fugido rumo a saídas noturnas, embora não se saiba onde se davam essas saídas. Nota-se esta possibilidade de divertimento a partir da crítica a um homem, Adolpho Kistermann, que seria responsável por castigos e práticas de punição a suas escravizadas, em uma relação permeada pelo abuso de poder.

<sup>94</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1886. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>95</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Como veremos, no entanto, a crítica ao escravagista, embora existisse, era tida como menos problemática do que as próprias práticas de suas escravas.

Ao Sr. Adolpho Kistermann. – O abaixo assinado tendo castigado moderadamente suas escravas por delitos assaz fortes, tais como cometer obscenidades em casa, dirigir a seu senhor palavras obscenas, desamparar seu quarto de noite para varejarem a loja de fazendas, a ponto de se lhes achar em seu baú, roupas de seda etc., etc., inteiramente desconhecidas do seu senhor, **fazer saídas noturnas a fins libidinosos**, e enfim, premunir-se do ácido nítrico!!<sup>96</sup>

Outra possibilidade de compreensão dos divertimentos de pessoas escravizadas poderá se dar por meio das práticas religiosas, sobretudo no que se refere às festas da Igreja do Rosário. Um fator que merece destaque, neste sentido, é a capela construída em alusão à Nossa Senhora do Rosário, onde as pessoas de cor preta, além de terem a erguido, eram maioria em suas festividades (SILVA, 2018). Posteriormente, assim como a Igrejas dos Homens Pretos de outras cidades no Brasil, esta capela foi demolida para a construção de outra igreja. Para Silva (2018), “deixar de ter a irmandade de pretos é mudar o caráter da igreja que tinha um viés político para a liberdade e o financiamento da compra de alforrias que foi suplantado” (p. 114).

Silva (2018), neste sentido, aponta para a utilização do catolicismo como ferramenta de exploração das pessoas escravizadas, tendo em vista Petrópolis ter seguido os preceitos fundamentais do Brasil, de lucro e fé. A autora utiliza algumas fontes para a comprovação desta relação na cidade, como a *Carta de constatação da rejeição dos africanos à instrução religiosa* e a *Carta de solicitação de instrução religiosa à parte da população negra*, ambas encontradas no arquivo do Museu Imperial, e o livro de registros do antigo cemitério, onde africanos e afro-brasileiros teriam sido sepultados.

Esta capela, segundo as fontes, parece ter sido inaugurada durante a década de 1880, dando a possibilidade de uma forte relação entre o movimento abolicionista que estava em voga e a própria religião católica. No ano de 1882, por exemplo, enquanto ainda não havia sido terminada a construção da capela, teve lugar na igreja matriz da cidade, a festa de Nossa Senhora do Rosário, “promovida por alguns devotos, **em sua maioria de cor preta**, e que são [eram] os que com mais

---

<sup>96</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

louvável empenho, estão [estavam] construindo a capela ereta sob a mesma invocação nesta cidade”<sup>97</sup>.

Neste sentido, a capela também contava com as “humanitárias mãos” dos divertimentos beneficentes, como consta na edição 33 de 1886. Com a participação da “mais seleta sociedade, acompanhando a augusta Família Imperial”<sup>98</sup>, havia ocorrido, no salão do Hotel Bragança, um concerto em benefício desta capela, “promovido por uma distinta comissão”<sup>99</sup>.

As fontes analisadas neste tópico, em conjunto com as que ainda manejaremos, nos ajudam a compreender uma forte relação entre as elites petropolitanas e os fins de emancipação dos escravizados, tendo os *divertimentos* como pano de fundo para tal. Contudo, como já apresentamos, esta relação não significa necessariamente que a emancipação seria fruto de ideais unicamente humanistas, ao passo que muitos significados poderiam ser atribuídos para tal, como a própria necessidade de se contestar um movimento que já não mais se sustentava, devido tanto ao próprio cenário do movimento abolicionista nacional, quanto da pressão que vinha do exterior.

No ano de 1888, contudo, os divertimentos teriam uma função ainda mais notável neste processo. É o que buscaremos apresentar no tópico seguinte.

### 2.1.3 “*Está livre a risonha Petrópolis!*”: o ano de 1888

O ano de 1888 é o ano em que a abolição legal da escravatura foi assinada. Em Petrópolis, entretanto, alguns meses antes já se anunciava não ter mais pessoas escravizadas na cidade. Chegamos ao fim deste capítulo – ainda parcial – com o entendimento de que o processo de emancipação em Petrópolis já era elaborado pelo menos desde 1875, com o desenvolvimento de 1) uma organização hortícola que pregava o progresso civilizatório do município, sob a ótica de resguardar uma imagem positiva da monarquia; 2) um movimento de contestação da escravidão por parte de diferentes atores em todo o país – dentre eles a imprensa –, que se fazia

---

<sup>97</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1882. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>98</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>99</sup> *Ibid.*

muito presente em Petrópolis devido a presença das elites fluminenses no município.

A cidade de Petrópolis parecia querer ser notada com um exemplo a ser seguido, tendo em vista a ampla relação da família imperial com o município, de forma que, mais uma vez, fosse compreendida a imagem de seus membros como pessoas humanistas e as principais responsáveis pela abolição de uma escravidão, que em nossa compreensão já não se sustentava mais.

Neste tópico, buscaremos apresentar os principais elementos notabilizados no processo de emancipação dos escravizados na cidade de Petrópolis, no ano de 1888. Notamos, com o desenvolvimento do trabalho até o presente momento, que os *divertimentos eram um elemento central* em todo este processo, tendo como culminância os eventos de 1888, em especial as festas, bailes, espetáculos etc.

Buscaremos discorrer, portanto, sobre movimentos inerentes ao processo de emancipação da cidade, que ganha força com a chamada “batalha de flores” durante o Carnaval; apresentaremos também outros divertimentos que se aliaram à causa emancipatória, e a maneira que estes acontecimentos (em conjunto) geram repercussão na imprensa de outras cidades como a do Rio de Janeiro, onde se estabelecia a corte. Desta maneira, o processo de *emancipação* – que não devemos confundir com o da *abolição* – conta com um destacado movimento no cotidiano petropolitano, culminado na grande “festa da emancipação” em 1º de abril de 1888.

Além disso, buscaremos compreender as movimentações do processo de *abolição* de 13 de maio que, tal como na *emancipação*, contou com notáveis festejos na cidade de Petrópolis. Ambos os processos, contudo, refletem um intenso conflito político: se de um lado havia a exaltação da família imperial na cidade, de outro, os ideais republicanos ganhavam notoriedade.

Destarte, no que se refere aos eventos em favor da *emancipação*, dialogamos mais uma vez com Silva (2023a). O autor evidencia as festas ocorridas no município a partir do entendimento de que o festejo de 1º de abril de 1888 fosse resultado, isto é, a culminância de um processo que já estava em curso. O autor apresenta também o que foi chamado de “Batalha de Flores”, uma proposta apresentada por Ramiz Galvão, tutor dos filhos da princesa Isabel e conde d’Eu, para substituir os entrudos

no Carnaval<sup>100</sup>. De acordo com Silva (2023a), para esta batalha não havia inicialmente um caráter abolicionista, mas a pedido dos assinantes dos jornais, passou a adotar esta causa. Para os outros divertimentos, o autor aponta um forte marcador de classe, com uns voltados a uma parte seleta da sociedade, e outro, popular, a um público diversificado.

Os festejos, para além de contribuírem para a caixa emancipadora<sup>101</sup> da cidade, fez com que a família imperial – especialmente a princesa regente – recebesse elogios até mesmo de republicanos e críticos do regime monárquico, como José do Patrocínio. Citando Silva (2003), o autor aponta para a ligação da batalha com a solenidade de 1º de abril, indicando ambos os acontecimentos como parte do mesmo processo, além de evidenciar o apoio da princesa Isabel à causa abolicionista.

Para a discussão acerca das festas de carnaval nos ateremos também às folhas do jornal *Correio Imperial*. Neste jornal, no dia 11 de janeiro de 1888, há a primeira menção à “batalha de flores”. Como indicado por Silva (2023a), nesta primeira passagem ainda não se fazia nenhuma alusão ao processo emancipatório na cidade, tampouco à abolição legal. Cabe ressaltar que, em sua grande maioria de publicações, estes artigos eram inteiramente transcritos pelo jornal *Mercantil*.

A Batalha de Flores – Aproxima-se o Carnaval, e isto nos traz à memória a encantadora batalha de flores, com que a população elegante de Nice e Cannes enche de inocente alegria e ruidosa festa os dias reservados a este folguedo. [...] gentis senhoras, moços e velhos, louras crianças, todos os que passeiam levam um arsenal ricamente provido de mimosos ramalhetes. A batalha começa, distribuem-se os tiros à direitas e à esquerda, referve a luta quando se encontram amigos ou conhecidos, - e os ditos graciosos que acompanham o combate, e a vozeria do povo que saúda as mais belas carruagens, a alegria de todos faz a música desta **cena verdadeiramente bela e digna de imitar-se onde quer que haja bom gosto**. Petrópolis, que é a cidade risonha das flores, bem poderia iniciar entre nós esta festa. **É tempo de sepultarmos o entrudo com o seu cortejo de defluxos e selvajarias**. Animando a floricultura, adotemos o gracioso folguedo da bela Nizza.

R.G.<sup>102</sup>

<sup>100</sup> **BNDigital**: Correio Imperial (1887-1888), ed. 03, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>101</sup> A caixa emancipadora, ou Fundo de Emancipação, foi um dispositivo – sob a perspectiva da abolição gradual – criado pela Lei do Ventre Livre, com o fim de que a aquisição de alforria não dependesse da decisão direta dos proprietários.

<sup>102</sup> *Ibid.* **Grifos nossos**.

Para além de explicar o funcionamento desta “batalha” e de, mais uma vez, apresentar os fazeres europeus como modelos a serem seguidos, este tipo de festa, apresentaria a possibilidade de se extinguir um modelo “selvagem” proveniente dos entrudos, elemento marcante no Carnaval brasileiro do século 19.

Embora fosse tido como desagradável e inadequado por visitantes estrangeiros e, neste caso, pela família real, pesquisas como a de Santos (2017) apresentam o gosto dos participantes pelo entrudo, tendo em vista a animação e participação da população neste divertimento. Medeiros (1971), neste sentido, indica que o entrudo havia sido proibido em 1853 em face da violência que atingira, o que não ocorreu na prática: “Não obstante tal interdição, a chamada Festa d'água subsistiria por muitos anos, tendo o Imperador Pedro II sido por ela atingido em Petrópolis, onde lhe alagaram as roupas” (Medeiros, 1971, p. 41).

O mesmo jornal, posteriormente, indica a aceitação, o agrado e o entusiasmo do público acerca deste divertimento, já indicando inclusive o momento em que ocorreria: o domingo de carnaval. Apresenta-se também como a primeira vez que esta festa ocorreria em toda a América do Sul, de forma que o autor do artigo tenha clamado pela participação dos “distintos assinantes”<sup>103</sup> do jornal, neste evento.

[...] Vale a pena, sem dúvida, inaugurar na encantadora Petrópolis uma dessas extraordinárias pelejas, em que as flores ao mesmo tempo servem de armas e de troféus, e as damas gentis, suas decantadas rivais, são os mais valorosos combatentes. Feliz quem por eles for ferido no gracioso tiroteio.<sup>104</sup>

No Mercantil, contudo, como apresentado por Silva (2023a), notamos pela primeira vez a sugestão de que aquele divertimento tivesse como razão a libertação dos escravizados na cidade de Petrópolis. No jornal, após apresentar a transcrição do artigo publicado no *Correio Imperial*, reflete:

Ante esta afirmativa nos não é lícito duvidar de que assistiremos à brilhante festa, e não teremos este ano o bárbaro entrudo – condenado pelas sociedades cultas, por prejudicial e perigoso. Damo-nos parabéns por isso. Mas **desejaremos também que por um outro motivo tivesse de, mais tarde, ser lembrado o carnaval de 1888**. No presente ano não veremos passeando pelas nossas ruas, como que a tomar parte no folguedo geral, um respeitável grupo composto de duas pessoas que à população de Petrópolis mereceram sempre estima e veneração; e fora airoso para ela

<sup>103</sup> **BNDigital**: Correio Imperial (1887-1888), ed. 05, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>104</sup> *Ibid.*

enviar aos ausentes um testemunho de recordação. **Nada para eles mais agradável seria que saberem que, ao ferir-se em Petrópolis a primeira batalha das flores, no campo da peleja erguia-se em plena pujança a árvore da Liberdade.** Para conseguir-se a libertação da cidade ou mesmo do município, basta um impulso de generosidade: limitadíssimo é o número dos escravizados aqui existentes. Pronuncie-se, pois, a vontade em favor da boa causa, e Sua Alteza a Sra. Princesa Regente poderá comunicar a seus augustos pais que, em testemunho de afeto aos bons amigos ausentes, Petrópolis restituiu a liberdade aos seus cativos.

Th. C.<sup>105</sup>

Nesta concepção, publicada na primeira página do jornal, notamos mais uma vez a necessidade de se evidenciar a figura dos membros da família imperial – neste caso, notadamente D. Pedro II e a Imperatriz D. Isabel, que não estariam presentes em Petrópolis durante o carnaval – ao ser indicada a possibilidade de se utilizar daquele divertimento, proposto inicialmente pelo jornal organizado por aquela família – ainda que não com o fim da libertação – a restituição da liberdade dos “cativos” petropolitanos.

Tendo em vista esse apelo, a próxima edição do jornal *Correio Imperial* já acata a ideia.

[...] pondera-nos alguém, não poderíamos aliar o folguedo ao exercício de uma santa virtude? Certo que sim. **Façamos uma dupla festa: a das flores e da caridade.** Dando algumas horas à diversão aliviemos dores cruéis, tornemos outros felizes, quebrems as duras algemas aos pobres cativos de Petrópolis. Não é justo que nesta risonha cidade sofra ainda alguém a privação deste bem supremo – a liberdade. Batalhemos portanto com flores, e a marcha triunfal dos vencedores seja um apelo aos sentimentos caridosos de todos, para que se quebre aqui o derradeiro grilhão de escravo. Seja divisa dos combatentes: A emancipação em Petrópolis.

R.G.<sup>106</sup>

Deste modo, tendo sido aceita a possibilidade de se concretizar esta ideia, o jornal apresenta, na mesma edição, o programa para as festas: “Sábado 11, à noite – Baile. Domingo, das 5 às 7 da tarde – Batalha de Flores. [...] Segunda-feira, das 2 às 4 – Baile de crianças”<sup>107</sup>. Ao final, aponta para a projeção de “dois belos concertos durante a Quaresma”<sup>108</sup>, com a mesma finalidade. Concretizada esta possibilidade, era necessário organizar o evento, com formação de comissões e

<sup>105</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 05, n.p., 1888. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>106</sup> **BNDigital**: Correio Imperial (1887-1888), ed. 06, n.p., 1888. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>107</sup> *Ibid.*

<sup>108</sup> *Ibid.*

definições mais concretas da programação das festas, como seria apresentado nas próximas edições dos jornais.

Nas edições 7 e 8 do jornal *Mercantil*, na seção *Declarações*, apresenta-se o programa de maneira mais bem estruturada, a partir de uma reunião ocorrida no dia 28 de janeiro, embora não haja notícias de quem participou desta reunião. Para o baile que ocorreria no sábado, dia 11 de fevereiro, além de apresentar a participação de “Suas Altezas Imperiais”, nota-se as indicações de vestimentas: “O vestuário para as senhoras é o de simples sarau ou fantasia; para os cavalheiros, casaca, sobrecasaca ou fantasia”. Já o baile de crianças, já contava com um local, o *Pavilhão Hortícola* (Palácio de Cristal), local onde se organizava as exposições hortícolas e similares atividades<sup>109</sup>. Era neste local também onde seria possível encontrar bilhetes para o baile de crianças, apesar de não ser indicado o valor da entrada. No que se refere ao regulamento da batalha de flores, de 12 de fevereiro, assim foi descrito:

[...] às cinco horas da tarde reunir-se-ão na praça de D. Affonso os carros, ornados ou não de folhagens e flores, e percorrerão as ruas de D. Affonso, Bourbon, Imperador, até a ponte fronteira à rua da Imperatriz, em uma e outra margem do canal, cruzando-se os carros, tornarão a tomar a rua Bourbon e praça de D. Affonso. Depois de curta demora, seguindo o mesmo itinerário, partirão em bando precatório, levando cada carro as varas e saquinhos para os donativos. Recebe-se qualquer esportula. As pessoas que estiverem nos carros irão munidas de pequenos ramalhetes, da menor dimensão possível, que servirão de projéteis para a batalha. Pede-se aos moradores de Petrópolis o favor de não atirarem sobre os carros nem água, nem limões ou qualquer outro objeto que não seja flores. A batalha durará até às sete horas da noite.<sup>110</sup>

A partir do número de 11 de fevereiro, data em que se iniciariam as festas, o jornal passa a concebê-las não somente como meras festas de carnaval, mas como “festas patrióticas” que seriam “o prólogo da emancipação total desta cidade”<sup>111</sup>. Em artigo no jornal, neste sentido, nos são apresentadas algumas características da maneira pela qual seu autor – e podemos dizer que o jornal como um todo – pensava este processo.

<sup>109</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 07, n.p., 1888. **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 08, p. x., 1888. Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>110</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 07, n.p., 1888. **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 08, n.p., 1888. **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 09, n.p., 1888. **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 10, n.p., 1888. Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>111</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 10, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Inicialmente, nos damos conta mais uma vez de uma alusão feita a D. Pedro II, embora desta vez, não fosse evidenciado ele ou qualquer outro membro da família real como idealizadores deste movimento, mas sim a própria população de Petrópolis, tendo em vista sua nula participação neste processo, notado pela sua ausência na cidade naquele momento. Assim o autor do artigo indicava, sobre D. Pedro: “O augusto chefe do estado, o bom amigo de Petrópolis, ficará contente quando souber que, neste ponto do país onde viram a luz netos seus, o trabalho escravo não mais enegrecerá o quadro do nosso progresso”<sup>112</sup>.

O artigo previa também a ampla participação da sociedade petropolitana durante aquele evento, notabilizando mais uma vez a busca por se resguardar a imagem positiva que se buscava ter sobre esta população: “[...] nenhum habitante de Petrópolis, nenhum de seus visitantes, deixará de alistar-se na fileira dos combatentes”<sup>113</sup>. Assim, sobre esta participação, o autor conclui: “A causa é de todos; e, portanto, todos serão soldados”<sup>114</sup>.

Junto a essas questões, nos são evidenciados dois elementos que nos fazem compreender o caráter abolicionista daquele jornal. O primeiro se dá sobre a indicação de uma emancipação que não fosse parcial (“quiséramos que de uma vez para sempre e da pátria em geral desaparecesse a escravidão”<sup>115</sup>); o segundo elemento é a compreensão de que não fosse dada a indenização aos senhores de escravos, mas que ela fosse conferida gratuitamente, embora já houvesse o entendimento de que seria isto impossível (“[...] atendendo-se à diversidade de interesses que se acham em jogo, urge que os dirigidos pelo interesse geral sejam em número os que são guiados pelo interesse privado”<sup>116</sup>).

As edições 11 e 12 do jornal já apresentavam, por fim, os resultados daquele evento, que teriam contado com a concorrência da população, além de ter conseguido angariar importante soma de recursos. Na primeira dessas edições, contudo, já se apresenta a figura da Princesa Isabel como a promotora da festa, ao lado de seu esposo, o Conde d’Eu. O autor indica que, naquela ocasião, eles “eram vistos em todos os pontos, animando as festas, chamando a postos os que talvez

---

<sup>112</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>113</sup> *Ibid.*

<sup>114</sup> *Ibid.*

<sup>115</sup> *Ibid.*

<sup>116</sup> *Ibid.*

desejassem desertar, e lembrando aos vacilantes o dever de não recuar no combate pela boa causa da redenção de cativos”<sup>117</sup>, indicando também o apreço do “povo” por conta daquelas festas, em que “o povo de um lado, a realeza de outro, guiados pelo mesmo pensamento, caminhavam ambos a um fim igual”<sup>118</sup>.

Outro ponto importante de se mencionar, que contribui com nossa hipótese de uma exaltação desmedida à família imperial se dá em uma menção a um dos filhos da princesa Isabel, o “infantil tipógrafo”<sup>119</sup> que pela primeira vez teria escrito sobre a *Batalha de flores*, embora como já saibamos, não houvesse naquele momento qualquer tipo de alusão ao processo emancipatório. No mesmo sentido, nos é evidenciado em outro artigo do jornal, indícios sobre um movimento republicano na cidade que, como veremos logo, ganharia força nos próximos meses: “Não há homem, por mais republicano que seja, que não bata entusiásticas palmas ao ver desdobrar-se a púrpura da realeza em manto de caridade”<sup>120</sup>. Assim, por mais que se exaltasse a iniciativa da própria população petropolitana em dar prosseguimento a esta programação, não se deixava de exaltar a figura do Imperador, que sequer estava na cidade naquele momento, como é notório no seguinte trecho:

Quando ideias como essas, **que nasceram do povo**, são adotadas e patrocinadas por um rei; quando esse rei, esquecendo-se de que as grandezas são o seu elemento, ouve compassivo as vozes do sofrimento; embora o destino lhe quebre o cetro, embora a agitação dos espíritos lhe rasgue a púrpura, há de ser sempre rei, porque troca um trono, que tem por base milhares de corações – não de súditos tão somente, mas de dedicados amigos.<sup>121</sup>

Como indicamos, outros divertimentos ocorreram em concomitância com o Carnaval. Um destes divertimentos foi um baile dado por iniciativa da princesa Isabel, no hotel Orleans. Consta no jornal que ele ocorreu na terça-feira de carnaval, simultaneamente com os outros bailes populares, mas desta vez somente “concorreu o corpo diplomático e o *high-life*”<sup>122</sup>, evidenciando a presença de atores importantes naquele momento. Além disso, sugere o jornal que este divertimento contou com uma “avultada” soma de recursos angariados.

<sup>117</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, p. x., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>118</sup> *Ibid.*

<sup>119</sup> *Ibid.*

<sup>120</sup> *Ibid.*

<sup>121</sup> *Ibid.* **Grifos nossos.**

<sup>122</sup> *Ibid.*

Outro exemplo notório neste sentido foi um baile na segunda-feira, dia 13 de fevereiro (um dia após a batalha de flores e um antes do baile de crianças) que até certo ponto não se configurava como parte da programação da festa, mas a partir da edição de 8 de fevereiro, alguns dias antes do início do carnaval, passa a ser incluído. Trata-se de um *baile popular* no Salão da Floresta, que também seria “honrado com a augusta presença de Suas Altezas Imperiais”<sup>123</sup>. Posteriormente notaremos que outros divertimentos aconteciam ao mesmo tempo, mas entendemos que a escolha da princesa e do príncipe em participarem contribuiu para que este divertimento passasse a fazer parte dos planos de divulgação da grande “festa da emancipação”. Assim como o baile de crianças de 14 de fevereiro, os bilhetes seriam vendidos no Pavilhão Hortícola.

Um anúncio deste baile é apresentado na mesma edição do jornal e na posterior<sup>124</sup>, nos evidenciando mais alguns de seus detalhes: o Salão da Floresta, onde ocorreria o baile, teria sido “graciosamente cedido” por seu proprietário, o Sr. Alípio de Sá<sup>125</sup>, contribuindo para a nossa hipótese de que eram muitos os atores que gostariam de estar envolvidos nesta festa, como forma de autopromoção<sup>126</sup>. E os divertimentos contavam com grande prestígio para alimentar esta possibilidade. Outro elemento importante presente no anúncio é o valor das entradas, de 1\$000 réis para os cavalheiros e gratuito para as damas.

---

<sup>123</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>124</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>125</sup> Manoel Alípio Rodrigues de Sá foi um proprietário que viveu em Petrópolis e na corte, tendo além do teatro, empreendimentos como uma confeitaria e um estabelecimento de bilhares e bailes, nos anos 1880. Também compunha o corpo de mesários da irmandade do Santíssimo Sacramento, em Petrópolis.

<sup>126</sup> Junto ao Sr. Alípio de Sá, proprietário do Theatro da Floresta cedido ao baile, a edição 11 de 18 de fevereiro apresenta também a figura de Carlos Pestana, empresário da companhia que trabalhava naquele teatro durante o período, que também teria contribuído com a causa, pedindo pela libertação dos escravizados.

**Figura 6** – Anúncio de Baile Popular a favor da emancipação em Petrópolis



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Há menção também a um baile de senhoras que aconteceu no mesmo dia do baile de crianças, no Hotel Orleans.

O exemplo das crianças despertou os brios das senhoras, que ali mesmo no Pavilhão Hortícola idearam um baile para a noite. Foi preferido para isso o Hotel Orleans, que ainda não tivera sua parte nas festas, e que bem merecia esta escolha pela elegância de seu salão e proverbial delicadeza de seus habitantes.<sup>127</sup>

A edição do Mercantil de 18 de fevereiro de 1888 abre espaço para noticiar mais três divertimentos que ocorreriam naquele sábado e que destinariam seus produtos em prol da emancipação: um espetáculo dramático no mesmo Theatro da Floresta; as corridas de cavalos no Hippodromo Petropolitano; e um concerto<sup>128</sup> – possivelmente o mesmo que já teria sido noticiado no número 6 do *Correio*

<sup>127</sup> **BNDigital**: Correio Imperial (1887-1888), ed. 10, n.p., 1888. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>128</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

*Imperial*<sup>129</sup>. Este último, entretanto, foi transferido para o sábado próximo, dia 25 de fevereiro, no hotel Bragança<sup>130</sup>.

O Hipódromo<sup>131</sup> contaria também com um anúncio ao final da edição. Assim, constava em seu programa: às dez horas da manhã uma banda de música, que abriria as portas do estabelecimento para os amadores e suas famílias “que se dignarem honrar com suas presenças este gênero de divertimento, considerado atualmente pelos *sportman* universal; às dez e meia, “POULES!”<sup>132</sup> a fim de facilitar os ajustes das apostas; e por fim, às onze horas, iniciariam as corridas. No local também poderia ser encontrado “um botequim caprichosamente sortido a satisfazer o pedido mais exigente”<sup>133</sup>. O valor da entrada seria de 1\$000 réis para a galeria superior e 200 réis para o que chamaram de “idem geral”, e todo o valor seria destinado à causa emancipatória.

No domingo, dia 26 de fevereiro, outro baile popular ocorreria no Salão da Floresta com os mesmos fins, desta vez sem distinção de gênero no que se refere ao valor das entradas, mas contando com a contribuição financeira da princesa Isabel<sup>134</sup>. Consta em uma edição posterior<sup>135</sup>, que visava noticiar os acontecimentos daquele final de semana, que este divertimento contou com a concorrência de outro: o concerto no Hotel Bragança<sup>136</sup>. Assim, a este conjunto de divertimentos, o jornal chamou *festas patrióticas*.

<sup>129</sup> **BNDigital**: Correio Imperial (1887-1888), ed. 06, n.p., 1888. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>130</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>131</sup> Esta é a primeira vez que este Hipódromo aparece em nossas fontes. Posteriormente, seriam feitas outras corridas, com fins diversos, mas a última aparição se daria já no dia 7 de abril (no número 24 do jornal *Mercantil*). Esta constatação nos ajuda a entender a importância daquele momento de efervescência fruto dos movimentos de emancipação, de forma que o Hipódromo seja um exemplo de aparição, ao que tudo indica, para se mostrar presente e ser notado como um empreendimento apoiador da *emancipação*.

<sup>132</sup> “Poules” é o termo utilizado para se referir aos bilhetes de apostas em corridas de cavalos. Supomos que neste momento, estes bilhetes seriam disponibilizados para o público presente, com meia hora de adiantamento em relação às corridas, a fim de melhor organização.

<sup>133</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>134</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>135</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>136</sup> Assim como o baile no Salão da Floresta, este divertimento teria contado com os “auspícios”, isto é, o apoio – não sabemos se financeiro ou não – da princesa regente. Curioso é o fato de que em todas as outras menções a este divertimento, ele teria acontecido no sábado e não no domingo. A possibilidade de ter havido dois concertos é descartada, já que o artigo menciona ter sido este – o de domingo – o primeiro dos concertos. O jornal apresenta também a composição do programa, além de evidenciar a “numerosa concorrência” e os “calorosos aplausos” ali tributados.

**Figura 7** – Baile Popular em benefício dos cativos da cidade de Petrópolis



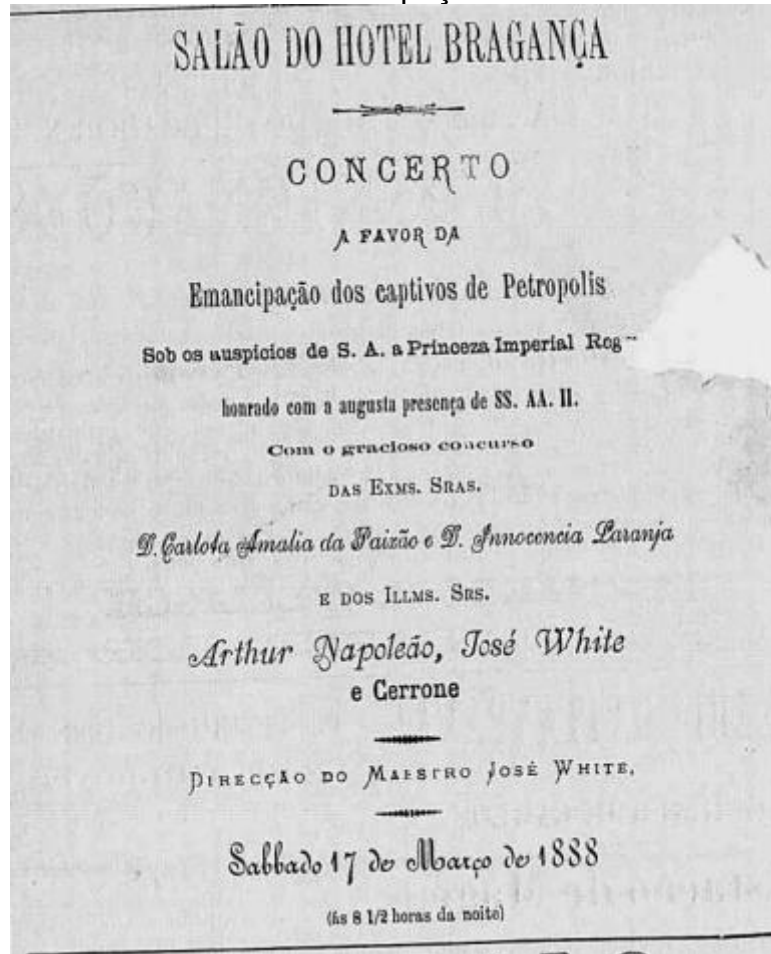
Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

O segundo concerto, dirigido pelo maestro Joseph White, aconteceria no dia 10 de março<sup>137</sup>, mas foi transferido para o dia 17, “em sinal de pesar pelo falecimento do imperador da Alemanha”<sup>138</sup>.

<sup>137</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>138</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

**Figura 8** – Concerto a favor da emancipação dos cativos de Petrópolis



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Além desses divertimentos, encontramos nas fontes outros dois: um espetáculo dramático no Theatro da Floresta<sup>139</sup> e um baile no Salão do Pique-Nique, em Cascatinha<sup>140</sup>. O primeiro contou com uma peça intitulada “O Escravo”, seguido de uma comédia chamada “Um duello a espeto”, terminando com o ator “Mulher-Homem”. Este espetáculo, contudo, não menciona render benefícios à causa emancipatória.

Já no que tange ao baile, que ocorreria na quarta-feira, 14 de março, o fim da emancipação se faz mais presente. Os proprietários – Srs. Walbert Filho e Lago – aproveitaram este momento para solenizar o aniversário da Imperatriz (que era

<sup>139</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, p. x., 1888. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, p. x., 1888. Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>140</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

comemorado no mesmo dia), e também contava com os “auspícios” da princesa regente. O baile, por fim, só ocorre no sábado seguinte<sup>141</sup>, contando com a presença da banda de música da Casa Imperial, e com horários extraordinários de *bondes*, que levariam de Cascatinha (distrito) a Petrópolis (região central). Não é noticiado o valor da entrada, mas é apresentada a necessidade de se entregarem donativos à comissão, que estaria na porta, recebendo-os.

**Figura 9** – Baile emancipador na Cascatinha



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

As edições posteriores apresentam os resultados do baile. Segundo consta, a quantia produzida foi de 195\$960 réis, sendo retirados 69\$960 para as despesas, e “ficando 126\$ para a grandiosa aplicação”<sup>142</sup>. Já no que se refere ao “brilhantismo” da festa, assim foi descrito:

Esteve brilhantíssima a festa: muita concorrência, boa música, a sala vistosamente adornada, poesias distribuídas, etc. Muito concorreu para aquele brilhantismo um poste de luz elétrica colocado habilmente em frente à fachada principal do edifício pelo Sr. Leon Rodde, o instalador da iluminação elétrica da fábrica nova, que também funciona maravilhosamente. Durante o festejo reinou sempre a melhor ordem.<sup>143</sup>

<sup>141</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>142</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>143</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Notamos também a participação de crianças, que matriculadas nas escolas públicas e subvencionadas da cidade, concorreriam “com o seu óbolo para a libertação de Petrópolis”<sup>144</sup>. Destacamos esta passagem, pois elas sairiam do salão da Floresta, rumo ao encontro da princesa Isabel para a entrega destes donativos. Esta relação do salão da Floresta com a causa emancipatória nos possibilita o entendimento de uma ação que serviria para além de somente sediar os divertimentos que aconteceriam, mas de se fazer presente em todos os momentos possíveis, enquanto apoiadores.

É necessário que notemos que possivelmente não foram estes os únicos divertimentos daquele período, já que utilizamos somente aqueles que foram em algum momento noticiados ou anunciados no jornal *Mercantil*. Ressaltamos também que outros divertimentos foram noticiados durante aquele período, mas que em nenhum momento fizeram qualquer tipo de alusão à causa emancipatória. À guisa de exemplificar, apresentamos aqueles divertimentos que ocorreram entre o Carnaval, a partir de 11 de fevereiro, e o Baile em Cascatinha, de 17 de março. São eles: um aniversário familiar<sup>145</sup>; um baile do Club Familiar<sup>146</sup>; uma função artística, dramática e ginástica da sociedade alemã *Turn-Verein Germania*<sup>147</sup>; e os ofícios e festejos da Semana Santa, na igreja matriz da cidade<sup>148 149</sup>.

Não poderíamos constatar se houve contribuições à causa emancipatória destes divertimentos que não tenham sido divulgados. O que podemos fazer é refletir sobre o motivo de não terem aderido, sobretudo no que se refere à sociedade alemã e à Igreja Católica. No que se refere à primeira, por exemplo, podemos sugerir que a relação entre a população negra e a alemã pudesse ser conflituosa. O artigo de Aquino e Cunha Junior (2014) pode nos ajudar a compreender esta relação. Os autores buscam apresentar a cidade de Petrópolis como uma cidade negra, refletindo também a forma pela qual os problemas urbanos e as desigualdades sociais contam com maior incidência sobre estas populações, de

<sup>144</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 21, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>145</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 11, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>146</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 12, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>147</sup> **BNDigital**: *Mercantil* (1872-1892), ed. 20, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>148</sup> *Ibid.*

<sup>149</sup> O Hipódromo Petropolitano também contou com outras corridas, mas excluimos desta análise, tendo em vista a apropriação do fim da emancipação em uma delas.

forma que elas tenham passado por diferentes movimentos migratórios com rumo aos “territórios de fronteiras do desenvolvimento econômico” (p. 83). Segundo os autores:

[...] durante o escravismo criminoso todo trabalho era sinônimo de trabalho de negras e negros. A região em torno da cidade de Petrópolis tinha os trabalhadores em diversas atividades agrárias e econômicas, e estes migraram para esta cidade de forma paulatina, dando o perfil do crescimento urbano da cidade. Assim, **fazendo desta cidade uma cidade negra como muitas outras no país** (Aquino; Cunha Junior, 2014, p. 94. **Grifos nossos**).

Os autores, que se baseiam em Quirino (1980) a fim de defender a figura do africano como colonizador do Brasil, chegam a esta constatação a partir da análise e reflexão acerca da imigração – sobretudo alemã – na cidade, como *um processo racista que visava o seu embranquecimento*. Assim, o artigo se propôs a discutir a invisibilidade das pessoas negras no município, enfatizando que mesmo durante o império, “a cidade e a região foram um lugar de maioria africana e afrodescendente” (Aquino; Cunha Junior, 2014, p. 84).

Segundo Aquino e Cunha Junior (2014), os diversos fluxos migratórios que ocorriam em toda a região, fruto por exemplo do Caminho Novo que atravessava as fazendas do Córrego Seco (local onde se instaurou a cidade de Petrópolis), já indicavam um conjunto de marcadores sobre a presença africana. Ainda assim, para os autores, a

[...] fusão das teses do caminho do ouro e da construção de um palácio de verão para um imperador supostamente libertário [servia] para omitir marcadores históricos de presença africana e afrodescendente em Petrópolis” (p. 88).

Ademais, notados os fins pelos quais foram apresentados os divertimentos, sobretudo a partir do carnaval, tornou-se necessário que mais atores passassem a contribuir para que, por fim, os escravizados fossem finalmente libertados e este processo fosse consolidado. Assim, a participação nestes eventos significava contribuir com o Livro de Ouro e/ou o Fundo de Emancipação<sup>150</sup>, de forma que se tornasse possível comprar as alforrias dos escravizados.

---

<sup>150</sup> O Livro de Ouro atuava com base em critérios próprios estabelecidos pelos vereadores, em contrapartida, o Fundo de Emancipação funcionava sustentados nas prerrogativas de sua lei de criação, Lei do Ventre Livre, e pelo Decreto nº 5.135, de 13 de novembro de 1872.” (SILVA, 2023, p. 62).

No dia 21 de fevereiro, o *Correio Imperial* já publicara alguns resultados parciais das “festas patrióticas”. Naquele momento, o jornal já noticiava que aqueles festejos já tinham surtido efeito, de maneira que alguns proprietários já tinham inclusive aproveitado aquele momento para libertarem seus escravizados, “sem ônus”. Pedia-se então que outros escravocratas facilitassem a emancipação, “diminuindo ao menos o valor dos libertandos d’esta cidade”<sup>151</sup>. Vale importar que os recursos angariados seriam todos destinados ao *Livro de Ouro*, para que a partir deste, fossem compradas as alforrias. Para este fim, portanto, o jornal aponta que já havia sido produzida a quantia de 3:100\$000, além de donativos de cerca de 18\$000.

É do concurso da boa vontade e do patriotismo de todos que depende este grandioso cometimento, em que o Brasil se prepara para dar ao mundo um admirável exemplo: fazer com flores e no meio de bençãos o que a outros custou o sangue de seus filhos.<sup>152</sup>

O *Mercantil* transcreve, mais uma vez, este artigo do *Correio Imperial*, e acrescenta alguns elementos importantes: 1) o fato de que aquela soma financeira obtida já era suficiente para as indenizações, devendo ser utilizado em outros municípios ou com outros fins; 2) uma sugestão de que a emancipação ocorresse no dia em que a imperatriz fizesse aniversário<sup>153</sup><sup>154</sup>. Esta data, como já apresentamos não foi a escolhida, e a edição posterior do jornal indica a projeção de que ocorresse, por fim, no dia 1º de abril, domingo de Páscoa, no Pavilhão Hortícola<sup>155</sup>.

Os dias seguintes serviriam para que fosse divulgado ao máximo a necessidade de que as alforrias fossem concedidas gratuitamente, a fim do engrandecimento daquela festa e, evidentemente, de apresentar a sociedade petropolitana como humanista e avançada. Se de um lado, algumas pessoas já o

---

<sup>151</sup> **BNDigital**: Correio Imperial (1887-1888), ed. 11, n.p., 1888. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>152</sup> *Ibid.*

<sup>153</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>154</sup> Na mesma edição, o jornal lista algumas pessoas que também teriam contribuído pela “obra da emancipação” durante os dias de carnaval, embora não tenha sido evidenciado a função de cada uma destas pessoas. São estas: “a Exm. Sra. D. Carlota Paixão e as meninas Luiza e Stella Gleck, América de Miranda e Ludovina Braga, e os Srs. Antonio Candido Dias da Motta, Eduardo Grey, Victorino José de Cerqueira e José Luiz Martins Junior.

<sup>155</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, p. x., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

estivessem concedendo<sup>156</sup> – ou pelo menos, prometendo –, por outro a imprensa precisava continuar a manifestar a importância deste ato.

Sempre alimentamos a crença de que uma causa justa e nobre, qual a de que se trata, encontraria o mais fervoroso apoio da população de Petrópolis. [...] Será, portanto, o desfecho da questão um ensejo de gloriar-nos por fazermos parte de uma sociedade tão adiantada. A libertação de cativos da cidade de Petrópolis constituir-se-á o mais notável fato da história petropolitana, e na sua narrativa encontrarão os vindouros motivo de júbilos [sic]. **Quanto maior for o número das alforrias a título gratuito, tanto maior o brilho da grandiosa festa.** A nossa festa será brilhante, como majestosa é a sua origem, porque assim o exige o nosso dever. Restituindo a liberdade àqueles que dela estavam privados, levaremos o contentamento àqueles que nossos amigos têm sido. Prêmio seria esse elevadíssimo para compensar maiores sacrifícios.

Th. C.<sup>157</sup>

Tendo em vista a escolha da data – que já se aproximava –, formou-se uma *comissão emancipadora* na cidade<sup>158</sup>. Os “possuidores de escravos” eram, portanto, convidados a se apresentarem à comissão, a fim de regularizar os seus títulos. Naquele momento, segundo o jornal *Mercantil*, mais de 20 escravizados tinham suas matrículas irregulares, pois não haviam sido matriculados na coletoria<sup>159</sup>.

A organização de tal comissão, entretanto, não ocorria livre de críticas. Há somente 8 dias da grande festa, Thomas Cameron – redator do *Mercantil* – discute sobre a pouca participação dos petropolitanos em relação aos visitantes, membros da corte.

Aproxima-se o grande dia da libertação de Petrópolis; e torna-se necessário que alguma coisa façamos para testemunhar o nosso justo contentamento. **Não devemos esperar que os nossos visitantes sejam os únicos a trabalhar nas iniciativas, reservando-nos simplesmente a tarefa de auxiliares.** Em todas as localidades, ao dar-se fato semelhante àquele de que seremos testemunhas no dia 1 do próximo mês, o júbilo das populações revela-se em festas públicas. Para tais festas são organizados programas e para a execução destes são nomeadas comissões. **Até a presente data cremos que nada há feito nesse sentido;** e, já não sendo cedo, lembramos essa necessidade. **Ou a municipalidade, ou a população em geral deve tomar a si a missão de estabelecer o modo pelo qual testemunharemos a nossa alegria** saudando o acontecimento mais notável de que tem sido teatro a cidade de Petrópolis. Uma parte muitíssimo ativa tem nele tomado os nossos visitantes: **é justo que**

<sup>156</sup> **BNDigital:** *Mercantil* (1872-1892), ed. 16, p. x., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>157</sup> *Ibid.*

<sup>158</sup> Naquele momento, ainda não estava estabelecida a composição da comissão. Os únicos nomes apresentados foram os do advogado Marcos Fioravanti, e de Cláudio José da Silva.

<sup>159</sup> **BNDigital:** *Mercantil* (1872-1892), ed. 20, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

**também nos tornemos um pouco ativos.** Por entre flores e festas foi sustentado o grande pleito; ao dar-se-lhe o desenlace, seja isso feito por entre flores e festas. Não se trata de assunto de última hora, reclama ele reflexão e trabalho; e portanto convém não ser adiado. As festas petropolitanas por ocasião da libertação de cativos devem corresponder ao nosso adiantamento, devem estar na altura dos nossos créditos. **Ou à municipalidade, repetimos, ou à população em geral cumpre delas se ocuparem.**

Th. C.<sup>160</sup>

Até aquele momento, tudo o que havia sido programado havia dado certo, mesmo que para isso, tenha sido necessária uma boa articulação entre diferentes atores, e até mesmo a ingerência da câmara municipal. Para as festas da emancipação, entretanto, a importância de se resguardar a imagem do povo petropolitano era ainda mais evidenciada. Tratava-se de um momento sem precedentes em sua história. Para isso, sua população não deveria ser apenas auxiliar dos visitantes da corte, mas participar ativamente de todo o processo, como forma de se mostrar presente. Como notaremos posteriormente, a imprensa e figuras ilustres do Brasil e de todo o mundo estariam presentes durante aquela cerimônia. Nada podia dar errado! Petrópolis precisaria fazer valer o seu título de uma cidade notável, bonita e... humanista.

Com uma participação ativa ou não, a festa se aproximava, e alguns detalhes sobre a cerimônia já eram estabelecidos. Os escravizados se reuniram no salão da Floresta, indo até o pavilhão da Associação Hortícola e Agrícola de Petrópolis. Lá, às duas horas da tarde, seriam entregues os títulos de libertação. Apresentava-se, evidentemente, a presença de “Suas Altezas Imperiais”, e também a quantidade de títulos que seriam entregues – trinta e quatro. Destes trinta e quatro, consta que dois já haviam sido conferidos gratuitamente, enquanto outros vinte e dois já haviam sido indenizados.

Assim, passado o dia 1º de abril, é finalmente noticiada a *emancipação* dos escravizados em Petrópolis sob o entendimento de que seria aquela “a mais bela página da história desta cidade”<sup>161</sup>, exaltando os idealizadores e apoiadores (inclusive os habitantes de Petrópolis) deste evento – que até alguns meses antes parecia distante: “As contemporizações de um lado, o indiferentismo de outro, a

<sup>160</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>161</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

tibieza aqui e os escrúpulos além, tudo nos fazia ver mais longe a majestosa data”<sup>162</sup>.

Naquele momento, segundo as palavras publicadas por Cameron no jornal, “o suor do cativo não mais orvalhará [ia] o solo de Petrópolis”<sup>163</sup>, indicando além disso a necessidade de que o país inteiro pudesse logo adotar a abolição. Assim, o autor dizia: “Brevemente poderá o país inteiro apresentar-se ao lado das nações cultas, sem um ponto sequer que delas o separe; **mas Petrópolis já ocupa lugar à frente**”<sup>164</sup>. Assim, como propusemos, esta data foi utilizada com grande potencial de dar visibilidade a cidade de Petrópolis e de seus frequentadores.

O *Correio Imperial* também noticiou o acontecimento com grande ânimo:

[...] **Está livre a risonha Petrópolis**, e oxalá não tardem em imitá-la suas irmãs da província. A onda marulhosa perto sussurra; de vários lados irromperam já os hinos desta santa cruzada, que nenhum braço humano poderá mais conter porque é a soberana voz do direito quem a proclama, é o próprio interesse da pátria quem a exige, é a luz sagrada do Evangelho quem a ilumina.

R.G.<sup>165</sup>

Em outro artigo, o *Mercantil* descreve alguns elementos daquela festa:

Descrevê-la como a apreciamos nos fora impossível; e, portanto, limitarmos-nos a simples narrativa. Pouco depois de uma hora da tarde desfilaram do salão da Floresta, precedidos pela banda de música alemã e empunhando bandeiras brasileiras, os que iam receber os seus títulos de libertação. Na marcha triunfal tomavam parte o Sr. Advogado Marcos Fioravanti, delegado da comissão, e outras muitas pessoas. Já o pavilhão da associação Hortícola e Agrícola de Petrópolis, vistosamente ornado de sedas e flores, achava-se ocupado por muitas famílias e cavalheiros distintos, entre os quais membros do gabinete e do corpo diplomático, representantes da imprensa, fazendo parte deles o denodado escritor José do Patrocínio, e a comissão libertadora, composta dos Srs. barão de Ipanema, Dr. José da Silva Costa, chefe de esquadra João Mendes Salgado, comendador José Francisco Bernardes, Pandiá Calogeras e Claudio José da Silva, não tendo comparecido o Sr. Barão da Penha, por achar-se ainda adoentado.<sup>166</sup>

No que se refere à programação, assim foi descrito no artigo:

<sup>162</sup> *Ibid.*

<sup>163</sup> *Ibid.*

<sup>164</sup> *Ibid.* **Grifos nossos.**

<sup>165</sup> **BNDigital:** Correio Imperial (1887-1888), ed. 17, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>166</sup> **BNDigital:** Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Chegado o préstito ao edifício, foi a sua vinda saudada pela banda [ilegível] música da Casa Imperial e o ale- [ilegível]. Logo em seguida chegaram Suas Altezas Imperiais e seus augustos filhos, acompanhados de seus semanários, sendo recebidos com as mais estrondosas demonstrações de contentamento e amizade. Tomando assento a venerando iniciadora da festa, leu o Sr. Dr. Silva Costa um discurso que foi ouvido em respeitosa atenção, e o Sr. Placido Viard, delegado de polícia, ergueu os vivas do estilo, entusiasticamente correspondidos. Começou, então, a entrega dos títulos, que eram pelo príncipe D. Pedro [filho de Isabel] trazidos a sua Alteza Imperial a Sra. Princesa regente, que graciosamente os entregava aos libertos, sendo em **número de noventa e oito os entregues naquele ato**. Terminada a majestosa cerimônia, foi lavrada a respectiva ata, a qual foi assinada por grande número de pessoas.<sup>167</sup>

Um fato nos desperta a atenção, e se deu ao final da cerimônia. Segundo consta no jornal, pessoas escravizadas de municípios vizinhos se fizeram presentes em grande número, ajoelhando-se perante Isabel, implorando pela “graça de sua libertação”, que segundo o jornal, seriam atendidos<sup>168</sup>. O artigo menciona também o nome de três homens, possivelmente membros da comissão, que teriam desenvolvido “inexcedível atividade na gloriosa peleja”<sup>169</sup>. São eles: Claudio José da Silva, Marcos Fioravanti e José Pereira de Souza – este, empregado da Casa Imperial.

Outro elemento importante de ser discutido é o número de escravizados libertos, apresentado nesta fonte. Este número é incerto. Na mesma edição do jornal, outras duas fontes apresentam dados diferentes. Uma notícia apresenta a libertação de cento e um escravizados (cinquenta e um homens e cinquenta mulheres)<sup>170</sup><sup>171</sup>. Já a ata da solenidade, transcrita pelo jornal apresenta o total de cento e três títulos<sup>172</sup>.

Vale ressaltar que, ainda no ano anterior, em 1887, uma iniciativa similar teria ocorrido na corte, sendo noticiados setenta e três escravizados libertos, sendo

---

<sup>167</sup> *Ibid.*

<sup>168</sup> *Ibid.*

<sup>169</sup> *Ibid.*

<sup>170</sup> *Ibid.*

<sup>171</sup> Destas, segundo consta no jornal, apenas onze foram gratuitas, de forma que as outras noventa tenham necessitado de indenização aos escravistas, totalizando o valor de 24:495\$000. Este alto número de indenizações ocorreu mesmo com o investimento da imprensa em solicitar que as alforrias fossem concedidas gratuitamente, nos fazendo compreender, mais uma vez, quais eram os reais interesses por trás deste processo.

<sup>172</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

apenas dez de maneira espontânea, ao passo que sessenta e três alforrias teriam sido compradas com recursos angariados pela comissão<sup>173</sup>.

Como sabemos, alguns meses depois a abolição legal seria assinada, e este processo geraria consequências para todo o país e, também, para a monarquia, com o engrandecimento de um movimento republicano que culminaria na Proclamação da República no ano seguinte. Este movimento seria responsável também por fazer ponderações sobre o processo que havia acabado de se concluir, criticando abertamente uma atuação política da monarquia que havia estagnado após o dia 13 de maio, evidenciados pela reflexão do “*dia de muito, véspera de nada*”<sup>174</sup>.

Posterior a isso, duas outras festas foram promovidas em comemoração àquela abolição: uma “pela população e pela comissão libertadora desta cidade”<sup>175</sup> e outra por iniciativa da câmara municipal<sup>176</sup>. Em ambos os casos, contudo, não foi noticiada a presença dos ex-escravizados, sendo as festas destinadas à exaltação da família imperial. A primeira, que assim como as festas da emancipação, terminou no pavilhão da associação hortícola noticiava alguns de seus convidados, que deveriam ir saudar a princesa, sendo eles: “Os membros que compõem as classes do comércio, indústrias, artes e ofícios [...], sem distinção de nacionalidade ou credos políticos”<sup>177</sup>.

Ainda assim, Moraes (2020) indica que, em uma comemoração similar na corte, por mais que os ex-escravizados não tivessem sido convidados a organizá-la, não deixavam de se apropriar, inclusive com relatos de um batuque e uma dança em roda que teria ocorrido durante aquela festa. De acordo com a mesma autora (2023), festas como essas seriam o início de uma disputa de memórias em torno da data, que passariam a ser comemoradas anualmente. No que se refere à cidade de Petrópolis, a relação dos libertos com essas festas e suas disputas em torno da memória da abolição, podem ser questões a serem exploradas em investigações futuras.

---

<sup>173</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 43, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 30 jun. 2025.

<sup>174</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 56, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>175</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 36, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 30 jun. 2025.

<sup>176</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 30 jun. 2025.

<sup>177</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 36, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 30 jun. 2025.

## 2.2 “Mais quarenta dias em Petrópolis, são mais quarenta anos de vida que se ganha”: Petrópolis entre a estação calmosa e o inverno

“Demorem-se mais”. É esse o título de artigo publicado no Jornal Mercantil em 14 de abril de 1880, sem autoria explicitada. Durante aquele ano, a Febre Amarela vinha ganhando novos contornos e uma nova epidemia se conformava na corte. Nesse momento, sob o histórico petropolitano de uma cidade tida como higiênica e, portanto, propícia não somente ao combate de epidemias, mas à cura de diversas doenças e más condições, inicia-se por parte da imprensa uma campanha para que os moradores da corte que em Petrópolis passavam o verão, ali se mantivessem.

Demorem-se mais. Eis o pedido que fazemos a nossos bons amigos da corte, que parecem dispostos a nos abandonarem tão cedo. Profundamente interessados pela saúde e bem-estar dos distintos cavalheiros e senhoras, que abrilhantam este ninho de águia durante o verão, sentimo-nos pesarosos com a ideia do perigo a que se expõe regressando à corte, quando ainda a febre amarela está fazendo tantos estragos, principalmente entre os recém-chegados. Lembrai-vos que *ainda trabalha* a junta de higiene, que estão obstruídos os encanamentos, as ruas revolvidas, aberto o canal do mangue, em plena atividade todos os focos de miasmas geradores das moléstias mais perigosas.<sup>178</sup>

Mais do que o cuidado com aqueles que se hospedavam em Petrópolis durante aquela estação, este era um momento também de exaltação da cidade e seus benefícios higiênicos, mas também sociais. Se já pudemos apresentar a dicotomia entre a estação calmosa (o “verão”) e o restante do ano enquanto elemento central para a conformação da cidade naquele período, mais importante do que isso é entender como aqueles que viviam em tempo integral na cidade sentiam tal dicotomia. É neste sentido, portanto, que a valorização de outras estações poderia servir para que de fato a cidade pudesse desenvolver-se plenamente.

Esta iniciativa estava em consonância com outro artigo publicado no número anterior na seção Utilidades. Intitulado “Petrópolis”, o artigo é iniciado com um jogo de palavras a partir das estações, sendo apresentadas a título de exemplo, a palavra

---

<sup>178</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

“solidão” ao referir-se ao inverno, em contraponto ao “termômetro imperial” do verão e a “sociabilidade” da primavera.

É grande a diferença entre as fisionomias que apresenta Petrópolis no inverno, na primavera e no verão. De maio a setembro a cidade ordinariamente está deserta: sua minguada população, contendo a colônia alemã, poucos nacionais e quase nenhum escravo, ocupa metade ou pouco mais dos prédios urbanos. A oferta de gêneros alimentícios excede à procura, e o passadio é cômodo: além de carne verde igual à da corte, encontra-se abundância de verduras, legumes, palmitos, cereais, ovos, laticínios, aves domésticas, tudo barato porque são poucos os consumidores. [...] Neste período, quase limitada a cidade à sua população permanente, que é muito pacífica e laboriosa, a vida é patriarcal: pode-se prescindir de fechaduras; é raro ouvir falar de um furto. O frio, quando seco pela ausência de chuvas, é muito agradável: anda-se léguas a pé sem fadiga. Mas logo que a umidade torna mais sensível a baixa temperatura, sofre-se quase tanto como na Europa, por não serem as casas aquecidas nem bem agasalhadas como lá. [...] Os hotéis ficam vazios; os donos a suspirar pela vinda do imperador. [...] **Em uma palavra, uma excursão a Petrópolis em um inverno seco, é o passeio mais pitoresco que pode realizar um habitante da corte.**<sup>179</sup> (19, 1880)

Por outro lado, segundo consta no artigo, é na primavera e no início do verão – outubro e novembro – o momento de elevação da quantidade de visitantes, embora com poucas modificações na conformação da cidade, ao passo que

só vem para cima quem precisa realmente deste recurso, famílias que tem alguém doente, medrosos da febre amarela que não esperam a declaração da epidemia, pessoas muito sensíveis ao calor, **e que não tem apego aos teatros e bailes.**<sup>180</sup>

O artigo apresenta, contudo, a lógica do verão:

É em pleno verão, janeiro ou fevereiro, que Petrópolis ostenta todo o seu esplendor: **mas o que assinala a estação** não é a folhinha, não é o calor, não é o giro do sol ou da terra; **é a vinda da família imperial.** Para os cortesãos, para os ricos ociosos, para o que se chama o *bom tom*, o imperador é o termômetro. Enquanto se conserva em S. Christovão, ninguém das classes mencionadas sente necessidade de emigrar: mas logo que sua majestade imperial sobe, o *calor lá em baixo se torna insuportável*, e as andorinhas desprendem o vôo. A cidade povoa-se; os hotéis enchem-se; é rara a casa com escritos. Sobem todos os sábados e descem às segundas-feiras vinte a vinte e quatro carros com lotações para mais de cento e cinquenta pessoas. **A vida encarece, todavia não mais do que na corte.** [...] <sup>181</sup>

<sup>179</sup> **BNDigital:** Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1880. **Grifos nossos.** Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>180</sup> Ibid.

<sup>181</sup> Ibid.

Tal explanação, em total acordo com nossa compreensão acerca das importantes diferenças notadas na cidade em determinados períodos e estações do ano, serve-nos para indicar uma hipótese crucial para o desenvolvimento restante da presente dissertação: se é evidente a dicotomia entre as diferentes estações do ano, apresenta-se como possibilidade a compreensão destes períodos como fatores imprescindíveis para se compreender conformação social da cidade no âmbito das sociabilidades, o que reverbera diretamente sobre os divertimentos, objeto de nossa pesquisa<sup>182</sup>.

O artigo sobre as estações nos apresenta alguns elementos nesse sentido: se durante a primavera ainda não era o momento de efervescência cultural com bailes e teatros, a partir da chegada dos membros da família imperial – e a conseqüente chegada de outros visitantes –, o estado da cidade já era outro. Durante o inverno, contudo, apresentam-se fatores que comprovam o estado de menor avanço frente às outras estações: ainda que pudesse ser comparada à Europa – em um discurso que, veremos mais à frente, se faz presente em diversos contextos –, contasse com boa produção alimentícia, segurança e agradabilidade do clima em determinado período, a pouca estrutura das casas para lidar com o inverno mais rigoroso era notado como um problema a ser enfrentado.

Para dar prosseguimento a essa reflexão, voltemos à iniciativa da imprensa em pedir aos visitantes que “se demorassem” neste ninho de águias chamado Petrópolis, que assim continua:

Por amor de vossas caras esposas, dos queridos filhinhos, esperais mais algum tempo, meus amigos. **Mais quarenta dias em Petrópolis são mais quarenta anos de vida que se ganha.** Ficai, pois, até meados de maio, e lucrareis imensamente. Os abalizados professores Norsthorff, Guargank, e outros, observaram que o clima de Petrópolis, em abril e maio, é um poderoso antídoto contra o embranquecimento dos cabelos, o enrugamento das faces e enfraquecimento geral do organismo. E a prova desta verdade aí está no hábil cabeleireiro francês da rua do Imperador [...]. Em abril e maio é quando abundam as frutas e hortaliças, e barateiam todos os gêneros; é quando as alemãzinhas, vendedoras de leite, com suas faces vermelhas, parecem rosas flutuando em meio da neblina da manhã; é quando o céu, despido de nuvens, mostra o azul mais belo. O nosso amigo Campos, e com ele os outros proprietários de hotéis estão dispostos a fazerem algum abatimento aos fregueses que se demorem até fins de

---

<sup>182</sup> A fim de estabelecer uma melhor compreensão acerca dos diferentes termos – sociabilidade e divertimento – indicamos que não o trataremos enquanto sinônimos. Desta forma, ao tratar de sociabilidades estaremos falando em uma perspectiva mais ampla, que englobe outras relações sociais para além dos divertimentos. Assim, o divertimento será tratado como uma forma de sociabilidade, mas não a única.

maio, segundo nos consta; e a companhia Mauá, imitando tão bom exemplo, reduzirá as passagens a 5\$, como espera o amigo Bento, da agência. A câmara municipal vai construir três comportas nos canais, com o que se tornarão navegáveis. Imaginai um ligeiro escaler, tripulado por quatro moças bonitas, rosadinhas, a deslizar-se pelas águas tranquilas e à sombra dos arvoredos em flor! **Comparai agora tudo isto com o calor, o mau cheiro, os enterros a passarem pela porta, os mosquitos, o medo das febres *claras e coradas*, a matraca dos vizinhos, a poeira ou a lama das ruas, a gritaria dos moleques nas estações dos *bonds* e o mais que vos espera na corte!** Ficai, pois, meus amigos...<sup>183</sup>

O artigo, publicado em 18 de abril, pede que os visitantes fiquem, pelo menos, mais 40 dias na cidade, ou seja, até o final de maio. Este período, embora não seja efetivamente o inverno, é notado usualmente como um momento alheio à estação calmosa (que, notemos, não se resume ao verão propriamente dito, mas simbolicamente, ao período de maior efervescência social, notado sobretudo pela presença das elites fluminenses e imperial), em que a vida social se conformava em torno da presença de suas elites.

Para dar força a esta campanha, o autor apresenta diversos fatores que poderiam chamar a atenção daqueles visitantes, passando por características higiênicas e alimentícias como as apresentadas no artigo sobre as estações; além de iniciativas de proprietários de empreendimentos e da própria câmara municipal em benefício a estes visitantes, ainda que pudessem evidenciar mais uma vez as relações de poder, desta vez de um gênero sobre outro, ao apresentar as “bonitas e rosadas alemãzinhas” enquanto indicativo de uma sociabilidade que ali poderia ser construída, já que os divertimentos vinham se tornando escassos e os membros da família imperial já não mais se faziam presentes desde 30 de março<sup>184</sup>, após adiarem sua volta à corte por razão de uma festa beneficente<sup>185</sup>.

Esta campanha, com dizeres um tanto quanto ríspidos sobre a higiene na corte e suas mazelas sociais, apresenta a real possibilidade de manutenção daqueles visitantes na cidade, mas isso significaria formas de sociabilização distintas das vistas usualmente naquela estação? Se já se faz evidente que os

---

<sup>183</sup> Ibid.

<sup>184</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>185</sup> Ibid.

divertimentos conformavam a sociedade durante a estação calma, eles estariam inseridos na campanha por “mais 40 dias”?

Para responder a estas perguntas, analisemos as menções e anúncios aos divertimentos em Petrópolis nos 40 dias posteriores à publicação da “campanha” (até 24 de maio do mesmo ano) e os meses anteriores (janeiro a 13 de abril de 1880 – dia anterior à publicação)<sup>186</sup>.

Tanto anterior quanto posteriormente à publicação da campanha, Petrópolis contou com festas religiosas com datas marcadas como a Festa de Reis<sup>187</sup>, a festa de Nossa Senhora do Rosário – essa com a presença do imperador e da imperatriz<sup>188</sup>–, o Carnaval<sup>189</sup>, a Semana Santa<sup>190</sup> e o Mês de Maria<sup>191</sup>.

Dentre esses, contudo, destaca-se o Carnaval, que contou com bailes “muito concorridos”<sup>192</sup>, gerando inclusive uma página da seção Folhetim, com texto intitulado “Carnavaleida”, e assinado por autor autodenominado “Dominó Cinzento”. O artigo, com uma narrativa um tanto quanto satírica, apresentou elementos sociais acerca da sociabilidade naqueles bailes, a partir de críticas sociais e provocações ao *modus vivendi* daquela sociedade. Apresentou, além disso, a presença de um homem que estava apedrejando participantes do carnaval, indicado tanto pelo autor do folhetim quanto pelo autor de uma notícia como um visitante da corte, e não um morador de Petrópolis.

---

<sup>186</sup> Embora a campanha fosse por “mais quarenta dias”, não foi possível fazer um levantamento comparativo dos quarenta dias anteriores à publicação, em detrimento de um desabamento que atingiu a tipografia do jornal Mercantil (14, 1880), de forma que não tenha havido nenhuma publicação do jornal entre os dias 28 de fevereiro e 24 de março de 1880. Assim, mais do que uma análise quantitativa, o que visamos analisar aqui é a variedade e o conteúdo dos divertimentos.

<sup>187</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>188</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>189</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>190</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>191</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>192</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Outros divertimentos mencionados no período anterior à publicação da campanha foram: um grande baile beneficente<sup>193</sup>; um espetáculo dramático de um congresso petropolitano intitulado Congresso Philarmônico 15 de Março<sup>194</sup>; um espetáculo sem indicação de seu teor<sup>195</sup>; a exibição de uma “máquina de falar” denominada Phonographo – “resultado da mais engenhosa e sábia combinação de um grande gênio norte-americano”<sup>196</sup> – que também contou com a exposição de experiências de química por parte do expositor; um espetáculo de prestidigitação<sup>197</sup>; e dois concertos musicais de distintos artistas<sup>198</sup>, sendo o último de caráter beneficente.

---

<sup>193</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>194</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>195</sup> *Ibid.*

<sup>196</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>197</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>198</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 10** - Anúncio de concerto musical em fevereiro de 1880



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Chegando aos dias posteriores ao início da “campanha”, foram divulgados apenas alguns espetáculos ginásticos e equestres da Companhia Equestre Luso-Brasileira, dirigida pelo artista Manoel Pery<sup>199</sup>, de forma que seja possível notar uma diminuição drástica tanto no que se refere à quantidade de divertimentos anunciados nos jornais, quanto à sua variedade. Ressaltemos, ainda, que a presença de uma Companhia de Circo como a de Manoel Pery nos meses de abril e maio não era usual naquele período e sim nos meses anteriores, sendo no decorrer de todos os

<sup>199</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

anos, esses meses destinados sobretudo aos divertimentos religiosos e aos propagados por associações locais.

Outro elemento importante para compreendermos a relação da estação calmosa em Petrópolis com a qualidade de seus divertimentos pode ser exemplificada pela própria chegada da família imperial, ao ser motivo para que os moradores da cidade os aguardassem e transformassem esse dia em um dia de festa<sup>200</sup>.

Os cinco primeiros meses de 1880 nos ajudam, portanto, a compreender a dinâmica da cidade durante o período aqui estudado. Se peculiar foi a presença de uma Companhia de Circo já após o término do verão e a despedida dos membros da corte, sua presença estava em consonância com a necessidade de entreter os visitantes que ali ainda se demoravam.

A partir do exemplo do ano de 1880 e suas particularidades, o próximo capítulo buscará apresentar as experiências de divertimentos e suas relações com a conformação da cidade naquele período. Mais do que meramente temporal, contudo, podemos dizer que a lógica da “estação calmosa” se dá no campo das ideias, em que por um lado há a presença de divertimentos variados e por outro há aqueles monótonos divertimentos de outrora.

Indicamos, assim, que qualquer tentativa de divisão no âmbito das experiências é exclusivamente para fins didáticos e de melhor organização do capítulo. Isto é, como ocorreu em 1880, não há impedimentos para que um divertimento considerado distinto como o circo não constasse nos meses exteriores ao verão, assim como é possível notar anúncios e relatos de divertimentos locais durante a estação calmosa. A mesma reflexão se dá sobre os divertimentos religiosos, ou seja, ao serem inseridos geralmente em um contexto exterior ao da estação calmosa, não significa que sua prática esteja livre dos usos políticos e das relações de poder.

A conformação da cidade se dá de maneira complexa, então os divertimentos também se conformam nesta mesma complexidade. Se não é possível pensar em uma única cidade durante as mudanças de épocas e de estações, também não é

---

<sup>200</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 05, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

possível apontar que seus divertimentos estão livres de contradições e tampouco alheias às relações de sociabilidade e de poder inerentes à cidade. Falaremos sobre essas experiências no próximo capítulo.

### **3. “FELIZES OS QUE RECEBEM, MAIS FELIZES OS QUE DÃO”: OS USOS CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICOS E AS EXPERIÊNCIAS DOS DIVERTIMENTOS EM PETRÓPOLIS (1875-1888)**

O capítulo anterior permitiu refletir sobre como os divertimentos integravam um projeto de engrandecimento moral da cidade, sustentado, em grande parte, pela ampla participação das elites fluminenses — em especial, da família imperial. Observamos a efetiva ingerência de membros da monarquia na conformação dos divertimentos locais, bem como na própria configuração de uma cidade que tinha na “estação calma” o ápice de suas redes de sociabilidade, em consonância com o ideário que se pretendia construir para Petrópolis.

Em vista disso, se os divertimentos são elementos centrais para se pensar a conformação da cidade, é nas práticas concretas e nas experiências cotidianas que eles ganham forma. Neste capítulo, portanto, nos voltaremos a essas experiências, buscando compreender o modo como os divertimentos foram apropriados por diferentes sujeitos em Petrópolis entre 1875 e 1888, assim como a maneira pela qual esses divertimentos se apresentavam dentro dos anseios existentes para a cidade.

Dentre essas experiências, destacamos: os festejos e bailes de carnaval; o teatro; a prestidigitação; o circo; novidades como o poliorama, o diorama, entre outras; e as festas religiosas. Cada uma, à sua maneira, apresentava elementos centrais no que se refere aos seus usos sociais e políticos, marcados pela participação – ou não – da família imperial, pela característica da beneficência, pela diversificação das práticas e, sobretudo, pela busca por uma cidade civilizada e moral. Em todos os casos, foram identificadas disputas e tensões que revelam como essas práticas de divertimento participavam ativamente da produção de sentidos sobre a cidade e suas redes de sociabilidade.

#### **3. 1 O Carnaval e “A grande folia do entrudo”**

Apresentamos anteriormente como os festejos do carnaval foram essenciais para a culminância das festas em favor da emancipação dos escravizados em Petrópolis em abril de 1888. Se bem é verdade que a princípio não havia o objetivo

de que suas festas fossem elevadas a um grau de importância tão alto, sendo responsáveis pelo angariamento dos recursos para as compras de alforrias, por outro lado as fontes nos mostram uma necessidade evidente de que cada vez mais o Carnaval fosse compreendido dentro da lógica da construção de uma cidade mais civilizada a partir de seus divertimentos.

Como indica Oliveira (2020), ao analisar o caso do Rio de Janeiro, havia um projeto por parte das elites de levar às cidades elementos tanto materiais quanto simbólicos europeus sobretudo franceses – o que também pôde ser notado em pesquisa de Santos (2017) em São Paulo, indicando ser esse um projeto nacional. Ainda assim, em diálogo com o que aponta Popinigis (2007), nota-se que esse projeto não visava somente incorporar novos costumes e formas de sociabilidade, mas também em destruir elementos culturais considerados não civilizados.

Nesse sentido, assim como em outras cidades (Santos, 2017), pudemos notar em nossas fontes a necessidade de superação de brincadeiras como o entrudo e a utilização dos limões de cheiro por exemplo, além de possíveis confusões causadas por seus festejos, tal como uma ocorrência com um aprendiz de cozinheiro da Casa Imperial, chamado Ernesto Pereira de Andrade. Segundo consta, estando Ernesto “[...] fantasiado, e brincando no jardim público, foi agredido por um grupo de mascarados e recebeu um ferimento no terço superior interno do braço direito [...]”<sup>201</sup>.

Em mesmo número do jornal, a notícia do carnaval daquele ano nos remete à urgência de tal superação:

Correram animadas as festas do carnaval, notando-se não pequeno número de mascarados e grande quantidade de água. Os bailes do salão da Floresta e do hotel Bragança estiveram muitíssimo concorridos, **mas lamentamos que ainda nos salões de baile fosse jogado o entrudo**. O mesmo se não fez em uma festa infantil, que foi celebrada no palácio de cristal, onde a entrada custava 500 réis, mas **era expressamente proibido o brinquedo de molhar**. [...] **Sentimos não poder dizer, como em anos anteriores, que a ordem não foi alterada, visto que algumas cenas tristes foram representadas.**<sup>202</sup>

---

<sup>201</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>202</sup> *Ibid.* **Grifos nossos**.

Como já constatamos, ao passo que havia a necessidade de Petrópolis ser notada como civilizada e, portanto, adequada aos interesses sociais daqueles que a visitavam, a busca por tranquilidade era determinante para eles. Assim, foi possível averiguar notícias sobre “mui sérios conflitos” na corte durante o carnaval, com várias pessoas feridas<sup>203</sup>.

Guardadas as devidas proporções, os conflitos na corte durante o carnaval apresentavam-se para a imprensa petropolitana como as mazelas trazidas pela febre amarela indicada anteriormente. Deste modo, tendo a ordem sido alterada naquele carnaval de 1885, a preocupação para os festejos do ano seguinte era redobrada, embora não deixasse de ser vangloriado o discurso que os bailes carnavalescos eram seguros e tidos como exemplos na defesa do ideário de uma sociedade moralizada e trabalhadora, apesar de fatos isolados.

É o que nos apresenta o relato a seguir. Ao que tudo indica, havia por parte da imprensa da corte a tentativa de evidenciar também algumas mazelas encontradas em Petrópolis, sugerindo a necessidade de presença da força armada na cidade. No entanto, o autor daquela notícia não deixa de levar em considerações fatores importantes para a construção do ideário positivo sobre a cidade.

#### ESTEJAMOS TRANQUILOS

Há quem se tenha admirado de não havermos acompanhado o vozear daqueles que, por passatempo, se têm encarregado de dar a esta cidade o caráter de *caverna de gatunos, malfeitores, vagabundos*, etc. [...] Se ao fim de trinta anos de residência aqui, nos quais temos visto: Sessões de júri instaladas e encerradas ato contínuo, por falta de processos; A cadeia sem presos por quinze, vinte e mais dias; A reconhecida desnecessidade de um carcereiro; Seis ou oito praças do corpo policial sendo suficientes para o serviço público; **Bailes carnavalescos e grandes aglomerações populares presididas apenas pelas autoridades superiores e sem aparato de força armada**; Se ao fim, repetimos, de trinta anos de residência em Petrópolis, acompanhássemos os malévolos boatos espalhados, falsa seria a nossa posição ante os habitantes desta cidade [...] Para negar o valor dos boatos aí está patente a força dos fatos, e nós aqui residentes e os nossos visitantes **podemos dar testemunho de que Petrópolis é uma cidade moralizada, pois os seus habitantes se têm engrandecido pelo trabalho e são educados na escola que ensina a respeitar a lei.** [...] O aparato de força armada na pacífica cidade de Petrópolis ofende-lhes os brios e prejudica a localidades onde porventura não seja tão bem observada a boa ordem e menos atarefada seja a vida.<sup>204</sup>

<sup>203</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>204</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1886. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

O surgimento de conflitos nos parecem ser sinais do fortalecimento e desenvolvimento do carnaval a partir da segunda metade da década de 1880, possivelmente potencializada pela inauguração da Estrada de Ferro Grão-Pará em 1885 que, entre outros exemplos, parece ter contribuído para a chegada de uma sociedade denominada Democráticos Carnavalescos por meio de um trem especial<sup>205</sup>, embora não seja possível indicar apenas um fator para tal, dada a complexidade das dinâmicas da cidade.

Retomando os anos iniciais de nosso recorte temporal, podemos exemplificar tal desenvolvimento a partir dos relatos dos festejos dos carnavais de 1875 e 1876, que estariam “caindo em desuso”, o que nos evidencia também o caráter de espiralidade sobre este divertimento, isto é, o seu avanço não se dá de forma linear, contando com momentos distintos de enfraquecimento e fortalecimento.

O Carnaval de 1875, por exemplo, embora contasse com “alguma animação” em seus bailes, foi noticiado por seu enfraquecimento em relação aos anos anteriores<sup>206</sup>. Assim, foram apresentadas algumas hipóteses para seu mau desenvolvimento naquele ano, que passavam pela moralização e seriedade quanto aos divertimentos carnavalescos por parte da sociedade petropolitana, uma suposta crise econômica, e até mesmo o mau tempo.

[...] À tarde percorreram as ruas quatro ou cinco carros com máscaras bem vestidos, e alguns avulsos que não mereceram atenção. **Parece-nos que a nossa rapaziada vai tomando juízo ou que o estado de finanças é de cada vez mais lamentável.** Felizmente a ordem pública não foi alterada senão pela tremenda tempestade de segunda-feira.<sup>207</sup>

Passado um ano após este Carnaval de pouca concorrência, foi possível uma análise mais aprofundada quanto aos motivos para o enfraquecimento desta grande festa, que se repetiu no ano seguinte, apesar de também ter contado com divertimentos variados e em localidades diversas.

Os folguedos carnavalescos nesta cidade terminaram na terça-feira, os quais não tiveram a grande animação que esperávamos. No domingo foram poucos os máscaras que de tarde percorreram as ruas, e mesmo nos

<sup>205</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>206</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>207</sup> *Ibid.* **Grifos nossos.**

salões do teatro Petropolitano, e hotel Bragança, que estiveram elegantemente preparados, o número dos máscaras não correspondeu à terça parte dos que, há quatro anos, costumavam frequentar esses salões. O que houve de melhor no primeiro dia foram os artistas da companhia Casali, que ricamente fantasiados percorreram as principais ruas precedidos da música italiana dos irmãos Alberti. No terceiro e último dia porém foram um pouco mais animados os folguedos; saíram em carros alguns máscaras bem vestidos outros a pé, avultando entre estes a criançada. Os artistas da companhia Casali também nesse dia percorreram as ruas fantasiados, e à noite deram espetáculo equestre e ginástico no circo, onde houve também baile mascarado, depois do espetáculo, que foi bastante concorrido. Na falta de muitos máscaras houve muito povo em passeio pelas ruas, e **tanto o circo como os salões do teatro e do hotel, estiveram completamente cheios na primeira e última noite. Desconfiamos que vão entre nós caindo em desuso os divertimentos do carnaval, no entretanto que na corte, apesar do excessivo valor que tem feito e da quadra epidêmica, dizem que neste ano houve dobrada influência nos três dias do carnaval.**<sup>208</sup>

Notemos, a partir do relato acima, um aspecto relevante no que se refere àquele carnaval: embora no domingo o teatro e o salão tivessem ficado vazios, esses empreendimentos estiveram cheios no primeiro e último dia de carnaval, enquanto o circo contou com maior concorrência em seu espetáculo terminado em baile. Além disso, os artistas daquele circo estiveram presentes também nos festejos de rua.

FOLHETIM

Em Petrópolis

[...] tão receoso como estou hoje e na falta de um assunto vasto para poder amplamente discorrer, vou falar em certas curiosidades que vi no carnaval, ainda que seja um pouco tarde. [...] Não sei se os leitores viram Nhô Quinquim, que nas tardes do carnaval percorreu a cavalo as ruas desta cidade, acompanhado pelo seu interessante criado [...]. Além destes houve outro máscara, que também atraiu a curiosidade pública. Era uma figura ratona, barriguda, pernas finas e curtas, corpo humano e cabeça de porco [...]. Se não fossem estes três, que se tornaram especiais, o carnaval este ano não passaria de meia dúzia de máscaras bem vestidos e de uma multidão de crianças, devida a barateza das máscaras de papelão; no entretanto os salões do teatro e do hotel Bragança prepararam-se de ponto em branco, dispostos a tomarem uma grande indigestão de máscaras; mas, na falta destes tiveram numerosa concorrência de pessoas desmascaradas [...] **Não só o carnaval como todos os divertimentos desta terra, vão caindo em desuso.** Há bem pouco tempo eram três as sociedades dramáticas que no palco disputavam as glórias da arte, hoje todas elas acham-se dormindo o sono da indiferença e **só nos resta, como único divertimento do lugar, os crônicos bailes populares, onde se dança mais por obrigação do que por divertimento.** Se não fosse a festejada companhia Casali, que tão belas e agradáveis noites de distração nos têm proporcionado, estaríamos condenados à mesma insipidez que suportamos durante a estação invernos. [...]

<sup>208</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1876. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Neste folhetim, nota-se uma crítica por parte do autor que é sintomática e está de acordo com sua posição social. Isto é, se levarmos em consideração que os jornais neste período não eram sequer lidos pelas classes populares, ainda menos provável seria que fossem escritos por um de seus representantes. O autor intitulado Veritas, um possível representante das elites petropolitanas, ao denunciar a falta de mais divertimentos durante o carnaval como em outrora, acaba por apresentar uma crítica ao carnaval que estaria em consonância com o poder exercido da imprensa na busca por divertimentos mais adequados e civilizados.

Naquele contexto, não havia menções ao entrudo ou a conflitos durante as celebrações. Contudo, se os “crônicos” bailes populares se consolidavam como única opção de divertimento, dificilmente poderiam ser considerados os modelos ideais na permanente busca por moralização e civilidade que marcava a época. Ao dizer que nesses espaços não se dançava por divertimento, mas por obrigação, se mostra evidente a tentativa de diminuir sua importância, ao passo que a importada companhia de Circo teria sido responsável por garantir a distração necessária a essas elites.

Voltando à questão do entrudo, indicamos a necessidade de superação deste material – na ótica das elites – como primordial para a busca por divertimentos mais civilizados. Neste sentido, a própria ideia do carnaval de 1888 nos apresenta a tentativa de sua superação a partir da importada “batalha de flores”. O autor, assinado Th. C., sugere que aquele carnaval seja lembrado por dois motivos: a emancipação dos escravizados e a superação do entrudo.

“[...] nos não é lícito duvidar de que assistiremos à brilhante festa, e não teremos este ano o bárbaro entrudo – condenado pelas sociedades cultas, por prejudicial e perigoso. Damo-nos [aos idealizadores] parabéns por isso. Mas desejaremos também que por um outro motivo tivesse de, mais tarde, ser lembrado o carnaval de 1888. [...] Nada para eles [os imperadores] mais agradável seria que saberem que, ao ferir-se em Petrópolis a primeira batalha das flores, no campo da peleja erguia-se em plena pujança a árvore da liberdade [...].”<sup>210</sup>

---

<sup>209</sup> *Ibid.*

<sup>210</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 05, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

A tentativa de superação deste “bárbaro divertimento”, contudo, era anterior. Já em 1879, embora não seja possível indicar o teor do conteúdo, é anunciado no Mercantil uma edição da Revista Ilustrada, que teria se ocupado deste assunto<sup>211</sup> e repetida no ano seguinte<sup>212</sup>, enquanto em 1881 é publicado no Folhetim do próprio jornal um artigo sobre este divertimento<sup>213</sup>. Nesta perspectiva, estudos como o de Santos (2017), na São Paulo do século 19, demonstram que a tentativa de superação do entrudo em detrimento da incorporação dos “civilizados” costumes europeus, não significaram efetivamente o desaparecimento desse divertimento; mas pelo contrário, indicavam a coexistência dessas duas maneiras de se perceber as festas de carnaval, marcadas por tensões e disputas culturais e sociais.

Neste cenário, respeitando a ironia regularmente notada naquela seção do jornal, o autor denominado *Vidente* apresenta diversos elementos para o julgamento daquela prática, tais como um investimento financeiro exacerbado para tal, seus riscos à saúde e, evidentemente, seu caráter de barbaridade, utilizado para contrapor este àqueles divertimentos que deveriam contar com maior relevância.

#### O ENTRUDO

As coisas não estão para que digamos boas! O entrudo bate-nos à porta, e desconfio que para atacar-nos com todo o seu furor. Além das noventa e oito fábricas que trabalham dia e noite na manufatura de limões de cheiro, foram importados da corte para esta cidade duzentas e vinte e cinco mil dúzias de balões de borracha, contendo cada um, litro e meio d’água, os quais contribuíram para aumentar o volume das águas do canal, como se não fosse suficiente a chuva que a quinze dias nos tem amolado a paciência. [...] Não resta por conseguinte a menor dúvida que todo aquele que sair à rua, durante os três dias do ressuscitado entrudo, se escapar do molho dos balões, não escapa certamente do esguicho das seringas. Desconfio que o fim principal dos fabricantes de seringas é fazerem concorrência ao estabelecimento hidroterápico, que o Sr. Court, apreço de tantos sacrifícios, fundou nesta cidade; pois, quem estiver acostumado a tomar duchas não há de querer pagá-las, tendo-as de graça! [...] <sup>214</sup>

Os *Terríveis* reunidos ontem em sessão magna na sua caverna, lavravam um solene protesto contra o entrudo, e amanhã à tarde percorrerão as principais ruas desta cidade reclamando os privilégios, honras e garantias do carnaval, tão injustamente conculcados. Pelos lábios do *Terrível* orador eles vos demonstraram evidentemente que na época das economias de bananas e palitos, é um crime atroz atirar-se à rua tantos centos de mil réis

<sup>211</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>212</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>213</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>214</sup> *Ibid.*

que melhor seriam empregados na compra de meia dúzia de cavalos para presentear o Pery, que este ano tem sido vítima do caiporismo.<sup>215</sup>

Nos trechos acima, o que parece chamar a atenção do autor é o investimento dado ao entrudo, que conseqüentemente apresentaria um volume muito alto no que se refere à quantidade deste material, sendo apresentado inclusive como um crime – de cunho moral –, ao ser levada em consideração uma possível crise econômica exemplificada pelo que chamou de “época das economias de bananas e palitos”. Tamanho esforço para o aumento das vendas, contudo, pôde ser notado nas próprias edições do jornal, com a venda de artigos como os limões de cheiro, bisnagas e outros<sup>216</sup>, apresentando também um indicativo sobre a consciência dos proprietários daquelas vendas.

Desta maneira, o autor apresenta indicativos de uma substituição de outros costumes tidos como mais civilizados em detrimento do entrudo, que estaria contando com maior apreço popular.

Ninguém mais se lembra do ruidoso e outrora tão festejado Carnaval! As máscaras apodrecem nas prateleiras das lojas, os costumes de fantasia aí estão dependurados às portas dos armarinhos, cobertos de pó e traça e votados ao maior indiferentismo; as cabeleiras, as barbas e os bigodes postiços apenas uma ou outra vez são procurados para com eles fazer-se um *rendes-vous* amoroso; entretanto Mr. Chiezi, laborioso artista, levou semanas e semanas assentado à beira do rio, não chorando as suas misérias, porém trabalhando para surtir a sua loja com todos os artigos precisos para o Carnaval. Pobre artista! Não se lembrou do entrudo e perdeu o seu precioso tempo, que poderia ser empregado na manipulação do seu milagroso elixir contra a calvície. [...] <sup>217</sup>

Além disso, o autor apresenta também possíveis riscos à saúde causados pelo entrudo. Evidentemente, esses fatos são apresentados como uma tentativa de apelo às ciências para que este divertimento fosse substituído, ainda que não fosse apresentada nenhuma comprovação naquele sentido.

<sup>215</sup> *Ibid.*

<sup>216</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>217</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Infelizmente não há de ser só esse o prejuízo que nos trará o brutal e desenfreado entrudo. Muitas vezes devido à imprudência, a bronquite, a consumpção pulmonar são consequências de um limão cheiroso que por mimo ou simples gracejo é atirado ao seio de uma jovem que o recebe com o sorriso nos lábios, sem pensar que pode ele ser o germen de cruciantes dores!<sup>218</sup>

A apresentação de motivos econômicos e salutareos para se pensar a superação do entrudo, entretanto, é apresentada de forma secundária e até mesmo como mera tentativa de justificar tal superação por motivos maiores: a moralidade e a civilidade buscadas pela sociedade petropolitana naquele período. Isto é, assim como estiveram em disputa os bailes populares, o entrudo disputava com eventos restritos como os bailes fechados, em uma relação mais uma vez diametralmente oposta entre os divertimentos populares e os das elites, a barbaridade e a real diversão.

Entretanto **se déssemos mais força e animação ao carnaval**, se em lugar dos limões de cheiro, seringas, bisnagas, bombas e mil outras invenções do endiabrado entrudo, **procurássemos como outrora primar pelo jogo de espírito, pela decência e riqueza dos costumes a fantasia, pelas alusões e críticas que provocavam estridentes gargalhadas**, o único prejuízo seria o dinheiro que gastássemos para divertir o povo. Preparai-vos antes para os pomposos bailes carnavalescos que anunciam os proprietários dos salões da Floresta e Bragança, e **aí vos divertireis melhor dançando ao som das mais ruidosas músicas, e se quiserdes mimosear o belo sexo atirai-lhes flores em lugar de água**, porque num país como este, essencialmente aquático, não temos dela necessidade.<sup>219</sup>

Esta disputa, no entanto, também não era apresentada de maneira linear e tampouco contava com apenas dois lados. Nesse sentido, em uma mesma edição do jornal Mercantil eram notadas diferentes compreensões sobre os festejos e seus acontecimentos. Evidentemente, os interessados pelo entrudo – sobretudo os populares – não tinham espaço para fazerem sua defesa naquele jornal, apesar das fontes apontarem para o fortalecimento desta prática, seja pela alta comercialização, seja pelos irônicos relatos propagados no periódico.

Desta maneira, no Mercantil era possível ver apenas uma tratativa mais branda em contraponto a uma mais severa no trato com este divertimento. Assim, ao noticiar um desanimado carnaval em 1881, com a presença de grupos musicais

---

<sup>218</sup> *Ibid.*

<sup>219</sup> *Ibid.* **Grifos nossos.**

locais e poucos “máscaras”, o entrudo foi tido como “furioso”, “porém que não deixou de divertir o povo”<sup>220</sup>, juntamente aos concorridos bailes nos salões Bragança e Floresta. Segundo consta na notícia, “A ordem pública manteve-se na altura da índole pacífica de nossa população, pois não temos de registrar nenhum só ato de desordem, ou desacato dos foliões”<sup>221</sup>.

Naquele mesmo número, contudo, o mesmo *Vidente* da seção anterior fez críticas duras ao já passado carnaval.

Foi horroroso....

E como nunca o entrudo este ano em Petrópolis assombrou a humanidade!... Não se respeitou sexos, nem idades, nem mesmo posições. Atirou-se água a valer! Algumas pessoas chegaram a ter sérios receios de que houvesse uma inundação. [...] De todos os cantos surgiam milhares de esguichos de seringas e bisnagas, grandes balões de borracha, limões de cera, baldes d'água, e para cúmulo do entusiasmo aquático até a bomba municipal entrou em ação! Dizem que o nosso amigo Fiscal aplaudiu muito a lembrança, porque, não tendo ainda posturas para proibir o jogo do entrudo, entendeu que o vigoroso esguicho da bomba, uma vez municipal, produzia o mesmo efeito. Infelizmente assim não aconteceu, pois longe de servir ela para extinguir a chama do entusiasmo, foi antes um poderoso incentivo para aumentá-lo, e por tal forma que no dia seguinte, o último, o entrudo transformou-se num verdadeiro dilúvio. Por mais que os *princezes* fizessem soar as suas bozinas, que os Zés-Pereiras esbordoassem a pele dos zabumbas, que os Terríveis provocassem a população para dançar ao som das mais estrepitosas e retumbantes músicas, ninguém os ouvia; todos loucos e delirantes achavam-se engolfados no prazer *aquático*.<sup>222</sup>

O autor aponta, além disso, para diversas características daquele carnaval, levando-nos a entender que houve inclusive interferência do entrudo nos almejados bailes carnavalescos, seja pela ida de participantes da folia do entrudo a estes bailes, seja pela supressão de características tidas como civilizadas durante os festejos.

À noite tanto vencedores como vencidos seguiram para o salão da Floresta, e aí terminou a festa ou antes a grande folia do entrudo, porque do carnaval ninguém mais se lembra em Petrópolis. [...] Nem mesmo nos salões de baile apareceu um máscara bem vestido ou caricato, e os poucos *princezes* que aí estavam só procuravam esconder-se pelos cantos para se livrarem dos debiques [...]. Não resta portanto a menor dúvida que o carnaval em Petrópolis foi cruel e barbaramente assassinado pelo entrudo, e só poderá ressuscitar quando... quando deixar de haver água no canal. Por conseguinte, d'ora em diante o emblema do carnaval passa a ser uma

<sup>220</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>221</sup> *Ibid.*

<sup>222</sup> *Ibid.*

bomba e uma seringa, e os bailes de máscaras serão anunciados como bailes *aquáticos*.<sup>223</sup>

Nota-se que o combate ao entrudo fazia parte de uma estratégia mais ampla: substituir as diversões populares consideradas grosseiras por divertimentos que refletissem os valores civilizatórios que a elite local almejava promover. Tais interesses, entretanto, estavam em disputa, de modo que o entrudo persistia, sendo relatado em diversos carnavais<sup>224</sup>, assim como os bailes populares. Alguns conflitos também eram noticiados, como de indivíduos que arremessavam pedras em pessoas mascaradas<sup>225</sup>, ainda que o noticiante sugerisse ser – no segundo caso – um visitante, tendo em vista a manutenção de percepções positivas sobre os moradores locais e seus bons hábitos.

Ressalta-se que a força do entrudo era tanta que o carnaval chegou a ser chamado de “carnaval-entrudo”, em 1883<sup>226</sup>, além de ser noticiado na imprensa da corte<sup>227</sup>. Em 1886, dois anos antes da “batalha das flores”, entretanto, os relatos sobre este divertimento já se mostravam mais brandos. Após noticiar os festejos de carnaval dados nos salões e a aparição de diversas associações, sobrou apenas um parágrafo para noticiar o entrudo.

A água não esteve na ordem do dia, e se bem que em um ou outro ponto os *entrudistas* não perdessem o ensejo, todavia não eram eles em grande

---

<sup>223</sup> *Ibid.*

<sup>224</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>225</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>226</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>227</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

número [...]. Ainda uma vez deu a população de Petrópolis testemunho de seus bons costumes e de seu culto à ordem.<sup>228</sup>

Apesar das idas e vindas no que se refere ao fortalecimento da prática do entrudo, era clara a disputa entre este divertimento e os bailes carnavalescos. Deste modo, as elites buscavam formas de repensar maneiras mais civilizadas de divertir-se durante o carnaval, e isso passava por pensar em novas formas de pensar a dinâmica social da cidade. É isso que o autor de folhetim denominado N.M. faz em 1882: para ele, a questão comercial em torno do entrudo havia se tornado tão relevante que passou a estruturar as próprias formas de sociabilidade na Petrópolis daquele período<sup>229</sup>.

N. M. sugere que esta seria uma prática usual em Petrópolis, que em nossa compreensão está em consonância com o desejo de tornar-se uma cidade de progressos, como já havia sugerido o autor *Vidente* em um folhetim anterior, inclusive sob o anseio de que Petrópolis se tornasse capital da província<sup>230</sup>. Para N.M., contudo, este desejo não andava em harmonia com o progresso de seus divertimentos, isto é, suas práticas de diversão ainda andavam a passos lentos, embora muitos tentassem apresentar o contrário, frente a tal desenvolvimento.

Por que é necessário que se saiba que Petrópolis existe para ganhar dinheiro, mas não para despende-lo e é esta a razão principal porque o teatro não tem concorrência, e a cidade não tem animação. Em qualquer outro lugar já existiria uma boa sociedade carnavalesca, uma animada sociedade familiar e uma boa sociedade dramática; mas Petrópolis, a bela Petrópolis nada tem, porque nada dá... do *padre nosso* só conhece o *venha a nós* porque a *noz* não é fruto americano e com um real se tem uma mancheia.<sup>231</sup>

Como analisa Santos (2017), “a moral e a sensibilidade não são fixas e eternas, mas, ao contrário, elas se delineiam ao longo do tempo (p. 76)”, isto é, naquele contexto, ao passo que se buscava associar as “boas práticas” às ideias

<sup>228</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>229</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>230</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>231</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

civilizatórias; costumes populares – como o entrudo – passavam a ser vistos como perigosos. Segundo a autora, bastava associar uma prática aos países ditos civilizados para que ela ganhasse legitimidade, o que pode ser explicado em nosso caso, pela inserção das elites e da imprensa formadora de opinião.

Passada a reflexão sobre o entrudo e outras dinâmicas populares no âmbito do carnaval, passemos agora a relatar os outros divertimentos – aqueles que estavam em disputa, ao serem notados como os reais propulsores da moralidade e do progresso petropolitanos.

Ainda que dinâmicas de poder estivessem presentes durante os festejos do carnaval, como apresentamos até aqui, tais relações contavam com características próprias, se comparados a outras manifestações como o teatro e o circo, por exemplo. Isto é, durante o carnaval estas relações se manifestavam de diferentes formas, através de disputas de narrativas, não sendo encontrados relatos, por exemplo, da ingerência de membros da família imperial durante este período, com exceção do já citado Carnaval de 1888. Além disso, o único relato de ingerência de órgão municipal, enquanto instrumento institucional de poder, se dá de maneira controversa, quando ao tentar utilizar a bomba d'água municipal para suprimir o entrudo “para extinguir a chama do entusiasmo, foi antes um poderoso incentivo para aumentá-lo”<sup>232</sup>.

Durante todos os anos de nossa pesquisa, portanto, os bailes se apresentaram como estes espaços tidos como civilizatórios, sendo notados em pelo menos dois estabelecimentos durante o período. Sendo assim, o salão do Hotel Bragança recebeu bailes de carnaval em todos os anos de nosso recorte temporal <sup>233</sup> <sup>234</sup>, contando com a promoção de bailes em mais um empreendimento em quase

---

<sup>232</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>233</sup> Com exceção de 1876 e 1877, período em que não havia todas as edições do jornal Mercantil disponíveis, de forma que não podemos concluir, apesar de pelos indícios ser possível supor também a sua presença nesses anos.

<sup>234</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p.,

todos os anos, sendo eles: Theatro Petropolitano em 1875 e 1876, Hotel Rougemont, em 1878 e 1879, Theatro da Floresta, em 1881, 1885, 1886 e 1888.

**Figura 11** - Anúncio de baile de máscaras durante o carnaval de 1876



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1876. Disponível em:

<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Esse movimento de valorização dos bailes como espaços civilizados já era notado décadas antes, na capital imperial. Como demonstra Oliveira (2020), um dos fatores que marca a presença dos bailes mascarados é o fato de ter sido uma aposta das elites para enfraquecer o entrudo, sendo pensados nos “usos e costumes da Europa”. Estes bailes eram restritos àqueles com poder aquisitivo suficiente para acessá-los. Segundo o autor, os bailes que vendiam ingressos, promovidos em teatros – como no caso dos citados acima –, visavam ser mais “democráticos”. Segundo o autor, no entanto, “na grande realidade, a ‘democratização’ representada por tais bailes só atingia aqueles que tinham recursos financeiros suficientes para adquirir os ingressos” (Oliveira, 2020, p. 66).

Além disso, foram relatados bailes infantis no Palácio de Cristal, em 1885<sup>235</sup> e 1888<sup>236</sup>, e uma apresentação em coreto, em 1884<sup>237</sup>. Durante o carnaval, contudo, estas iniciativas não contavam com a presença de músicos e associações advindas de outros locais, sobretudo da corte, mas sim da própria cidade de Petrópolis. Dentre elas, destacam-se: o Club dos Terríveis<sup>238</sup>, que teve atuação importante ao manifestar-se contra o entrudo em 1881, e tendo sua banda de música sido responsável por divertir os petropolitanos em um coreto, em 1884; o Congresso Philarmônico Quinze de Março e o Club Carlos Gomes, em 1881<sup>239</sup>; a banda de música dos Srs. Esch, em 1882<sup>240</sup>; a sociedade de música Estrela do Oriente e a Sociedade Recreativa Comércio e Artes, em 1886<sup>241</sup>, e o Grupo dos Kagados (ligado

---

<sup>235</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>236</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>237</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>238</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>239</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>240</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>241</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

à Casa de Seabra, importante comércio de variedades daquele período), em 1887<sup>242</sup>.

**Figura 12** - Anúncio de passeio carnavalesco no carnaval de 1881



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

O anúncio acima, do *Club dos Terríveis* é um registro que evidencia como grupos locais se organizavam, revelando a tentativa de criar um Carnaval mais refinado, com bailes e passeios, em contraponto ao entrudo. É o que faz também o *Grupo dos Kagados*, no anúncio abaixo. Este grupo, ligado a uma casa de comércio, por mais que apostasse em termos menos usuais às elites, como o *forrobodó*, se manifesta contra práticas populares, pedindo para que o “ilustrado povo de Petrópolis” não atirasse o limão de cheiro durante o préstito.

<sup>242</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 13** - Anúncio de grupo carnavalesco local durante o carnaval de 1887



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Elencamos abaixo um quadro que visa apresentar cronologicamente os relatos encontrados sobre o carnaval em nossas fontes, marcados pelo ano, os empreendimentos promotores de bailes, e as associações e bandas que tenham tido participação nessa festa.

**Quadro 5 - Empreendimentos e associações envolvidas no Carnaval em Petrópolis (1875-1888)**

<b>Ano</b>	<b>Empreendimentos promotores de bailes</b>	<b>Associações e bandas de músicas com participação no Carnaval</b>
<b>1875</b>	Salão do Hotel Bragança e Theatro Petropolitano	Não indicado
<b>1878</b>	Salão do Hotel Bragança e Theatro Petropolitano	Não indicado
<b>1879</b>	Salões do Hotel Bragança e Hotel Rougemont	Não indicado
<b>1880</b>	Salões do Hotel Bragança e Hotel Rougemont	Não indicado
<b>1881</b>	Salão do Hotel Bragança e Theatro da Floresta	Clube dos Terríveis, Sociedade Philarmônica Quinze de Março e sociedade musical Carlos Gomes
<b>1882</b>	Salão do Hotel Bragança	Não indicado
<b>1883</b>	Salão do Hotel Bragança	Não indicado
<b>1884</b>	Salão do Hotel Bragança	Banda de música do Clube dos Terríveis
<b>1885</b>	Salão do Hotel Bragança e Theatro da Floresta	Apresentação de grupo não especificado, alusivo à questão malta e Sociedade Democráticos Carnavalescos
<b>1886</b>	Salão do Hotel Bragança, Theatro da Floresta, Palácio de Cristal e Salão da Sociedade Recreativa Comércio e Artes	Sociedade de Música Estrela do Oriente e Sociedade Recreativa Comércio e Artes
<b>1887</b>	Salão do Hotel Bragança	Grupo dos Kagados
<b>1888</b>	Salão do Bragança, Theatro da Floresta e Pavilhão Hortícola (Palácio de Cristal)	Grande quantidade de atores envolvidos, vide <i>Festas em favor da emancipação</i> .

Fontes: **BNDigital**: Edições do Mercantil (1875-1888), Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>.

Os anos anteriores a 1888, portanto, são aqueles que apresentam mais elementos para a nossa hipótese de uma maior disputa em torno da representação do carnaval, além de uma ampliação no que se refere aos divertimentos tidos como civilizatórios, marcados sobretudo pelos bailes mascarados. Isso é iniciado no ano de 1885, com a apresentação de um grupo alusivo à questão malta<sup>243</sup>, apresentando a tentativa de Petrópolis de colocar a si e a seus habitantes como próximos a discussões de cunho político internacionais, além da chegada – relatada pela única vez – de uma associação exterior a Petrópolis – a Sociedade Democráticos Carnavalescos<sup>244</sup> – e a instauração de uma festa infantil no Palácio de Cristal<sup>245</sup>, sede da Associação Hortícola e Agrícola da cidade.

No ano de 1886, a Sociedade Musical Estrela do Oriente promove um grande festival carnavalesco<sup>246</sup>, em uma espécie de préstito que visava romper a lógica do carnaval de rua, ao solicitar que não fosse utilizado o “jogo de entrudo”. Já em 1877, pela primeira vez antes de 1888, os eventos carnavalescos contam com caráter beneficente a partir de iniciativa do grupo dos Kagados em prol da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo<sup>247</sup>, apresentando indícios do que ocorreria no ano seguinte.

Em vista disso, notamos que ao buscar compreender o carnaval sob a ótica de seus usos políticos inerentes aos divertimentos e toda a sociabilidade da sociedade petropolitana – e de seus visitantes –, nos faz necessário refletir sobre como suas práticas incidem sobre a tentativa de Petrópolis colocar-se como um modelo, ainda que isso não significasse necessariamente que suas práticas estivessem de acordo com suas ambições.

<sup>243</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>244</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>245</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>246</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>247</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Desta forma, é somente a partir de 1885 que o carnaval passa a ganhar contornos mais evidentes frente ao seu uso político ainda mais contundente em 1888. Neste sentido, respeitando as suas características próprias, nota-se que este divertimento contribuiu para a conformação de estruturas de dominação das elites sobre os divertimentos, ainda que em muitos casos isso ocorresse de maneira indireta, tendo em vista a tentativa de supressão de divertimentos populares em detrimento daqueles considerados mais morais e civilizatórios.

A falta de ingerência dos membros da família imperial sobre o carnaval – com exceção do ano de 1888 –, portanto, abre brecha para que os divertimentos populares pudessem se sobressair em contraponto àqueles tidos como civilizados e úteis. Apesar disso, tendo em vista os interesses de outras elites, essa sobressalência não ocorria sem disputas, apresentando indicativos essenciais para se pensar a potencialidade daquelas e outras diversões.

### **3.2 O *Theatro* em Petrópolis e a busca por engrandecimento local**

Tal como o Carnaval, ainda que com suas devidas particularidades, o Teatro (enquanto espaço físico) e o teatro (enquanto manifestação artística) também se apresentavam como formas de divertimento associadas ao ideal de engrandecimento moral e civilização da sociedade petropolitana naquele período.

O Teatro não servia apenas como local para os espetáculos dramáticos, que ganhavam força na segunda metade do século XIX, mas também abrigava outras manifestações artísticas, como a prestidigitação, a ventriloquia, apresentações de circo em seus primórdios, além de sediar reuniões de associações locais e bailes, por exemplo. Ainda assim, o teatro, entendido como manifestação dramática e suas variantes, se destacava como meio de propagação dos valores morais esperados de seus espectadores – e de seus artistas. É sobre esses espetáculos que trataremos neste tópico, deixando as demais manifestações para as seções seguintes.

Indicamos, contudo, que os espetáculos não eram livres das contradições, disputas e complexidades de sua época, apresentando diferentes possibilidades de se conformar a moralidade a que se dedicavam. É o caso, por exemplo, de um relato sobre como escravizados utilizaram de sua presença em determinado espetáculo

para se rebelarem, não se sabe se somente contra o mau divertimento que assistiam ou ao sistema escravista em que estavam inseridos<sup>248</sup>.

Dando continuidade à questão da moralidade, as fontes revelam elementos muito importantes que nos ajudam a refletir sobre os anseios de sua população, representada pela imprensa, embora saibamos sobre qual parcela dessa população estamos falando. Para tanto, notícias, folhetins e até citações soltas nos ajudam a perceber tais anseios.

Em alguns casos, a busca pela moralidade a partir dos divertimentos – e nesse caso, do teatro – se apresenta de maneira oculta, a partir de metáforas e outras figuras de linguagem inseridas em uma notícia, um anúncio ou uma análise mais ampla; em outros casos, isso se dá de maneira um tanto quanto explícita, como apresentaremos.

No dia 11 de setembro de 1875, após os festejos de aniversário da independência do Brasil em 7 de setembro, é apresentada no Mercantil uma *Chronica Theatral*, de autor não especificado, que mais do que dizer sobre como haviam sido os festejos – dentre eles um sarau dramático –, buscava também refletir sobre como divertimentos com fins patrióticos como aqueles contribuía para a sociedade. Segundo o autor:

O espírito carece das distrações como o corpo de repouso. **Os moços delas se alimentam quando com moderação e prudência sabem procurá-las**; os velhos com elas remoçam, desterrando a ferrugem que acompanha a velhice, se delas não abusam. O bom emprego dos divertimentos e outros passatempos da sociedade é um problema. O seu excesso num moço ocasiona uma velhice prematura, ao passo que num velho o seu bom uso pode conservá-lo muito tempo sem quebrantamento de forças. Eis porque há muito moço velho e muito velho moço. [...] <sup>249</sup>

Essa citação nos parece interessante, tendo em vista aquilo que até aqui viemos defendendo: uma história dos divertimentos não está, de maneira alguma, alheia à história da cidade. Isto é, ao passo que os divertimentos se apresentam como importantes elementos para se pensar o engrandecimento de uma sociedade

<sup>248</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>249</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

dentro de seus ideais de moralidade e civilidade, esses divertimentos contam com limites bem definidos.

A escolha do autor em tratar do “moço” e do “velho” não se dá ao acaso, mas está em consonância com a necessidade de utilidade daqueles moços. Sua “velhice prematura” poderia ser interpretada enquanto uma metáfora para tal, assim outros fatores como o trabalho e a família não seriam deixados de lado. Não se poderia pensar numa sociedade de progresso, se os divertimentos se dessem de maneira excessiva, e mais, se não houvesse um bom emprego daquele tempo social. Os divertimentos eram necessários, desde que adequados aos interesses de progresso, seja pelo seu bom uso, seja pela necessidade de não levarem à ociosidade.

Nesta mesma perspectiva, a fim de evidenciar a variedade de possibilidades apresentadas pelo periódico, outros dois exemplos nos ajudam a notar a reflexão sobre o teatro em suas páginas. O primeiro nada mais é do que uma carta assinada por *Alguns habitantes* como agradecimento aos fundadores de uma sociedade dramática intitulada *Amor à Arte*<sup>250</sup>. Nesta carta, ao passo que os remetentes apresentavam certa compreensão sobre a dificuldade de manutenção de uma sociedade dramática na cidade, pediam que sua duração fosse eterna, indicando a necessidade de que toda a sociedade se esforçasse para tal. Assim, indicava aos fundadores: “[...] pois que conhecemos que o teatro é, foi e será uma escola moral em que se vê todos os exemplos sociais”<sup>251</sup>.

Outra fonte encontrada, já em 1879, apresenta a moralidade como elemento central em sua reflexão sobre o teatro. Trata-se de um artigo na seção *Utilidades*, intitulada *O teatro e a moralidade pública*<sup>252</sup>. Este artigo, sem autoria definida, era fruto de uma discussão que havia sido travada em um *Congresso de Sciencias Sociaes*. Indicamos alguns trechos:

Na Grécia e Roma antigas e na Europa na idade média, o teatro fora escola, e mais do que escola: os homens aprendiam no teatro, não só como haviam de pensar e em que pensar, como no que pensariam unanimemente. Outras influências, além do teatro, atuam na sociedade

<sup>250</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>251</sup> *Ibid.*

<sup>252</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 100, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

moderna. Este não possui mais, como em certos períodos da civilização, o monopólio prático de ser o educador popular.<sup>253</sup>

O romance delicia os espíritos, oferecendo-lhe diversão intelectual.<sup>254</sup>

Mas, enquanto o teatro existir, e enquanto ele exercer a sua autoridade, o seu característico especial é o de ser uma força social.<sup>255</sup>

Estes trechos nos ajudam a refletir sobre alguns pontos. Inicialmente, ao fazer um levantamento sobre o uso do teatro na Antiguidade e na Idade Média, é feita uma comparação com o período aqui estudado, de forma a apresentar uma mudança no que se refere ao protagonismo do teatro na educação popular. Ainda assim, sua característica educadora, ainda estava em vigor e deveria ser defendida.

Deste modo, se as fontes que aqui serão mobilizadas nos apresentam outros usos para o Teatro, de forma que, inclusive, a defesa desses espaços também se fazia presente entre os interesses da imprensa. Neste cenário, a inauguração de novos Teatros tinha importante repercussão no Mercantil, sendo chamado pelo autor denominado *Simpson* de um “valioso auxílio a Petrópolis”<sup>256</sup>, a construção do Theatro da Floresta em 1880. Segundo o autor “felizmente, o velho Rougemont [proprietário do Teatro] não fez o seu teatro para os estragados paladares dos *blasés* da época [...]”<sup>257</sup>.

No entanto, o mesmo autor no ano seguinte, apresenta novas reflexões sobre o teatro.

O teatro hoje já não é procurado, senão como muitos procuram o baile: um lugar para rir ou passar parte da noite. Realmente é enfadonho e *amolador* (grifo do autor) assistir-se à representação de um dramalhão que nos leva até à meia-noite, tristes e resignados, presos à uma cadeira, enquanto o chá esfria em casa à nossa espera, e trazendo como imediato resultado não gozarmos pela manhã do nosso banho frio e de um salubre e higiênico passeio matutino. [...] O teatro hoje já não educa, nem instrui, porque está constituído o foco da imoralidade viva; ninguém aproveita as lições da *Dalila*, do *Supplicio de uma mulher*, da *Negação da família*, dos *Engeitados*, etc. mas em compensação atende-se muito à *Thereza Racquin*, ao

---

<sup>253</sup> *Ibid.*

<sup>254</sup> *Ibid.*

<sup>255</sup> *Ibid.*

<sup>256</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 92, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>257</sup> *Ibid.*

*Jonathan, à Família Americana, ao Piperlin, e tantos outros, cuja base é o vício, sem o triunfo da virtude.*<sup>258</sup>

Assim, o autor buscava mais do que apresentar uma mudança nos rumos do teatro naquele período com uma suposta substituição dos hábitos da sociedade no trato com os seus divertimentos, mas era também uma reflexão sobre os próprios espetáculos, que em muitos casos ao invés de servir para a educação e instrução da sociedade, tinham outros objetivos.

Essa reflexão continuou a se fazer presente nos anos seguintes. Uma notícia de 28 de janeiro de 1885, apresentava mais indícios sobre a presença dos Teatros na cidade, e a pouca importância dada a estes espaços. Se as peças teatrais já eram substituídas por outros divertimentos como os bailes, seus espaços também passavam por importantes modificações. É o que ocorre com o Theatro Petropolitano, que é substituído por uma mercearia.

Em outros tempos ergueu-se em Petrópolis um templo à arte de Talma, mas esse templo – pela evolução do progresso – transformou-se em uma mercearia bem fornida de queijos, batatas, alhos, etc. [...]. Aqui em Petrópolis o progresso é assim: arma dentista um carroceiro e faz de um teatro um armazém de comestíveis. O progresso! Oh! Esplêndida invenção do século! **Não obstante a transformação do teatro Petropolitano em mercearia, ainda haverá quem queira construir em Petrópolis um teatro?!** Quem será o proprietário do futuro armazém de comestíveis? [...] <sup>259</sup>.

Assim, ao fazer uso da ironia, o noticiante apresenta elementos que marcam a cena teatral naquele período – que ganha força especialmente a partir da penúltima década do século XIX. A supressão dos teatros e de suas manifestações não parece ocorrer de maneira unifatorial, mas reflete a contradição de uma Petrópolis em transformação: enquanto buscava seu engrandecimento por meio de instituições associadas à civilidade (como o teatro), outros divertimentos, ainda que destoassem do aspecto moral teatral, conquistavam espaço na cidade.

As edições do Mercantil do ano de 1884 nos trazem elementos reveladores para pensar as contradições em torno do uso do teatro naquele período. Durante

<sup>258</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>259</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1885. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

aquele ano, não foram encontrados anúncios, notícias e quaisquer reflexões sobre espetáculos dramáticos que pudessem ter ocorrido na cidade, mas sim de outros usos do teatro a partir de diferentes manifestações artísticas, sobretudo a ventriloquia que, embora ocorresse em outro espaço – o salão do Hotel Bragança –, se denominava *Theatro Automático João Minhoca*<sup>260 261</sup> e apresentava variantes importantes daqueles espetáculos instrutivos de outrora.

Estas mudanças de hábitos, no entanto, não pareciam atrapalhar os planos daqueles que queriam investir na construção de Teatro. No mesmo ano de 1884, um comendador, o Sr. Malvino Reis, solicitara à câmara municipal a concessão de um terreno para a edificação de um Teatro, sendo solicitado pela imprensa que a municipalidade abraçasse a ideia, que segundo o noticiante era um grande empreendimento e de utilidade geral<sup>262</sup>.

Não é possível afirmar pelas fontes se de fato o terreno foi concedido pela câmara, tampouco se o empreendimento partiu de Malvino Reis, mas fato é que ao final de 1884 um novo Teatro havia se estabelecido na cidade, assim como havia sido organizado um Prado, ambas as iniciativas de hóspedes<sup>263</sup>, que possivelmente habitavam na corte.

[...] homens dinheirosos, [...] empreendedores, capazes de muito fazerem se tanto quiserem, Petrópolis neles vê amigos que não trepidaram em proporcionar-lhe os meios de sua florescência. Ao terminar-se a quadra calmosa e operar-se a retirada no princípio do inverno passado, foram lembrados dois melhoramentos para esta cidade – a construção de um teatro e a organização de um Prado. Essa lembrança foi devida a hóspedes que por nós se interessavam e a aplaudimos – porque não negamos aplausos a quanto se refira ao engrandecimento local. Hoje, porém, em vésperas provavelmente de tomar corpo aquele projeto, nos é imposto o dever de lembrar uma outra necessidade mais urgente, e para a qual podem convergir com maior vantagem os capitães a despender-se com um teatro e um Prado. Referimo-nos ao estabelecimento de um asilo-escola –

<sup>260</sup> Trata-se de uma companhia de ventriloquia apresentada por *Baptista e seus bonecos*, que inclusive já havia estado em Petrópolis no ano anterior.

<sup>261</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>262</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>263</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 95, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

de acordo com ideias que já nestas colunas externamos e que mereceram o apoio de uma parte da nossa imprensa. Muito mais aproveitado será de certo o dinheiro aplicado a esse fim, porque proporcionará ele o bem-estar de muitos e chamará o louvor de todos. [...] <sup>264</sup>

Torna-se evidente a importância que esses dois empreendimentos tinham para o engrandecimento da cidade, de acordo com o cronista. Ainda assim, essa fonte reitera a percepção de que sob a ótica da complexidade das relações sociais de uma Petrópolis que buscava seu engrandecimento moral, outras urgências eram impostas para tal, como é o caso do asilo-escola. E desta maneira ocorria em todos os espaços de sociabilidade que aqui pretendemos elencar.

Ademais, em uma cidade que usava seus divertimentos — mas não apenas eles — a fim de contribuir em seu ideário de civilidade, outro fator nos leva à reflexão. Ao se tratar de um divertimento tido como de grande potencial moralizador e educador, os anseios de sua sociedade não se encerravam em si mesmos, sendo, muitas vezes, necessário importar elementos europeus — sobretudo franceses — para a sua conformação.

Sob essa perspectiva, essa importação ocorria de duas maneiras: por meio de uma investida em aproximação e pela circulação de notícias do exterior. Exemplificamos a primeira possibilidade não com o teatro francês, mas com o português. Trata-se de uma iniciativa dos proprietários do Theatro da Floresta, os Srs. Pacheco & Sá, e da companhia dramática dos Srs. Mario e Pestana, em benefício das vítimas do incêndio no Theatro Baquet, na cidade do Porto <sup>265</sup>.

O espetáculo, que contou com a presença de *Suas Altezas Imperiais* e do Sr. Ministro de Portugal, e cuja companhia e orquestra atuaram gratuitamente, não teve grande público em razão da copiosa chuva <sup>266</sup>. Ainda assim, a data do evento nos parece significativa ao considerarmos a atenção dada pelos petropolitanos àquela tragédia: 19 de abril de 1888, momento situado entre duas datas memoráveis, que concentravam grande parte dos benefícios realizados — a emancipação dos escravizados, em 1º de abril, e a abolição legal da escravidão, em 13 de maio.

---

<sup>264</sup> *Ibid.*

<sup>265</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>266</sup> *Ibid.*

Dividir as atenções entre esses acontecimentos e o episódio do Porto evidencia a preocupação dos proprietários locais em manter-se em consonância com o que ocorria em outras partes do mundo<sup>267</sup>.

**Figura 14** - Anúncio de festas artísticas em benefício das vítimas sobreviventes de Teatro Baquet, do Porto



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Já no que se refere à circulação de notícias, a tentativa de aproximação se dá de maneira mais objetiva já que o jornal contava com uma seção intitulada *Exterior*,

<sup>267</sup> Posteriormente, seria publicado na edição do dia 14 de julho de 1888 do Mercantil (número 51 daquele ano) o documento de prestação de contas daquele benefício. A pedido do proprietário Sr. Manoel Alípio Rodrigues de Sá, constava no documento a informação sobre a quantia de cento e quarenta e quatro mil réis, entregues à Associação Comercial do Porto no dia 12 de junho de 1888.

apresentando o que seria a *Correspondência do Mercantil*. Neste espaço era comum que as notícias dedicassem protagonismo aos espetáculos parisienses<sup>268</sup>.

Em um dos casos o correspondente assistiu a um ensaio das festas que comemorariam o segundo centenário da Comédia Francesa, indicando detalhes daquele evento:

Tive a fortuna de assistir ao primeiro ensaio dessas festas suntuosas que duraram 9 dias. A representação foi digna desse grande aniversário e da ilustre companhia dramática. A casa de Molière (outro nome que se dá geralmente à *Comédia Francesa*) parecia digna, nessa noite, do grande cômico que, como é sabido era filho de um tapeceiro de Luiz XIII e Luiz XIV. Havia profusão de tapetes, tapeçarias, veludos, tecidos ricos e estopas de subido preço. Uma tenda elegante precedia o pórtico, e oferecia abrigo às pessoas que desciam do carro. Dentro, o vestíbulo, as escadarias, os corredores estavam transformados em verdadeiras estufas que mil plantas preciosas ostentavam as suas folhas exóticas. Na sala achavam-se todas as celebridades parisienses, começando por Victor Hugo, em cujo camarote estava o Dr. Nery, e acabando pelo poeta François Coppée, que compôs uma peça de versos de circunstância, recitada pelo decano da companhia, o ilustre ator Got<sup>269</sup>.

O correspondente, além disso, concluiu sua notícia abordando sobre como teria sido aquele inverno em Paris, refletindo sobre os hábitos dos franceses e seus divertimentos.

Neste ano não tivemos outono, mas sim um tórrido e prematuro inverno com acompanhamento de neve, chuva, saraiva e o mais. Nem por isso deixa de ser muito brilhante a estação. Nos teatros apinha-se a multidão sedenta de aplaudir os mais festejados autores dramáticos; aos concertos dos domingos, os diletantes não se cansam de ouvir as obras primas de Mozart, Beethoven, Gounod, Massenet e Saint-Sains. As corridas de cavalos tem os seus fregueses. Em suma todos os prazeres estabeleceram-se aqui por quatro ou cinco meses. Os franceses, com efeito, só divertem-se no inverno: é a estação dos bailes, saraus, teatros, concertos e mais folguedos. No verão, retiram-se para o campo, onde permanecem até o outono. Agora aparecem as novas modas, decidem-se os novos *spots* que, tem de reinar. [...] <sup>270</sup>

Destarte, buscamos apresentar alguns elementos que refletissem sobre o papel moralizador do teatro e suas implicações na sociabilidade petropolitana, tendo

<sup>268</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>269</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>270</sup> *Ibid.*

em vista a importância desses divertimentos, a partir de diferentes fatores. Naquele período, contudo, mais do que meramente simbólico, o teatro se fazia presente na sociedade petropolitana, com seus espaços e manifestações que refletiam os valores sociais que estavam em disputa. Portanto, focaremos agora em uma análise deste divertimento sob a ótica de seus espaços e seus espetáculos, buscando compreender um divertimento que, ao passo que buscava se aproximar do modelo europeu – e até mesmo da própria cidade do Rio de Janeiro – também precisava lidar com as complexidades locais.

Neste sentido, a presença da família imperial na cidade, poderia ser mais um elemento que contribuiria para a conformação daqueles espaços. De acordo com Marzano (2010), ao analisar a relação da chegada da família imperial na corte com seus usos sociais e políticos, sua instalação “não só aumentou a preocupação das autoridades com o bom comportamento nos teatros, como gerou a necessidade de obtenção de recursos para a construção de edifícios maiores e mais requintados” (p. 101). Não tivemos acesso a fontes que reverberem tal influência, mas não podemos deixar de apontar a possibilidade de ter sido um ponto importante também em Petrópolis, em vista de sua influência e ingerência sobre os divertimentos locais. Vamos, portanto, a esses empreendimentos.

Assim como nos bailes de carnaval, dois empreendimentos contaram com protagonismo no teatro: o Hotel Bragança e o Theatro da Floresta. Ainda assim, durante o período estudado foram encontrados relatos de outros empreendimentos, que passavam desde “theatrinhos” de colégios, como o do Colégio Paixão<sup>271</sup> e do Colégio São José<sup>272</sup>, servindo sobretudo para espetáculos dramáticos e outros festejos colegiais; a teatros como o Theatro Alencar, em Cascatinha<sup>273</sup> e o Theatro Petropolitano, que teve sua última notícia em 23 de dezembro de 1876<sup>274</sup>, tendo suas atividades encerradas ao ser substituído por uma mercearia<sup>275</sup>.

---

<sup>271</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>272</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>273</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>274</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>275</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Apesar da importância atribuída ao Teatro naquele contexto, nem todo espaço voltado às encenações era automaticamente reconhecido como tal. A depender da conformação em torno desses estabelecimentos — como tamanho, localização ou função — era comum que fossem designados apenas como *theatrinhos*, apresentando hierarquia entre eles. Era o caso, por exemplo, dos *theatrinhos escolares*. Segundo Marzano (2010, p. 118), a existência desses estabelecimentos “reforça a ideia de que o universo teatral era muito mais amplo que as casas de espetáculos propriamente ditas, e por isso mesmo capaz de atingir segmentos sociais muito diversificados.”

Devido à escassez de relatos sobre o Theatro Alencar, apesar de a data de sua aparição ser do ano seguinte à notícia da construção de um novo empreendimento, não é possível confirmar se era este o Teatro de propriedade do Comendador Malvino Reis, do qual falamos antes, mas nos interessa o fato de ter sido, segundo indícios, o único Teatro construído distante do Palácio Imperial, de maneira a ser necessário que o anúncio de seu espetáculo também noticiasse o horário dos bondes que saíam de Petrópolis<sup>276</sup>.

**Figura 15** - Anúncio de programação no Theatro Alencar



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

<sup>276</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Esta, contudo, foi a única aparição deste Teatro nas páginas do Mercantil. Não é possível saber se a distância do Palácio Imperial foi um impeditivo para sua continuidade, ou se o Teatro continuou a existir ainda que não fosse retratado naquele periódico. Além disso, o nome *Au-Piquenique* que também consta no anúncio já havia sido retratado em anúncios anteriores como um novo estabelecimento, inaugurado em 7 de dezembro de 1884<sup>277</sup>, indicando-nos a possibilidade de o Theatro Alencar estar inserido nesta propriedade.

Apesar disso, não foi relatado mais nenhum espetáculo dramático neste estabelecimento que sediou, dentre outras, uma festa para a chegada de membros da família imperial com “gelo, sorvetes, gelados, *lunch*”<sup>278</sup> e uma “grande quermesse [...] em favor da emancipação do elemento servil”<sup>279</sup>, com a presença uma banda de música.

A realização da quermesse em favor da emancipação do elemento servil, apesar da ausência de espetáculos dramáticos, reforça como espaços como esse podiam ser mobilizados também para causas sociais de grande alcance. Mesmo sem a indicação de espetáculos, o local foi acionado como palco de práticas alinhadas a discursos de progresso e civilidade.

O estabelecimento, que após alguns meses de inatividade contou com uma reabertura em novembro de 1885, era anunciado como um botequim “único em seu gênero na cidade”<sup>280</sup>, contando com “jogos, tiro ao alvo, trapézios, balanços, jogos infantis, etc. [...]”<sup>281</sup>. Seu diretor-proprietário, o Sr. Tancredo Cezar da Silva Ribeiro (1885, 92) – e não Malvino Reis – já havia sido responsável pela inauguração de uma linha de carros que ia de Petrópolis a Cascatinha, e vice-versa<sup>282</sup>, apresentando-nos de maneira indireta a importância de seu estabelecimento também para o engrandecimento daquela região.

---

<sup>277</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 92, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>278</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>279</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>280</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>281</sup> *Ibid.*

<sup>282</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Fato é que somente cerca de um mês depois, surge em Petrópolis uma Companhia Dramática que também levava o nome de *Alencar*<sup>283</sup> – possivelmente em ambos os casos, uma homenagem ao romancista José de Alencar – mas que já se apresentaria no renomado Theatro da Floresta. Ao que tudo indica, trata-se de uma coincidência, tendo em vista indícios notados em fontes posteriores, onde os anunciantes se dirigiam ao público petropolitano com afastamento comum das companhias exteriores<sup>284</sup>.

**Figura 16** - Anúncio de espetáculo de comédia da Companhia dramática Alencar, no Theatro da Floresta



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1885. Disponível em:

<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

O Theatro Petropolitano, por sua vez, antes de ser encerrado e ter sua última aparição em dezembro de 1876, era considerado nas notícias como o “theatro desta

<sup>283</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>284</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

cidade”<sup>285</sup>, apresentando a sua importância naquele período, sobretudo porque o Theatro do Hotel de Bragança já existia, embora ainda chamado no diminutivo: como “theatrinho do Hotel de Bragança”<sup>286</sup>.

Ainda assim, em seus últimos anos, ao passo que o “theatrinho” se dedicava sobretudo a espetáculos de amadores<sup>287</sup> e sociedades locais de menor repercussão<sup>288</sup>; era o Theatro Petropolitano o responsável por levar a Petrópolis as maiores novidades, como a “representação de um grande Poliorama iluminado com gás hidrogênio”<sup>289</sup>, divertimento que segundo anunciava-se, ainda não havia sido exposto em nenhuma parte do Brasil<sup>290</sup>; uma companhia lírica francesa<sup>291</sup>; artistas de sucesso na corte<sup>292</sup>; entre outras.

---

<sup>285</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>286</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 76, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>287</sup> Ibid.

<sup>288</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 34, n.p., 1877. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

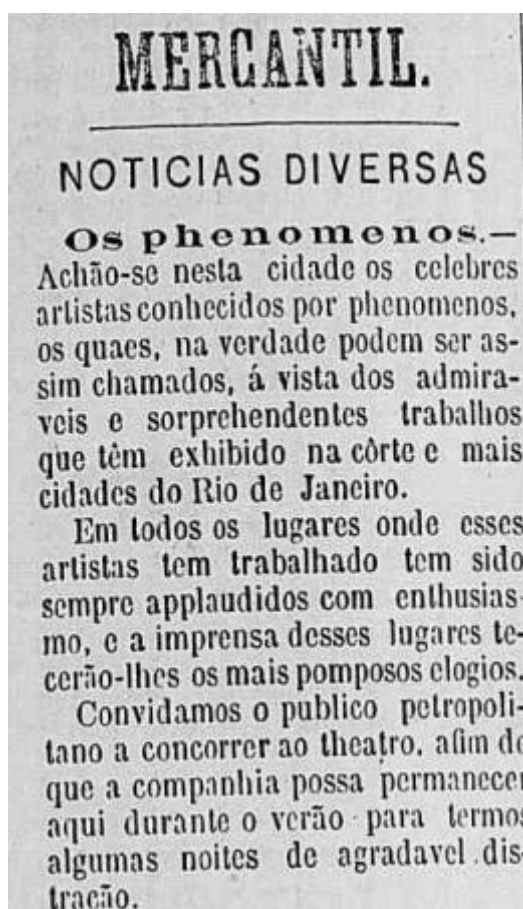
<sup>289</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>290</sup> Ibid.

<sup>291</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>292</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Figura 17 - Notícia sobre a presença da companhia "Os phenomenos" em Petrópolis



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

**Figura 18** - Anúncio de um Poliorama no Theatro Petropolitano

**THEATRO PETROPOLITANO.**

**GRANDE NOVIDADE**

**Domingo 9 de Janeiro de 1876**

Representação de um grande Polyorama illuminado com gaz hydro-oxygenio

**LUZ QUASI QUE IGUAL A DO SOL**

Vistas dissolventes Chromatropos.  
Estatuas, Monumentos e outras vistas da altura de 4 a 5 metros.

PREÇOS

Camarotes, primeira ordem . . . . .	5\$000
Camarotes, segunda ordem . . . . .	8\$000
Cadeiras . . . . .	2\$000
Geraes . . . . .	1\$000
Os meninos até 10 annos . . . . .	500

Principiará ás 8 horas.

N. B. O abaixo assignado noticia ao respeitavel publico que este genero de divertimento, ainda não foi exposto em parte alguma do Brazil, por isso espera a concurrencia e animação do mesmo publico.

*Frederico Cornelsen.*

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Com o fim do Theatro Petropolitano, o então “theatrinho” do Hotel de Bragança ascende à posição de um “Theatro”, assim finalmente chamado em 1879<sup>293</sup>, quando torna-se o principal Teatro da cidade, posto que em alguns momentos passaria a dividir com o Theatro Floresta, a partir de sua inauguração no final do ano seguinte<sup>294</sup>, e em outros perderia para este mesmo Teatro, voltando a ser coadjuvante.

Assim, a presença de dois Teatros na cidade, como nos tempos do Theatro Petropolitano, culmina nas contradições aqui já apontadas, que ocorriam também enquanto disputas. Os primeiros dias desde a inauguração do Theatro da Floresta indicam que após ter sua inauguração no dia 18 de dezembro, com a presença de

<sup>293</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>294</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

uma sociedade dramática alemã e de duas bandas marciais, além de um baile<sup>295</sup>; esse Teatro logo receberia sua primeira companhia de fora da cidade: a *Grande Companhia Dramática Empreza Ribeiro Guimarães*. Assim foi anunciada uma de suas peças, que mais bem foi avaliada<sup>296</sup>:

Subirá a cena pela primeira vez nesta cidade o sublime drama de grande espetáculo, e de grande moralidade, único neste gênero; e que tem sido sempre aceito como um dos melhores do repertório francês – FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE<sup>297</sup>.

A presença desta companhia, no entanto, contou com dificuldades em sua relação com o proprietário, Augusto Rougemond<sup>298</sup>, após receber algumas críticas de Simpson, autor de um *Folhetim* do Mercantil, que após elogiar a sociedade alemã que foi responsável por inaugurar o novo Teatro, foi mais duro com a Companhia:

No dia seguinte tivemos a estreia da companhia dramática do artista Ribeiro Guimarães [...] O desempenho foi bom, os artistas muito agradaram, mas o ponto estava muito desafinado e muito comprometedor. No *Médico à força* é força confessar que o Sr. Leandro, talvez impressionado com os amores que lhe roubaram o tempo, nada sabia do seu papel, o que foi duplamente censurável, primeiro porque tratava-se de uma estreia, segundo porque sacrificou algumas boas situações da comédia. Infelizmente na quinta-feira não tivemos um drama *suculento*; uma das boas obras francesas, escoimada inteiramente de qualquer alusão pouco edificante; a trovada como que se guardava para causar aos leitores e a mim esta grande decepção.<sup>299</sup>

Da mesma forma, não mais como Folhetim, mas como notícia, o jornal apresenta um relato sobre a presença daquela companhia, de maneira mais conformada, mas sem deixar de indicar sua responsabilidade e da população petropolitana:

O desempenho foi o que se deverá esperar da empresa; [...] A sala estava vazia; parece que Petrópolis, envolvido em [...] túnica de egoísmo, foge de auxiliar esses trabalhadores do progresso, que por seu lado, também concorrem para aumento do lugar [...]. É de esperar, pois, que mais

<sup>295</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>296</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>297</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>298</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>299</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 92, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

animação obtenha a empresa em seus futuros espetáculos, e a aconselhamos que comece-os mais cedo, para que cedo ainda estejam terminados, e com isto muito melhorará o estado *bureau*.<sup>300</sup>

Entre críticas e responsabilidades sobre a companhia, surgiram ataques à organização do Theatro da Floresta – um conflito que, naquele momento, girava em torno de prestígio e influência, justamente quando o Theatro do Hotel Bragança perdia espaço, como mostra a notícia:

A companhia dramática, dirigida pelo artista Ribeiro Guimarães, passa a dar os seus espetáculos no Theatro do Hotel Bragança, visto ser-lhe impossível continuar a funcionar no Theatro da Floresta pelas exigências que lhe eram feitas. O distinto cavalheiro, proprietário do Hotel Bragança prestou-se da melhor vontade a servir ao Sr. Guimarães em ocasião tão crítica.<sup>301</sup>

Não é possível definir quais eram as exigências feitas no Theatro da Floresta para que fosse necessária essa modificação com tão pouco tempo de funcionamento. Esta mudança, contudo, nos ajuda a indicar uma disputa que estaria presente até, pelo menos, os anos finais de nosso recorte temporal.

Essa disputa, como indicamos, não se dava – salvo exceções – de maneira objetiva, mas através de tensões culturais e sociais que extenuavam os interesses destes estabelecimentos. Por isso, ressaltamos o fato de que nesse momento estamos falando de seus usos enquanto teatros, mas que dada a variedade de suas atividades, sabemos que não se encerravam ali.

Essa compreensão se faz evidente sobretudo ao tratarmos do Theatro do Hotel Bragança, que após ser elevado de um “theatrinho” para um “Theatro”, não deixava de contemplar outros divertimentos como os bailes em seu salão e, evidentemente, as hospedagens enquanto hotel. Era, acima de tudo, um hotel, que contava em suas instalações com um salão e um teatro dedicados aos divertimentos de seus hóspedes e da população petropolitana.

Por essa variedade, esse estabelecimento esteve presente de maneira importante em todo o período a que dedicamos a presente pesquisa e, também por

<sup>300</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>301</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

isso, figurou em um quadro do Mercantil apresentado nos anos de 1878 e 1879, onde eram apresentados os *estabelecimentos úteis* de Petrópolis. Tratava-se de uma iniciativa do periódico com o fim de “tornar conhecida [por] seus melhoramentos esta cidade”<sup>302</sup>. Segundo o autor:

Atendendo a que nos achamos [em] um ponto central, embora hoje [não] muito longe da corte, graças [ao] encurtamento de distâncias, Petrópolis torna-se uma das cidades [...] mais adiantadas, ao menos, estabelecendo proporções, uma das [que] mais se têm avantajado. Felizmente conta ela hoje alguns estabelecimentos que oferecem ao [viajante] motivos de dizer que – não [temos] uma população morta e que [...] recanto do Brasil [...] – reconhece-se a força de [uma] geração nova educada nos princípios da prática de uma família velha<sup>303</sup>.

Assim, se a alguns estabelecimentos foram feitas as honras de ali estarem presentes por sua dedicação aos habitantes de Petrópolis, como o Colégio Paixão<sup>304</sup>, o Asilo Santa Isabel<sup>305</sup>, e a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo<sup>306</sup>, os hotéis não poderiam deixar de se fazer presentes, tendo em vista o contexto de vilegiatura no qual Petrópolis se incorporava, sendo lembrados os hotéis *Beresford*<sup>307</sup>, o Hotel Inglês<sup>308</sup> e, evidentemente o Hotel de Bragança<sup>309</sup>, sobre o qual iremos nos debruçar.

Embora o artigo não enfatize seu uso para baile e teatro, não deixou de mencioná-lo, ao analisar os aposentos daquele hotel:

Visitando-com a avidez da curiosidade e a calma do observador, não perdendo de vista a mínima parte daquele grande todo, confessamo-lo – a admiração era substituída pela surpresa, o encanto vinha após o enlevo, e pela mente nos passavam as recordações do antigo hotel de Bragança e víamo-las corridas de vergonha se afastarem para darem lugar ao que presentemente é. Não ficou recanto da casa que por nós não fosse examinado; e essa casa é vasta, e essa casa contém cerca de oitenta

<sup>302</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 94, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>303</sup> *Ibid.*

<sup>304</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 94, n.p., 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>305</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 96, n.p., 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>306</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 05, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>307</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 100, n.p., 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>308</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>309</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

apartamentos e tem acomodações espaçosas e em tudo *confortáveis* para duzentas pessoas. [...] Vimos os belos aposentos, as salas luxuosamente guarnecidas, o salão de jantar – digno de um ledor de Brillat-Savarin, – o jardim que está com ele em comunicação, o salão de baile e o palco aí levantado [...].<sup>310</sup>

Ao que nos indica esse relato, era possivelmente o Hotel de Bragança um dos mais tradicionais hotéis da cidade de Petrópolis. Assim, embora tenha passado por uma má administração, estaria naquele momento “na plana dos primeiros estabelecimentos deste gênero”<sup>311</sup>, por consequência da administração de seu proprietário, o Sr. Campos. Assim, com sua destacada importância para a “utilidade” dos estabelecimentos em Petrópolis, os divertimentos como os bailes e os teatros passavam a ser também notabilizados com o mesmo fim.

Outro indício importante que nos apresenta essa fonte é a de que o então Theatro do Hotel de Bragança não havia sido construído inicialmente com esse fim, mas teria o seu palco sido levantado posteriormente, indicando uma possível inferioridade de seu teatro se comparado ao anterior Theatro Petropolitano e ao novo Theatro Floresta. Essa desvantagem, no entanto, não tirava sua importância, mas visava contribuir para que os divertimentos petropolitanos contassem com cada vez maior concorrência.

A presença de dois teatros naquele período não necessariamente estaria de acordo com as demandas de sua população, ainda diminuta, mas visava apresentar uma cidade que andava em consonância com a noção de engrandecimento por meio de seus úteis estabelecimentos. Ao final do ano de 1883, uma notícia do Mercantil apresenta essa questão ao apresentar a chegada de duas companhias da corte para o início do ano seguinte<sup>312</sup> de forma que o noticiante fizesse “votos [...] para que combinem-se os respectivos diretores de modo a não se sujeitarem aos prejuízos resultantes da estada de duas companhias trabalhando simultaneamente em uma cidade do interior”<sup>313</sup>.

---

<sup>310</sup> *Ibid.*

<sup>311</sup> *Ibid.*

<sup>312</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>313</sup> *Ibid.*

Deste modo, já com o retorno do funcionamento de dois teatros principais na cidade a partir da inauguração do Theatro da Floresta em 1880, indicamos algumas características de seus usos. Salientamos que, como apresentado anteriormente, outras iniciativas estiveram presentes naquele período, mas que não foram retratadas em nossas fontes com a mesma importância; da mesma forma, as disputas aqui apresentadas refletem na maneira pela qual os usos dos dois teatros em que nos debruçaremos agora eram notados.

De modo geral, o Theatro da Floresta foi mais noticiado em comparação ao Theatro do Hotel Bragança desde sua inauguração, até chegar ao protagonismo de suas ações no ano de 1888 sob a ótica da emancipação dos escravizados. Assim, a partir de sua inauguração com a presença de uma sociedade dramática local<sup>314</sup>, seguido de apresentações de uma companhia exterior à Petrópolis<sup>315</sup>, diferentes foram os espetáculos apresentados naquele estabelecimento.

Já no ano seguinte à inauguração, após o citado imbróglio que culminou na saída da companhia de Ribeiro Guimarães<sup>316</sup>, diversos espetáculos ocorreram no Theatro da Floresta<sup>317</sup> com destaque às apresentações de uma sociedade dramática alemã de Petrópolis, em homenagem ao então Imperador da Alemanha<sup>318</sup>.

---

<sup>314</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>315</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>316</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>317</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 69, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 71, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 92, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>318</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 19** - Anúncio de apresentação teatral em homenagem ao Imperador da Alemanha



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Esta apresentação exemplifica uma característica daqueles espetáculos, marcados também por apresentações musicais e bailes, indicando a diversificação dos divertimentos. Além disso, apesar de o Theatro do Hotel de Bragança não ser mais comumente noticiado sob a ótica das apresentações dramáticas, o prestígio daquele estabelecimento não parecia mudar, sendo noticiado naquela mesma edição, um concerto musical que ocorreria no dia seguinte em seu Salão, contando inclusive com a presença dos imperadores<sup>319</sup>.

<sup>319</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 20** - Anúncio de concerto musical no Salão do Hotel Bragança



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Somente no ano de 1886 o estabelecimento do Hotel de Bragança volta a noticiar um espetáculo em seu Theatro, e não em seu Salão. Trata-se de um espetáculo dado pelos alunos do Colégio Paixão em benefício da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo, também contando com a presença de membros da família imperial<sup>320</sup>. Esta não foi a primeira vez que os alunos e membros do Colégio Paixão fizeram uso de um dos estabelecimentos de teatro da cidade – apesar de noticiado um teatrino em suas dependências em 1879<sup>321</sup> –, fato que também ocorrera em 1883, no Theatro da Floresta<sup>322</sup>.

<sup>320</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>321</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>322</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 90, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 21** - Anúncio de espetáculo beneficente dos alunos do Colégio Paixão no Theatro do Hotel Bragança



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Desde a inauguração do Floresta, essa foi a única fonte encontrada que noticiava o Theatro do Hotel de Bragança e seu uso para espetáculos dramáticos, o que reforça a ideia de que a demanda por dois espaços dedicados exclusivamente a esse tipo de apresentação não era alta o bastante, obrigando o hotel a diversificar seus divertimentos — como os já citados concertos e bailes, além de novidades como a ventriloquia<sup>323</sup> — todos anunciados em seu Salão, e não no Theatro.

<sup>323</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>.

Assim as fontes nos apresentam elementos de uma história do Hotel de Bragança: um estabelecimento de grande importância para o contexto de vilegiatura que Petrópolis se inseria, e de essencial variedade no trato com os divertimentos, inclusive com avanços estruturais que correspondiam a esses interesses. No entanto, especialmente no âmbito dos espetáculos dramáticos, o Theatro do Hotel de Bragança – com exceção do breve momento que foi possivelmente o único teatro em funcionamento na cidade – não conseguiu superar estabelecimentos dedicados especialmente ao teatro, mantendo-se em segundo plano para este fim, o que definitivamente não o faz menos importante para os divertimentos petropolitanos da segunda metade do século XIX.

Foi o Theatro da Floresta, portanto, o responsável por substituir o Theatro Petropolitano. Desta forma, diversos espetáculos foram noticiados desde sua inauguração, com destaque a presença de companhias importadas à Petrópolis<sup>324</sup> e, evidentemente, sua participação no âmbito das festas em favor da emancipação dos escravizados, de 1888<sup>325</sup>.

Apresentadas as questões relativas aos estabelecimentos teatrais do período e seus usos sociais, cabe agora destacar as variações observadas nos próprios espetáculos. As relações de poder não se manifestavam apenas nas hierarquias internas desses espaços ou na composição de seu público, mas também nos objetivos que orientavam as encenações. Os espetáculos serviam, portanto, à afirmação e à compreensão dos papéis sociais vigentes. É o que objetivamos apresentar a seguir.

Uma apresentação da Empresa de Ribeiro Guimarães, a mesma do imbróglio com o Theatro da Floresta, nos aponta para indícios dos interesses da imprensa no

---

digital/mercantil/376493. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>324</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 05, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>325</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

âmbito dos espetáculos teatrais que, como já apresentado anteriormente, deveriam voltar-se ao engrandecimento da sociedade petropolitana por meio de seus divertimentos.

Assim, após apresentar algumas críticas ao seu espetáculo, apresenta o anunciante: “É-nos porém, grato dizer que Ribeiro Guimarães e Anna Chaves não desmereceram de boa aceitação do público, **em que pese aos otimistas que, na corte tudo aceitam, e no interior só exigem o melhor**”<sup>326</sup>. Esta reflexão, portanto, embora tratasse especificamente de uma peça, indica uma característica importante ao tratar daqueles divertimentos. Se por um lado, uma companhia exterior à Petrópolis era importada; por outro, isso não significava que os anseios dos rigorosos petropolitanos eram atendidos.

Dessa maneira se desenhavam os espetáculos teatrais, não era possível encontrar linearidade no que se refere às críticas por parte da imprensa. As associações locais por muitas vezes eram tão celebradas como as externas; e nem sempre as companhias exteriores eram tão concorridas. Fato é, somente, que em ambos os casos o caráter beneficente era visto como a mais humanitária forma de se estabelecerem aqueles divertimentos<sup>327</sup>.

Deste modo, entre os anos de 1875 e 1888, diversas associações teatrais locais foram noticiadas nas folhas do Mercantil, como apresenta o quadro a seguir.

---

<sup>326</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1881. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>327</sup> De acordo com Santos e Melo (2014), a beneficência também contava com outras intencionalidades. Segundo os autores, em pesquisa sobre as touradas em São Paulo no final do século XIX, isso passava por necessidade de se sintonizar às necessidades públicas; atrair antigo e novo público – inclusive autoridades; além de manifestar certa vinculação a determinadas causas de cunho político (p. 60).

**Quadro 6 - Associações locais noticiadas no Mercantil (1875-1888)**

<b>ANO DE APARIÇÃO</b>	<b>ASSOCIAÇÕES LOCAIS</b>
<b>1875</b>	Sociedade Dramática Particular Amor e Arte
	Sociedade Dramática Particular Recreio da Mocidade
<b>1876</b>	Sociedade Particular Quinze de Outubro
	Sociedade Dramática Particular Recreio da Mocidade
	Congresso Dramático Particular João Caetano
<b>1877</b>	Sociedade Dramática Particular Quinze de Outubro
<b>1879</b>	Congresso Dramático Particular João Caetano
<b>1880</b>	Congresso Philarmônico Quinze de Março
	Sociedade dramática alemã - Dilettanten-Buehne Germania
<b>1881</b>	Sociedade dramática particular alemã – Dilettanten-Buehne Germania
	Congresso Philarmônico Quinze de Março
	Congresso Dramático Particular João Caetano
<b>1882</b>	Congresso Philarmônico Quinze de Março
<b>1883</b>	Congresso Philarmônico Quinze de Março
	Sociedade dramática particular alemã – Dilettanten-Buehne Germania
	Grêmio Literário Visconde do Araguaya
<b>1886</b>	Grêmio Literário – Culto à Sciencia
	Club Recreativo Victor Hugo
<b>1888</b>	Sociedade alemã – Turn-Verein Germania
	Sociedade alemã – Deustcher Saengerbund Eintracht

Fontes: **BNDigital**: Mercantil (1875-1888). Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Nota-se, a partir, de suas aparições nas folhas dos jornais, que nem sempre havia continuidade por parte destas associações. Mais uma vez, não trazemos isso como verdades, já que não foi possível encontrar outros documentos que versem sobre elas. Da mesma forma, não é possível confirmar que poderiam ser continuidade de uma associação anterior, ou até mesmo criada a partir de rompimentos internos.

Um exemplo revelador dessa dinâmica é o das sociedades alemãs que, após a soberania de uma delas até 1883, a Dilettanten-Buehne Germania, estiveram por 4

anos sem nenhuma apresentação anunciada, fato que é modificado no ano de 1888, quando duas distintas sociedades voltam a aparecer. É o caso das sociedades Turn-Verein Germania e Deustcher Saengerbund Eintracht.

Esses dados nos apresentam, mais uma vez, a complexidade no âmbito das redes de sociabilidade petropolitanas. A falta de consenso não era retratada apenas entre os proprietários dos estabelecimentos, mas por vezes isso ocorria também entre os próprios artistas locais, o que não seria diferente no que se refere àqueles colonos.

Apresentada pelas fontes com muito prestígio, sendo responsável pelo espetáculo de inauguração do Theatro Floresta, a Sociedade Dramática Particular Alemã Dilettanten-Buehne Germania<sup>328</sup>, era chamada também como somente Sociedade Dramática Alemã<sup>329</sup>, apresentando-se, portanto, como a única – ou a mais importante – sociedade dramática daqueles colonos.

Sua atuação, no entanto, contava com apoio de outros artistas e grupos artísticos de origem alemã. Assim, para o espetáculo de estreia do Theatro Floresta, foram convidados também a sociedade de canto Eintracht e a banda de música do Sr. Schaefer<sup>330</sup>, indicando – e potencializando – as redes de sociabilidade daqueles colonos, através daquele sarau dramático.

---

<sup>328</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>329</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>330</sup> *Ibid.*

**Figura 22** - Anúncio e programação de sarau dramático de sociedade dramática particular para inauguração do Theatro da Floresta



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Assim, o grande sucesso que a sociedade dramática pôde conceber naquela estreia constou na primeira página de número posterior do jornal Mercantil. Segundo o noticiante:

Os amadores esforçaram-se quanto possível por agradarem os seus convidados, sendo de notar o bom desempenho que deu ao seu papel Mme. Sieber, que foi muito feliz nessa interpretação. A noite correu agradável para os convidados que, em cada final de ato, aplaudia os esforços dos amadores, sendo no fim do drama chamado à cena o cenógrafo Sr. André Cabonfigue e vitoriosamente aplaudido pelo esplêndido cenário que pintou para o nosso teatro. Após o espetáculo, seguiu-se um animado baile que durou até a madrugada.<sup>331</sup>

<sup>331</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Tamanho sucesso naquele dia de inauguração, mais do que servir à afirmação daquela sociedade, nos ajuda a retomar à complexidade do contexto social do qual estamos tratando. Se, como já dissemos, uma companhia dramática exterior à cidade foi contratada para os espetáculos seguintes naquele teatro – a Companhia Dramática Empreza Ribeiro Guimarães<sup>332</sup> –, isso não significava necessariamente que suas apresentações seriam mais concorridas ou apreciadas do que as locais.

Além disso, apesar de possíveis disputas internas, era comum que associações locais se unissem a outras em prol de um melhor divertimento para a sociedade petropolitana. No que se refere à *Dilettanten-Buehne Germania*, isso ocorreu tanto na estreia do Theatro Floresta, quanto no momento de suas últimas aparições no Mercantil, ao se unir ao Congresso Philarmonico 15 de Março<sup>333</sup>.

Da mesma forma, a necessidade de autopromoção não se dava somente por parte das elites. Esse era também um atributo marcante de associações como a *Dilettanten-Buehne Germania*, notado pelas características de seus espetáculos e saraus dramáticos, voltados sobretudo a causas de engrandecimento local (como a inauguração do teatro) e causas patrióticas alemãs, não se envolvendo inicialmente em causas patrióticas locais, o que só ocorreria em 1888 por iniciativa de outra sociedade alemã<sup>334</sup>.

Assim, não parecia haver por parte dessa associação, o divertimento com fim em si próprio. Seus espetáculos passavam por homenagens ao então imperador alemão<sup>335</sup> e à Batalha de Sedan, de 1870<sup>336</sup>; ou contava com fins beneficentes,

---

<sup>332</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 92, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>333</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 39, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 40, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

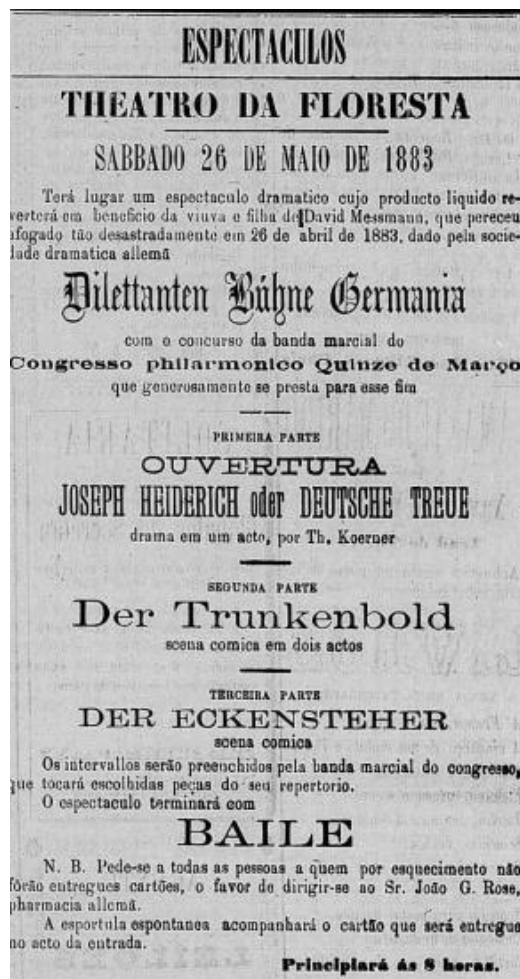
<sup>334</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 65, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>335</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>336</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

como o espetáculo de 1883, que teria seu produto líquido revertido a uma viúva e sua filha<sup>337 338</sup>.

**Figura 23** - Espetáculo dramático beneficente de sociedade dramática alemã



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 39, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Assim, ao passo que esta sociedade contribuía para o fortalecimento dos laços alemães na cidade, não deixava de autopromover-se por meio de ações humanitárias. Para tal reflexão, levamos em consideração a já citada forma pela qual

<sup>337</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 39, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>338</sup> Na mesma edição do jornal que noticiava a homenagem à Batalha de Sedan, entretanto, foi relatada uma outra iniciativa por parte de uma sociedade alemã, da qual não podemos prever se é a mesma. A iniciativa não se deu nos palcos, mas nas ruas, já que se tratava de uma passeata em homenagem à independência do Brasil. A passeata contou com a presença de uma banda de música, além de ser acompanhada por professores e alunos do colégio da comunidade evangélica de Petrópolis.

esses colonos eram colocados como trabalhadores em prol do progresso (Dias, 2016), em contraponto, por exemplo, aos “ociosos” negros escravizados da cidade.

Com o desaparecimento da Dilettanten-Buehne Germania nas folhas do Mercantil após 1883, somente em 1888 são relatadas novas associações alemãs. Naquele momento, apesar de não haver ingerência no âmbito das festas em favor da emancipação dos escravizados, foi possível notar, por parte da Deustcher Saengerbund Eintracht, mais uma vez um apelo a datas consideradas patrióticas. Dessa vez, no entanto, sua memória não se deu em prol de datas alemãs, mas somente brasileira. Tratou-se de um sarau dramático e dançante no mesmo Theatro Floresta de outrora, em festejo à Independência do Brasil<sup>339</sup>.

Esse sarau ocorreu em meio a diversos outros acontecimentos em festejo tanto à Independência, quanto à chegada dos imperadores para a sua última estação calmosa em Petrópolis durante o período imperial, tendo em vista a Proclamação da República que estava por vir. Com tantos acontecimentos, contudo, sua importância não deixou de ser ressaltada, assim sendo noticiado:

A 7, aniversário da nossa emancipação política, os festejos, consagrados a duplo fim, corresponderam devidamente às exigências, não esfriando o entusiasmo popular e tornando-se imponente a majestosa passeata cívica, que teve lugar ao anoitecer. **Como se todas essas festas não bastassem, a Saengerbund-Eintracht, sociedade composta de cidadãos alemães ou de origem alemã, festejou a 8 o aniversário da independência do Brasil, realizando um espetáculo no teatro da Floresta.** Constou o programa da função do hino da independência, cantado, da exibição de um patriótico quadro vivo alegórico e da representação das comédias [...], sendo o desempenho satisfatório. O baile, que seguiu-se ao espetáculo, prolongou-se até hora muito adiantada.<sup>340</sup>

Ao passo que o sarau desta associação marcava avanços no âmbito da relação daqueles colonos com as festas nacionais, a outra associação apresentada em 1888 – a Turn-Verein Germania<sup>341</sup> – também marcava uma nova maneira de se pensar seus espetáculos. Nesse caso, apesar da recente morte do imperador Guilherme I, que ocorrera alguns dias antes, não é possível comprovar que essa

<sup>339</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 65, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 66, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>340</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 67, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>341</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

tenha sido a ele uma homenagem, já que a notícia de sua morte havia acabado de ser anunciada<sup>342</sup>. Fato é que ali já se apresentava uma nova modalidade no âmbito dos divertimentos teatrais, com a junção de uma parte dramática e outra ginástica<sup>343</sup>, elemento esse que será trabalhado no tópico posterior.

Também notado nas folhas do Mercantil por quatro anos – dessa vez, consecutivos – esteve o Congresso Philarmônico 15 de Março. Esta associação, contudo, teve sua repercussão apresentada de maneira mais rotineira do que as alemãs e todas as outras, indicando além de seus espetáculos dramáticos, musicais e bailes, também suas reuniões para diversos fins.

Essa associação contava com, além de um corpo cênico responsável pelos saraus e espetáculos dramáticos, uma banda marcial, de forma a haver contar com participação ativa no âmbito de outros divertimentos como *soirées*, bailes e saraus dançantes. Com quantidade importante de sócios, contava com uma estrutura ampla com regimento interno, presidente e secretários, por exemplo, além de promover projetos audaciosos, como a criação de uma escola de instrução primária para os filhos de seus sócios.

Através dos indícios, podemos sugerir a origem portuguesa de seus membros, exemplificado pelo nome de seus presidentes, tesoureiros, secretários e segundos secretários – dentre eles estão Jacques Campos (presidente em 1883<sup>344</sup>), Sequeira<sup>345</sup>, Paiva Castro<sup>346</sup>, J. C. Loureiro Junior<sup>347</sup>, José Portugal<sup>348</sup> e Álvaro V. Maciel<sup>349</sup> – mas sobretudo pela importância dada pelos membros da família imperial aos eventos promovidos pela associação, como apresentaremos a seguir.

---

<sup>342</sup> *Ibid.*

<sup>343</sup> *Ibid.*

<sup>344</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>345</sup> *Ibid.*

<sup>346</sup> *Ibid.*

<sup>347</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>348</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 60, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>349</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Apesar de o primeiro anúncio de um espetáculo teatral ocorrer apenas em 1880<sup>350</sup>, o Congresso funcionava pelo menos desde 1879. No início deste ano, seus sócios já usavam as folhas do Mercantil para reivindicar o aumento da sociedade, ao passo que seu 2º secretário anunciava uma assembleia geral extraordinária a fim de “deliberarem sobre negócios relativos ao mesmo Congresso”<sup>351</sup>.

Assim, um escrito assinado por “*Alguns sócios que desejam o aumento da sociedade e tomaram nota do baile*”, apresentam no jornal a seguinte mensagem:

A diretoria é responsável, art. 42. O sócio tem direito, art. 43. O presidente tem direito, art. 44. A diretoria deve cumprir, art. 38, § 5º, para moralidade da sociedade. Pedimos o cumprimento de nossos estatutos e nada mais.<sup>352</sup>

Não se sabe exatamente se essas reivindicações foram cumpridas, tampouco se realmente eram essas as únicas. No entanto, para os fins dessa pesquisa, esse relato nos ajuda a indicar uma associação que possivelmente já contava com uma existência anterior, além de reunir uma quantidade de sócios que, no mínimo, era suficiente para que houvesse desacordos e disputas políticas internas.

A associação parecia receber, também, apoio popular por parte dos petropolitanos. No início de 1880, antes de ter seu primeiro espetáculo dramático anunciado, foi encontrada uma solicitação assinada por *Muitos apreciadores*, que pedia a repetição do drama *Escrava Andrea*<sup>353</sup>, repetição que só foi noticiada no ano seguinte, em decorrência de espetáculo dramático em festejo ao aniversário da Restauração de Portugal, de 1640<sup>354</sup>. Segundo consta na notícia:

O drama escolhido para esse festejo foi *A Escrava Andrea*, que se tornou a predileta do nosso público. Os amadores encarregados da execução do mesmo drama, apesar dos poucos ensaios que tiveram, cumpriram satisfatoriamente a sua difícil tarefa, e foram muito aplaudidos e repetidas vezes chamados à cena. [...] O teatro achava-se literalmente cheio de convidados. Nossos parabéns à diretoria do congresso, aos sócios cênicos e músicos, por mais esse triunfo que acabam de conquistar.<sup>355</sup>

<sup>350</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 54, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>351</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>352</sup> *Ibid.*

<sup>353</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>354</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>355</sup> *Ibid.*

Como apresentado, em 1880 – oito anos antes da abolição legal – o drama *A Escrava Andrea* parecia despertar grande interesse em Petrópolis, mostrando que a questão escravista estava presente na cidade também em aspectos culturais. Uma solicitação popular pediu sua repetição — atendida no ano seguinte, nas comemorações da Restauração de Portugal — o que revela o engajamento do público com temas ligados à servidão. O relato destaca o teatro lotado e a recepção calorosa aos atores, mostrando como o drama articulava a memória da escravidão e as demandas culturais locais.

Tal como as sociedades alemãs e as demais associações teatrais que a cidade pôde contar, as datas patrióticas e o caráter beneficente regiam suas ações. Neste sentido, foram encontrados, além da homenagem à Restauração de Portugal, anúncios de espetáculos em homenagem ao aniversário da Independência do Brasil nos anos de 1880<sup>356</sup>, 1881<sup>357</sup> e 1882<sup>358</sup>, além de homenagem à chegada de membros da família imperial em Petrópolis nos anos de 1881<sup>359</sup> e 1883<sup>360</sup> e ao aniversário do imperador Dom Pedro II em 1881<sup>361</sup>.

---

<sup>356</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 54, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>357</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 62, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 67, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>358</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 60, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>359</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 94, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>360</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>361</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 80, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 24** - Anúncio de sarau dramático em regozijo à chegada dos imperadores na cidade, de associação local

**CONGRESSO PHILARMONICO QUINZE DE MARÇO**  
**SARÃO DRAMATICO**  
 NO  
**THEATRO DA FLORESTA**  
**Domingo 7 de janeiro de 1883**  
 Em regozijo á chegada de SS. MM. II.  
*e honroso com a augusta presença da Família Imperial*

Depois que a respectiva banda de musica tiver executado o Hymno Nacional e uma das suas melhores Ouverturas, seguir-se-ha pelo **CORPO SCÊNICO DO CONGRESSO** a representação da magnifica comedia em 1 acto, de Alfredo de Athayde, do repertorio do actor Taborda:

**O TIO TORQUATO**

Seguinda muito espirituosa e applaudida comedia em 3 actos, de Rangel de Lima:

**Moços e Velhos**

Os intervallos serão preenchidos por escolhidas peças de musica do repertorio do Congresso.

Findo o espectáculo haverá Começará ás 8 horas.

**BAILE**

N. B. Uma comissão receberá á porta as esportulas dos Srs. convidados; e roga-se aos mesmos senhores sirvão-se apresentar o envelope que lhes for entreguo com o respectivo cartão, a fim de evitarem-se duvidas.

Em consequencia de uma conferencia que terá lugar no theatro amanhã, ao meio-dia, só das 4 horas la tarde em diante será permitida a marcação de cadeiras dos Srs. convidados.

As pessoas que involuntariamente não receberão cartão, tenho a bondade de mandar procurar na concitina do Sr. Paiva Castro, á rua do Imperador, e no hotel Oriental.

*O Presidente, Jacques Campos*  
*O Secretario, Sequencia*  
*O Thesoureiro, Paiva Castro*

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Já no âmbito da beneficência, foram anunciados espetáculos em benefícios a uma viúva em 1883<sup>362</sup>, ao passo que, talvez por sua influência frente à sociedade petropolitana, também eram recebidos recursos à sua caixa<sup>363</sup>, inclusive destinados

<sup>362</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>363</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 60, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

à construção de um espaço para a instrução primária dos filhos de seus sócios, em 1880<sup>364</sup>, que não é possível concluir se foi de fato efetivada.

Seus espetáculos também contavam com o apoio de sua própria banda musical, além de apresentar novidades, como a prestidigitação<sup>365</sup>. Por sua amplitude, outras iniciativas também ocorriam sem atrapalhar seus espetáculos, como o passeio de sua banda musical naquele mesmo 7 de setembro, a fim de tocar junto à banda dos alunos do Colégio Paixão pelas principais ruas da cidade e em frente ao edifício da câmara municipal<sup>366</sup>, fato que também ocorreria no ano seguinte<sup>367</sup>. Assim consta na notícia sobre os festejos da independência do Brasil daquele ano:

Foi brilhantemente festejada entre nós essa memorável data, tomando parte ativa no regozijo o congresso philarmonico *Quinze de Março*, os alunos do colégio Paixão e finalmente a população desta cidade tanto nacional como estrangeira. Começou o festejo pelo toque de alvorada realizada pelas bandas do *Quinze de Março* e dos alunos do Colégio Paixão; e terminou pelo animadíssimo sarau dramático-dançante promovido pelo congresso. A essa última parte do festejo concorreram para cima de uma mil pessoas e todas as autoridades convidadas, correndo ela de modo a corresponder aos desejos dos mais exigentes.<sup>368</sup>

No ano de 1883, contudo, apostou-se em outro formato de comemoração ao dia da independência do Brasil. Já sem contar com espetáculos dramáticos para este fim, o Congresso Philarmonico 15 de março teve uma participação distinta, por meio somente de uma apresentação musical de sua banda na nova estrada de ferro<sup>369</sup>. Naquele ano, o protagonismo ficou com o Grêmio Literário do Colégio Paixão, responsável pela sessão solene daquele evento que, inclusive, contribuiria

---

<sup>364</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 59, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 60, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>365</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 69, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>366</sup> *Ibid.*

<sup>367</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 67, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>368</sup> *Ibid.*

<sup>369</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

para angariar a quantia de 88\$120 réis para a liberdade de um escravizado chamado Manoel<sup>370</sup>, e ditaria os rumos daquele grêmio.

Esta mudança no âmbito daqueles festejos, no entanto, parece ter agradado a imprensa. A aproximação dos cidadãos de diferentes origens, tal como ocorria no âmbito dos divertimentos, foi exaltada, de forma a ser noticiado da seguinte maneira:

Os festejos do dia 7 de setembro foram este ano realizados em Petrópolis com esplendor sem igual, comparados com os de anos transatos. [...] **Portugueses, alemães e habitantes de todas as nacionalidades tomaram parte nesses festejos com o júbilo próprio de homens amigos**, e que sabem ser gratos ao país onde têm os seus penates e onde encontraram a hospitalidade a que tem direito o homem laborioso e que procura o pão da subsistência pelos meios lícitos e nobres<sup>371</sup>.

Com permanência semelhante à do Congresso Philarmônico 15 de Março nas edições do Mercantil, também esteve o Congresso Dramático Particular João Caetano, com aparições nos anos de 1876, 1879 e 1881<sup>372</sup>. A influência apresentada pelas duas associações, da mesma forma, contou com alguns entrelaçamentos, não só pelo breve período em que atuaram concomitantemente na cidade de Petrópolis, mas também pelo caráter de suas apresentações.

Deste modo, foi justamente no ano em que o Congresso João Caetano contou com mais aparições em nossas fontes, em 1879, o ano dos primeiros relatos do 15 de Março. Naquele momento, o João Caetano contava com atuação semelhante a este, apresentando um espetáculo em homenagem à Independência do Brasil sob a mesma lógica da beneficência em prol da liberdade de uma pessoa escravizada<sup>373</sup>. No mesmo 7 de setembro, o Congresso 15 de março, por meio de sua banda, também fazia uma apresentação em uma praça pública<sup>374</sup>, reservando a

---

<sup>370</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 69, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>371</sup> *Ibid.*

<sup>372</sup> Ressaltamos, mais uma vez, que os números do jornal Mercantil dos anos de 1876 e 1877 estiveram disponíveis em menor quantidade, o que pode ter contribuído para que relatos sobre essa associação não fossem encontrados durante esse intervalo de tempo. Essa afirmação deve ser levada em consideração, também, no trato com as outras associações e eventos desse período.

<sup>373</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 66, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>374</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

atuação de seu corpo cênico para os anos posteriores, quando o João Caetano sairia de cena.

**Figura 25** - Anúncio de espetáculo em benefício de uma liberdade de uma pessoa escravizada e em alusão ao Dia da Independência

DECLARAÇÕES

C. D. P.

JOÃO CAETANO

O espectáculo em beneficio de uma liberdade e em festejo ao dia Sete de Setembro, anniversario da Independencia, terá lugar domingo 7 de setembro de 1879, ás 8 1/2 horas da noite, subindo á scena o drama em 3 actos

AS

NODOAS DE SANGUE

e a comedia em um acto

Amores de Leôa

finalizando com um

BAILE

O congresso João Caetano, attendendo ao fim altamente humanitario do presente espectáculo, espera toda a coadjuvação do illustrado e philantropico publico desta cidade.

Petropolis, 2 de setembro de 1879. — O secretario, Luiz Campeão.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Nesta mesma perspectiva, o Congresso João Caetano também havia protagonizado outro espetáculo em homenagem à Independência em 1876<sup>375</sup>, além

<sup>375</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 69, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

de um em benefício às obras da Igreja de N. S. do Rosário que estaria sendo construída em Petrópolis<sup>376</sup>. Posterior ao 7 de setembro de 1879, ainda seriam noticiados mais dois espetáculos, ambos em festejo ao Rei de Portugal<sup>377</sup>, sendo o primeiro em benefício a uma viúva. Todas as apresentações tinham como fim ou festejos patrióticos e homenagens, ou angariar recursos para determinado fim.

Assim, embora sua apresentação não fosse noticiada exatamente por sua qualidade, inclusive sendo seus representantes tidos somente como amadores e não como artistas, exaltava-se a boa causa a que dedicavam seu espetáculo. É o que nos apresenta a seguinte notícia, acerca de sua apresentação em homenagem ao Rei de Portugal:

O congresso dramático *João Caetano* realizou o seu espetáculo anunciado, na noite de sexta-feira passada, e completou assim a boa obra que tinha em mira beneficiando a uma família desprotegida e não deixando que passasse despercebida uma data venerada pelos nossos irmãos de além-mar. Saíram-se bem os sócios de cena e **conquanto não se possa dizer que o espetáculo ocorreu otimamente**, todavia fora muito querer o querer mais, tendo em vista que se compôs ele de quatro comédias e **eram estas exibidas por amadores e não por artistas**<sup>378</sup>.

Essas apresentações, portanto, não tinham como objetivo apenas a o divertimento de seus espectadores, mais do que isso, destinava-se a enaltecer elementos de cunho moral. Assim, evidenciava-se essas iniciativas justamente por esse fim, com raríssimos relatos sobre o andamento daqueles espetáculos, de forma a indicar que iniciativas como aquelas eram mais do que um trabalho artístico, mas uma missão. O relato do espetáculo anterior, em homenagem à Independência e em benefício à liberdade de um escravizado, reitera essa compreensão. Segundo o noticiante:

O congresso dramático *João Caetano* escreveu com pena de ouro [mais] uma página de sua existência [...], traduziu plenamente os nobres sentimentos que podem [alegar-se] no coração do homem – patriotismo e o

---

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 70, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>376</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>377</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 71, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>378</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 84, n.p., 1879. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

amor do próximo. **Contentes devem estar esses homens, que tão bem compreenderam [essa] missão [...].**<sup>379</sup>

Além dessas associações, outras diversas associações locais foram noticiadas em nosso recorte temporal: por dois anos, a Sociedade Dramática Particular Recreio da Mocidade (1875 e 1876) e a Sociedade Dramática Particular Quinze de Outubro (1876 e 1877); e por somente um ano, a Sociedade Dramática Particular Amor e Arte (1875) e o Club Recreativo Victor Hugo (1886).

Tanto na primeira, quanto na segunda, o caráter beneficente também se fez presente. A Quinze de Outubro – sociedade “composta de moços empregados no comércio”<sup>380</sup> contaria com o incentivo para que suas iniciativas continuassem a ocorrer, a partir de votos por sua prosperidade por parte do noticiante, após uma “recita em benefício da Sociedade Portuguesa de Beneficência Comercial e Artística e de algumas pobres e viúvas desvalidas”<sup>381</sup>.

Embora tivesse sido essa apenas a segunda apresentação divulgada no jornal durante aquele período, foi também a última encontrada. A primeira teria ocorrido no ano anterior, em benefício à sua atriz, a sra. D. Julia, apresentada como uma artista já conhecida e apreciada pelo público petropolitano<sup>382</sup>, o que nos indica, mais uma vez, a notabilidade das relações daqueles artistas/amadores. Assim, apresentando a artista como a “dama da sociedade”<sup>383</sup>, o uso de sua figura poderia ser utilizado também como forma de promover aquela sociedade.

Já a Recreio da Mocidade, embora relatada nos anos de 1875 e 1876, teve no primeiro o seu grande protagonismo, o que indica a possibilidade de ser uma associação, embora recém-inaugurada, de grande prestígio. Foram encontrados relatos, em 1875, de seu segundo<sup>384</sup> e terceiro<sup>385</sup> espetáculos. Foi o terceiro,

---

<sup>379</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1879. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>380</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 34, n.p., 1877. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>381</sup> *Ibid.*

<sup>382</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>383</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>384</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

conquanto, o que melhor representou as características esperadas frente àqueles divertimentos. Tratou-se de um espetáculo em benefício à então recém-criada Caixa Hortícola de Petrópolis<sup>386</sup>.

Notada como uma “modesta e generosa sociedade, criada há pouco tempo e composta de moços do trabalho e empregados do comércio”<sup>387</sup>, contaria pela primeira vez, graças ao caráter beneficente de seu espetáculo, com a presença dos imperadores, além de princesa Isabel e o conde d’Eu<sup>388</sup>. A escolha da sociedade em angariar recursos para um fim de tamanho apreço resultaria, evidentemente, em exaltação àquela sociedade, trazendo seu espetáculo como primeira notícia da edição de 28 de abril daquele ano<sup>389</sup>.

Vale ressaltar que, pensar na inserção de trabalhadores do comércio em uma associação no século XIX não significa, necessariamente, que essa é uma iniciativa livre do coerções. Perrot (2017b), embora tratando de grandes fábricas da França no século XIX, aponta que a ligação de trabalhadores a associações poderia ser também uma estratégia por parte dos patrões de assegurar o controle dos trabalhadores em vista de “vantagens sociais” (n.p).

Voltando à notícia, nota-se que além de apresentar o resultado financeiro a favor da caixa e noticiar o bom acolhimento por parte do público que teria enchido o teatro, exaltava-se mais uma vez a associação, indicando a maneira pela qual outras associações deveriam seguir:

Faremos votos pela prosperidade desta sociedade, e que outras instituições que temos desta ordem nesta cidade, continuem a nos dar ocasiões de agradáveis passatempos, e **empregando-se utilmente a nossa laboriosa mocidade nesta escola de bons costumes.**<sup>390</sup>

---

<sup>385</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>386</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>387</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>388</sup> *Ibid.*

<sup>389</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>390</sup> *Ibid.* **Grifos nossos.**

A edição posterior, por fim, apresentaria uma carta assinada pelo seu secretário, Pinto, indicando, além de suas despesas e o produto em benefício da Caixa de 805\$000 réis, agradecimentos àqueles que contribuíram para aquele auxílio. Em primeiro lugar, agradeceu-se ao “ilustrado público” presente e suas ofertas; em segundo, aos proprietários do Theatro Petropolitano e da própria tipografia do Mercantil. O primeiro, teria cedido o teatro gratuitamente, enquanto o segundo, teria oferecido as impressões das circulares, bilhetes, programas, etc.<sup>391</sup>.

Iniciativas como essas por parte daqueles proprietários estariam em consonância com os tipos de divertimentos que buscavam para a cidade, precipuamente se dedicados à Caixa de uma organização que, como já apresentamos, teria forte relação com os interesses da família imperial. Antes disso, as notícias que o jornal teria dedicado sobre as apresentações daquela associação, se limitavam à sua ordem e tranquilidade e aos papéis desempenhados por aqueles amadores<sup>392</sup>, enquanto o esperado apoio para a continuidade daquela associação também não parecia ocorrer, precisando a associação fazer uma “mudança de gênero de divertimento”<sup>393</sup> no ano seguinte, antes de desaparecer das páginas de seu então apoiador.

Chegando às associações que aparecem de forma mais discreta em nossas fontes, não encontramos registros que expressem uma compreensão sobre os espetáculos teatrais daquele período. No que se refere à associação Amor e Arte, por exemplo, não foi noticiada sequer uma notícia sobre algum espetáculo e sim à sua criação<sup>394</sup>, enquanto o Club Recreativo Victor Hugo teve somente um sarau dramático e dançante noticiado<sup>395</sup>, sendo o clube, de origem operária, mais dedicado aos bailes e partidas mensais para seus sócios<sup>396</sup>.

---

<sup>391</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>392</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>393</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 36, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>394</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>395</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 46, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>396</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Ademais, mesmo com a importância dada a essas associações, sobretudo pela necessidade de apresentar espetáculos destinados a fins patrióticos e humanitários sob a ótica de um maior incentivo e exaltação, seja pela imprensa seja pela própria família imperial; iniciativas outras como a de apresentações colegiais e/ou amadores independentes também eram notadas em Petrópolis.

Em ambos os casos, não estar vinculado a uma associação não significava necessariamente contar com menos prestígio. No âmbito dos colegiais, por exemplo, eram formadas agremiações e agrupamentos com características próprias sob a perspectiva de formação de cidadãos para o futuro, destinados à arte, mas sobretudo, alinhados às práticas humanitárias as quais deveriam ser seguidas por toda a sociedade. Da mesma forma, os amadores independentes em muitos casos contavam com as mesmas vantagens das associações formadas, como a presença de comissões e o apoio da imprensa e do poder político, especialmente da família imperial.

Diferentemente das associações, contudo, só foi encontrada uma exceção à regra, isto é, apenas um dentre os relatos encontrados sobre espetáculos ponderados por amadores independentes não tinha como fim ou o festejo de datas patrióticas ou angariar benefícios para diferentes fins. Trata-se de um espetáculo terminado em baile, oferecido por homens residentes de Petrópolis que, apesar de não ter explicitado nenhum fim, teria sua entrada gratuita “para todas as pessoas decentemente trajadas”<sup>397</sup>, o que apresenta indícios sobre a participação – ou sua tentativa – de pessoas escravizadas naqueles divertimentos, restringidos por suas vestimentas, ainda que não fosse necessário pagar por essa entrada.

Frente à exceção no âmbito de seus fins, ainda que isso não significasse afastamento das hierarquias vigentes sobre aqueles divertimentos, voltemos com os relatos da “regra”.

Destarte, ressaltamos a maneira pela qual estes amadores eram notados pela imprensa, por meio de adjetivos que indicavam o cunho moral buscado pela elite petropolitana. Dentre estes adjetivos, nota-se, por exemplo o chamamento de

---

<sup>397</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 80, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

“jovens bem intencionados”<sup>398</sup>, “distintos jovens”<sup>399</sup> e “distintos amadores”<sup>400</sup>. Sua boa intenção e distinção, contudo, não parecia ser indicada por seus dotes artísticos, mas pelos objetivos finais de seus divertimentos, que seriam, respectivamente, o angariamento de recursos para a redenção de um escravizado, para atingidos por um terremoto na Espanha e, por último, para as festas locais da Semana Santa. Nos dois últimos casos, a presença dos imperadores e/ou membros da família imperial foi indicada.

A relação dos amadores locais e seus divertimentos com as elites – dentre elas a imperial, mas também a classe empreendedora da cidade – não era novidade, no entanto. Dez anos antes, em 1875, “uma escolhida plêia de moços inteligentes”<sup>401</sup> teria articulado figuras como o comendador Paulino Nunes, Ferreira da Paixão, tenente Carlos de Magalhães e Pereira Sudré (o proprietário do Mercantil) em uma comissão para recepção de princesa Isabel e o conde d’Eu, em um sarau dramático e dançante em homenagem à Independência do Brasil. Comissão similar, sem a presença de Pereira Sudré e Carlos de Magalhães, mas com a de Moreira Guimarães, teria sido formada meses antes para um espetáculo de amadores em aplauso ao aniversário de Isabel<sup>402</sup>.

No primeiro momento já exaltava-se a esplêndida iniciativa, que posteriormente seria repetida por uma “não menos esplêndida”<sup>403</sup>: a de comemoração ao aniversário da independência. Ao menos aos olhos da imprensa, foi exatamente o que aconteceu, enaltecido também por um visitante que dedicaria um artigo no *Folhetim Theatral* do periódico sobre aquele 7 de setembro.

A partir das reflexões do autor, assinado como *Um ex-hóspede do Bragança*, diversos elementos sobre aquela data na cidade de Petrópolis, por ele chamada de

---

<sup>398</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>399</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>400</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>401</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>402</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 57, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>403</sup> *Ibid.*

*Veneza Brasileira*<sup>404</sup>, puderam ser notados. Inicialmente, o visitante reflete sobre o tom patriótico da festa, surpreendido pelo fato de ser uma sociedade em sua maioria estrangeira: “Nunca julguei que numa cidade pequena, onde a maior parte da população é estrangeira, o faustoso aniversário da nossa emancipação política fosse tão brilhantemente festejado”<sup>405</sup>.

Além disso, algumas outras características podem ser indicadas a partir de seu relato, quais sejam: a valorização dos membros da comissão; a elegância do teatro e do cenário; a exaltação de membros da família imperial presentes no festejo e; por último, a qualidade teatral do espetáculo e de seus amadores. Naquele momento, tamanho apreço por parte de seus visitantes contribuíam para que cada vez mais Petrópolis pudesse ser notada como uma cidade culturalmente forte e que, por isso, mesmo fora da estação calma, pudesse receber seus visitantes.

Assim, mais do que apenas chamar aqueles visitantes para subirem a serra e passarem tempo na cidade, essas visitas poderiam atender também a outras finalidades. Em 1881, por exemplo, a partir da apresentação de um grupo de amadores, que tinha como objetivo angariar recursos para a biblioteca municipal e para a emancipação de uma escravizada<sup>406</sup>, foi feito um pedido por parte da imprensa para aqueles visitantes:

No intuito de concorrermos com o nosso contingente em favor da biblioteca municipal desta cidade, solicitamos aos Srs. livreiros do Rio de Janeiro donativos de livros para a mesma biblioteca. Igual pedido fazemos às redações das folhas diárias **e aos Srs. particulares, especialmente àqueles que nos honram com suas visitas durante a estação calma**. Estamos convencidos de que o nosso pedido não será em vão.<sup>407</sup>

Como pudemos notar, portanto, iniciativas para a formação de grupos não-associados e a conseqüente conformação de seus espetáculos também passavam por suas particularidades, ainda que não deixassem de reverberar a mesma compreensão sobre os usos sociais e políticos das outras iniciativas. Buscava-se, a

---

<sup>404</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 70, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>405</sup> Ibid.

<sup>406</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>407</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1881. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

partir dessa conformação, superar a ideia de uma Petrópolis atrasada frente aos avanços da Corte, o que não se daria livre de críticas aos seus cidadãos.

Logo no ano de 1875, a partir da reunião de amadores para celebrar o aniversário da princesa Isabel com um espetáculo, algumas dessas dificuldades foram evidenciadas.

**Apesar das dificuldades, que especialmente neste lugar, se apresentam nos divertimentos desta ordem**, já pela deficiência de senhoras que se prestem para representar e **já pela indiferença proverbial de alguns dos seus habitantes pela arte**; temos motivos para dizer que o espetáculo projetado, pelos atuais amadores, corresponderá a quanto se pode esperar de quem não é profissional.<sup>408</sup>

Aqueles amadores, contudo, com seus objetivos muito bem definidos, se alinhavam a outros atores sociais para a realização de seus humanitários divertimentos, como evidenciado em uma fonte que apresenta a realização de um espetáculo como o “resultado de esforços comuns – concorrendo alguns com o trabalho cênico e outros com as quantias necessárias para as despesas”<sup>409</sup>, ainda que não tenha sido noticiado quem eram esses “alguns” e “outros”.

Ademais, apresentadas as características centrais dos espetáculos organizados por esses amadores, quais foram os fins a que se destinaram?

Como já apresentado, apenas em um dos espetáculos encontrados, não foi notada nenhuma característica voltada a fins beneficentes ou patrióticos, em 1882<sup>410</sup>. No âmbito das festas comemorativas foram encontrados, portanto: uma homenagem ao aniversário da princesa Isabel<sup>411</sup>; uma em homenagem à Independência do Brasil<sup>412</sup>; e uma em homenagem ao rei de Portugal<sup>413</sup>.

<sup>408</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 55, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>409</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 80, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>410</sup> *Ibid.*

<sup>411</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 55, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>412</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>413</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 80, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Já no tocante à filantropia, foi notado um anúncio de ensaio de espetáculo em benefício a uma instituição beneficente não indicada<sup>414</sup>, a um “pai de família” vítima de um desastre, em que perdeu uma das mãos<sup>415</sup>; à compra de livros para a biblioteca municipal<sup>416</sup> e redenção de um cativo por duas vezes<sup>417</sup>; à favor da Irmandade do Santíssimo Sacramento em Petrópolis<sup>418</sup>; às vítimas de um terremoto na Espanha<sup>419</sup>; e às festas da Semana Santa na cidade<sup>420</sup>. Membros da família imperial tiveram sua presença noticiada em diversos desses espetáculos, como indicam os anúncios abaixo.

**Figura 26** - Anúncio de espetáculo beneficente com a presença dos imperadores



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

<sup>414</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 72, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>415</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>416</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>417</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>418</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 80, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>419</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>420</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 27** - Outro anúncio de espetáculo beneficente com a presença dos imperadores



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

No âmbito dos espetáculos organizados pelos grêmios colegiais (especialmente por iniciativa dos alunos e seus professores), embora tenham sido noticiadas ações de alunos do Colégio São José<sup>421</sup> e das alunas do Santa Isabel<sup>422</sup>, foram os do Colégio Paixão os que contaram com maior protagonismo em nossas fontes. Ora a partir de agremiação intitulada *Grêmio Literário Visconde de Araguaia*<sup>423</sup>, ora de *Grêmio Literário Culto à Ciência*<sup>424</sup>, fato é que havia certa

<sup>421</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>422</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>423</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 90, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>424</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 66, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

complexidade em suas atribuições, sendo notadas, por exemplo, dentre suas atividades, a presença de uma banda de música iniciada por aqueles estudantes<sup>425</sup>.

O Colégio Paixão contava com importante prestígio em suas atividades, assim, ao aliar tal prestígio com a necessidade de se formar cidadãos para o futuro e engrandecimento da sociedade, destacavam-se dentre aqueles divertimentos que contavam com a mesma finalidade. Como apresentado anteriormente, o Colégio Paixão foi indicado como um dos *estabelecimentos úteis* de Petrópolis, em iniciativa do jornal Mercantil de propagar empreendimentos petropolitanos sob a perspectiva de levar a população fluminense para Petrópolis.

Evidenciava-se, sobretudo, a figura do diretor, o Sr. José Ferreira da Paixão – que também foi vereador em Petrópolis – mas também dos docentes, evidenciando certo caráter filantrópico também na atuação do colégio, além da evidente busca por aproximação a um modelo funcionalista de se pensar as artes. Evidentemente, esse *modus operandi* não se revelava somente a partir das características dos divertimentos no período, mas sobretudo pelos interesses políticos do Sr. Paixão.

Um homem que procede como o Sr. Paixão bem merece de seus conterrâneos, o diretor de um estabelecimento como o de que nos ocupamos faz jus às simpatias e reclama a mais alta consideração da sociedade de que faz parte. Ele nos dá uma prova solene de que é um fiel adepto da escola que prega esta máxima sublime: – **todo o progresso nas artes, na indústria e nas ciências está especialmente dependente da difusão da instrução, sem a qual o engrandecimento e prosperidade das nações seria uma verdadeira utopia.** Nós o saudamos porque – ao enfrentarmos com o homem que trabalha pelo avantajamento das ideias as palavras que nos vêm aos lábios são – SALVE, HOMEM ÚTIL!<sup>426</sup>

Essa compreensão, contudo, não era notada somente em referência ao Colégio Paixão, de forma que mesmo nos breves relatos sobre os alunos do Colégio São José, pudesse também ser notada. Assim, em uma de suas apresentações dramáticas, ao ser noticiada pelo seu desempenho regular, foi considerada pelo

---

<sup>425</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>426</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 94, n.p., 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

noticiante como “estímulos aos meninos para o desenvolvimento de seus talentos”<sup>427</sup>, o que seria reforçado algumas edições depois:

Esses divertimentos em nada prejudicam os estudos, ou antes são de grande utilidade porque cultivam a inteligência dos jovens estudantes e preparam-nos a se apresentarem com presença de espírito, em todos os atos públicos.<sup>428</sup>

Assim, mais do que qualquer iniciativa, seja das associações locais, seja dos grupos de amadores não-associados, eram as ações dos alunos do Colégio Paixão as que mais rendiam relatos de exaltação nas folhas do Mercantil, inclusive tendo sido oferecida uma homenagem a esses alunos e seu diretor através de um *Comunicado* no periódico.

Os alunos do colégio Paixão  
 À brilhante plêia de estudantes do colégio Paixão devemos um tributo de homenagem, pela magnificência da festa que celebraram na noite de 30 do passado em honra do seu distinto diretor. Tiveram uns a ocasião de exhibir os seus talentos robustecidos e fortes pelo estudo bem distribuído, coube ao outro o ensejo de contemplar em êxtase a sua obra de preparar aqueles espíritos. E a nós que presenciámos aquele esplêndido triunfo e que sentimo-nos por algumas horas arrebatados para longe desse mundo da vulgaridade e transportados a essas outras regiões que só pelo espírito podem ser percorridas, tocou a missão de aplaudir a todos, dominados pelo mais sincero entusiasmo. A noite de quinta-feira passada foi para aqueles que estiveram no estabelecimento colegial do Sr. Paixão um espaço de tempo do qual os segundos foram contados pelos encantamentos que se reproduziam, pelas ondas de harmonia que enchiam aquele centro de vida. Viveu-se ali como poucas vezes se vive: as festas da inteligência são iluminadas por uma luz tão fulgente, que espanca as sombras da tristeza, são acompanhadas por uma harmonia tão suave em que são celebradas essas festas, o hino ouvido é sempre agradável e sonoro. Gozou-se ali como poucas vezes se goza: aquele grupo de estudantes tornou-se um foco luminoso: todos elevaram-se à altura do seu guia e no mais amistoso amplexo entoaram *hosanas* à instrução. [...] <sup>429</sup>

Os relatos no jornal não se dedicavam, evidentemente, somente à qualidade artística daqueles alunos ou à sensibilidade apresentada aos espectadores, mas se debruçavam sobre as formas pelas quais seus espetáculos se aproximavam do caráter moral que era buscado. Assim foi relatado um espetáculo que teve como

<sup>427</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>428</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>429</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 84, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

objetivo angariar recursos para a redenção de um cativo e para a construção de um monumento em homenagem a José de Alencar.

São sempre dignamente acolhidos os folguedos de uma mocidade inteligente e bem educada; **mas quando eles falam à caridade e à homenagem ao mérito, enchem de orgulho e desvanecimento os seus pais e mestres, porque prova isso que eles não semeiam em um terreno ingrato e árido.** À distinta mocidade que muito cedo começa a pôr em prática sentimentos tão grandes e filantrópicos enviamos as nossas cordiais saudações, extensivas a seus dignos pais e a seus verdadeiros mestres.<sup>430</sup>

Na mesma notícia, indicava-se também um discurso do Sr. Paixão em defesa da emancipação dos escravizados, da importância da memória de José de Alencar, além de exaltar a figura de D. Pedro II. Usou da palavra também o Sr. Luiz Arthur Detsi, em um discurso significativo sobre o processo escravista e a importância de José de Alencar, indicando o potencial moral daquela festa/espetáculo:

[...] Todas as vezes que se tratar da liberdade de um escravo, nós que pertencemos ao grupo daqueles que gravaram em seu estandarte a liberdade em todas as suas manifestações, nunca recusaremos concorrer para a restituição dos direitos indignamente usurpados, para a formação de mais um cidadão livre, para a redenção de um desgraçado dessa imensa coorte negra, que nos escurece o sol da civilização, e que é composta de mais de um milhão de réprobos, de pelicanos [...] que rasgam os seios e dilaceram as carnes, para com o seu sangue e sua vida inteira darem o sustento de nossa posição social. Também quando se trata da veneração rendida ao gênio, nós – [sic] que estudamos, que procuramos – o quanto possível – acompanhar a evolução em seus progressos, aplaudimos igualmente, com o maior respeito e entusiasmo, a homenagem que confere ao esforço humano heroico o vulto da nova liturgia universal. **E não são estes – um altamente humanitário e justo, o outro essencialmente moralizador – os dois fins desta festa?**<sup>431</sup>

Em edição posterior, seria feita uma prestação de contas daquele espetáculo, contando inclusive com apoio de Conde d'Eu, que teria complementado em 100\$ réis os recursos para a liberdade do escravizado Manoel. Pelo espetáculo, foram angariados 207\$ e divididos igualmente entre a liberdade do “escravo Manoel” e para o monumento de José de Alencar<sup>432</sup>.

<sup>430</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 92, n.p., 1883. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>431</sup> *Ibid.* **Grifos nossos**.

<sup>432</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Os objetivos de seus espetáculos e saraus, portanto, também eram distintos, passavam por homenagens à esposa do diretor, a Sra. D. Maria Augusta de Paixão<sup>433</sup> e ao diretor<sup>434</sup>, mas também àqueles colegas que, devido ao final do ano letivo retornariam à corte<sup>435</sup>. Eram, contudo, moralizadores – como não se absteve de pronunciar o Sr. Luiz Arthur Detsi – e assim eram divulgados, como no caso da notícia abaixo:

BONS PROJETOS. – Consta-nos que a generosa mocidade de que se compõe o grêmio literário *Visconde de Araguaya* pretende ir por diante na carreira de, por seus esforços, conseguir a realização de obras meritórias. Nesse louvável empenho, projeta ela **solenizar a chegada de Suas Majestades Imperiais** com um espetáculo, no qual será entregue a carta de alforria ao escravo Manoel; mais tarde dar um outro espetáculo **para as obras da nova igreja matriz**; e em seguida um terceiro, cujo produto será aplicado **à compra de armação para o nosso templo**, por ocasião da celebração dos atos da semana santa. De certo todas essas ideias serão levadas a termo, porque **a população de Petrópolis estará do lado daqueles que tanto se empenham pelo seu progresso.**<sup>436</sup>

Posteriormente, já em 1886, os alunos do Colégio Paixão também fariam parte de uma outra movimentação, dando um espetáculo dramático em benefício da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo em parceria com outras associações e diferentes formas de divertimentos, como uma matinê organizada pelo *Club Ginástico Português* e uma quermesse.

Assim, ao finalizar a notícia inicial sobre aquelas festividades com a frase “Felizes os que recebem, mais felizes os que dão!”<sup>437</sup>, evidenciava-se um indicador de um comportamento ao qual deveriam seguir todos os que quisessem propor ações de divertimentos. O dia 14 de fevereiro de 1886, portanto, passava a ser apresentado como uma das “datas memoráveis da pequena história desta cidade”<sup>438</sup>, apresentando pela primeira vez em nossas fontes a articulação de duas ou mais iniciativas no ramo dos divertimentos em prol de uma única causa, fato que

<sup>433</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 49, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>434</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 84, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>435</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>436</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1883. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>437</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>438</sup> *Ibid.*

só ocorreria novamente durante os festejos em favor da emancipação dos escravizados, em abril de 1888.

Assim, chegamos finalmente às companhias de fora de Petrópolis. A compreensão acerca da diferenciação entre estas e as locais, evidentemente, também não é linear, isto é, é possível encontrar semelhanças de seus usos sociais se comparado às associações e grupos de amadores trabalhados acima. É nisso que nos debruçaremos a seguir.

**Quadro 7** - Companhias teatrais de fora de Petrópolis noticiadas no jornal Mercantil

<b>ANO DE APARIÇÃO</b>	<b>COMPANHIAS EXTERNAS</b>
<b>1876</b>	Companhia Francesa do Cassino do Rio de Janeiro
	Os Phenomeno
<b>1880</b>	Companhia Dramática Empresa Ribeiro Guimarãe
<b>1881</b>	Companhia Dramática Empresa Ribeiro Guimarães
	Companhia Zarzuela
<b>1882</b>	Companhia Zarzuela
	Companhia dos atores Martins e Oliveira Lima
<b>1883</b>	Companhia da Família Escudero
<b>1885</b>	Grupo Artístico Fluminense
	Companhia Dramática Alencar
<b>1887</b>	Grupo lírico-dramático
	Grupo dramático, lírico e concertista do Sr. José Augusto de Lemos
<b>1888</b>	Companhia Dramática do Theatro Príncipe Imperial
	Companhia Dramática dos Srs. Mario e Pestana

Fontes: **BNDigital**: Mercantil (1875-1888). Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>.

Destarte, é preciso indicar alguns elementos importantes sobre a presença destas companhias na cidade de Petrópolis: 1) o fato de as companhias serem importadas à Petrópolis não significava que receberiam o apreço do público de

maneira mais positiva do que as associações locais, por exemplo; 2) as companhias, de maneira geral, iam à Petrópolis sob a perspectiva de fazerem uma sequência de espetáculos, sobretudo durante a estação calmosa; 3) não foi comum notar, a partir das fontes, a repetição das companhias em anos seguintes aos de suas sequências de apresentações.

Sobre esta primeira característica, no entanto, mais elementos se fazem necessários para a sua melhor compreensão. Desta maneira, ao passo que se exaltava a importância da presença das companhias sob a ótica do engrandecimento cultural da cidade, não deixava de ser notada a importância da população petropolitana no âmbito daqueles divertimentos.

Neste sentido, mais uma vez, a presença da Companhia Dramática de Ribeiro Guimarães nos ajuda a elucidar alguns pontos. Durante a sua estadia em Petrópolis entre o final do ano de 1880 e o início de 1881, essa companhia causou alguns imbróglios no ramo dos divertimentos locais. A importância dos relatos sobre esta Companhia para a compreensão de algumas características sobre seus usos sociais, portanto, se dá de maneira proporcional à importância dada a ela naquele período.

Lembremos que a Empresa de Ribeiro Guimarães foi a primeira companhia exterior à cidade a promover espetáculos no então recém-inaugurado *Theatro da Floresta*, sendo naquele momento apresentado um de seus espetáculos como uma grande novidade: um “sublime drama de grande espetáculo, e **de grande moralidade**, único neste gênero; e que tem sido sempre aceito como um dos melhores do repertório francês”<sup>439</sup>.

---

<sup>439</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 91, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

**Figura 28** - Anúncio de Companhia Dramática de Ribeiro Guimarães

**THEATRO FLORESTA**

Grande Companhia Dramatica  
EMPRESA RIBEIRO GUIMARÃES

**Grande Novidade!**

**Amanhã quinta-feira 25 do corrente**

Subirá a scena pela primeira vez nesta cidade o sublime drama de grande espectáculo, e de grande moralidade, unico neste genero; e que tem sido sempre accedido como um dos melhores do repertorio francez.

**FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE**

**Toma parte toda a companhia**

O papel da Fé será desempenhado pela distincta actriz e traductora Sra. D. Anna Chaves.

A empresa recommenda as Exms. famílias este excellent drama não só pela grande moralidade que encerra, mas, tambem pelos lindissimos lauces dramaticos que muito prendem a attenção dos illustres espectadores.

Em consequencia de ser muito extenso este espectáculo principiará as 8 1/4.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 92, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Apesar da tão buscada moralidade, no entanto, a Companhia não conseguiu bons resultados; ao passo que precisou trocar de estabelecimento devido às exigências do *Theatro da Floresta*<sup>440</sup>, o público parecia não comparecer a seus espetáculos. Naquele cenário, portanto, era momento da imprensa intervir: se é verdade que uma das apresentações anteriores não teria sido mais do que “simples e modesta”<sup>441</sup>, ou que faltasse animação por parte da empresa, que também estaria terminando seus espetáculos demasiadamente tarde<sup>442</sup>, exaltava-se a iniciativa

<sup>440</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>441</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>442</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

desta empresa, apresentando-nos mais do que como aventureiros, mas como “modestos operários do progresso”<sup>443</sup>.

O grande problema, no entanto, não estava na qualidade daqueles artistas que tinham seu desempenho notado como “o que se deve esperar da empresa” (1881, 01), já não sendo mais esperada uma grande atuação. Esperava-se, portanto, a concorrência da sociedade petropolitana. Assim, nessa mesma notícia destacava-se a maneira pela qual aqueles regulares artistas haviam sido recebidos:

A sala estava vazia; parece que Petrópolis, envolvido em grossa túnica de egoísmo, foge de auxiliar esses trabalhadores do progresso [...]. Certamente, não será sem proteção dispensada aos que chegam que Petrópolis melhorará da insipidez em que vive, nem será dispensando-se somente amabilidades ao *verão*, de quem tudo se recebe e nada se dá, que esta cidade será tida entre as mais adiantadas da província.<sup>444</sup>

A edição seguinte apresenta mais um trecho que nos possibilita refletir sobre a questão do público e sua relação com aquela companhia:

É-nos, porém, grato dizer que Ribeiro Guimarães e Anna Chaves não desmereceram da boa aceitação do público, **em que pese aos otimistas que, na corte tudo aceitam, e no interior só exigem o melhor**. A Sra. D. Anna Chaves se fosse mais parca de lágrimas no prólogo, mais teria se aproximado da verdade, e o Sr. Guimarães falando mais devagar, melhor satisfaria à plateia. [...] todos os artistas enfim envidaram todos os esforços para agradarem, e se nem sempre obtiveram resultado foi a falta devida mais às necessidades do teatro desprovido de tudo, do que do estudo e boa vontade.<sup>445</sup>

Desta maneira, o caso da Companhia de Ribeiro Guimarães evidencia o embate existente entre o ideal de progresso atribuído ao teatro e o envolvimento efetivo da população petropolitana. Se por um lado a imprensa exaltava os artistas como “operários do progresso”, por outro cobrava da sociedade local uma participação mais ativa nesses espetáculos. O que estava em jogo era a própria legitimidade da presença dessas companhias na cidade: sem público, a tão defendida moralidade do teatro permanecia apenas no plano do discurso, de forma

<sup>443</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>444</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>445</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1881. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

que nem mesmo o próprio retorno daquela companhia à cidade se confirmava, apesar dos rumores no final de 1883<sup>446</sup>.

Sob esta perspectiva, foram encontradas em diversas fontes uma espécie de impulso dedicado à participação da sociedade petropolitana, geralmente notados após uma apresentação com qualidade regular ou inferior. No ano de 1882, por exemplo, após a apresentação de uma peça considerada como pouco atrativa – apesar da boa execução por parte da Companhia Zarzuela<sup>447</sup> – exaltava-se o apoio dos espectadores, em benefício aos artistas da companhia, que já vinham merecendo a “proteção do público” sob a perspectiva de que: “aqueles que trabalham são sempre ajudados em Petrópolis”<sup>448</sup>, o evidencia um valor atribuído ao esforço e ao trabalho artístico como motivo para a solidariedade local.

Antes disso, foram notadas duas outras menções à participação do público: a primeira, sob a perspectiva de evidenciar o merecimento de aplausos “de quem quebra a monotonia” em Petrópolis<sup>449</sup>; a segunda, ao notar uma apresentação que apesar de contar com uma plateia reduzida, era também “seleta”<sup>450</sup>.

Em 1885, outro relato, desta vez já tratando da sequência de apresentações do *Grupo Artístico Fluminense*, em especial a um espetáculo em benefício às suas atrizes, a imprensa sugeria: “A população desta cidade não perderá a ocasião, que lhe vai ser proporcionada, de provar que aprecia o talento e venera a arte”<sup>451</sup>. A menção ao público no trato com essa companhia, entretanto, se deu de maneira distinta, tendo em vista que não foi colocada em dúvida a qualidade de suas atuações, também não houve dúvidas sobre a participação do público, como apresentado na notícia sobre seu último espetáculo:

---

<sup>446</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>447</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>448</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>449</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>450</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>451</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

De boca em boca circulava o elogio merecido; e entre bravos e gargalhadas eram ditos os adeuses de parte a parte. Afinal vão-se eles a recolher novos louros e alcançar triunfos novos, enquanto nos limitaremos a deles nos lembrarmos com saudade. Enfim – sejam felizes e voltem a esta cidade, é o que desejamos.<sup>452</sup>

Ao que tudo indica, a companhia não atendeu a esses desejos e não voltou, ao menos nos anos seguintes, o que indica algumas limitações importantes. Como notado, os empreendimentos nem sempre ofereciam as condições necessárias, e o público muitas das vezes era reduzido. As experiências da Companhia de Ribeiro Guimarães e a do Grupo Artístico Fluminense, cada uma à sua maneira, indicavam um cenário em que a constante renovação das companhias, poderia significar a dificuldade de se fixar um circuito que justificasse seus retornos, o que parece ter sido característico do teatro, diferentemente do circo, por exemplo, como veremos no tópico seguinte.

A segunda característica – a concentração das temporadas durante a estação calmosa – ajuda a elucidar o contexto desses espetáculos. Era nesse período, marcado pela presença da corte e parte da família imperial na cidade, que a cidade buscava se afirmar como um espaço importante para os divertimentos, sob a ótica de um engrandecimento em potencial. No entanto, sem a adesão do público a esses divertimentos, tanto o prestígio de contar com companhias de fora da cidade, quanto o discurso sobre progresso não eram suficientes.

Sendo assim, era necessário apresentar, em alguns casos, o mesmo caráter beneficente que atrairia o público nas apresentações de artistas e amadores locais, o que era dificultado pelos custos de suas viagens, estadias e “profissionalização” de seus artistas, que visavam geralmente, benefícios a si próprios. Neste sentido, portanto, só foi possível encontrar um espetáculo beneficente dentre todas as apresentações daquelas companhias – um espetáculo em benefício a uma viúva,

---

<sup>452</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

por parte do Grupo Lírico-Dramático<sup>453</sup>. A última apresentação do grupo, também chamado somente como Grupo Dramático<sup>454</sup>, foi assim noticiada:

Retirou-se desta cidade a companhia que [...] proporcionou-nos belas noites de recreio. Foram os seus trabalhos encerrados por modo a merecer-lhes sinceros encômios. A última noite de espetáculo foi consagrada a uma festa de caridade em benefício da viúva e filhos do mal-aventurado Carlos Lischt, a vítima do covarde e atroz crime perpetrado a 1 do mês passado [...]. **A população de Petrópolis acudiu louvavelmente ao apelo que lhe dirigiu a pobre família, e como que o salão da Floresta era pequeno para conter tão benfazejo povo.** Correspondendo a tal demonstração de simpatia, os artistas fizeram realçar os seus talentos; e particularmente, o Sr. Lima, ao reatar a sublime poesia *Festa e Caridade*, provocou a mais merecida e ruidosa salva de aplausos que temos visto dirigida a um artista. **Devemos registrar nestas colunas, que o nome do ator Lima ocupará um lugar distinto nas narrativas, que possam ser feitas, da bonita ação praticada pela população de Petrópolis ao amparar a viúvas e os filhos de Carlos Lischt.** <sup>455</sup>

Esse episódio nos apresenta como a adesão do público podia depender mais de elementos morais do que da própria qualidade artística, tendo havido maior mobilização por parte do público ao ser levada em consideração a comoção em torno do crime e seu caráter beneficente. Era essa, possivelmente, a busca que a imprensa já vinha fazendo ao apresentar outros “chamarizes” para que a população pudesse concorrer às apresentações, mas que – como já notado pelas associações locais – não estava em acordo com os interesses daquela sociedade.

Neste sentido, foram encontradas mais duas formas de enaltecer a boa posição de alguns dos espetáculos: a primeira, se daria pelo tradicional anúncio da presença de membros da família imperial e das elites; e a segunda, pela exaltação das companhias devido a seu sucesso na corte, como apresentam os trechos a seguir sobre, respectivamente, uma “companhia dramática nacional” sem título, a companhia *Os Phenomenos*, e a *Companhia Zarzuella*.

Os aplausos que obteve a mesma companhia na corte e nas principais cidades desta província, são as melhores recomendações que pode apresentar para merecer a animação e a concorrência do público petropolitano.<sup>456</sup>

<sup>453</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>454</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 35, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>455</sup> *Ibid.* **Grifos nossos**.

<sup>456</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Acham-se nesta cidade os célebres artistas conhecidos por *phenomenos*, os quais, na verdade podem ser assim chamados à vista dos admiráveis trabalhos que têm exibido na corte e mais cidades do Rio de Janeiro.<sup>457</sup>

Brevemente terá a honra de estrear em Petrópolis esta companhia que conta com um número de artistas escolhidos e vantajosamente conhecidos do público fluminense [...].<sup>458</sup>

Assim, tendo em vista os elementos que indicam os papéis atribuídos ao teatro, observemos agora como esses significados foram mobilizados nas apresentações que efetivamente ocorreram. Para tanto, destacamos o que aponta Marzano (2010): para a autora, o teatro no século 19 poderia atuar simultaneamente como tribuna pública, escola de costumes, espaço para ascensão social, ocasião para exibição de joias e vestidos, além de proporcionar simples diversão.

Essa complexidade e multiplicidade de papéis se refletia nas tensões entre os ideais de moralidade e progresso e as práticas culturais que se efetivavam na cidade. Diante disso, ao analisar as companhias que passaram por Petrópolis e suas apresentações, será possível perceber de que maneira tais ideias se materializaram (ou foram tensionadas) no cotidiano teatral da cidade.

No tocante ao conteúdo das apresentações, um detalhe nos interessa. Se bem já sabemos que a chegada de companhias de fora de Petrópolis não significava um divertimento de melhor qualidade, suas apresentações poderiam contar com certa variedade, ainda que impulsionada pelos diversos interesses envolvidos. Isto é, no âmbito dos espetáculos, ainda era notada a divisão entre os dramas e as comédias, em que os primeiros estariam alinhados aos preceitos morais e, conseqüentemente, demandariam mais dificuldades; enquanto os segundos, muitas das vezes eram tidos como afrontosos, sobretudo aqueles dedicados a satirizar o cotidiano petropolitano – a chamada Comédia de Costumes.

Nesse sentido, a iniciativa que mais gerou repercussão foi a do Badalo, que ocorrera durante o período de tensão que ocupava a cidade, antes da emancipação de seus escravizados. O Badalo foi uma iniciativa do Sr. Ernesto Paixão com uma peça intitulada *Revista dos acontecimentos de Petrópolis*, que contou com a

<sup>457</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>458</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

apresentação por parte da companhia dramática dirigida pelo artista Pestana. que tinha como objetivo representar pessoas conhecidas pela população petropolitana: “Episódios da nossa vida petropolitana postos em ação, eis o que é o *Badalo*”<sup>459</sup>. Esta apresentação, embora muito bem avaliada pelo noticiante intitulado Th. C., não deixou de contar com uma “violenta discussão na plateia”<sup>460</sup>, em um imbróglio que demandaria o posicionamento do autor em edição posterior.

*NÃO EDITORIAL*

*O autor do – Badalo – ao público*

Os aplausos com que foi, por uma plateia distinta e numerosa, recebida a revista – O Badalo – em sua primeira representação, dispensavam que eu me dirigisse hoje ao público, se a intriga e a calúnia, postas em campo por um indivíduo que bem conheço, e só digno do meu desprezo, não procurassem emprestar ao meu trabalho um fim que ele não tem. **Escrevendo uma comédia de costumes, o fiz não para ridicularizar a quem quer que seja, porque ninguém é, de fato, ridicularizado, porém sim para proporcionar ao público uma diversão de novo gênero.** [...] A mim não incomoda a intriga; mas sinto que algumas pessoas lhe tenham dado ouvidos e, prevenidas, não pudessem interpretar o que escrevi. [...]

Petrópolis, 25 de março de 1888.

- Ernesto José Ferreira da Paixão<sup>461</sup>

O autor, além de se explicar ao público e indicar que aquelas críticas eram desmedidas no que se refere ao fim de seu trabalho, aproveitara para anunciar que sua “revista” teria sido licenciada pelo delegado de polícia da cidade. Ao fazer isso, buscava reforçar a legitimidade de sua iniciativa diante das autoridades, em um momento marcado por tensões sociais e políticas que atravessavam a cidade às vésperas da abolição, o que causaria, evidentemente, a exposição de personalidades importantes, em uma sociedade marcada por fortes hierarquias sociais – e suas consequentes contradições.

As comédias eram notadas, também, como possibilidade de elevar a qualidade de companhias que não vinham sendo muito bem avaliadas. Assim, por não contar com a perspectiva de moralidade dos dramas, em alguns casos a comédia era tida como mais fácil e com maior possibilidade de adesão por parte do público. Foi o que ocorreu com a *Empresa de Ribeiro Guimarães*, que havia recebido críticas anteriormente por seus dramas, mas ao apresentar a comédia

<sup>459</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>460</sup> Ibid.

<sup>461</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

intitulada *Os amores de Cleópatra*, teria deixado o público satisfeito: “e os artistas como que mostraram-se mais à vontade na comédia, do que até então nos dramas”<sup>462</sup>. O mesmo teria ocorrido posteriormente com a *Companhia Dramática Alencar*, que – embora não mencionasse a comédia – contou com um conselho por parte do noticiante para que “fujam dos dramalhões, em que forçosamente perigaram, e levem à cena peças que estejam nas forças dos executantes”<sup>463</sup>.

À guisa de conclusão, notamos que a presença de companhias vindas de outras cidades em Petrópolis contribuem para entender o teatro não só como espaço de civilização e divertimento, mas também como palco das relações e tensões entre diferentes classes sociais. Mesmo contando com prestígio e expectativa, essas companhias nem sempre encontravam um público disposto a sustentar suas temporadas. As chamadas por parte da imprensa não garantiam plateia, e as críticas evidenciavam a dificuldade de se contemplar o ideário de um público instruído à realidade das práticas locais. Suas presenças, quase sempre breves e sem retornos, nos apresentam os limites de um projeto teatral associado a valores de progresso e da distinção social.

Mais do que um sinal de consolidação, essas experiências revelam uma prática teatral marcada por improvisos, tentativas e, conseqüentemente, adaptações. De acordo com Marzano (2020):

O teatro, em suas diversas formas e para além das casas de espetáculos, era uma das mais importantes opções de lazer do Rio de Janeiro no século XIX. Atraía um público variado, que tinha suas preferências e **não acatava passivamente os projetos pedagógicos e muitas vezes elitistas** de literatos que viam nos palcos a oportunidade de reformar costumes e defender grandes projetos. Era um espaço para ostentar riqueza, observar o luxo alheio e inatingível, rir sem escrúpulos e chorar sem medida. **Quando possuía camarotes e torrinhos, permitia o convívio e as trocas, reforçando e ameaçando as hierarquias a um só tempo** (p. 122. **Grifos nossos.**)

No caso de Petrópolis, para além disso, a adesão do público dependia de apoios externos – como o caráter beneficente ou a própria validação da imprensa – e os espetáculos enfrentavam disputas por atenção, tensões morais e dificuldades

<sup>462</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>463</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 03 jun. 2025.

para se fixarem no circuito petropolitano. Com isso, o teatro ocupava um lugar instável na cidade: era valorizado como símbolo de distinção, mas enfrentava os limites impostos pelas próprias contradições sociais em que se inseria.

### **3.3 As grandes novidades da estação calmosa**

O período da estação calmosa, como já apresentamos, representava o momento de maior efervescência cultural na cidade. Se divertimentos como o teatro, por exemplo, poderiam ser encontrados durante todo o ano – embora com diferenças em suas formas e conteúdos –, outros divertimentos tinham suas apresentações destinadas quase que exclusivamente a esse período, já que contavam também com exceções.

Outro fator marcante no tocante a esses divertimentos que os difere dos festejos do carnaval e o teatro, por exemplo, é o fato de não serem produzidos, de maneira geral, por artistas ou amadores locais, sendo normalmente importadas companhias e artistas de fora da cidade e até do país. Como veremos, no entanto, isso não impedia que associações e personalidades locais participassem ativamente desses divertimentos, assim como não significava que deixassem de lado as necessidades locais, sob a ótica da beneficência.

Um último fator que deve ser marcado se dá de maneira similar aos divertimentos já apresentados: a diversidade das apresentações. Isso significa que era comum, por exemplo, que apresentações do circo contassem com uma parte de seu programa destinada à espetáculos dramáticos, ou que em meio aos espetáculos de prestidigitação fossem feitas apresentações de dança. Essa diversidade, mais uma vez, nos apresenta a dificuldade de se separar os próximos tópicos – o que deverá ser feito somente para fins didáticos –, devendo ser levadas em consideração, também, as particularidades historiográficas de cada um desses divertimentos.

Como notaremos, além do entretenimento, essas novidades carregavam disputas: despertavam curiosidade e encantamento, mas também geravam desconfiança, críticas morais e questionamentos sobre sua legitimidade, muitas vezes atravessados por questões religiosas e científicas.

No presente tópico, portanto, nos debruçaremos sobre aqueles divertimentos tidos como novidades nas folhas do Mercantil, mas que não tenham sido mencionados de maneira rotineira. Destacamos, deste modo, que aqueles divertimentos mais presentes serão apresentados nos tópicos seguintes, sendo eles: o circo e a prestidigitação (ilusionismo/mágica). Quais foram, então, as outras novidades? Como eram notadas pela imprensa? E como eram recebidas pelo público? É o que buscaremos apresentar a seguir.

A chegada de novidades na cidade abria margem para que diversas opiniões fossem formadas e, portanto, para que em alguns casos se criasse uma percepção negativa em relação a elas. Por esse motivo, por exemplo, um autor de folhetim dedicou sua escrita para conscientizar a população sobre a relação da prestidigitação com os avanços científicos em contraponto a questões morais da religião cristã<sup>464</sup>, elemento que será discutido no tópico posterior. Essa reflexão, no entanto, não parecia ser consensual nem sequer entre aqueles que tinham espaço no jornal, de forma que apenas cinco anos após essa reflexão, assim fosse noticiado no jornal a chegada de um *Cosmorama*:

Em uma casa da rua do Imperador nesta cidade foi **infelizmente aberto um cosmorama**, que, com o engodo de tais sortes, é um sorvedouro do dinheiro dos incrédulos. Se tais divertimentos não fossem tolerados pela lei, pediríamos ao digno delegado de polícia que nos livrasse dessa praga que tantos prejuízos pode trazer-nos.<sup>465</sup>

Esse divertimento, “uma grande caixa, com orifícios, por onde o visitante poderia ver imagens estáticas, através de uma lente” (Oliveira, 2025, n.p), havia sido anteriormente noticiado como uma “Alta Novidade” em 1875<sup>466</sup> e também no ano anterior<sup>467</sup>.

---

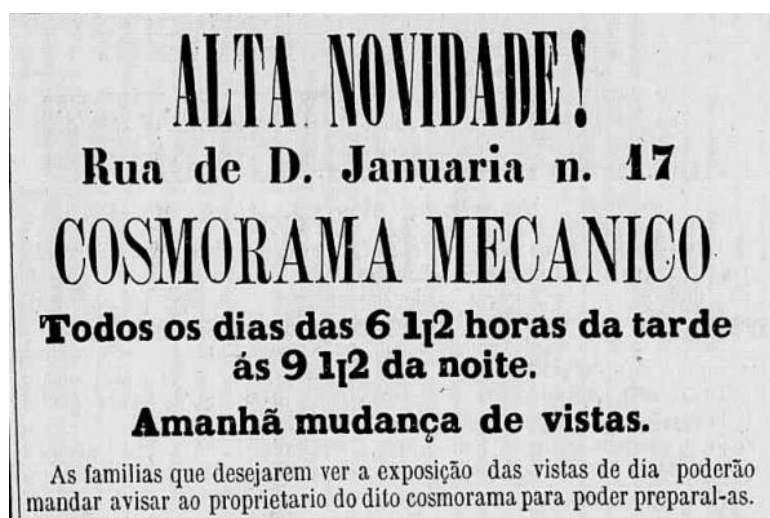
<sup>464</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 38, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>465</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>466</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>467</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 29** - Anúncio de um Cosmorama Mecânico



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Sob preceitos similares ao Cosmorama, também foram encontradas notícias de um *Polorama*<sup>468</sup> e um *Dioarama*<sup>469</sup>. O polorama, segundo Oliveira (2025, n.p.) era:

uma câmera portátil, com uma lente através da qual eram exibidas imagens de cartões impressos e pintados. Os cartões eram elaborados de forma a mudar de aparência, dependendo da incidência [da] luz e do ângulo da abertura, criando a ilusão de mudança de cena (por exemplo, de dia para noite).

No caso de Petrópolis, esse divertimento, também tido como uma grande novidade, foi apresentado no *Theatro Petropolitano* em 1876 por Frederico Cornelsen como um “gênero de divertimento [que] ainda não foi exposto em parte alguma do Brasil, por isso espera a concorrência e animação do mesmo público”<sup>470</sup>. Essa concorrência, no entanto, não foi correspondida, o que foi noticiado na edição anterior como consequência de haver “nessa mesma noite outros divertimentos mais

<sup>468</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

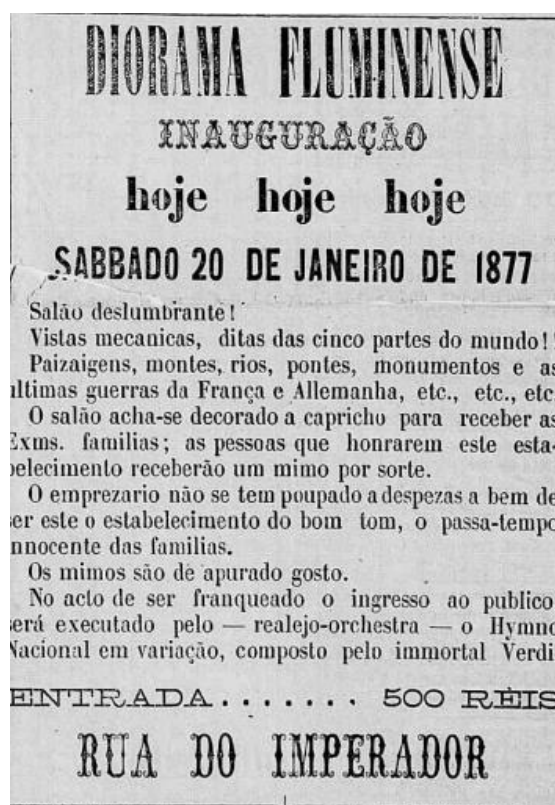
<sup>469</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1877. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>470</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

atraentes para a curiosidade do nosso público”<sup>471</sup> – o que nos parece se tratar do circo<sup>472</sup>. Ainda assim, o autor asseguraria que era “um divertimento agradável e digno de ser apreciado”<sup>473</sup>.

Já o *Diorama*, “representação tridimensional em miniatura, tal como uma maquete, que recria cenas ou paisagens, com objetos, “pessoas” e “animais”, muitas vezes em movimento (Oliveira, 2025, n.p.), foi anunciado, em 1877, em um salão na Rua do Imperador pelo valor de 500 réis, sendo recebidos aqueles que concorressem à inauguração como um mimo “de apurado gosto”<sup>474</sup>. Esse divertimento, apresentado como um “passatempo inocente das famílias”<sup>475</sup>, era parte de um conjunto de espetáculos de caráter visual, assim como o poliorama e o cosmorama.

**Figura 30** - Anúncio de um Diorama



<sup>471</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>472</sup> *Ibid.*

<sup>473</sup> *Ibid.*

<sup>474</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1877. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>475</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1877. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1877. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Não é possível saber, portanto, quais fatores levaram a uma crítica tão exacerbada ao Cosmorama em 1881; fato é que seus usos sociais estavam em consonância com as dúvidas impostas a essas novidades dentro de um contexto global, apesar de existir a possibilidade de ter havido alguma incongruência tanto nesses quanto em outros espetáculos que não tenham sido noticiados ou encontrados na presente pesquisa. Como indício, podemos compreender também a questão da sorte naquele divertimento, que pode ter contribuído para que pessoas tenham saído prejudicadas, já que em seu anúncio de 1880 dizia que “pode-se tirar por prêmio uma sorte de valor!”<sup>476</sup>.

Saindo da experiência visual para outro tipo de espetáculo sensorial, foi encontrado em nossa pesquisa, também, relatos sobre uma “máquina de falar”: o *Phonographo*<sup>477</sup>, que curiosamente dividia as atenções do público petropolitano com um Cosmorama<sup>478</sup> (*ibid*), um divertimento do *Jockey-Club*<sup>479</sup> e um espetáculo de mágica<sup>480</sup>.

---

<sup>476</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>477</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>478</sup> *Ibid*.

<sup>479</sup> *Ibid*.

<sup>480</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 31** - Anúncio de divertimento "O Phonographo"



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

O *Phonographo*, “um antepassado dos gravadores” (Oliveira, 2025, n.p.) que havia sido patenteado por Thomas Edison, assim foi noticiado pelo Mercantil:

Funciona atualmente no salão da *Floresta* a celebrizada máquina de falar, denominada *Phonographo*, **resultado da mais engenhosa e sábia combinação de um grande gênio norte-americano**. Mais de uma vez temos assistido ao trabalho dessa máquina, e se no primeiro dia de sua exibição, por motivos especiais, ela não pôde funcionar regularmente, de pronto foram reparados os inconvenientes e **hoje ela reproduz fiel e claramente a voz humana**. É digna de ser vista essa máquina de palavras, que é **uma verdadeira novidade e um alto triunfo alcançado pela ciência**. Além da exibição do *Phonographo*, **o seu expositor diverte o auditório com experiências de química que instruem e deleitam**.<sup>481</sup>

A presença do *Phonographo* no salão da Floresta, junto a outros divertimentos, mostra como os avanços tecnológicos podiam dividir espaço com os espetáculos tradicionais. Assim como o Cosmorama, o Poliorama e o Diorama, a máquina de falar também se inseria sob uma lógica sensorial – dessa vez, pelo som. O fato de reproduzir a voz humana chamava atenção, mas também gerava desconfiança, principalmente quando não funcionava de maneira adequada. Ainda assim, a imprensa destacava sua importância como novidade científica, o que

<sup>481</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

mostra como esses aparelhos precisavam se legitimar o tempo todo, tanto pela curiosidade que despertavam quanto pelos riscos de frustração de seu público.

Outro divertimento, nesse sentido, também anunciado como “um novo e surpreendente divertimento”<sup>482</sup>, e “sobretudo moral e decente”<sup>483</sup>, foi a *Cabeça de Menina*. Tratava-se de uma Cabeça contida em uma caixa em que a suposta menina “comia, bebia e falava com o espectador” – para Oliveira (2025), esse espetáculo era possivelmente resultado de algum jogo de espelhos. Essa “Esplendíssima Maravilha” era iniciativa de um professor chamado Gris d’Apremont, depois de ter feito sucesso na França, Alemanha e Itália, além da corte. Em seu primeiro anúncio, d’Apremont convidava sobretudo as famílias e diretores de colégios a levarem as crianças àquela apresentação, indicando tanto a raridade quanto o aspecto moral daquele divertimento.

---

<sup>482</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>483</sup> *Ibid.*

**Figura 32** - Anúncio de divertimento: Aparição de uma Cabeça de Menina

**EXPLENDISSIMA MARAVILHA**  
**VISIVEL TODOS OS DIAS**  
**das 6 horas da tarde ás 10 da noite.**

Nos domingos e dias santos este divertimento estará aberto das 4 horas da tarde em diante.

O professor **GRIS D'APPEMONT** tem a honra de participar ao respeitavel e illustrado publico desta cidade que apresenta á sua tão delicada apreciação a

**MARAVILHA DAS MARAVILHAS**

que tem obtido o maior successo na França, Alemanha e Italia, e ultimamente no Rio de Janeiro, onde provocou verdadeira admiração.

Este extraordinario trabalho é:

**A apparição de uma**  
**CABEÇA DE MENINA**  
 Contida n'uma caixinha  
**DE 25 CENTIMETROS QUADRADOS**  
**A QUAL**  
**COME, BEBE E FALLA COM O ESPECTADOR.**

Sendo sobretudo moral e decente este espectáculo, o professor **GRIS D'APPEMONT** conta com a valiosa protecção das excellentissimas familias e dos directores de collegios que sem nenhuma duvida, não se recusarão proporcionar á seus filhas e alumnos o prazer de um divertimento tão raro como este.

**Rua do Imperador n. 22.**  
**Entrada geral 500 réis.**

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Essa convivência entre ciência e espetáculo ajuda a entender também outros divertimentos apresentados como novidades, como a ventriloquia. Nesse caso, no entanto, a ilusão não vinha de uma máquina, mas do próprio artista – o que exigia criatividade e habilidades de outra natureza. Tanto os aparelhos quanto os ventríloquos buscavam o mesmo resultado: surpreender o público. E isso podia acontecer tanto pelo encantamento quanto pelo espanto.

A ventriloquia, também conhecida como *teatro de bonecos*, foi notada em Petrópolis nos anos de 1883, 1884 e 1886, com destaque especial aos dois primeiros, devido a estadia na cidade da Companhia de *Baptista e seus bonecos* (ou

*Theatro Automático João Minhoca*<sup>484</sup>). Segundo apontam Amaral e Dias (2024), em diálogo com Freire (2011), tratava-se de uma empresa surgida no Rio de Janeiro no início daquela década, por iniciativa de um tipógrafo chamado João Baptista Avelle, que teria trabalhado em uma companhia italiana de bonecos. Segundo os autores, tratava-se de uma companhia que teria conquistado o reconhecimento público na corte, garantindo visibilidade e lucro – “sobretudo porque a estrutura de custos desse gênero de espetáculos tendia a ser mais reduzida quando comparada a outras modalidades de teatro” (Amaral e Dias, 2024, p. 03).

Essa companhia, que fez diversas apresentações no Salão do Hotel Bragança<sup>485</sup>, foi exaltada por suas variações nos espetáculos<sup>486</sup>, buscando ser notado, além disso, como um divertimento de boa qualidade e que, portanto, pudesse ser concorrido e aplaudido também pelos adultos:

Parece impossível, mas é a verdade – o Baptista faz com que sejam aplaudidos os seus bonecos. E não são aplausos de criança os que lhes são dispensados: **os que já sabem apreciar devidamente o que é bom promovem as ovações à bonecada.**<sup>487</sup>.

Nesse sentido, embora o valor inicial fosse de 1\$000 réis para adultos e 500 réis para as crianças<sup>488</sup>, posteriormente foi padronizado em 500 réis tanto para adultos quanto para crianças<sup>489</sup>, possivelmente sob a ótica de chamar a atenção do público frente a outras possibilidades de entretenimento, o que parece ter dado certo, tendo em vista seu retorno no ano seguinte, contando com ainda mais prestígio, apesar de manter o valor padronizado de 500 réis.

<sup>484</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>485</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>486</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>487</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>488</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>489</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 33, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Assim, com o seu retorno em 1884, a companhia já era anunciada a partir da boa lembrança de sua estadia na estação anterior, refletindo também sobre a maneira pela qual era compreendida na corte:

Se os aplausos recebidos por ela na passada estação não bastassem para recomendá-la, citaríamos as palavras laudatórias que lhe foram dirigidas pelo *Jornal do Commercio* e pelos demais diários da corte, por ocasião de exhibir ela os seus maravilhosos espetáculos ali.<sup>490</sup>

A plateia da corte, ao ver o cenário do ato segundo dos *Milhões do Diabo*, embasbacou, tremeu e aplaudiu. Não faremos nós a mesma coisa?<sup>491</sup>

Essa compreensão também se fez presente ao ser anunciada a participação de um artista trágico italiano que desempenharia duas cenas dramáticas na função da companhia, ao dizer que “O jornalismo da corte e de São Paulo têm sido unânimes em tecer louvores a esse artista”<sup>492</sup>, recomendando assim a participação dos habitantes da cidade a fim de “admirar os talentos do seu visitante”<sup>493</sup>.

Com as longas passagens da companhia em Petrópolis antes de ir a Minas Gerais – como indicado na pesquisa de Amaral e Dias (2024) – portanto, foi possível encontrar mais alguns elementos que podem ser comparados a outros divertimentos estudados nessa pesquisa, tanto por semelhanças quanto por diferenças. No tocante às diferenças, foi possível notar que, em razão de não ser ainda um divertimento consolidado naquele período em Petrópolis, suas funções não buscavam angariar recursos para outras iniciativas que não fossem os benefícios próprios a seus artistas e proprietários, como no caso do promovido para a Sra. D. Maricota, esposa de Baptista<sup>494</sup>.

<sup>490</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>491</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>492</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>493</sup> *Ibid.*

<sup>494</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 33** - Anúncio de último espetáculo da companhia de Baptista e seus bonecos

**SALÃO DO HOTEL BRAGANÇA**

ULTIMO E DEFINITIVO ESPECTACULO  
DA  
BAPTIST ILLUSIONIST AUTOMATIC COMPANY  
(INTRANSFERIVEL AINDA QUE CHOVA)

**HOJE sabbado 3 de março HOJE**  
**BENEFICIO**

da prima-dona absoluta Sra. D. MARICOTA, a pedido de muitas  
Exms. familias

O Baptista com os seus bonecos  
representará a sempre desejada peça em tres actos intitulada :

**A DEFUNTA VIVA**

COM JOÃO MINHOCA, LADRÃO POR FORÇA

Acabará o espectáculo com a engraçada comedia em um acto intitulada :

**OS CIUMES DE JOÃO MINHOCA**

**ATENÇÃO**

A pedido de muitas pessoas o espectáculo principiará ás oito  
horas em ponto.

Entrada. . . . . 500 réis  
SO' NÃO PAGÃO AS CRIANÇAS DE COLLO

N. B. — A empresa agradece ao illustrado povo petropolitano todas  
as demonstrações de sympathia de que foi alvo até hoje; e pelos immo-  
recidos elogios que tem tido por parte da illustrada imprensa desta  
cidade, não tem palavras que possam exprimir quanto fica-lhe obrigado.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1884. Disponível em:  
<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Já no tocante às semelhanças, indica-se a articulação desse com outros divertimentos, isso se dá tanto pela sua semelhança com outros tipos de apresentações teatrais, mas também pela inserção de artistas como no caso do ator italiano<sup>495</sup>. Posteriormente, em 1886, a ventriloquia seria novamente apresentada em Petrópolis, dessa vez como parte da programação de um prestidigitador chamado Sr. Ávila<sup>496</sup>.

<sup>495</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>496</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 34** - Anúncio e programação de espetáculo de prestidigitação e outras atrações



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

O Sr. Ávila teria feito três espetáculos naquele momento, tendo todo o seu trabalho exaltado. No que tange à ventriloquia, assim foi noticiada uma de suas funções:

[...] Em seguida, vieram as cenas de ventriloquismo, tão divertidas quanto curiosas de dignas de admiração, nas quais o Sr. Ávila pôs em evidência a rara qualidade de que é dotado e da qual com suma graça se aproveita.<sup>497</sup>

<sup>497</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Ademais, apesar de diferentes entre si, esses espetáculos acabam se conectando pela sua própria conformação. A ventriloquia, por exemplo, apareceu tanto como atração principal quanto como parte de apresentações maiores, como as do Sr. Ávila, que juntava num mesmo espetáculo ventriloquia, mágica e outras experiências. Como já indicamos, essa mistura de linguagens e de seus divertimentos era comum e já nos aproxima do universo da prestidigitação, que – assim como os espetáculos visuais e sonoros e a ventriloquia – também se baseava em “brincar com os sentidos” podendo provocar, ao mesmo tempo, o espanto e a alegria. É sobre ela que falaremos a seguir.

### 3.3.1 A prestidigitação, a modernização e o fazer científico

Tal como os espetáculos visuais acima discutidos (especialmente o Cosmorama), a prestidigitação também parecia passar por determinadas preocupações sobre seus usos, sobretudo na perspectiva da questão religiosa. Melo (2021) reflete sobre como seus espetáculos poderiam dialogar com a ciência e o ocultismo, ainda que fossem “fundamentalmente uma diversão” (p. 567), apesar de o fato de sua popularidade poder ser notada em outras esferas que não as do entretenimento. Assim, ao refletir sobre sua inserção no cenário cultural local, o autor indica:

Mais do que uma diversão cada vez mais apreciada pela sociedade fluminense, esses espetáculos são indícios de um país e de uma cidade que passava por um processo de transição, de adesão ao ideário e imaginário da modernidade – notadamente com a mobilização das noções de civilização e progresso –, mas também de tensão com antigos pressupostos, especialmente aqueles advindos de uma religiosidade cristã muito influente, ainda que contrastada no cotidiano pelo surgimento de novas doutrinas, como o espiritismo, e por tradições populares advindas de matriz afro-brasileira (Melo, 2021, p. 566).

Em total consonância com a afirmativa acima, é possível notar em Petrópolis alguns elementos que indicam tal tensão. Para exemplificar essa questão, apresentamos trechos de um *Folhetim* assinado por Cezar Augusto Ribeiro, em

maio de 1876<sup>498</sup>. Tratava-se de uma análise sobre um espetáculo de prestidigitação de Mr. Faure Nicolay, que havia contado inclusive com a presença de Conde d'Eu e Princesa Isabel. Segundo Melo (2021), Nicolay seria um artista de renome internacional, se destacando por enfatizar o caráter científico de seus espetáculos.

Inicialmente, em seu folhetim, Ribeiro apresenta características mais centrais de um de seus espetáculos, quais sejam: 1) o enchimento total da plateia e camarotes; 2) a presença de Conde d'Eu e Princesa Isabel, além da “*high-life* da nossa cidadezinha”<sup>499</sup>; e 3) a beleza dos *toilettes*. Eram, no entanto, as qualidades do artista os elementos mais importantes a serem destacados. Para tanto, foram citadas algumas considerações interessantes acerca da influência do “*nec plus ultra* da prestidigitação, o rei dos prestidigitadores e o prestidigitador dos reis”<sup>500</sup>.

Naquele momento, a chegada de Nicolay a Petrópolis era incorporada sob a compreensão de ser uma figura importantíssima. Anunciava-se sua figura a partir de relatos de periódicos em toda a Europa e de homenagens recebidas por diversos monarcas dos quais teriam ficado “boquiabertos” com as apresentações do artista, além de compará-lo a personalidades como Michelangelo e Mozart: “E Faure Nicolay não pode figurar também na galeria desses homens célebres? Pode, e deve figurar! O talento é a nobreza! A ciência é a fortuna!”<sup>501</sup>.

Nesse sentido, a expectativa e alegria geradas pela presença de Nicolay, serviam também para indicar quais eram os objetivos a serem alcançados por aquele divertimento. Para tal, o autor do folhetim optou por fazer uma comparação crítica de Nicolay com uma das companhias de circo mais apresentadas em Petrópolis, refletindo, de certo modo, a compreensão majoritária – por parte das elites – sobre os objetivos principais dos divertimentos naquele período: o de instruir.

Enfim, foi-se Casali e veio Nicolay! Foi-se o narcótico que nos fazia adormecer todas as noites no barracão a que chamavam circo e **veio o divertimento que nos instrui**, nos faz passar horas deleitosas e quase crer que um poder sobrenatural auxilia o protagonista do meu folhetim. **Mas falar de Casali tratando de Nicolay é uma blasfêmia!** Não a repetirei.<sup>502</sup>

<sup>498</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 38, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>499</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 38, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>500</sup> *Ibid.*

<sup>501</sup> *Ibid.*

<sup>502</sup> *Ibid.*

As contradições sobre aqueles divertimentos, no entanto, eram notáveis, e como já apresentamos, havia complexidades ao se apresentar espetáculos menos usuais e com características distintas de outros mais difundidos como o teatro. Essas contradições se apresentam de maneira contundente e um dos trechos de Ribeiro que nos ajudam a entender como era a recepção daqueles divertimentos tanto pela imprensa, quanto pela sociedade em geral. Ribeiro, deste modo, buscava comparar os anseios locais ainda um tanto quanto céticos com outros países mais desenvolvidos.

**Nos países mais civilizados dão-lhe um lugar importante na ciência. Nas nações onde o progresso ainda não chegou com a sua mão calosa e robusta, julgam-no um enviado de Satanás. Mas não é!** Tivemos a felicidade de poder apertar a mão do artista consumado e do cavalheiro distinto, e, coisa incrível! A sua mão não queimava como a do decrepito Satanás, que se deve agora estar sorrindo com satisfação por lhe dar a honra de falar dele... [...] **Mr. Nicolay é única e simplesmente um inteligente artista, sabendo física profundamente, escamoteando com toda a ligeireza e perfeição, fazendo trabalhos que nos fazem ficar perplexos**, tratando-nos com uma delicadeza que nos confunde, pintando em si tudo quanto há de bom, incluindo a modéstia e generosidade.<sup>503</sup>

Essa defesa nos ajuda a compreender como aquele autor buscava posicionar o papel da imprensa enquanto incentivadora daquelas novidades, associando-as à ciência e ao progresso, como nos traz Melo (2021). Sabemos, no entanto, que esse discurso não era consensual, de forma que em outros casos, novidades como a prestidigitação ainda levavam incertezas à imprensa, como no já citado caso do Cosmorama.

Neste sentido, a própria recepção do público, embora houvesse lotado o teatro, apresentava incongruências, isto é, mesmo com toda a defesa e elogios ao artista, sua apresentação não teria sido marcada por grandes ovações, de forma que assim fosse justificada não pelas dúvidas daqueles espectadores acerca daquela apresentação, mas por uma admiração secreta. Em nossa percepção, no entanto, esse poderia sim ser um indício acerca das incertezas de uma população majoritariamente religiosa, mas que não queria lançar mão de seus ideais de progresso. Essas contradições são notadas no trecho abaixo:

---

<sup>503</sup> *Ibid.*

Se não houve uma estrondosa *chuva de palmas*, houve a admiração muda, sincera. No público brasileiro não se nota a propensão para as ovações como no europeu. Mas pode Mr. Nicolay ficar certo que todas as pessoas que no último domingo assistiram ao seu espetáculo, o admiram e lhe reconhecem uma inteligência robusta, modéstia e simplicidade que seduz e cativa, e que se não recebeu, como devia, aplausos frenéticos, ficou com as fileiras dos seus admiradores mais aumentadas.<sup>504</sup>

Entre incertezas e anseios, Ribeiro termina seu folhetim em defesa de uma arte alinhada aos já indicados valores sociais de progresso e moralidade. Para o autor, “as nações que amam o progresso, a liberdade e a civilização, têm obrigação de proteger a arte”. Assim, ao comparar o valor de Nicolay a outras personalidades, mas também o exaltando enquanto uma personalidade admirável, o autor solicitava: “aplauda o artista e respeite o cavalheiro”<sup>505</sup>. Era essa uma evidente necessidade de se pensar aqueles espetáculos para além de diversão, mas como um projeto civilizatório e de instrução moral, ligado a questões como progresso e distinção social. Assim, ao menos pelo olhar daquele autor, buscava-se mais valor ao primeiro elemento da tríade ciência-ocultismo-diversão ponderada por Melo (2021).

Indicamos, a seguir, algumas características acerca dos espetáculos de Nicolay, para que possamos, por fim, refletir também sobre a presença de outros prestidigitadores em Petrópolis. Nicolay contava também com a participação de sua filha, “a jovem sibila Helena Nicolay”<sup>506</sup>, além da violinista Blanche Paganini – “honrada com o primeiro prêmio do Conservatório de Paris [...]”<sup>507</sup>, sendo apresentada assim a novidade como “Grandiosa representação de magia moderna e notável concerto musical”<sup>508</sup>.

A complexidade dos divertimentos, que traziam em suas apresentações outras manifestações artísticas – como nesse caso, um concerto musical – era um elemento que, junto às características de beneficência e de apelo por parte da elite imperial, formava aqueles divertimentos considerados como engrandecedores e moralizadores. Neste sentido, as apresentações de Nicolay, que contaram com a

<sup>504</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 38, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>505</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 38, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>506</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>507</sup> *Ibid.*

<sup>508</sup> *Ibid.*

presença de membros da família imperial, haviam sido anteriormente apresentadas por suas obras de beneficência.

Por outra parte o Sr. Faure Nicolay é um homem de excelente trato e grande coração. Sua passagem por todas as capitais dos dois continentes, **têm sido sempre assinaladas por alguma obra de beneficência**, cuja lembrança fica ligada às recordações dos trabalhos científicos.<sup>509</sup>

Naquela ocasião, o mágico teria dedicado sua última apresentação à Sociedade Portuguesa de Beneficência, tendo sido repleta por, além da função de magia moderna junto à sua filha, um soirée e baile, além de uma loteria intermediados por música. Diferentemente dos espetáculos iniciais, dessa vez sua apresentação não seria no Theatro Petropolitano e sim no Hotel Bragança<sup>510</sup>.

---

<sup>509</sup> *Ibid.*

<sup>510</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 41, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 35** - Anúncio de função de magia moderna

**HOTEL BRAGANÇA**  
 Grande festa de beneficencia  
 Domingo 28 do corrente  
**Maravilhoso soirée e baile**  
**FUNÇÃO DE MAGIA MODERNA**  
 PELO CELEBRE PHYSICO  
**FAURE NICOLAY**  
 E A JOVEN SYMPATHICA  
**Helena Nicolay**  
**Em beneficio da sociedade portugueza de beneficencia.**

Faure Nicolay desejando dar um testemunho de gratidão pelo bom acolhimento sympathico que tem recebido do illustrado publico desta cidade, demora sua partida para dar este ultimo espectáculo para o qual reservou surpresas as mais agradaveis de seu repertorio de magia e grande prestidigitação.

O espectáculo será dividido em duas partes de alta magia moderna que serão seguidas de uma

**LOTERIA GRATUITA**

composta de 40 lindos premios e bonitas surpresas; em seguida terá lugar o Baile para as pessoas presentes.

N. B. Cada espectador receberá gratuitamente dous numeros mencionados no bilhete de entrada.

**PREÇOS**

Cadeiras reservadas e numeradas	2\$000
Entrada geral.	1\$000

**Intermedio pela musica**  
 Os bilhetes achão-se á venda no Hotel de Bragança.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 41, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Em nosso recorte temporal, no entanto, outros prestidigitadores estiveram presentes, demandando outras reflexões sobre essas práticas ou contribuindo com as reflexões iniciadas a partir dos relatos sobre Nicolay. Foram eles: o Sr. Lopes<sup>511</sup>; o Sr. Eduardo Stock<sup>512</sup>; o Sr. Campano<sup>513</sup>; o casal Henrique e Augusta Hartmann<sup>514</sup>;

<sup>511</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>512</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>513</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>514</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

o Sr. Ávila<sup>515</sup>; Conde Patrizio<sup>516</sup>; e “artistas japoneses”<sup>517</sup>. Além desses artistas, foi possível notar a presença de um prestidigitador amador em um festejo de aniversário da Independência do Brasil<sup>518</sup>; a destinação de uma parte de prestidigitação em um espetáculo circense<sup>519</sup>; além da exposição de quadros ilusionistas<sup>520</sup>, dos quais não foi possível compreender se faziam parte de uma apresentação de prestidigitação ou se eram espetáculos visuais como os discutidos anteriormente.

Dentre todas essas participações, no entanto, apenas nas de Eduardo Stock, Conde Patrizio e de Sr. Ávila, foram apresentadas boas percepções sobre o público presente. No caso do mágico espanhol Sr. D. Lopes, por exemplo, ao ser noticiada sua ida à Petrópolis após ter uma passagem bem acolhida pela cidade da *Parahyba*, o noticiante pedia para que o público fosse ao teatro a fim de animar o artista e “desmentir o juízo que se faz de nós a respeito de divertimentos”<sup>521</sup>, dando a entender, mais uma vez, que era essa uma cidade que pouco se estendia para aquelas novidades, ainda que se buscasse o contrário.

Em sua apresentação, noticiava-se sua boa passagem por cidades como Londres, Paris e Roma, sendo anunciados seus dois espetáculos como variados, “apresentando várias sortes de imaginação, cartomancia, ilusão, prestidigitação, escamotagem e maravilhas de ciências ocultas; executadas sem nenhum aparato físico”<sup>522</sup>. Junto a isso, havia também a participação de um casal de dançarinos, naquelas que seriam “representações fantásticas, misteriosas e recreativas”<sup>523</sup> e

<sup>515</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>516</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>517</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>518</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 68, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>519</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 53, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>520</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 95, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>521</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>522</sup> *Ibid.*

<sup>523</sup> *Ibid.*

uma parte dedicada especialmente à figura de D. Pedro II<sup>524</sup>, embora não houvesse sido noticiada sua presença.

**Figura 36** - Anúncio de espetáculo por mágico espanhol



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

---

<sup>524</sup> *Ibid.*

**Figura 37** - Programação do espetáculo dado por mágico espanhol

<b>PROGRAMMA</b>	
<b>Primeira parte</b>	
1°	Symphonia pela orchestra do palacio.
2°	O nascimento de uma flor nacional.
3°	A impressão ao pensamento de um espectador.
4°	As cartas voadoras.
5°	O telegrapho improvisado.
6°	A resurreição instantanea.
7°	A iluminação em Roma.
8°	A chave do ouro.
<b>Segunda parte</b>	
1°	Grande divertimento de dança por um casal de benceos frateres.
2°	O prestidigitador traspasado ao corpo por uma espada, secta physica que terminará por um punhal traspasando a mão do mesmo artista, fazendo verter sangue vivo de ambas as feridas, que serão curadas em um minuto.
3°	As borboletas, divertimento japonês.
4°	As argolas chinezas ou a corrente phantastica.
5°	Terminando a parte com as maravilhas das sciencias occultas, festa nacional dedicada a S. M. o Sr. D. Pedro II.
<b>Tercera parte</b>	
Grande forçado hespanhol por Mrs. Albina e Mr. Donato.	
Terminará o espectáculo com um dançado a caracter denominado o Pasadillo de Barcelona, por Mr. Donato.	
<b>Principará ás 8 1/4.</b>	
PREÇOS:	Camarotes de 2° ordem . . . . . 12000
	Camarotes de 1° ordem . . . . . 8000
	Cadeiras . . . . . 2000
	Plata . . . . . 15000

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Os valores daquele espetáculo variavam de 15\$000 réis a 1\$000 (valor usual naqueles divertimentos), ainda assim, noticiava-se uma concorrência diminuta em seu primeiro espetáculo. O mesmo teria ocorrido treze anos depois, com a companhia de “Artistas Japoneses”. Segundo consta, “os trabalhos por eles executados têm sido dignos de admiração, sem que todavia a concorrência seja animadora. Ao dirigir o último apelo à população de Petrópolis, cremos que serão esses artistas atendidos.”<sup>525</sup>

Diferentemente de Sr. Lopes ou dos Artistas Japoneses, que pareciam apostar no entretenimento sem levar em consideração elementos científicos, artistas como o Sr. Ávila e Patrizio pareciam entender aquilo que se buscava naquela sociedade: um olhar mais destinado às questões científicas em torno da prestidigitação, ainda que isso pudesse gerar anseios por parte daquela população, tendo em vista a inserção de um debate religioso.

<sup>525</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Segundo Melo (2021), nas apresentações de Ávila e Patrizio havia pontos em comum: “certa reivindicação de cientificidade, o flerte com práticas ocultistas e mesmo certas referências semelhantes em sua dinâmica, como a relação com o magnetismo, o sonambulismo e a hipnose” (p. 552). Para o autor, era possível notar em suas práticas o entrelaçamento entre as artes mágicas e o espiritismo, fator que chamaria a atenção dos espectadores. Melo (2021, p. 553), dialoga com Priore (2014), que reflete: “O legado das religiões afro e o universo mítico que já envolvia o imaginário dos brasileiros representavam a união entre a modernidade europeia e científica, e a secularização. Os efeitos da ciência moderna estariam em união com a experiência religiosa” (p. 151).

Deste modo, o espetáculo de Sr. Ávila, que misturava poesia e ventriloquismo com a prestidigitação, foi finalizada com “a maravilhosa exposição de uma mulher cortada ao meio, experiência de catóptrica, que levou a confusão a todos”<sup>526</sup>. Assim, diferente de outras apresentações, noticiava-se os aplausos de uma “plateia ilustrada”<sup>527</sup>, pedindo para que não deixassem de retornar a seus espetáculos em sua breve estadia: “convém não ser adiado o ensejo de admirar-se trabalhos completamente novos e maravilhosos”<sup>528</sup>.

No ano seguinte, Conde Patrizio, que teria sido apresentado como “o grande ilusionista da época”<sup>529</sup>, daria somente uma apresentação no Theatro do Hotel Bragança, tendo sido “calorosamente aplaudidos [...] todos os seus trabalhos”<sup>530</sup>, e sendo sustentado “o distinto artista, os créditos que enobrecem o seu nome”<sup>531</sup>. Seu “grandioso espetáculo”<sup>532</sup> seria anunciado pela quantidade de funções em diferentes cidades em todo o mundo, além de ser o único artista admitido a apresentar as suas experiências a figuras como o Papa Pio IX.

---

<sup>526</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>527</sup> *Ibid.*

<sup>528</sup> *Ibid.*

<sup>529</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>530</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>531</sup> *Ibid.*

<sup>532</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Com o valor mais barato a 2\$000 réis para as gerais, o artista prometia um programa variado: Na primeira parte, denominada conversações humorísticas, Patrizio se debruçava sobre elementos da “alta prestidigitação, aplicações de química e eletricidade”<sup>533</sup>, etc., se destacando, no âmbito do ocultismo, pela “transformação da alma” e “taumaturgia humorística”, sob “a suposta capacidade de realizar milagres”, como indica Melo (2021, p. 551).

Já na segunda parte, intitulada “A magia do passado! A magia do presente! A magia do porvir!”<sup>534</sup>, o autor buscava elocubrações sobre a prestidigitação de todos os tempos – ao que tudo indica, até mesmo do futuro. Ainda nessa parte, o autor introduziria “novidades completamente ignoradas pelos prestidigitadores”<sup>535</sup>: as experiências ligadas à memória, resultando em “grandes esforços das faculdades mentais”<sup>536</sup>. A terceira parte seria destinada a uma cena humorística e, por último, na quarta, seria apresentado um Poliorama (também chamado de um Caleidoscópio Gigante<sup>537</sup>), que prometia levar os espectadores a diferentes regiões em todo o mundo, além de “passeios a museus, caricaturas, excentricidades e estrelas cromatrópicas”<sup>538</sup>.

Patrizio se notabilizava não só por entreter – o que fazia muito bem –, mas por combinar seu talento aos avanços técnicos e tecnológicos de sua era. Ao propor espetáculo que articulava humor, ilusão e um discurso ao mesmo tempo científico e espiritual, o autor parecia entender quais eram os anseios de uma sociedade que buscava se afirmar como moderna. Ainda que nem todos os artistas tivessem o mesmo prestígio, suas passagens por Petrópolis nos ajudam a entender como esses espetáculos, mesmo que variados, apresentavam disputas sob a lógica do paradigma divertimento-instrução-civilização.

Outra forma de atrair o público, no caso de artistas menos ligados ao ocultismo, teria se dado pela beneficência. Foi esse o objetivo de Eduardo Stock, que em uma apresentação em 1879 mais voltada a peças de entretenimento,

---

<sup>533</sup> *Ibid.*

<sup>534</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>535</sup> *Ibid.*

<sup>536</sup> *Ibid.*

<sup>537</sup> *Ibid.*

<sup>538</sup> *Ibid.*

conseguiu levar ao Theatro do Hotel Bragança uma boa concorrência<sup>539</sup>. O mágico, que apresentara sua performance como um “espetáculo de física recreativa, química divertida [e] alta prestidigitação”<sup>540</sup>, teria incorporado em sua “Festa Beneficente”<sup>541</sup> para a Sociedade Portuguesa de Beneficência, um soirée e um baile, além de surpresas cômicas apresentadas por amadores.

À guisa de conclusão, notamos como a prestidigitação na cidade de Petrópolis da segunda metade do século XIX podia apresentar elementos de modernidade, mas também seus contrastes. Esses espetáculos mesclavam tanto aspectos culturais quanto materiais no âmbito da modernização, seja pelo fazer científico, seja pela ainda tímida inserção da beneficência em sua agenda, assim como uma breve presença da família imperial.

Assim, entre avanços e retrocessos, a mágica passava a ser um importante divertimento naquele cenário, notado pela presença de um de seus espetáculos – ainda que por um artista amador – em uma festa patriótica: o aniversário da Independência de 1881. Suas apresentações dialogavam com outros divertimentos, tanto aqueles considerados consolidados como os bailes e concertos musicais, quanto aqueles espetáculos visuais que ainda geravam desconfiança na população petropolitana.

Um dos divertimentos em que foi encontrada uma relação foi, também, o circo. Suas aproximações foram notadas de maneira mais amigável, quando um artista do circo incorporou em sua apresentação uma seção de mágica, mas também com certas tensões, quando o folhetinista indicou a “mágica instrutiva” de um prestidigitador como superior ao “narcótico” Circo Casali, que dividia as atenções do público. Essa relação nos ajudará a compreender, de maneira mais contundente, qual foi o papel do Circo em Petrópolis naquele período. É sobre esse divertimento que trataremos no próximo tópico.

---

<sup>539</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>540</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>541</sup> *Ibid.*

### 3.3.2 “Já não estamos na infância da arte”: o circo e as companhias equestres e ginásticas

Dentre todas as novidades menos usuais em Petrópolis, foi o circo (em suas diferentes variações), a que mais se destacou. No geral, companhias iam à Petrópolis passar uma parte considerável da estação calmosa, numa espécie de turnê. Esses divertimentos eram, também, aqueles que mais recebiam o apoio do público, além de contarem com uma presença mais constante de membros da família imperial e de terem, em muitos casos, espetáculos voltados à beneficência em suas diferentes intencionalidades (Santos e Melo, 2014, p. 60).

Essas apresentações, no entanto, nem sempre se davam com a estrutura do circo que conhecemos hoje, de forma que em alguns momentos os espetáculos ocorressem em locais menos propícios, como os propostos pela Companhia de Paul Serino, em 1883, 1886 e 1887, que ocorreram no Salão da Floresta<sup>542</sup>. Companhias como a de Paul Serino, apesar de contarem com conteúdos similares não se denominavam propriamente como Circo, respeitando as características desse divertimento, embora tivessem em seu conteúdo elementos dessa prática.

Esse foi o caso da companhia de Paul Serino, que se denominava somente como “companhia equestre, ginástica e acrobática”<sup>543</sup> e posteriormente também se apresentava como “zoológica”<sup>544</sup>, assim como de uma *Grande Companhia Zoológica Francesa*, que também fazia um espetáculo no Salão da Floresta, sendo anunciada inicialmente como uma “companhia francesa, equestre, ginástica e zoológica”<sup>545</sup>.

---

<sup>542</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>543</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>544</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>545</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 38** - Anúncio da companhia equestre, ginástica e zoológica de Paul Serino no Salão da Floresta

**Salão da Floresta**  
 COMPANHIA EQUESTRE, GYMNASICA E ZOOLOGICA  
**PAUL SERINO**  
 de passagem nesta cidade dará **SEIS** unicas funções  
**HOJE HOJE**  
**Sabbado 6 de novembro de 1886**  
 ESTRÉA DA LINDA COMBINAÇÃO  
**ARTISTICA E ZOOLOGICA**  
 O programma será composto de lindos e aperfeiçoados trabalhos, finalizando com os interessantes exercicios do intelligente  
**ZOMBO**  
 o mais notavel colosso que tem apparecido no imperio.  
 Uma excellente banda de musica fará as delicias dos espectadores  
**PREÇOS**  
 Cadeiras .. . . . . 2\$000  
 Geraes .. . . . . 1\$000  
 -----  
**AMANHÃ AMANHÃ**  
**DOMINGO 7 DE NOVEMBRO DE 1886**  
**GRANDE E VARIADA FUNÇÃO**

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Outras companhias, como a de Manoel Pery, que fez duas longas estadias nos anos de 1880 e 1881, também demorou a se denominar como Circo, sendo seu primeiro espetáculo anunciado como um “Grande Hipódromo”<sup>546</sup>, termo que seria logo contrariado em notícia do jornal Mercantil, que já tratava de chamar – ao menos o espaço em que se inseria a companhia – de circo<sup>547</sup>.

Segundo nos indicam as fontes, em alguns casos as companhias evitavam se autodenominar como circo, embora o espaço e seu conteúdo já pudessem ser apontados nesse sentido. Foi o que aconteceu com a companhia de Pery, que só

<sup>546</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>547</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

passou a adotar o nome Circo Pery no fim do mesmo ano, quando retornou à cidade para uma nova temporada<sup>548</sup>. Esse movimento parece acompanhar a própria tentativa de construção de prestígio e legitimidade: de forma que compreender-se enquanto circo pudesse ser também um sinal de consolidação junto ao público.

**Figura 39** - Anúncio da companhia de Manoel Pery



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Ressaltemos, também, que a própria construção do equipamento do circo demandava certas dificuldades logísticas que, inclusive, foram barreiras em determinado momento para a consolidação dessa prática. Segundo Silva (2010), entre o início do século 19 e a década de 1920, isso fazia com que as artes circenses fossem expostas em distintos locais como “ruas, feiras e tendas, nos

<sup>548</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

tablados, pavilhões e palcos teatrais” (p. 126). Por este motivo, “foram realizadas adaptações tecnológicas utilizadas na construção de suas próprias estruturas arquitetônicas denominadas de tapa-beco, pau a pique, pau fincado e tipo americano” (*ibid.*).

Para tanto, além de a necessidade de um local adequado para as práticas, outras demandas eram necessárias, como a vistoria por parte do delegado de polícia e de peritos, o que poderia atrapalhar o andamento das apresentações, é o caso de uma vistoria sobre as obras do circo para a companhia de Casali, em 1875, em que “os peritos foram de opinião que depois de feitos alguns pequenos acréscimos para mais solidez da obra, podia o circo funcionar com toda a segurança e sem o menor receio de perigo”<sup>549</sup>.

Outro fator importante para a compreensão sobre aqueles divertimentos se dá pelo material utilizado para a construção dos circos. Eles não eram feitos apenas por materiais leves como a lona, mas principalmente por ferro e madeira, “constituindo-se numa espécie de arena aberta” (Oliveira, 2025, n.p.). Segundo Oliveira (2025), por isso era comum que os espetáculos ocorressem somente caso não chovesse, elemento que pudemos encontrar em nossas fontes, com alguns adiamentos de espetáculos devido ao mau tempo<sup>550</sup>, além de uma notícia em que a precariedade da estrutura teria prejudicado uma apresentação inaugural devido à chuva – embora mantida a boa qualidade daquela companhia.

O circo ressentia-se de alguns defeitos para o bom desempenho dos trabalhos e melhor comodidade do público; poderia ter sido construído de modo a preservar o picadeiro das chuvas, assim como a passagem para as cadeiras, e dar melhor espaço para a disseminação da luz, muito parca para tão grande espaço. Por causa destes defeitos perderam os trabalhos algum tanto de seu valor [...]<sup>551</sup>

O mau tempo foi, inclusive, fator para que em uma de suas últimas apresentações fosse feito um pedido para que a população petropolitana concorresse de maneira mais contundente. Segundo o anúncio, o produto líquido

---

<sup>549</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 99, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>550</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 55, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>551</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

seria destinado à caixa da própria companhia, “a fim de sanar as grandes despesas com que se acha sobrecarregada, em consequência do mau tempo que tem havido nos dias festivos”<sup>552</sup>.

O uso desses materiais, entretanto, não prejudicava as companhias somente no tocante às questões climáticas, mas também por ser um material de difícil locomoção que, portanto, implicaria em dificuldades de logística em muitos casos. O próprio Circo Casali passou por isso: depois de já ter anunciado seu último espetáculo em Petrópolis, precisou voltar atrás, já que o circo ainda não havia terminado de ser montado em seu próximo destino<sup>553</sup>. Em outro caso, o Circo Pery aproveitou a figura de um importante leiloeiro, F. I. da Silveira, para se desfazer daqueles materiais<sup>554</sup>, nos apresentando indícios acerca da dificuldade de se reutilizar aqueles materiais, sendo mais conveniente encontrá-los em seus próximos destinos, provavelmente devido às dificuldades de transporte.

---

<sup>552</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>553</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 34, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>554</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 40** - Anúncio de leilão com materiais do Circo Pery



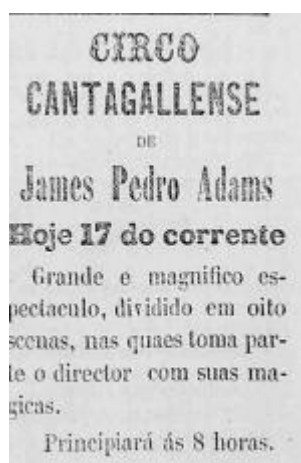
Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1881. Disponível em:  
<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Visto isso, é possível perceber que o circo em Petrópolis assumia formas variadas, ora mais próximas da estrutura tradicional, ora adaptadas às condições locais. As próprias companhias se organizavam de maneiras distintas, mas sempre buscando consolidar sua presença junto ao público da cidade, que como veremos, poderia se dar pelos tradicionais usos da família imperial ou pela característica da beneficência, elemento marcante nos divertimentos da Petrópolis imperial escravista. A partir de agora, portanto, trataremos individualmente de algumas dessas companhias, observando as características de suas apresentações, mas também os sentidos construídos em torno do circo.

O primeiro circo a ser notabilizado em nossas fontes foi o *Circo Cantagallense*, dirigido pelo Sr. James Pedro Adams. Ao que tudo indica, não tratava-se de uma companhia consolidada, embora contasse com algum prestígio,

tendo em vista a presença da princesa Isabel e Conde d'Eu em sua estreia, por exemplo<sup>555</sup>. No âmbito de sua presença no Mercantil, só foi possível encontrar notícias após seus dois primeiros espetáculos, um fator que nos importa por diferenciar-se daquelas companhias que, por sua grandeza e importância eram noticiadas com antecedência, a fim de chamar a atenção da população petropolitana. Sob esta perspectiva, mesmo quando passou a ser anunciado, isso se deu de forma tímida, ocupando pouco espaço das folhas do jornal, além de não ter a sua programação divulgada<sup>556</sup>.

**Figura 41** - Anúncio do Circo Cantagallense, de James Adams



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 53, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

A presença daquele Circo, também, não gerava grandes expectativas, chegando a ser comparado com uma companhia que teria passado anteriormente em Petrópolis: “Conquanto o pessoal da companhia não seja da mesma força que a dos irmãos Pereira, todavia tem alguns artistas de merecimento, principalmente o palhaço que é pau para qualquer obra, e todos se esforçam nos seus trabalhos para

<sup>555</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 52, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>556</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 53, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

agradar ao público”<sup>557</sup>. Assim, apesar das ressalvas, o noticiante indicava alguns elementos positivos sobre aquele circo, de forma que pudessem mostrar o seu merecimento como consequência do incentivo da população<sup>558</sup>, ao passo que também era levado em consideração um fato distinto: a companhia se apresentava, naquele momento, durante o inverno.

Esse fator, embora raro, não significou uma estreia vazia, tendo sido noticiado um “circo literalmente cheio”<sup>559</sup>, inclusive com a presença de “Suas Altezas Imperiais” – o que pode ajudar a explicar a escolha daquela companhia em se apresentar fora do verão. Além disso, era a oportunidade de divertimento que a população necessitava durante aquele período, sendo acrescentada à solicitação feita pelo noticiante para que a população participasse uma interessante justificativa: “de que tenhamos durante esta monótona estação algumas noites de agradável passatempo”<sup>560</sup>.

Ao passo que a companhia ia fazendo um bom trabalho, também ia chamando mais a atenção do público, que não deixava de encher os espetáculos. A companhia também ganhava mais espaço nas folhas do jornal que, então, passava a levar informações mais concretas sobre suas apresentações e seus anseios. Em uma dessas notícias, após contar mais uma vez com a presença de membros da família imperial – dessa vez completada pela presença dos imperadores –, indicava-se algumas características de seus espetáculos, que contava com elementos de outras manifestações, como uma dança inglesa por parte de uma jovem artista e algumas sortes de mágica pelo diretor da companhia<sup>561</sup>. Anunciava-se também, pelo palhaço da companhia, a presença de um “formidável leão” para o espetáculo seguinte<sup>562</sup>, o que não foi novamente mencionado nas edições seguintes do jornal.

Não sendo novamente noticiado o leão – senão por meio de um desenho no anúncio do Circo –, os próximos espetáculos já contariam com os marcantes elementos dos divertimentos de Petrópolis: a alusão à família imperial e o caráter

---

<sup>557</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 52, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>558</sup> *Ibid.*

<sup>559</sup> *Ibid.*

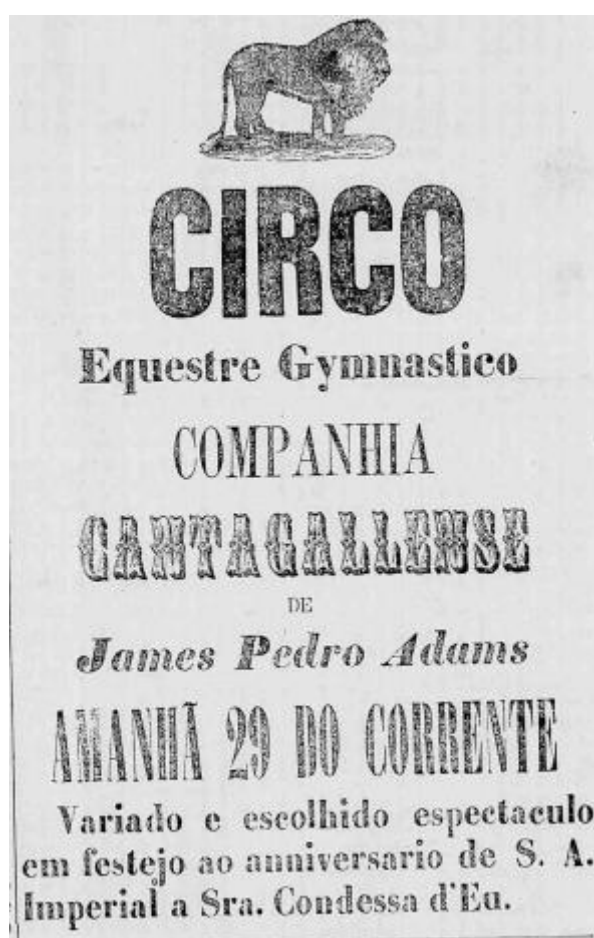
<sup>560</sup> *Ibid.*

<sup>561</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 54, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>562</sup> *Ibid.*

beneficente. O primeiro deles teria sido um espetáculo em festejo ao aniversário da princesa Isabel<sup>563</sup>, que não foi noticiado posteriormente, mas pode ter sido inibido por outras iniciativas com o mesmo fim que ocorriam naquele momento, como um “sarau dramático em grande gala por alguns cavalheiros amadores da arte dramática”<sup>564</sup>, já discutido nessa pesquisa em tópicos anteriores. Curiosamente, tendo o aniversário da princesa como fim, o anúncio ficou esteticamente mais atrativo, embora não possamos afirmar de onde teria sido essa iniciativa.

**Figura 42** - Anúncio da Companhia Cantagallense, em festejo ao aniversário da princesa Isabel



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 56, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

<sup>563</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 56, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>564</sup> *Ibid.*

Posteriormente, os fins aos quais se destinaram os últimos espetáculos daquela estação por parte daquela companhia foram todos beneficentes: um em benefício das obras do novo hospital<sup>565</sup>, um em benefício à isenção dos sorteados para servirem ao exército<sup>566</sup>, e outro de uma casa de caridade<sup>567</sup>. No caso dos dois primeiros, ainda sobrou espaço para que fossem feitos apelos à população petropolitana, não levando em consideração aspectos do Circo, mas dos usos de seus recursos:

Lembrando-se à população proletária de Petrópolis, de que ali encontrará mais tarde um tratamento para suas enfermidades [...], no qual fazendo bem a si o faz também ao próximo.<sup>568</sup>

O palhaço pede aos que estão apertados que se desapertem porque é melhor ficar em Petrópolis do que ir para a guerra!<sup>569</sup>

A Companhia Cantagallense retornaria no final do mesmo ano para passar um mês na cidade<sup>570</sup>, entretanto, sua estadia coincidiria com a da renomada “companhia equestre e ginástica dos Srs. Casali e Filhos”<sup>571</sup>. Sobre a concomitância destas duas, um folhetinista provocou: “vão ficar um defronte do outro, é provável que os partidos se dividam e então veremos quem tem bom gosto”<sup>572</sup>. Não é possível saber, de fato, quem tinha o bom gosto citado pelo autor, mas fato é que após isso, não foi encontrada mais nenhuma menção à primeira companhia. Ao menos os editores do jornal teriam escolhido sua preferida, e é sobre ela que falaremos a seguir.

A primeira notícia sobre a chegada da *Companhia Casali*, que se deu bem antes de sua primeira apresentação, já versava de maneira mais contundente sobre as qualidades de seus artistas, assim como pelo entusiasmo que teria produzido na corte, em Niterói, nas principais províncias do Império e em muitos países da

---

<sup>565</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 60, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>566</sup> *Ibid.*

<sup>567</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 61, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>568</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 60, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>569</sup> *Ibid.*

<sup>570</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 84, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>571</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>572</sup> *Ibid.*

Europa<sup>573</sup>. Além disso, diferentemente do Circo Cantagallense, a companhia se apresentaria durante a estação calmosa na cidade<sup>574</sup>. Para um folhetinista, a chegada daquela companhia seria positiva também para que não mais faltasse tema para os seus folhetins<sup>575</sup> – lembremos que outra companhia se fazia presente na cidade naquele mesmo período.

Sua estreia estaria marcada para o dia 25 de dezembro<sup>576</sup>, fato que não se consumou por não estar concluída a construção do circo<sup>577</sup>, que ainda passaria pela já citada vistoria<sup>578</sup>. Ainda assim, mesmo sem terem sido iniciados os seus espetáculos, o Mercantil aproveitava para já anunciar algumas características de seus artistas, dentre eles dois artistas que já teriam passado na cidade por outra companhia; um dos palhaços – “um moço brasileiro; artista bem educado, e de muito espírito, que sabe entreter o público e provocar o riso, **sem ofender a moralidade**”<sup>579</sup> –; e os artistas Casalis, com trabalhos equestres e ginásticos sempre aplaudidos em outras localidades<sup>580</sup>. A estreia, portanto, teria ocorrido no dia 30 de dezembro daquele ano<sup>581</sup>, como indica o anúncio abaixo.

---

<sup>573</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 96, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>574</sup> *Ibid.*

<sup>575</sup> *Ibid.*

<sup>576</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 97, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>577</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>578</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 99, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>579</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>580</sup> *Ibid.*

<sup>581</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 99, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 43** - Anúncio da estreia do Circo Casali, em 1875



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 99, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Sua estreia teria sido um sucesso: com a presença de “Suas Altezas Imperiais” em “um rico e variado espetáculo”<sup>582</sup>. Noticiava-se a maneira pela qual cada artista se destacava, na barra fixa, nos exercícios musculares, cenas equestres, saltos mortais, trabalhos aéreos, jocosidades, etc<sup>583</sup>. Segundo consta, “o público saiu satisfeitíssimo e na maior parte com disposição de frequentar assiduamente os espetáculos” daquela companhia<sup>584</sup>. O sucesso da estreia também teria sido notado por um folhetinista. Ao fazer uma reflexão sobre a virada do ano de 1875 para o de 1876, o autor apostava naquele Circo como forma de superar as mazelas do ano anterior.

[...] Com efeito o velho 75 não nos deixa a menor saudade. Trouxe-nos sempre num sarilho, ameaçou-nos com guerras, sedições e revoltas, tostou as companhias de seguros com grandes e repetidos incêndios, transtornou os miolos dos urbanos desumanos, deu pontapés no erário público, casou

<sup>582</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>583</sup> *Ibid.*

<sup>584</sup> *Ibid.*

muitas velhas e descasou muitas moças, atirou pedradas na cabeça de muita gente boa, [...] e por fim, nas suas despedidas, mimoseou-nos com a carestia dos gêneros alimentícios e com excessivo calor, que nos fez andar em calças pardas. Felizmente ele já se pôs ao fresco e não nos tornará a incomodar com as suas diabruras. [...] **Por ter o 76 se apresentado com o semblante risonho, presenteando-nos com festas, exposições e espetáculos de cavalinhos, não se deve concluir que seja bom**, porque há muitos que procuram primeiramente fazer-nos mil afagos e carinhos para depois nos ferirem cruelmente. [...] Porém, olvidemo-nos do ano velho e vamos tratar do que nos trouxe o novo. **A excelente e admirável companhia equestre e ginástica dos Srs. Casali, Filhos e Netos, dá hoje a sua segunda função artística no seu grande e asseiado [sic] circo.** Relatar-vos as maravilhas que fazem esses artistas achareis talvez impossível; porém ide hoje ao circo e então vereis que é verdade o que eu digo, e com certeza não haveis de perder mais um espetáculo. [...]

- Veritas<sup>585</sup>

Esse trecho nos apresenta uma questão a ser refletida. Notemos que o autor apresenta incertezas sobre a própria conformação dos divertimentos naquela estação. Para ele, aquele cenário não significaria a superação daquelas mazelas, inclusive podendo acentuá-las. Essa indicação é modificada, somente, ao falar dos Casali, indicando que estes seriam espetáculos nos quais se valeria a pena estar presente, o que seria confirmado pelas notícias posteriores, que indicavam a forte presença do público no trato com aquela companhia que continuava “a proporcionar ao público desta cidade as mais agradáveis noites de distração”<sup>586</sup>. Segundo noticiou-se: “Das companhias equestres que têm vindo a esta cidade, é a dos Srs. Casalis a que mais entusiasmo tem produzido e a que tem tido melhor acolhimento”<sup>587</sup>. Algumas de suas funções, como a do “mágico cavalo *Propheta*”, seriam apresentadas como as mais distintas dentre aqueles do mesmo gênero, tanto em Petrópolis, como na corte<sup>588</sup>, e suas apresentações eram noticiadas por contarem com pelo menos duas mil pessoas<sup>589</sup>.

Notemos que, em nenhum momento, aquele Circo se dedicava às questões morais da época. Com exceção às jocosidades do palhaço, que “não ofendiam a moralidade”<sup>590</sup>, não parecia haver, *a priori*, o intuito de se utilizar esta prerrogativa

<sup>585</sup> *Ibid.*

<sup>586</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>587</sup> *Ibid.*

<sup>588</sup> *Ibid.*

<sup>589</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>590</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

em seus espetáculos, o que em determinado momento seria criticado por um folhetinista, que comparava este divertimento aos de prestidigitação, que tinham a instrução e o engrandecimento científico como fins. Neste sentido, a companhia de Casali se mantinha pela boa qualidade de seus espetáculos, embora somente isso talvez não fosse suficiente. Era necessário também investir em beneficência, ainda que outros discursos também pudessem ser encontrados: como uma espécie de compensação às poucas oportunidades de diversão fora do verão, notada no folhetim a seguir:

Quando no rigor no inverno, tiritando de frio suportávamos, com a mais evangélica resignação, a horrível monotonia que dia e noite nos acabrunhava o espírito, [...], nunca esperamos, nem mesmo em sonhos podíamos esperar, que a estação calmosa nos daria em compensação as belas e agradáveis noites que temos ultimamente gozado no grande circo da companhia dos Srs. Casali e filhos. [...] Desejamos portanto que o público continue a animar a companhia Casali, a fim de que tenhamos durante a estação calmosa um tão agradável divertimento, em compensação da insipidez que aturamos no inverno. [...]

- Veritas<sup>591</sup>

Como podemos notar, a chegada daquele circo se dava quase como um marco para aquela virada do inverno para o verão, onde as demandas sociais e redes de sociabilidade ganhavam novos contornos. Assim, ao passo que o autor buscava refletir sobre os impactos no imaginário local a partir da construção daquele circo, além de indicar outras características sobre aquelas apresentações como as façanhas de seus artistas, outros elementos contribuíam para a configuração de sua legitimidade.

Deste modo, embora a função instrutiva e moral daquele divertimento não se desse de maneira direta como no teatro, havia a necessidade de se apresentar certa respeitabilidade, que passava pela própria presença da família imperial, mas também por discursos sobre a boa ordem de seus espetáculos, o vestuário de bom gosto e até mesmo as gozações do palhaço que não ofendia a moral. Para tanto, além de notabilizar questões como essas, havia uma tentativa de legitimação que por vezes passava pelo próprio incentivo dos noticiantes e folhetinistas, com repetidas chamadas para que o povo não deixasse de frequentar aquele Circo.

---

<sup>591</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 07, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

A tentativa daquele circo em estar inserido no cotidiano da cidade, no entanto, ia além de seus espetáculos. Foi anunciada, por exemplo, uma iniciativa do Sr. Luiz Casali – diretor da companhia –, que daria lições de equitação às pessoas que quisessem aprender aquele “utilíssimo exercício”<sup>592</sup>. Tratava-se de uma iniciativa que, além de potencialmente gerar renda ao artista, também vinculava sua figura ao ideário petropolitano, na perspectiva da utilidade e civilidade.

Essas estratégias, entretanto, pareciam não ser suficientes. Para sustentar o apelo do público, era necessário também investir nas ações de beneficência, a fim de consolidar a boa imagem do circo e, sobretudo, de seus espectadores. Para tanto, foram levantadas iniciativas para diferentes fins, como para a Sociedade Portuguesa de Beneficência Comercial e Artística<sup>593</sup>, a um trabalhador roubado<sup>594</sup>, a um hospital<sup>595</sup>, à Caixa Hortícola<sup>596</sup> e à sociedade dos conscritos<sup>597</sup>. Também não foram deixados de serem beneficiados os próprios artistas e a própria companhia, o que foi reforçado após a indicação de que o Circo teria enfrentado muitas despesas devido ao mau tempo.

Seus artistas, nesse sentido, eram constantemente exaltados quando noticiados os seus benefícios. O palhaço Augusto Duarte, por exemplo, foi apresentado como “digno de toda a proteção, não só pelo seu merecimento artístico como pelas suas qualidades pessoais”<sup>598</sup>. Já a Sra. Zilda Casali, chamada de “Rainha do Ar”, teria atraído cerca de duas mil pessoas, “entre estas grande número de famílias da corte e desta cidade”<sup>599</sup>, no que foi chamado de “uma verdadeira festa

<sup>592</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>593</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>594</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 8, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>595</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>596</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>597</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>598</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>599</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

artística”<sup>600</sup>. A mesma senhora teria recebido anteriormente um pedido para a sua apresentação por parte de alguns de seus admiradores<sup>601</sup>.

Foram totalizados 57 espetáculos durante aquela turnê<sup>602</sup> antes de partir para a cidade de Juiz de Fora<sup>603</sup>. Segundo noticiou-se, os seus espetáculos foram constantemente muito concorridos, inclusive com a presença da família imperial, além de que “presidiu sempre [...] a boa ordem e muita decência, tanto da parte do público como dos artistas”<sup>604</sup>. Refletiu-se mais uma vez sobre a qualidade de seus artistas e seus “vestuários ricos e de muito gosto, de sorte que o público nem uma só vez teve ocasião de fazer-lhes censura”<sup>605</sup>, além da beleza de seus cavalos “e tudo mais preciso a uma companhia de primeira ordem”<sup>606</sup>.

De maneira geral, por fim, a passagem daquela companhia por Petrópolis teria marcado aquela estação. Entre suas proezas, a contundente presença do público e das elites, as aulas de equitação e as funções beneficentes, além das críticas sofridas, aquela companhia parece ter conseguido angariar o apoio da população. Não foi possível, pelas fontes, compreender se essa companhia voltou nos anos posteriores (de 1877 a 1879), mas certamente influenciou a percepção local sobre o circo para os anos seguintes, em que outras companhias precisariam ocupar esse espaço. Foi o caso do Circo Pery, em 1880, companhia sobre a qual trataremos a seguir.

Esta companhia passou em Petrópolis por dois anos consecutivos: 1880 e 1881. Como já apresentamos, foi somente em sua segunda passagem que se denominou como Circo. Desta maneira, sua primeira passagem se deu de maneira mais tímida, inclusive fora do período do verão. Sua chegada, embora anunciada como uma “grande e excelente companhia equestre e ginástica”<sup>607</sup>, não se fazia presente nas primeiras páginas do jornal, e em seu primeiro anúncio já se

---

<sup>600</sup> *Ibid.*

<sup>601</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>602</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 35, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>603</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>604</sup> *Ibid.*

<sup>605</sup> *Ibid.*

<sup>606</sup> *Ibid.*

<sup>607</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

comunicava que a estadia seria curta, de forma que os espetáculos fossem seguidos, embora variados<sup>608</sup>, com “trabalhos ginásticos, equestres, funambulismo e mímicos”<sup>609</sup>.

Ainda que de maneira breve, noticiava-se o apreço do público por aquela companhia com espetáculos cheios, inclusive em certo domingo, sendo necessário que alguns espectadores voltassem para suas casas por falta de lugares<sup>610</sup>. Embora também se noticiasse os valores de seus artistas nos espetáculos na “equitação e ginástica”, no “assombroso aéreo volante”, no “difícil equilíbrio do arame bambo”, ou nos “trabalhos hercúleos”<sup>611</sup>, a admiração também se dava pela perspectiva moral, atrelada ao comportamento daqueles artistas. Segundo noticiava-se, a proteção e os aplausos não se davam somente por seus trabalhos artísticos, “como pelo bom comportamento de todo o pessoal, **um dos principais predicados para, em qualquer parte, obterem o mesmo acolhimento**”<sup>612</sup>.

Antes de finalizarem sua estadia, ainda no início de maio, depois de cerca de 20 dias na cidade, ainda foi possível prestarem um benefício à Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo<sup>613</sup>, tendo sua despedida noticiada em edição posterior: “fazemos votos pela sua felicidade, desejando que regressem o mais breve possível a esta cidade, onde serão sempre bem recebidos”<sup>614</sup>. O desejo foi atendido, e a companhia já no início do ano seguinte, em uma estadia mais longa que iria até maio. Ao que tudo indica, seria essa estadia inicial uma espécie de avaliação para que aí sim pudessem retornar, dessa vez durante a estação calma.

Embora anunciada sua chegada, já como *Circo Pery*, ainda em dezembro de 1880<sup>615</sup>, a companhia teria estreado somente em 22 de janeiro. Nesse sentido, o próprio Manoel Pery indicou o motivo de seu atraso em uma seção intitulada *Não*

---

<sup>608</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>609</sup> *Ibid.*

<sup>610</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>611</sup> *Ibid.*

<sup>612</sup> *Ibid.* **Grifos nossos.**

<sup>613</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>614</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>615</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

*Editorial* do Mercantil: “devido a não poder realizar, por causa das continuadas chuvas, os espetáculos que comprometeu-se a dar em São Cristóvão e Politheama”<sup>616</sup>. O circo também precisaria passar por vistoria antes de iniciar seus espetáculos<sup>617</sup>.

Em que pese também a recente inauguração de um novo Teatro em Petrópolis, o que poderia servir para dividir as atenções do público, sua estreia teria contado “com muito pouca gente”<sup>618</sup>, além de artistas cansados da viagem, o que seria melhorado na apresentação seguinte, que “esteve na altura da companhia Pery”<sup>619</sup>, tendo inclusive os espetáculos posteriores noticiados por atraírem um grande público<sup>620</sup>.

A questão, no entanto, muitas vezes não passava somente pela quantidade, mas sobre como se comportavam os espectadores, sendo noticiados, por exemplo, um cidadão do Reino Unido que teria comprado um camarote, e retirado as cadeiras que posteriormente teriam faltado a quem tinha pagado dois mil réis pelo espetáculo, precisando ficar em pé; e também alguns que teriam ocupado cadeiras reservadas para a imprensa<sup>621</sup>.

Esses problemas foram rapidamente resolvidos pela companhia que passaria a numerar as cadeiras<sup>622</sup>, embora alguns comportamentos tidos como incivilizados não tivessem sido superados:

Uma parte do público está acostumada a interromper as melhores cenas com gritos e assovios ao palhaço; **já não estamos na infância da arte e é necessário coibir-se semelhantes expansões**; o palhaço, hoje, já não é o bobo dos antigos tempos; [...] será de muita vantagem que o público a que nos referimos, vá se acostumando às ideias adiantadas da época, para não perturbar o espetáculo, nem incomodar os demais espectadores.<sup>623</sup>

---

<sup>616</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>617</sup> *Ibid.*

<sup>618</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>619</sup> *Ibid.*

<sup>620</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>621</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>622</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>623</sup> *Ibid.*

Desta maneira, embora tenha passado por algumas dificuldades que passavam tanto pelos problemas de estrutura acentuados pelas chuvas<sup>624</sup>, pela má apresentação da estreia por parte da companhia<sup>625</sup> e dos problemas encontrados entre os espectadores<sup>626</sup>, a companhia de Pery não deixaria de investir tanto em seus espetáculos quanto no caráter beneficente, que como já vimos, poderia ser utilizado como estratégia para levar a população aos espetáculos.

No caso das beneficências, foram encontrados espetáculos com recursos destinados tanto ao hospital de caridade da cidade<sup>627</sup>, quanto ao Asilo de Nossa Senhora do Amparo<sup>628</sup>, além dos benefícios próprios<sup>629</sup>. Mais do que isso, no entanto, a boa qualidade de suas apresentações também servia para atrair um público que buscava o entretenimento; e para tal, foi comum encontrar notícias que versavam sobre a chegada de novos artistas.

Antes de adentrarmos especificamente nas companhias que chegaram em Petrópolis, vale dizer que o circo, conforme aponta Silva (2010), surgiu da fusão de diferentes artistas e seus espetáculos, “reunindo teatro, acrobacias, danças, música, bonecos e animais” (p. 125). Segundo a autora, o sucesso dessa organização de espetáculo teria sido preponderante para que grupos montassem espetáculos circenses e iniciassem turnês em diversos países do mundo, ainda na segunda metade do século 18. Essa conformação teria se mantido ainda no século 19.

Inicialmente isso se deu pela chegada de alguns artistas, dos quais foram destacados os Srs. Bastos e Pinto Pereira, “que mostraram-se na altura de seus colegas”<sup>630</sup>, os já conhecidos Pery, Coelho, Bahia e Silvana Bastos, que “revelaram estudo e gosto pela arte que abraçaram”<sup>631</sup>. Posteriormente, “no intuito de melhor

---

<sup>624</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>625</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>626</sup> *Ibid.*

<sup>627</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>628</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>629</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>630</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>631</sup> *Ibid.*

corresponder ao benévolo acolhimento que tem recebido do público”<sup>632</sup>, outro artista seria contratado, o americano Sr. Aymar, que teria trabalhado nas principais cidades da Europa, tendo sido “sempre vitoriado pelo público”<sup>633</sup>, além da posterior contratação do artista Silva, “que no *arame bambo* demonstrou muita arte e perícia”<sup>634</sup>.

Foi o Sr. Aymar, dentre eles, quem chamou mais atenção da imprensa. No discurso, contudo, não se podia exaltar a figura de Aymar sem levar em consideração quem o trouxe: Manoel Pery, o diretor da companhia. Segundo consta, “com aquisição deste artista [Aymar], o Sr. Pery mostra querer merecer todo o apoio e proteção do público que lhe tem sido um tanto ingrato”<sup>635</sup>. A necessidade de valorização de Pery – “um moço brasileiro, cheio de modéstia e humildade, porém um artista distinto e um cavalheiro digno de toda a consideração”<sup>636</sup> – estava em consonância com uma campanha para a compra de um cavalo para o artista.

**[...] é de prever que ninguém se recuse a concorrer com o seu óbolo para animação de um artista brasileiro que tantos esforços e sacrifícios tem empregado para agradar a este público de quem muito espera. O povo da corte, que nunca recusou as migalhas de suas mesas para servir o estrangeiro e o estrangeiro que nunca regateou vinténs para servir à causa nacional, certamente não virão hoje regatear um pouco do muito que possuem, no serviço de um artista nacional, que é pobre e precisa de toda a proteção.**<sup>637</sup>

Essa compra foi concretizada. A partir da organização de uma comissão representada pela figura do Sr. Ernesto Paixão – importante figura política na cidade, com cargo na câmara municipal e como diretor do Colégio Paixão –, que ofereceu ao artista “um soberbo cavalo, comprado por subscrição popular”<sup>638</sup>, além

---

<sup>632</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>633</sup> *Ibid.*

<sup>634</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>635</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>636</sup> *Ibid.*

<sup>637</sup> *Ibid.*

<sup>638</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

de ter feito ainda um discurso em homenagem ao artista, que posteriormente teria recebido ramos de flores atiradas pelo público<sup>639</sup>.

O artista, depois disso, ainda teria um espetáculo em benefício próprio, que contaria com a presença dos imperadores – e de Antonio Carlos, o mestre de Pery<sup>640</sup> –, e teria sido concorrido apesar do mau tempo<sup>641</sup>. Antes disso, foi desenvolvido um folhetim destinado especialmente à figura de Pery, assinado pelo folhetinista A.P.

### **Manoel Pery**

Este nome tão simples e modesto é o de um grande artista brasileiro. Grande pelo seu merecimento artístico, grande pelas suas nobres e elevadas qualidades pessoais. [...] Há de animar essa festa [o benefício ao artista] porque o seu produto reverte em benefício do simpático, distinto, porém modesto artista, que apesar dos reveses da sorte que ultimamente o tem acabrunhado, ele é sempre o mesmo artista arrojado e ufano na execução de seus difíceis trabalhos, porém amável e atencioso para com o público. [...] Na corte, onde tem se apresentado os mais hábeis e notáveis artistas do mundo, Manoel Pery foi também vitorioso e proclamado como rei da equitação, e a imprensa diária foi também unânime em tecer-lhe os mais pomposos elogios. E para obter tantas ovações em toda parte em que se apresenta Manoel Pery não faz preceder a sua chegada com bombásticos anúncios, como fazem tantos outros, porque ele tem consciência de seu mérito, e de sua gloriosa reputação, e estas são realmente as melhores recomendações que pode apresentar um artista para ser bem escolhido pelo público. Além dos merecimentos artísticos, Manoel Pery é também dotado de sentimentos nimamente caridosos, pois apesar de não ter sido este ano bafejado pela felicidade, não se esqueceu das desventuradas órfãs do Asilo de Nossa Senhora do Amparo, nem dos pobres desvalidos que vão procurar um lenitivo aos sofrimentos sob o teto do nosso hospital e com eles repartiu o fruto do seu insano trabalho, *tornando-se por esse meio duas vezes nobre, pela arte e pela caridade*. [...] Corramos ao circo hoje; não neguemos ao Pery a proteção a que ele tem direito, provemos-lhe a nossa amizade concorrendo ao seu benefício, e das mais lindas e perfumosas flores dos jardins desta Veneza brasileira façamos uma coroa para com ela ornarmos a frente desse tão eminente artista [...].

- A.P.<sup>642</sup>

O folhetim assinado por A.P., publicado já ao fim da temporada do circo, traz uma das defesas mais enfáticas a um artista circense em Petrópolis. O artista teria sido apresentado por várias de suas qualidades, não só no âmbito dos espetáculos,

<sup>639</sup> *Ibid.*

<sup>640</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>641</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>642</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

mas também notadas pela sua dedicação ao circo e às causas locais. Pery, que não anunciava sua chegada à cidade com anúncios tão marcantes, parecia querer ser notado pela própria conformação de seu trabalho, fato que contribuiria para que figuras importantes se juntassem em apoio ao artista.

Nesse contexto, destacamos uma reflexão de Marzano (2010). Para a autora, mesmo frequentadores de divertimentos tidos como mais “elegantes” e civilizados – como os teatros – não se restringiam exclusivamente a esses espaços, podendo também se fazer presentes em divertimentos mais populares, como o circo. Esse fator evidencia que as fronteiras entre os diferentes divertimentos, poderiam ser permeáveis, evidenciando a complexidade em torno daquelas práticas culturais. Para a autora, isso se dava tanto pelo público quanto pelo conteúdo desses divertimentos, que por muitas vezes se misturavam, seja por números circenses nos espetáculos teatrais, seja por números dramáticos nos espetáculos circenses.

Voltando às experiências dos circos de Casali e Pery, notamos que, em vista de suas peculiaridades, as experiências de Casali e Pery guardavam tanto algumas aproximações quanto contrastes. Se a companhia Casali já chegava à cidade com grandes expectativas, tendo em seus espetáculos lugar para luxos, tanto na estrutura quanto pelo vestuário de seus artistas, mas também pela sua variedade; o circo de Pery precisaria construir esse reconhecimento, investindo em estratégias mais diretas de aproximação com o público. Para este artista, as qualidades morais e sua identidade ligada aos avanços daquele divertimento em todo o Império. Ainda assim, as duas companhias parecem ter compreendido as dinâmicas em torno do circo naquela cidade, e isso se dava na ótica de espetáculos civilizados na perspectiva da “boa ordem”, mas também atrelados aos interesses e causas locais.

Nesta perspectiva, ficava cada vez mais evidente que as companhias precisavam adotar estratégias tanto na perspectiva da moral, quanto pela compreensão do papel da imprensa e, sobretudo, das ações beneficentes. Assim, embora, com outras configurações, outras companhias aproveitavam os caminhos anteriormente traçados, deixando algumas dessas estratégias cada vez mais latentes.

Uma dessas companhias foi a de Paul Serino, aquela que teria optado por não se apresentar como um Circo – apesar de contar com elementos daquele

divertimento – e dar suas apresentações no Salão da Floresta. A companhia teria feito sua temporada no início de 1883, retornando em 1887 (embora dessa vez pouco noticiada). Inicialmente, foi anunciada como uma das responsáveis pelo término da monotonia causada pela falta de divertimentos, que seria substituída por “uma época cheia de atrativos e entusiasmo”<sup>643</sup>. A companhia, que apresentaria um conjunto de, pelo menos trezes artistas, contava ainda com uma brasileira, a D. Idalia<sup>644</sup>.

Posteriormente, em uma das poucas vezes em que se usou o termo “circo” relacionado à companhia, seria anunciada a sua primeira função que, “graças à longa prática do diretor dessa companhia o circo e a sala acham-se preparados de modo elegante e a oferecer toda a comodidade aos espectadores”<sup>645</sup>, com os usuais valores de 1\$000 réis para as gerais e 2\$000 para as cadeiras<sup>646</sup>.

Embora não tenha sido feita uma análise mais aprofundada, os três primeiros espetáculos teriam contado com “brilhante concorrência e sendo os trabalhos merecidamente aplaudidos”<sup>647</sup>, o que seria melhor delineado posteriormente, após a inserção de uma matinê com programa para as crianças e famílias<sup>648</sup>, noticiada como uma “verdadeira festa artística celebrada por crianças e às crianças consagrada”<sup>649</sup>. Naquela festa, os protagonistas teriam sido as próprias crianças que faziam parte da companhia, tornando-se “os ídolos da festa”<sup>650</sup>.

---

<sup>643</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>644</sup> *Ibid.*

<sup>645</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>646</sup> *Ibid.*

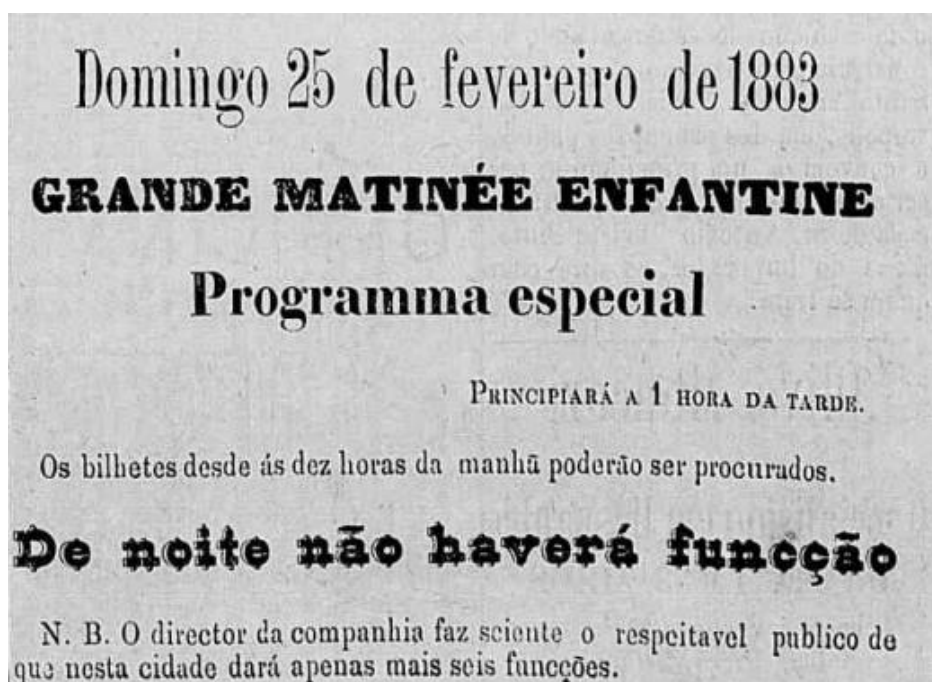
<sup>647</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 14, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>648</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>649</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>650</sup> *Ibid.*

**Figura 44** - Anúncio de matinê infantil promovida pela companhia de Paul Serino



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Assim, com uma participação inicial tímida – se comparada a outras companhias – mas ainda assim positiva, a companhia teria adotado estratégias similares a elas, com a chegada de um novo artista<sup>651</sup> e, sobretudo, com as ações beneficentes, para a alforria de uma mulher escravizada<sup>652</sup>, para a capela de Nossa Senhora do Rosário<sup>653</sup>, para a Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo<sup>654</sup> e para a irmandade do Santíssimo Sacramento<sup>655</sup>.

No caso da primeira, por exemplo, o jornal anunciava como “uma ocasião de pôr em ação os nossos princípios religiosos”<sup>656</sup>. Como de costume, foi somente a

<sup>651</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>652</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>653</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>654</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>655</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>656</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

partir dessa ação que o jornal passaria a refletir de maneira mais contundente sobre a atuação da companhia, indicando assim que a opinião da imprensa local poderia “servir-lhe como passaporte e carta de recomendação a qualquer lugar a que vá”<sup>657</sup>. Assim, naquela notícia foram mencionados todos os artistas da companhia, sendo levantadas as suas principais características – artísticas e morais<sup>658</sup>.

Além disso, as edições do jornal registraram tanto um agradecimento vindo da devoção a N. S. do Rosário quanto uma espécie de prestação de contas de alguns dos benefícios realizados<sup>659</sup>. Assim, embora em uma curta estadia, aquela companhia também teria conseguido dar conta dos principais elementos que conformavam as expectativas em torno do circo na cidade, chegando a contar em certo momento, inclusive, com a presença de Conde d’Eu e Princesa Isabel, quando anunciado o benefício à escola doméstica<sup>660</sup>.

Assim como o Circo Casali, aquela companhia também iria para Juiz de Fora depois de sua estadia em Petrópolis<sup>661</sup>, indicando o que poderia ser um circuito comum daquelas companhias que, entre a corte e as Minas Gerais, passariam em Petrópolis – uma cidade que cada vez mais tentava se colocar como uma das mais importantes da região. A companhia de Paul Serino até teria sido anunciada uma única vez, posteriormente, em 1887<sup>662</sup>, mas não foi encontrado nenhum relato sobre esse retorno.

Posteriormente, outras companhias passariam um tempo em Petrópolis, como o *Circo Universal*, em 1884 e em rápida passagem em 1888, o *Circo Olympico* e o *Circo Europeu*, em 1886, e a *Companhia Zoológica Francesa*, em 1888, além de um Circo Mecânico de Cavalinhos sem nome, em 1887. Nenhum deles, no entanto, conseguiu receber o prestígio daquelas companhias de outrora, como os anteriores Casali e Pery.

---

<sup>657</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>658</sup> *Ibid.*

<sup>659</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>660</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>661</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>662</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 01, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

O primeiro deles, dirigida pelos Srs. Borel & Seyssel, também vinha de uma estadia na corte e, portanto, foi noticiada por não ser “uma dessas companhias organizadas para dar espetáculos na roça”<sup>663</sup>, tendo em vista a qualidade de seus artistas, de seus trabalhos e de suas execuções, fatores comumente exaltados pela imprensa<sup>664</sup>, apesar de serem noticiadas também concorrências limitadas<sup>665</sup>. No entanto, não foi possível encontrar exaltações mais aprofundadas sobre a companhia, assim como não pudemos perceber a presença de grandes novidades ou de festa beneficentes, apesar de ser notada a presença de membros da família imperial em um de seus espetáculos<sup>666</sup>. O circo teria, também, dividido as atenções com uma companhia dramática, que teria chegado na cidade para a mesma estação<sup>667</sup>.

Em sentido contrário, dois anos depois, foi a vez de chegar à cidade o *Circo Olympico*, dirigido por Julio de Freitas. Essa companhia, que apresentava novidades como a presença de animais como uma onça<sup>668</sup>, um tigre e um urso<sup>669</sup>, de trabalhos japoneses<sup>670</sup>, dos quais não sabemos do que se trata, e até mesmo da participação da banda de música da Casa Imperial<sup>671</sup>, se apresentou em um circo construído no Largo da Estação da Estrada de Ferro. Os artistas até teriam contado com o apoio do público, depois de um trabalho que surpreendera por sua variedade e boa

<sup>663</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>664</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>665</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>666</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 05, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>667</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>668</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>669</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>670</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 15, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>671</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

execução<sup>672</sup>, mas destacava-se sobretudo, por atender “todas as exigências de uma população tão ilustrada como a de Petrópolis”<sup>673</sup>, como indicado no anúncio abaixo.

**Figura 45** - Anúncio do Circo Olympico, no largo da estação da estrada de ferro

**CIRCO OLYMPICO**  
NO  
LARGO DA ESTAÇÃO DA  
Estrada de Ferro Principe do Grão-Pará  
Companhia equestre, gymnastica, zoologica, de maravilhosos equilibrios  
DIRIGIDA PELOS ARTISTAS  
**Julio de Freitas & Barcellos**  
**HOJE! HOJE! HOJE!**  
E  
**AMANHÃ! AMANHÃ!**  
Domingo 14 do corrente  
DOIS LINDOS E VARIADOS ESPECTACULOS  
constando de trabalhos  
Equestres  
Gymnasticos  
Equilibrios japonezes  
Mimicos  
Cavallos em liberdade e cães ensinados, urso domesticado, etc.  
**AO PUBLICO**  
Os directores, gratos ao bom acolhimento que tem a companhia recebido do respeitavel publico desta cidade, continuarão a esforçar-se para que os seus espectaculos sejam variados e escolhidos, attendendo a todas as exigencias de uma população tão illustrada como a de Petrópolis.  
Entrada geral . . . . . 15000  
Lugares reservados . . . . . 25000  
ÀS OITO E MEIA HORAS.

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Este espetáculo se deu após um intervalo devido às festas do Carnaval<sup>674</sup>. Seria após esse retorno, o momento em que aquele circo destinaria mais energia,

<sup>672</sup> *Ibid.*

<sup>673</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 18, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>674</sup> *Ibid.*

tanto com a apresentação de um novo artista<sup>675</sup>, quanto por meio de um espetáculo beneficente para a mesma Escola Doméstica de outros benefícios<sup>676</sup>. Aquela função, que depois ainda seria adiada<sup>677</sup>, foi assim noticiada: “Dois motivos a recomendar essa função: - um, útil, proteger uma instituição de caridade; outro, agradável, aplaudir artistas que de dia para dia mais dignos se tornam de aplausos”<sup>678</sup>.

Os atores envolvidos naqueles espetáculos, embora não pudessem ser comparados – ao menos pela ótica dos discursos – com companhias anteriores, parecem ter saído satisfeitos e, sobretudo, contemplados: a companhia, por entreter e ajudar; e os espectadores, por bem receberem aquela companhia que, antes de partir para Areal, teria deixado uma nota de agradecimento à “generosa e ilustrada população de Petrópolis”<sup>679</sup>.

Após essa companhia, nenhuma outra teria ganhado tanta repercussão. Até tentava-se investir em novidades, como a presença de uma banda de música italiana<sup>680</sup> e de “soberbos elefantes”<sup>681</sup> pelo Circo Europeu, mas já não parecia o suficiente. De acordo com o que nos apresentam as fontes, os circos ao final daquele período já não mobilizavam a cidade como outrora. Ainda que fossem buscadas novidades e estratégias similares, não alcançavam o mesmo prestígio ou repercussão das companhias anteriores.

Em nossa compreensão, o entretenimento e a boa qualidade de suas apresentações já não eram suficientes para atrair a atenção do público, que havia presenciado apresentações notáveis em momentos anteriores. Mais do que isso, o elemento da beneficência — central em muitos divertimentos, mas ainda secundário nas apresentações de circo — passava a ganhar mais importância, justamente num período em que esse tipo de espetáculo parecia perder força na cidade. Não

---

<sup>675</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 20, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>676</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>677</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>678</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 27, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>679</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 35, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>680</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 77, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>681</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

bastava entreter: era preciso compreender as particularidades daquele contexto, em que, por exemplo, a abolição legal da escravidão se aproximava cada vez mais. Talvez alguns elementos como os altos custos de construção e os obstáculos logísticos enfrentados não tenham permitido que o circo acompanhasse esse processo.

### 3.4 A religião e os divertimentos

A abordagem sobre religião para a presente pesquisa enfrenta alguns limites que devem ser levados em consideração. Embora, como já pudemos provar, a presença de africanos e de seus descendentes nascidos em terras brasileiras existisse em Petrópolis, ainda que passados por um processo de apagamento em diferentes níveis, não encontramos registros de seus divertimentos vinculados à religião, assim como de suas redes de sociabilidades nesse mesmo sentido.

Como já pudemos discutir anteriormente, esses limites são acentuados pela natureza das fontes que utilizamos – isto é, os jornais, feitos pelas elites e voltados a elas – que, por isso, contava com foco quase que exclusivo no catolicismo, entendido como referência moral. A marcante presença dessa religião, portanto, é fruto de um processo colonial que visava apontar outras crenças (e/ou não-crenças) como negativas, imorais e ligadas a um “demônio” que se fazia presente nas religiões cristãs – o que teria acontecido também nos já discutidos espetáculos visuais.

Para tanto, embora não tenha sido possível encontrar relatos que versassem sobre a presença de outras religiões que não fossem as cristãs na cidade de Petrópolis, foi encontrada uma notícia da corte sobre uma “sociedade espírita” que teria sido proibida pelo chefe de polícia, indicando como a imprensa tratava outras práticas religiosas. Para o noticiante: “Bem andou S. Ex., porque a tal sociedade era mais uma fábrica de doidos que outra qualquer coisa. Naturalmente os evocadores dos espíritos farão as suas evocações em família, o que será muito proveitoso para todos”<sup>682</sup>.

---

<sup>682</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 66, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Não é possível compreender sobre qual ótica do espiritismo essa notícia tenha se dado, tampouco se realmente tinha alguma ligação com religiões de origem africana. O que nos importa, no entanto, é a maneira pela qual o jornal se posiciona, nos apresentando indícios de como seriam abordadas essas religiões caso fossem encontradas na cidade de Petrópolis. Como já demonstramos: sim, existiam escravizados em Petrópolis e, sim, eles resistiam e se manifestavam. E por que não através de religiões outras?

Ressaltamos que, nesta perspectiva, concordamos com os apontamentos de Ramos (2022) que aponta as redes de sociabilidades travadas na lógica das religiões também enquanto formas de diversão – nesse caso, especialmente as de matriz afro-brasileira, mas que em nossa compreensão pode ser notado nas incorporações desses elementos no majoritário catolicismo. Para o autor, que evidencia um paradigma entre diversão e resistência, “estes são divertimentos que se transformam em um espaço de sociabilidade com determinada relevância e traços de sua inerente complexidade” (2022, p. 157).

Neste sentido, ainda tratando da presença negra na cidade de Petrópolis no trato com a religião, essa conformação pôde se notar sobretudo em dois contextos, ambos vinculados ao catolicismo: 1) as alusões à Nossa Senhora do Rosário – historicamente ligada à população negra e escravizada; e 2) a Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo – instituição fundada por um padre em 1871, que tinha como objetivo amparar e instruir órfãs de guerra e ingênuas, as “filhas de mães escravizadas que passaram a ser admitidas pela instituição a partir da promulgação da Lei do Ventre Livre” (Leal, 2017, p. 06).

Essas, contudo, não foram as únicas experiências ligadas aos divertimentos religiosos. Neste sentido, indicaremos esses divertimentos como um conjunto de manifestações que passavam por festas, solenidades, atos comemorativos e até mesmo conferências, que tinham a religião católica como um denominador comum. Como veremos, o que aqui chamaremos de “divertimentos religiosos” apontam também para certas complexidades, que passam por elementos como a própria conformação das estações na cidade, assim como os usos sociais e políticos no que tange à participação das elites, além das associações locais e, mais uma vez, a característica da beneficência.

Optaremos por dedicar um tópico exclusivo à Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo, por tratar-se de uma instituição com grandes aproximações com os divertimentos, tendo em vista se tratar de, possivelmente, a maior beneficiada por espetáculos de diferentes manifestações culturais durante nosso recorte temporal, além de sediar algumas celebrações e festejos que merecem ser notados.

### 3.4.1 As festas religiosas

As festas religiosas, como são até os dias atuais, seguiam a conhecida diferenciação entre as datas fixas no calendário – como o Natal, os dias ligados a santos e o Mês Mariano, dedicado à Virgem Maria – e as móveis, cujo dia de celebração varia a depender de elementos como o calendário lunar – como a Páscoa, a Semana Santa ou o *Corpus Christi*.

**Figura 46** - As festas religiosas móveis no ano de 1885

Festas móveis	
Septuagesima . . .	1 de fevereiro.
Cinza . . . . .	18 de fevereiro.
Paschoa . . . . .	5 de abril.
Ladainhas. . . .	25 de abril, 11, 12 e 13 de maio
Ascensão . . . .	14 de maio.
Espirito-Santo. .	24 de maio.
SS. Trindade . .	31 de maio.
Corpo de Deos. .	4 de junho.
SS. Cor. de Jesus	12 de junho.
1º Domingo do Advento. . . .	29 de novembro.

**Fonte:** GUIA DE PETRÓPOLIS PARA O ANO DE 1885. Petrópolis-RJ. Tip. Do Mercantil, 1885.

Hemeroteca digital/BNDigital. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/guia-de-petropolis/828750>. Acesso em: 01 jun. 2025.

As festas de Nossa Senhora do Rosário, realizadas ora em fevereiro ora em maio - e não em sua data oficial de 7 de outubro - revelam como essas celebrações

passavam também por ressignificações. Para a população negra, o culto à santa e a São Benedito representava, nas palavras de Silva (2018, p. 109), “um dos passos para a permissão de momentos mais doces em uma realidade amarga”, tornando-se ocasiões importantes de encontro e identidade para aquela população.

Em nossas fontes, contudo, o paradigma da doçura e da amargura eram parte de uma construção um tanto quanto complexa no que se refere às relações de sociabilidade daquelas pessoas. Se bem verdade é que houve espaço para relatar a participação dos escravizados em um tom mais aprazível em 1882, indicados pela promoção das festas por parte dos devotos, “em sua maioria de cor preta”<sup>683</sup>, eram essas mesmas pessoas as responsáveis pela construção da capela da mesma Nossa Senhora do Rosário, sob “a força da constância e afanoso trabalho”<sup>684</sup>.

No ano seguinte, quando a capela seria finalmente inaugurada, mais uma vez exaltava-se a figura daqueles homens, não pela ótica da dignidade, mas por terem contribuído para um fim em especial: o engrandecimento da cidade – que agora contaria com mais uma capela, e se aproximaria dos ideais de progresso que, em nenhum caso, se distanciaria dos ideais cristãos buscados. Alguns trechos da notícia apontam para essas contradições:

Inaugurou-se [...] a capela de Nossa Senhora do Rosário [...], templo modesto mas edifício que por si dá um testemunho do quanto temos dito em relação à população de Petrópolis.<sup>685</sup>

Aquela pequena igreja [...] é toda devida ao nosso esforço e foi a obra promovida por homens que parecendo ser da camada inferior da sociedade, pela letra da nossa lei, ergueram-se e muito com o cometimento que levaram a cabo.<sup>686</sup>

Trabalhosa foi a tarefa e por isso mais merecido é o louvor que cabe [aos] que nela se empenharam e que [...] bom resultado obtiveram.<sup>687</sup>

É modesta essa capela, já o dissemos, nem é pela imponência do edifício que a ela nos referimos: **consagramos-lhe o espaço que destinamos aos melhoramentos de Petrópolis e à sustentação das boas coisas**, porque nesse acontecimento encontramos um ensejo de fazer justiça, porque a inauguração da capela do Rosário proporciona-nos a ocasião de bem

<sup>683</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>684</sup> *Ibid.*

<sup>685</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>686</sup> *Ibid.*

<sup>687</sup> *Ibid.*

apreciar os habitantes de Petrópolis, que não se furtam a fadigas nem esforços para o engrandecimento da localidade.<sup>688</sup>

Ainda sobre a construção da capela, concluída em 1883, algumas fontes indicam que outros divertimentos também buscavam contribuir para as obras. Em 1879, por exemplo, o congresso João Caetano promoveu um sarau dramático seguido de baile, com renda destinada à construção<sup>689</sup>. O secretário desse congresso, pedindo a participação e contribuição da população, apostava “no espírito religioso do povo de Petrópolis e seus visitantes”<sup>690</sup> para que essa participação fosse efetivada, indicando mais uma vez aspectos morais como preponderantes para a consolidação de diversos divertimentos.

**Figura 47** - Produto do benefício às obras da capela de Nossa Senhora do Rosário em 1879

PRODUCTO DO BENEFICIO ÀS OBRAS DA CAPELLA DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO.	
<i>Rendimento</i>	
Recebido pela comissão incumbida de promover o beneficio . . . . .	942\$000
Offertas por alguns car- tões não entregues na ocasião do espectáculo	19\$000
	961\$000
<i>Despeza</i>	
Com a dama, musica, lu- zes, ensaiador, ponto, agente, e varios objectos que se comprãõ, como consta das respectivas contas . . . . .	403\$000
Saldo a favor da Benefi- ciada . . . . .	558\$000
	Rs. . . . 961\$000
Petropolis, 28 de abril de 1879. —BENEDICTO MARTINIANO, procura- dor da devoção.	

<sup>688</sup> *Ibid.*

<sup>689</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>690</sup> *Ibid.*

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 32, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

A construção daquela capela, no entanto, não parece ter modificado a maneira pela qual as festas destinadas à Nossa Senhora do Rosário se conformavam. Embora a partir daquele momento as festas passassem a ocorrer em sua capela<sup>691</sup> e não mais na igreja matriz<sup>692</sup>, ainda era possível notar variação no tocante às datas; além de não haver nenhuma grande modificação ligada ao local da festa, no que se refere à presença e relação com a família imperial e a participação de bandas, associações e instituições locais.

De maneira geral, nos primeiros anos da década de 1880, eram indicadas nas festas, partes destinadas a leilões de prendas (inicialmente em busca de recursos para a construção da capela), além de elementos como *te-deum*, iluminação pública, concertos musicais e fogos<sup>693</sup>. Posteriormente, já se aproximando da segunda metade da década e da construção da capela, a programação já não se apresentava de maneira detalhada, mas as festas não deixavam de seguir algumas características.

A primeira característica, já na segunda metade da década, é a relação das festas de Nossa Senhora do Rosário com as de São Benedito, que ocorriam ao mesmo tempo<sup>694</sup>, diferentemente, por exemplo, do ano de 1884, em que houve uma festa dedicada exclusivamente ao Santo, embora ponderado pela Devoção que juntava os dois: a Devoção de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito<sup>695</sup>.

Outra característica no que se refere à essas festas, era a presença e relação com membros da família imperial, que teriam tido suas presenças noticiadas em

<sup>691</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>692</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>693</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>694</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>695</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

1879<sup>696</sup>, 1880<sup>697</sup>, 1881<sup>698</sup>, 1883<sup>699</sup>, 1885<sup>700</sup> e 1888<sup>701</sup>, embora também pudessem ter participado dos outros anos. No que se refere à essa relação, embora nesse caso não se trate exatamente de uma festa, foi relatada também uma missa em homenagem ao aniversário da imperatriz na nova capela, em 1885<sup>702</sup>.

Além disso, pôde ser notada a inserção da banda de música da Casa Imperial, que teria sido noticiada em 1886<sup>703</sup> e 1887<sup>704</sup>, após a inauguração da capela em 1883. Naquela ocasião, teria tocado “durante o ato religioso a música do paço, que sua Majestade o Imperador, por sua benignidade para com os seus súditos, ainda os mais humildes, cedeu à devoção para tocar durante a festa [...]”<sup>705</sup>. Outras instituições também fizeram parte daquelas festas durante todo o período estudado, como as meninas do Asilo de Santa Isabel<sup>706</sup> e da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo<sup>707</sup>. Com exceção das fontes já mencionadas, não encontramos mais nenhum relato sobre a presença das pessoas escravizadas naquelas festas, embora possamos indicá-la em virtude da relação dessas pessoas com estas festas, inclusive na perspectiva do sincretismo religioso.

No geral, as festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito ocorriam em fevereiro, também tendo fontes que indicassem os meses de abril e maio. No caso desse último mês, indicamos o fato de ser comemorado o Mês de Maria, de

<sup>696</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>697</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>698</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>699</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 35, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>700</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>701</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>702</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 17, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>703</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>704</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>705</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>706</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>707</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

forma que houvesse uma espécie de fusão da figura de Nossa Senhora do Rosário com a da Virgem Maria, mais comumente associada a esse mês. Como veremos, o Mês de Maria (ou Mês Mariano), elemento religioso mais marcante em nossas fontes, apresentava sentidos e usos distintos, sobretudo no que se refere à forma pela qual a moralidade e os ideais de civilização eram notados, dessa vez, possivelmente, mais dedicado às camadas mais altas da sociedade petropolitana.

Segundo indicam as fontes, por ocorrer logo após o fim da “estação calmosa” e o conseqüente retorno dos visitantes, aquela festa parece ter sido pensada como estratégia para prolongar a permanência dessas pessoas na cidade. Neste sentido, aquela festa poderia ser utilizada como forma de fazer com que essas pessoas passassem mais dias na cidade, apresentando também uma espécie de anseio por ser uma cidade que se destacasse em todo o ano, e não somente durante o verão – elemento que já discutimos no início desse capítulo – e que pode explicar o fato de algumas festas ocorrerem fora do mês de seu santo.

Em Petrópolis

Apenas o velho e carrancudo inverno mostrou-nos a ponta do nariz e fez-nos dar, sem ter vontade, meia dúzia de espirros, os nossos hóspedes aprontaram a toda pressa as malas e foram sorratamente escapulindo pela serra abaixo em procura de outro clima, com receios talvez de ficarem transformados em sorvetes. **Se não fossem as abençoadas festas do mês de maio** que obrigam a algumas famílias a demorar-se, certamente já estaríamos recolhidos aos bastidores consultando os bolorentos alfarrábios, ou recorrendo à companhia do crônico cachimbo, que durante o verão esteve atirado ao fundo da gaveta e votado ao mais cruel abandono.<sup>708</sup>

Assim como foi naquela campanha por mais 40 dias em Petrópolis, em 1880, em que nem mesmo às questões ligadas à febre amarela possibilitaram que os habitantes ficassem mais tempo na cidade; na fonte supracitada, um folhetim assinado por Veritas, adotava-se um tom que apresentava como somente aqueles que estariam “obrigados” a ficarem na cidade, teriam ficado – essa obrigação pode estar ligada à relação dessas pessoas com as instituições religiosas da cidade –, ao passo que o restante dos visitantes teriam preferido abandonar o rígido frio da serra.

Ao final das festas de maio daquele ano, um relato do mesmo Veritas nos apresenta algumas percepções que merecem ser destacadas:

---

<sup>708</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 34, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Festa acabada e músicos a pé. É um rifão antigo e muito usado entre nós, e julgo que bem aplicado no assunto presente. Apenas terminaram as festas que durante o mês de maio se celebraram na nossa matriz em adoração à Santíssima Virgem Maria, as Exms. e diletíssimas senhoras que nos faziam arrebatado com suas harmoniosas e cadentes vozes, deixaram-nos saudosos de suas amabilíssimas companhias. **Depois dessas tão belas noites, que passamos olvidados da horrível monotonia que nos aguardava nos meses de inverno**, ficamos reduzidos a ouvir a amoladora cantoria dos habitante do canal, ou quando muito talvez nos apareça algum tocador de realejo, que depois de correr montes e vales venha aqui dar com os ossos, para nos sacar meia dúzia de tostões com as piruetas do seu macaco dançarino. Na falta de distrações o macaco e o realejo, a briga de dois cães, a empacação de um animal manhoso montado pelo Sr. Adonis, uma capoeira de galinhas na boleia da diligência, um irmão da opa tomando as dimensões da rua, um namoro, um baile improvisado, os jogos da bisca, e do burro, **tudo serve, tudo se aproveita para passar-se alguns minutos entretidos e tirarmos a ferrugem da língua**, sem ser preciso, nem de leve tocar na vida alheia [...].<sup>709</sup>

Visto isso, notemos um ponto importante sobre essas festas, pelo menos a partir do relato do autor: não havia ênfase exatamente aos aspectos religiosos daquelas festas, e sim, a como elas teriam contribuído para superar a monotonia da falta de divertimentos. Não queremos, com isso, destinar a essas festas uma desimportância no trato com seus aspectos religiosos; no entanto, não podemos deixar de evidenciar uma sociedade que já não mais queria se prender aos divertimentos do verão, apontando a diversão enquanto uma necessidade, e não como algo secundário.

Por esse motivo, as festas de maio e todas as outras festas religiosas, cumpriam um papel importante. Se bem verdade é que evidenciam aspectos ligados à moral e à noção de civilidade e engrandecimento local buscados à época, também serviriam para a manutenção de redes de sociabilidade que não poderiam se sustentar apenas pelos divertimentos do verão. E é nesse ponto, que seus usos sociais se tornam pilares de sua própria construção.

Como eram, portanto, essas festas de Maio, indicadas pelo Correio Imperial – e transcrita pelo Mercantil – como “o mês das flores da alma”<sup>710</sup>? No geral, havia contavam com a participação de instituições religiosas como o Asilo de Santa Isabel

<sup>709</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 44, n.p., 1875. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>710</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

e da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo<sup>711</sup> que, em alguns casos, chegavam a sediar algumas partes das festas, em conjunto com a igreja matriz<sup>712</sup>.

Dentre os relatos foi comum perceber, também, a presença de visitantes da cidade em seus festejos, indicando que, embora já não fosse tão efetiva quanto em outros momentos, essa presença contribuía para o bom resultado dessas festas. É o que foi noticiado em 1885, de forma que, com a presença desses visitantes, “a concorrência aos atos foi sempre grande; mas na noite de domingo o templo era pequeno para conter os fiéis, que se aglomeravam em torno da igreja”<sup>713</sup>. No tocante à sua programação, não foi possível encontrar nenhum relato.

Passemos, então, aos festejos da Semana Santa. Durante o período estudado, sua programação não contava com grandes alterações, de forma que exemplifiquemos a partir da seguinte notícia:

Na igreja matriz desta freguesia hão de ser celebrados os ofícios da Semana Santa pela forma seguinte:

*Domingo de Ramos* – Às dez e meia horas, bênção e distribuição das palmas, procissão e missa cantada solene, com o canto da Paixão;

*Quarta-feira de Trevas* – Às seis e meia horas da tarde, ofício de Trevas;

*Quinta-feira Santa* – Às nove horas, missa cantada solene, com comunhão geral, procissão e exposição do Santíssimo Sacramento; vésperas e desnudação dos altares: às seis e meia horas da tarde, ofício de Trevas;

*Sexta-feira Santa* – Às nove horas da manhã, ofício solene da Paixão, com canto da Paixão, adoração da cruz, procissão e missa dos pré-santificados, vésperas; às quatro horas da tarde, Via-Sacra; às seis e meia horas da tarde, ofício de Trevas, seguindo-se a procissão do Senhor Morto;

*Sábado de Aleluia* – Às oito horas da manhã, bênção do lume novo, incenso e círio, canto das profecias, bênção da pia batismal e ladainhas, seguindo-se missa cantada solene da Aleluia;

*Domingo de Páscoa* – Às oito horas da manhã, procissão da Ressurreição; e, ao recolher da mesma, missa cantada solene.<sup>714</sup>

<sup>711</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>712</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 36, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 39, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 41, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>713</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 40, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>714</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Além disso, no entanto, esses eventos também poderiam contar com a participação de outros atores, como a banda de música do palácio imperial, em 1875<sup>715</sup>; e, em 1879, pela participação das alunas dos Colégios de Asilo de Santa Isabel, do Coração de Maria da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo, junto a professores e alunos do Colégio Paixão, e corporações musicais como o Congresso Philarmônico Quinze de Março e Estrela do Oriente, as bandas do Colégio Paixão e do Sr. Henrique Eckhardt<sup>716</sup>.

A união de diferentes instituições e associações, que teria se repetido no ano seguinte, indicaria mais uma vez uma forte relação dos divertimentos locais com os fundamentos religiosos daquela sociedade. Segundo o noticiante, por isso: “Cabe, pois, a este excelente povo de Petrópolis a glória de ter feito à expensas suas a mais importante cerimônia religiosa que tem visto esta cidade”<sup>717</sup>. Em 1881, isso se repete, inclusive com bailes de Páscoa nos dois grandes salões da cidade: o da Floresta e do Bragança<sup>718</sup>.

O período da Semana Santa foi, além disso, possivelmente o que mais demandava recursos advindos de doações ou de espetáculos beneficentes. Para este fim, foi possível notar doações apontadas, por exemplo, pela princesa Isabel<sup>719</sup>, pelos imperadores<sup>720</sup>, como fruto de uma recita dramática promovida por amadores<sup>721</sup>, e também por iniciativa de “algumas senhoras” que decidiram esmolar na porta da igreja matriz em prol das festas da Semana Santa<sup>722</sup>.

Tendo em vista, portanto, o que foi discutido no tocante às festas ligadas à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, ao Mês de Maria e à Semana Santa, pudemos compreender como eram mobilizados diferentes aspectos relacionados à

<sup>715</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>716</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>717</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>718</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>719</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>720</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>721</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>722</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

vida religiosa e social da cidade. Ao passo que se reforçavam valores católicos ligados à busca pela moralidade, não deixavam de ser articuladas questões próximas às sociabilidades, aproximando os interesses locais com a necessidade de afirmação dessas práticas.

Além disso, embora essas festas compartilhassem elementos em comum – como a presença de instituições e associações locais ou a ingerência da família imperial – também contavam com particularidades. Essas diferenciações se notabilizavam pela própria conformação da cidade, e pelos alvos a quem buscavam, contrapondo participação popular à participação das elites – sobretudo as visitantes –; além disso, a própria religião poderia ficar, ao menos no discurso, em segundo plano, como no caso da Semana Santa que, diferentemente do Mês de Maria, contava com maior foco nas questões religiosas.

A seguir, apresentamos um quadro com outras festas religiosas encontradas nas fontes que, embora aparecessem de maneira menos recorrente ou com menos elementos para análise, reforçam a importância desses festejos na vida social da cidade.

**Quadro 8** - Demais festas religiosas encontradas nas edições do Mercantil

<b>Festa/Divertimento</b>	<b>Anos de aparição</b>	<b>Edição do Mercantil</b>	<b>Conteúdo da fonte</b>
<b>Festa de Reis</b>	1875	01	Notícia pouco aprofundada sobre efetuação da festa, além da exposição de um presépio.
	1876	03	Notícia sobre a festa, que contou com missa cantada acompanhada por uma sociedade de canto alemã. Teria contado com a assistência da irmandade e de um grande número de fiéis.
	1879	03	Notícia sobre a festa, também com missa cantada e uma outra sociedade de canto. Os imperadores teriam assistido a solenidade, junto a muitos fiéis.
	1880	02	Além dos já habituais reverendos na missa cantada, houve participação das asiladas da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo. “Numeroso concurso de fiéis”.
	1881	02	Notícia que indicaria a festa na igreja matriz, também com missa cantada.
<b>Festa do Espírito Santo</b>	1875	37	Notícia sobre a festa na igreja matriz. Também contou com sociedade de canto alemã e a participação da família imperial.
	1881	43	Notícia sobre a festa na igreja matriz. Participação da

			sociedade de canto alemã, com “assistência da irmandade do SS. Sacramento e um numeroso concurso de povo”.
<b>Corpus Christi (Corpo de Deus)</b>	1875	39	Notícia sobre festa que aconteceria. Após procissão, teria lugar a festa com missa solene e acompanhada pela sociedade de canto alemã.
		40	Notícia após a festa. Também teriam participado alunas e alunos de colégios da cidade como do colégio Paixão. Houve a presença da princesa e de “numeroso concurso de povo”.
	1876	46	Mais uma vez anunciava a festa. Participariam “representantes do clero, da irmandade do SS. Sacramento, da corporação municipal, autoridades civis, dos principais colégios de ambos os sexos e da sociedade de canto alemã.
		47	Notícia mais aprofundada, indicando o percurso da procissão, além de indicar a presença de outras instituições como do Asilo de Nossa Senhora do Amparo. Segundo consta: “há muito anos não esteve tão solene a procissão e a festa de corpo de Deus”.
	1879	43	Anúncio da Irmandade do Santíssimo Sacramento, convidando população, autoridades e associações.
		45	Festa teria sido adiada devido ao mau tempo.
		46	Diferentemente dos anos anteriores, dessa vez não apareceu nenhuma das autoridades constituídas. Segundo o noticiante, isso poderia ser explicado pela “quadra de enfermidades” que a cidade se encontrava, embora não justificasse.
	1880	32	Notícia que ocorreria a festa, sem mais detalhes.
		33	Notícia que ocorreu. Participação de diferentes associações locais como associações de músicas e instituições de ensino como os asilos e escolas.
	1881	45	Notícia que a festa ocorreria no dia seguinte com festa (missa cantada) após a procissão, sem mais detalhes.
	1882	41	Notícia que seria no dia seguinte. Indica também que houve mudança na mesa da irmandade, pedindo que a atual acompanhe os antecessores devido à “pompa” que as festas contavam.
		42	Indica a participação dos colégios e sociedades locais.
		43	Agradecimento por parte da nova mesa da irmandade do SS. Sacramento a todos os fiéis, instituições e associações locais, pela participação na festa.
	1884	43	Notícia que ocorreria a festa no dia seguinte.
		44	Notícia sobre a festividade, com a presença de associações e instituições, além de evidenciar “a melhor ordem” do festejo e louvar a mesa administrativa.
1885	40	Anúncio e convite para a festividade, sem mais detalhes.	
1886	48	Notícia sobre festa que teria ocorrido “com a maior pompa e brilhantismo”. Segundo consta, a mesa administrativa teria conseguido bons resultados, mesmo	

			não onerando seus cofres. Contou com fogo artificial, e participação de autoridades, colégios e bandas de música.
	1887	43	Anúncio da festa e programação, que indica a participação das autoridades, associações, colégios e sociedades de música, além de leilão de prendas e fogos.
		44	Notícia sobre o festejo, que indica as participações. Indica-se também os esforços da mesa administrativa da irmandade.
	1888	40	Notícia sobre os festejos com participação das autoridades, associações e instituições.
<b>Festa de Santo Antônio</b>	1875	45	Notícia que as festas estavam animadas, com fogueiras, balões e fogo artificial, tanto na véspera como no dia.
	1876	46	Apenas noticiado que foram muito festejadas tanto a véspera quanto a noite de Santo Antônio, sem mais detalhes.
	1880	37	Anúncio que seria celebrada “com a maior pompa”, sem mais detalhes.
	1881	44	A festa, na igreja do Sagrado Coração de Jesus, contaria com missa cantada, sem indicação de outros elementos.
	1887	43	Noticia-se uma festa em <b>São José do Rio Preto</b> .
<b>Festa ligada à Família Imperial</b>	1875	78	Festejos em homenagem ao nascimento de filho da princesa Isabel, com missa em ação de graças, um <i>Te-Deum</i> , além de outras iniciativas como lançamento de foguetes e “salvas de tiros”.
		80	Folhetim relata os elementos noticiados anteriormente, refletindo também sobre como o nascimento do príncipe teria “acordado” a população que “dormia profundamente desde o começo do inverno”. O nascimento do primogênito de Isabel e Conde d’Eu foi em 15 de outubro.
	1888	39	Notícia sobre primeira comunhão do príncipe do Grão-Pará, filho de Isabel e Conde d’Eu. Apesar de não contar com elementos festivos, a fonte assim a apresenta.
		64	Anuncia-se festejos para saudar o retorno dos imperadores à cidade. As atividades contariam com missa na capela da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, de forma que suas meninas pudessem sair para recebê-los. A câmara municipal também estaria envolvida, convidando a população a iluminar a frente de suas propriedades em homenagem aos imperadores.
		67	Apresenta os festejos de recepção como “festas populares”, indicando como a população os admirava.
		70	Ato religioso pelo restabelecimento do Imperador, com convite a instituições como os asilos de Santa Isabel e de Nossa Senhora do Amparo.

		72	Escrito de um residente de Petrópolis que saudava a participação de todos os envolvidos nas festas, inclusive as instituições supracitadas.
<b>Dia de Finados</b>	1875	84	“Numeroso concurso de povo” teria visitado o cemitério da cidade, que teria contado com autoridades religiosas e sociedade de canto alemã, sendo celebrada uma missa cantada.
<b>Natal</b>	1875	99	Notícia sobre festas celebradas na igreja matriz com a presença de Isabel e Conde d’Eu “e de grande número de fiéis”. No dia 24, uma missa com a presença da sociedade de canto alemã, no dia 25, missas de meia e meia hora, além de ter sido exposto um presépio oferecido por um devoto.
	1876	99	Notícia de mesmas características do ano anterior.
	1881	99	Notícia-se o fato de os imperadores terem passado a data na cidade, embora não indique os festejos.
	1883	98	Notícia sobre solenidade, que teria contado com participação das asiladas da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo e de uma organista, além da participação dos imperadores, Isabel e Conde d’Eu.
	1884	99	Notícia de um presépio na rua de D. Affonso.
	1886	97	Notícia de um presépio na rua de D. Affonso até o dia de Reis.
	1888	96	Notícia de um presépio na rua de D. Affonso até o dia de Reis.
<b>Festa do Sagrado Coração de Jesus</b>	1876	50	Notícia sobre festa que teria ocorrido em igreja recém-construída pelos alemães católicos da cidade. Teria havido uma missa com participação das asiladas de Nossa Senhora do Amparo. Indica-se também que a igreja não estaria totalmente pronta, portanto não sendo possível contar com outros elementos, como as novenas.
	1881	23	Festa promovida pelos alunos do Colégio São José, com participação das asiladas de Nossa Senhora do Amparo, um jantar, uma tradução do francês por parte de um aluno, além de brindes a autoridades – dentre elas da família imperial – e professores.
<b>Festa de São Pedro de Alcântara</b>	1879	79	Notícia de que seria celebrada a festa na igreja matriz, sem mais detalhes.
		80	Noticiou-se a participação de banda de colégio, além de missa cantada com sociedade de canto alemã. Segundo consta, essa festa não vinha sendo festejada nos anos anteriores.
<b>Solenidade de N. S. da Candelária</b>	1880	09	É noticiada uma procissão com missa solene e participação das alunas do asilo de Santa Isabel, além da assistência do casal imperial.
<b>Festa de Anunciação de Nossa Senhora</b>	1881	24	Notícia pouco detalhada sobre o ato religioso, que teria contado com missa cantada.

Fontes: **BNDigital**: Mercantil (1875-1888). Disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>.

Entre as festas levantadas acima, destacamos o Corpus Christi e as alusivas à família imperial, tanto pela quantidade de fontes quanto pela maneira pela qual pareciam mobilizar a imprensa. No primeiro caso, indica-se mais uma vez a presença de diferentes instituições e associações, além de autoridades e irmandades religiosas, que notabilizavam o seu fazer religioso. Já os festejos ligados diretamente à família imperial pareciam ser parte de uma estratégia que visava aproximá-los da religião – o que se dava de diferentes formas, seja pelos atos destinados a eles, seja pela sua contribuição.

Além das festas indicadas acima, houve relatos também de festas em outras cidades, como em São José do Rio Preto<sup>723</sup> e na Penha, na corte<sup>724</sup>. No caso de São José do Rio Preto, a realização da festa era viabilizada por ser o ponto final da linha férrea inaugurada poucos anos antes. O mesmo teria se dado na Penha, onde seriam disponibilizados “trens especiais”<sup>725</sup> para chegar à festa. Este parece ter sido o início da construção de um novo circuito no que se refere às festas religiosas, agora mais próximas a outras realidades e localidades, graças aos avanços tecnológicos. Estes avanços, no entanto, ainda não estavam livres de contratempos, exemplificados por um acidente de trens na ida à Penha, deixando algumas pessoas feridas – inclusive tendo um homem, o Dr. Costa, precisado amputar uma de suas pernas<sup>726</sup>.

---

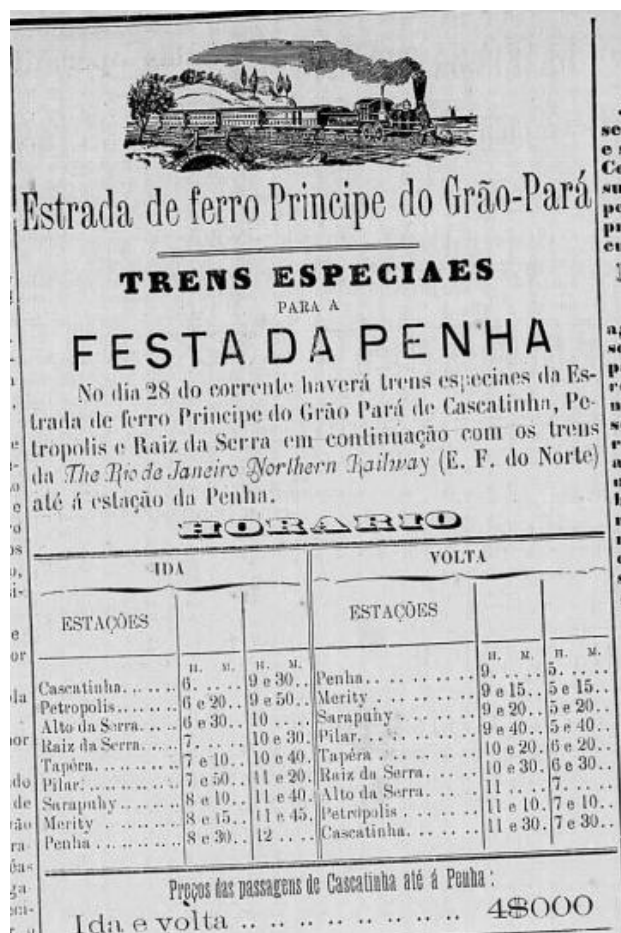
<sup>723</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 29, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>724</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 79, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>725</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 79, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>726</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

**Figura 48** - Anúncio de trens especiais para a Festa da Penha, na corte



**Estrada de ferro Príncipe do Grão-Pará**

**TRENS ESPECIAES**  
PARA A  
**FESTA DA PENHA**

No dia 28 do corrente haverá trens especiais da Estrada de ferro Príncipe do Grão Pará de Cascatinha, Petrópolis e Raiz da Serra em continuação com os trens da *The Rio de Janeiro Northern Railway* (E. F. do Norte) até a estação da Penha.

**HORARIO**

IDA			VOLTA		
ESTAÇÕES	H.	M.	ESTAÇÕES	H.	M.
Cascatinha	6	...	Penha	9	...
Petrópolis	6 e 20	...	Merity	9 e 15	...
Alto da Serra	6 e 30	...	Sarapuby	9 e 20	...
Raiz da Serra	7	...	Pilar	9 e 40	...
Tapera	7 e 10	...	Tapera	10 e 20	...
Pilar	7 e 50	...	Raiz da Serra	10 e 30	...
Sarapuby	8 e 10	...	Alto da Serra	11	...
Merity	8 e 15	...	Petrópolis	11 e 10	...
Penha	8 e 30	...	Cascatinha	11 e 30	...

Preços das passagens de Cascatinha até a Penha:

Ida e volta	4\$000
-------------	--------

Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 79, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Outro elemento importante que merece ser destacado é a maneira pela qual diferentes festejos se aproximavam de associações locais que não se dedicavam exclusivamente aos divertimentos religiosos, como as ligadas ao Colégio Paixão, ou outras já apresentadas nessa pesquisa, como o Congresso Philarmônico Quinze de Março, a Sociedade Estrela do Oriente, entre outras. Havia, no cenário dos divertimentos de Petrópolis uma relação intrínseca daquelas associações e a religião: a necessidade de se fazer prevalecer uma sociedade pautada por preceitos morais.

A relação dos diferentes divertimentos com as festas religiosas também se dava de outras maneiras, passando pela interrupção de espetáculos devido a

chegada de festas religiosas<sup>727</sup>, ou mesmo pela maneira pela qual poderiam contribuir para avanços no que se refere aos interesses religiosos. Um exemplo marcante, nesse sentido, é a construção da nova igreja matriz na cidade, que teria sido tida como uma necessidade em 1882<sup>728</sup>. Em visita do imperador às suas obras, teria percebido a pouca quantidade de pessoas empregadas, fato que seria consequência da pouca quantidade de recursos disponíveis para a obra<sup>729</sup>. Nesta perspectiva, contudo, festas e espetáculos teriam sido indicados como possibilidade de se levantar recursos<sup>730</sup>, fato que já vinha ocorrendo desde alguns anos antes<sup>731</sup>.

Indicamos, por fim, a ausência de um festejo em especial na análise feita até aqui: a festa de Nossa Senhora do Amparo. Como veremos, esta não foi a festa mais noticiada em nossas fontes, mas carregava um simbolismo importante por ser a padroeira de um dos estabelecimentos mais associados aos divertimentos da Petrópolis oitocentista: a Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo. É sobre essa instituição que nos debruçaremos no tópico seguinte.

### 3.4.2 A Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo e os divertimentos

Como já discutido ao longo deste trabalho, os divertimentos em Petrópolis entre os anos de 1875 e 1888 não seguiam um padrão no que se refere aos seus usos sociais e políticos. No entanto, alguns elementos puderam ser notados de maneira mais contundente, quais sejam: a beneficência, a relação com a família imperial e a busca por moralização da cidade. Neste sentido, no decorrer da presente pesquisa encontramos uma instituição que, em nossa compreensão, foi a que mais se aproximou desses três elementos – que, com exceção da relação com a família imperial, não eram exclusivos de Petrópolis, mas parte de um projeto nacional –, a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo.

<sup>727</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>728</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 59, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>729</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>730</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>731</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 93, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

A escolha de apresentar uma reflexão sobre essa instituição no presente capítulo – dedicado às experiências de divertimentos – se dá por sua relação direta com esses divertimentos. Ela não apenas promovia eventos como bazares e festas religiosas, mas também recebia espetáculos em suas instalações e era beneficiada por recursos obtidos em quermesses e apresentações teatrais. Essa conexão mostra como os divertimentos eram usados para fins beneficentes e de moralização, ao passo que também reforçavam a imagem da instituição na sociedade petropolitana, além de ter recebido recursos advindos das festas em favor da emancipação – elemento central no presente trabalho –, como veremos à frente. Por isso, a Escola Doméstica não pode ser deixada de lado quando falamos das experiências de sociabilidade e divertimento na cidade. Iniciaremos com uma breve contextualização sobre a instituição, antes de falar propriamente de sua relação com os divertimentos.

Trata-se de uma instituição fundada em Petrópolis no ano de 1871 por João Francisco Siqueira, o Padre Siqueira. Segundo Leal (2017), essa iniciativa pode ter surgido a partir da participação do padre Siqueira na Guerra do Paraguai, momento em que passa a refletir sobre a trajetória dos filhos dos combatentes, de forma que a lógica do amparo pudesse servir para acolher as filhas dos soldados de guerra mortos em batalha. Junto a essas meninas, também seriam acolhidas as meninas ingênuas – isto é, as crianças livres filhas de mãe escravizada, a partir da Lei do Ventre Livre, de 1871, formando um asilo para essas meninas.

**Figura 49** - Padre Siqueira e as alunas da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, em 1871



**Fonte:** Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis. *In:* Leal (2017).

Leal (2017) aponta também para a maneira pela qual a Escola se mantinha, independentemente de mudanças sociais e políticas – vale ressaltar, nesse sentido, que a Escola funciona até os dias atuais. Segundo a autora, o fortalecimento da escola partiu de algumas estratégias por parte do Padre, sendo uma delas a escolha da cidade de Petrópolis, devido ao seu clima ameno e por ser também um território que contava com forte relação com o imperador Dom Pedro II e de outras personalidades influentes da província. De acordo com Leal:

Foi evidenciado que Padre Siqueira tinha conhecimento da importância social e política da região e, portanto, utilizou a rede de sociabilidade já existente. Ele também passou a fazer parte dessa rede, que aos poucos se consolidou, sobrevivendo depois de sua morte e sendo utilizada por seus sucessores (Leal, 2017, p. 102).

A autora apresenta, além disso, um forte apelo para a questão da mulher, em que “a educação pensada para elas deveria estar em conformidade com o objetivo pretendido por aqueles que ditavam as regras no período” (2017, p. 101), isto é, pautados na ótica da subalternidade, com pouca possibilidade de ascensão social,

além de uma compreensão de que a figura masculina seria preponderante para que estas meninas não ficassem fadadas à fome e à miséria (p. 38).

Há, além disso, uma compreensão de Leal que nos interessa para a reflexão no trato com os divertimentos, que reflete: “podemos dizer que a elite brasileira unia dois interesses: o de remover os defeitos daqueles que não se encaixavam no que era estabelecido por ela, **bem como o fato de cumprir o papel de bom cristão**” (2017, p. 42. **Grifos nossos**). Essa reflexão, corroborada pela própria autora, que cita tanto a questão da autoafirmação por parte das elites, quanto iniciativas por parte destes atores no sentido de angariar recursos sob a ótica de estar fazendo o bem “em nome de Deus”, nos ajuda a compreender como essa instituição poderia ser notada em sua relação com os divertimentos.

Os elementos acima citados, por sua vez, se articulavam com os divertimentos da cidade, seja para angariar recursos, seja como espaço de afirmação da imagem da Escola. A atuação da instituição, nesse cenário, nos ajuda a perceber o grau de protagonismo que recebia no tocante aos espetáculos e festas da cidade, especialmente por ter sido uma das instituições mais beneficiadas por esses divertimentos. A seguir, trataremos de como essas relações se davam na prática, a partir de nossas fontes. Iniciemos pelo discurso e compreensões acerca daquela instituição – e de seu fundador – por parte do jornal.

Antes de um bazar beneficente oferecido pela instituição de 1875, o noticiante, apresenta como a primeira notícia daquela edição, um relato sobre a importância daquela Escola para a sociedade petropolitana. Alguns trechos nos ajudam a compreender essa imagem:

A escola doméstica de Nossa Senhora do Amparo  
A caridade é uma das virtudes que mais enobrece o homem perante a sociedade. **Praticando a caridade**, porém sem ostentação alguma, **o homem cumpre com um dos mais sagrados deveres da religião e coloca-se sob a proteção divina**. Aquele que põe em prática essa virtude sem ambicionar mais do que minorar os males da humanidade sofredora, sem esperar outra recompensa senão a da bem-aventurança eterna, como podemos sem receio dizer do distinto sacerdote o Rvm. padre João Francisco de Siqueira Andrade, é esse o verdadeiro apóstolo da religião do Crucificado. [...] Ninguém por certo se atreverá a contestar que a escola doméstica de Nossa Senhora do Amparo é um estabelecimento importante, e que sem ser pesado aos cofres públicos, presta todavia um relevante serviço ao país. O seu instituidor, **o padre Siqueira Andrade, é um sacerdote que por suas virtudes e ilustração tornou-se credor da estima, do respeito e da consideração de todos que o conhecem**, e jamais deve temer que espíritos invejosos possam abalar-lhe a honrosa

reputação, que com justiça tem firmado, não só em Petrópolis, como em todos os lugares para onde o tem levado as suas santas peregrinações. **Essas esmolas que, com sacrifícios da sua delicada saúde, ele obtém da caridade pública, são fielmente empregadas nas obras que está construindo, e no custeio do seu estabelecimento;** cujas despesas bem se podem avaliar à vista do crescido número de asiladas que já existe no mesmo estabelecimento. [...]<sup>732</sup>

Este trecho, mais do que nos ajudar a confirmar a hipótese de que a caridade – sob diferentes perspectivas – era elemento primordial para se pensar na construção moral dos cidadãos à época, nos remete a como aquela instituição, por meio de Padre Siqueira, se inseria na agenda pública daquela sociedade, inclusive com apoio político para tal. Esse elemento pôde ser corroborado por meio de nossas fontes que apontavam para iniciativas por parte do poder legislativo que versavam, por exemplo, a isenção de impostos para aquela instituição.

Esta iniciativa, inicialmente apresentada em 1883<sup>733</sup>, seria finalmente sancionada em 1884<sup>734</sup>. Tratava-se inicialmente de um projeto – n. 3.238 –, que isentaria a instituição do imposto de heranças e legados<sup>735</sup>, posteriormente sancionado como um decreto via assembleia legislativa provincial<sup>736</sup>.

Sob a mesma perspectiva, encontramos o relato de uma lei que previa um auxílio de 6:000\$ réis para auxílio daquele estabelecimento no ano de 1886, mas que não havia sido executado. Assim foi noticiado pelo Mercantil:

SE FOSSE PARA FIM ILÍCITO...

[...] É alegada para a justificação dessa falta a deficiência de meios – alegação sempre pronta e indiscutível desde que foi inventado o – *onde não há, el-rei perde*. Assim, pois, confessa-se a província do Rio de Janeiro pobre e tão pobre, que não pode satisfazer um compromisso, tomado desde que a sua assembleia legislativa o votou e o seu presidente o sancionou. Lei de utilidade, lembrada por um representante, [...], a que autorizava o governo da província a auxiliar uma instituição criada para fins meritórios, não pode de certo merecer a atenção do atual Sr. Presidente da província. Dizer-se que os cofres da província do Rio de Janeiro não podem – por deficiência de meios – pagar uma dívida de 6:000\$ a uns credores tão pobres [...], é dar-nos o direito de supor que os negócios vão mais à

<sup>732</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>733</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 49, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>734</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 77, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>735</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 60, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>736</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 70, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

matroca do que pensávamos. [...] Não nos surpreenderá que S. Ex. arranje com sua gente a revogação da lei que não executou, porque na quadra que atravessamos nada há de impossível para um presidente de província; mas – dado esse caso – **a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo ainda assim não fechará as suas portas. A caridade particular a tem alentado e ela tem vivido sem favores do governo: não morrerá, portanto, porque tem em si os elementos da vida – o trabalho e a ordem.**<sup>737</sup>

Apesar de serem encontradas outras iniciativas via poder legislativo no que se refere à exaltação daquela instituição e de seu criador, como a denominação de uma praça com o nome do Padre Siqueira por meio da câmara municipal<sup>738</sup> alguns anos após a sua morte<sup>739</sup>, a afirmação do bom caráter daquela instituição não se dava somente por meio da agenda política. Neste sentido, a própria imprensa seria grande responsável por essa exaltação, fato que inclusive se fez notório, ao serem encontrados agradecimentos diretos ao Mercantil por seu apoio em algumas de suas atividades<sup>740</sup>.

O trecho acima, neste sentido, além de apontar de maneira um tanto quanto contundente para a importância de outros tipos de “caridade” (a particular, em detrimento do auxílio provincial), indica a defesa feita pelo jornal no que se refere àquela instituição, elementos que foram notados em outras edições do jornal, como a seguinte:

[...] É costume nas cidades da Europa e mesmo da América deixarem as pessoas que frequentam lugares que lhes servem de refúgio nas estações críticas uma lembrança de si nesses lugares. A Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, a mais bela concepção talvez que viu o país nascer e desenvolver-se à custas dos esforços de um só homem, proporciona aos frequentadores de Petrópolis este belo ensejo. A celebridade que se adquire pela prática de ações meritórias é a única que as sociedades cultas respeitam e veneram.<sup>741</sup>

<sup>737</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 22, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>738</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 85, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>739</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>740</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 86, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>741</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Foi possível notar também, segundo consta no Mercantil, um apelo por parte de um jornal da corte, o Jornal do Comércio, para que a população auxiliasse aquela instituição. Segundo noticiado, a partir deste apelo, um homem residente de Barra Mansa teria entregado a quantia de 500\$ réis para a instituição<sup>742</sup>.

De acordo com essas fontes podemos notar, mais uma vez, a característica da beneficência/caridade como elemento central no que se refere às causas sociais da época. Desta vez, diferentemente dos benefícios em favor da emancipação dos escravizados na cidade, esta causa seria uma instituição.

Neste sentido, já articulando essas características aos divertimentos, notamos que a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo se vinculou a eles de diferentes formas, quais sejam: 1) promovendo divertimentos variados; 2) recebendo divertimentos em suas instalações; 3) participando, por meio de suas meninas, de divertimentos; e 4) recebendo recursos via divertimentos beneficentes. Falaremos disso agora.

A promoção de divertimentos por parte da Escola contava com diferentes finalidades, podendo ter a questão da beneficência como elemento central ou não. Neste sentido, as festas que contavam diretamente com esses fins encontradas em nossas fontes foram bazares e quermesses promovidas pela instituição, noticiadas nos anos de 1875 e 1886.

Em 1875, por iniciativa de Padre Siqueira, seria anunciado pelo jornal como a primeira vez que se solicitava “aos habitantes desta cidade para concorrerem com donativos e presentes para um bazar beneficente, no qual serão vendidos todos os objetos oferecidos, e o seu produto aplicado em favor das asiladas daquele estabelecimento”<sup>743</sup>. Essa “festa da caridade”, inaugurada em 2 de fevereiro de 1875 e finalizada 5 dias depois, teria sido organizada por uma comissão de pelo menos dez mulheres, contaria com a participação da família imperial. Pedia-se, neste sentido “a concorrência da população petropolitana, com especialidade do belo sexo, para um ato tão humanitário”<sup>744</sup>.

---

<sup>742</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>743</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 03, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>744</sup> *Ibid.*

Posteriormente, em notícia do Mercantil, era solicitado que se levasse em consideração a situação de Padre Siqueira que, “vivendo numa contínua luta de sacrifícios, expondo-se às mais arriscadas e penosas peregrinações, à vista da sua débil saúde”<sup>745</sup>. Ainda assim, não se deixava de refletir também sobre as beneficiadas, sendo o benefício notabilizado como forma de que elas pudessem “no futuro, conhecer o verdadeiro caminho da virtude e venham a ser boas mães de família”<sup>746</sup>. Estes trechos, mais uma vez, nos ajudam a compreender os ideais em torno daquele processo de caridade – que se fazia presente na construção narrativa da sociedade petropolitana –, isto é, marcado por ideias de afirmação (nesse caso da figura de um homem, o “salvador” Padre Siqueira), mas que não buscavam superar o *status quo*, ou seja, não apresentava oportunidades de ascensão para aquelas meninas que não fosse por meio dos ideais religiosos de virtude.

Neste sentido, foi encontrado um comunicado do próprio Padre Siqueira, indicando a importância daquela “festa de caridade”<sup>747</sup> – outros adjetivos indicados pelo mesmo padre foram “inocente recreio”<sup>748</sup> e “religioso divertimento”<sup>749</sup>. O padre buscava a participação da população ao refletir sobre algumas compreensões como: a respeitabilidade das senhoras da comissão; os trabalhos apresentados pelas asiladas; o método de educação e ensino seguido pela instituição, que agradaria os visitantes e a família imperial. O padre, que não deixou de se colocar na posição de uma figura que deveria ser apreciada, também refletiu sobre como aquele divertimento evidenciaria algumas características do verão petropolitano:

Na verdade, que imensa consolação não deve experimentar o homem que, em agradecimento ao seu Criador por lhe ter proporcionado um clima tão ameno e saudável onde passando o seu gostoso verão escapa a febre amarela e a *cholera morbus*, e pode com uma pequena sobre de seus recreios no meio de tão justas alegrias suavizar a miséria alheia e apreciar o sorrir infantil e meigo de uma órfãzinha mil vezes agradecida?<sup>750</sup>

<sup>745</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>746</sup> *Ibid.*

<sup>747</sup> *Ibid.*

<sup>748</sup> *Ibid.*

<sup>749</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>750</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Já no que se refere à quermesse de 1886, onze anos após este bazar, houve certo avanço no trato com aquela instituição, tendo em vista o grau de inserção que já contava na sociedade petropolitana, mesmo após a morte de seu idealizador. Deste modo, assim se buscou chamar a atenção da população: “Os benefícios já resultantes daquela casa pia são de sobra conhecidos, e os que dela devemos esperar são incalculáveis”<sup>751</sup>. No entanto, como indicamos, seria a partir da caridade que ela poderia seguir sendo útil àquela sociedade.

[...] a tarefa de fazer com que desapareçam as dificuldades que entorpecem a marcha do estabelecimento é uma tarefa comum, é um trabalho que nos devemos impor – todos nós, que – por nossa validez e nossa força na luta pela vida – podemos combater o difícil para conseguir o possível. A festa, pois, a que nos referimos marcará um fato honroso da nossa sociedade, e traduzirá eloquentemente a convicção – enraizada em todas as consciências – de que – **amar ao próximo como a nós mesmos – é o sentimento inato na criatura e base sólida da grandeza social.** Francamente o dizemos – bem inspirada andou a virtuosa moça que imaginou essa festa, porque da sua ideia resultaram dois bens – os fortes auxiliarão e os fracos serão auxiliados.<sup>752</sup>

Essa festa, que também seria organizada por uma comissão de mulheres<sup>753</sup>, também foi notada durante o verão, se colocando como parte de um circuito cultural que contava, ao mesmo tempo, com outras festas<sup>754</sup> e até mesmo um espetáculo em benefício à instituição promovido por professores e alunos do Colégio Paixão<sup>755</sup>. Foram destacados, neste sentido, um produto inicial alcançado de 3:000\$000 réis, a partir do leilão de produtos como: um porta-charutos, um pano de mesa, além da venda de retratos dos visitantes da quermesse<sup>756</sup>.

Nos chama a atenção, contudo, a curiosa participação dos membros da família imperial. Dentre os relatos, destaca-se o fato de o próprio príncipe D. Pedro Augusto ter comprado uma prenda oferecida pela Imperatriz<sup>757</sup>, indicando como

<sup>751</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 94, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>752</sup> *Ibid.*

<sup>753</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>754</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>755</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>756</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>757</sup> *Ibid.*

aquela participação teria se dado de maneira emblemática e, até mesmo, calculada. Assim, eram reforçados os laços daquela família com a causa beneficente que, em nossa compreensão, serviam como ferramenta de autoafirmação pública daquela família, enquanto “protetora” de uma moral cristã que em muito se fazia presente naquele cenário.

Alguns desses elementos também eram notabilizados mesmo quando não havia o objetivo direto de angariar recursos por meio de seus divertimentos. A partir de uma dessas festas, em comemoração ao aniversário da Escola, foram transcritos alguns discursos por parte das alunas da instituição, dos quais destacamos o discurso da aluna Epiphania Galvão:

Senhoras! Senhores! – Quem diria há dezessete anos passados, quem acreditaria que, graças ao Padre Siqueira, sacerdote pobre, sem fortuna, sem recurso algum, celebraria Petrópolis, no ano de 1888, o décimo sétimo aniversário deste estabelecimento? Engano-me, admirando-me da realização deste faustoso aniversário! Vós, excelsa. Princesa, e toda a augusta Família Imperial; vós, Exms. Srs. ministros; e vós, protetores da escola, espalhados pelo Brasil e aqui representados nestas ilustres senhoras e distintos cavalheiros; vós sempre alimentastes a esperanã de vez realizada a ideia do Padre Siqueira. Em nome de toda a Escola Doméstica venho agradecer às senhoras e aos senhores que constantemente têm ajudado esta escola, fazendo ardentes votos para que seus dias sejam dilatados, para felicidade da orfandade!<sup>758</sup>

Quais foram, portanto, estas festas promovidas pela instituição? E qual seria a conformação das mesmas? Foram notadas festas de aniversário da Escola, em 1887<sup>759</sup> e 1888<sup>760</sup>; festas em homenagem à padroeira da escola, em 1884<sup>761</sup>, 1885<sup>762</sup>, 1886<sup>763</sup>, 1887<sup>764</sup> e 1888<sup>765</sup>; além de uma festa literária religiosa em 1886<sup>766</sup>.

<sup>758</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>759</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>760</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 25, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>761</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>762</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 85, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>763</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>764</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 86, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

As festas de aniversário, de maneira geral, tinham em sua programação elementos mais formais como uma missa e a leitura do relatório anual da escola<sup>767</sup>, e exposição de trabalhos das educandas<sup>768</sup>. No ano de 1887, a programação um pouco mais detalhada apresentava, pelas educandas: Hino Nacional na abertura e no encerramento; saudação aos imperadores; oito apresentações de piano; seis apresentações de poesias; duas apresentações de cantos individuais e uma apresentação de um coro pelas educandas menores; além da leitura do relatório e de um discurso oficial por parte do monsenhor<sup>769</sup>. Em ambos os anos, foram exaltadas grande participação do público, além da presença da família imperial – em 1887, inclusive, a festa teria sido noticiada como uma homenagem à família<sup>770</sup>.

Já as festas em homenagem à padroeira, contavam com programações distintas. Em 1884, por exemplo, seria precedida por três dias de ladainhas, antes de abrir a instituição para visita e de contar com a pregação do Evangelho em suas instalações<sup>771</sup>. Em 1885 e 1886, haveria uma missa cantada, um sermão e um *Te-Deum*, além da abertura das instalações para visita<sup>772</sup> além das novenas, somente noticiadas em 1886<sup>773</sup>. Em 1887, também seriam expostos os trabalhos das educandas, sendo anunciados como uma “oportunidade de serem apreciados os [seus] progressos”<sup>774</sup>. E, por fim, em 1888, além das novenas e da programação usual com missas cantadas pelas alunas e mestras e o *Te-Deum*, noticiou-se a

---

<sup>765</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>766</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>767</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 24, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>768</sup> *Ibid.*

<sup>769</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 09, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>770</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>771</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>772</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 85, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 84, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

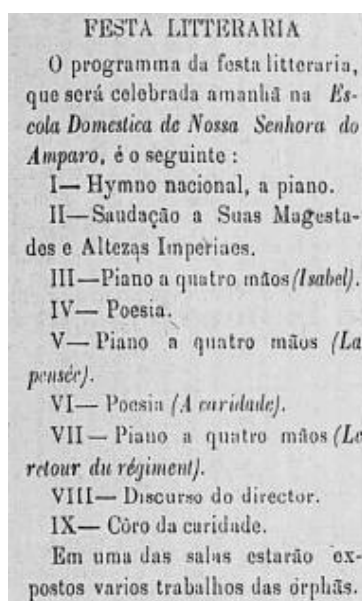
<sup>773</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>774</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 86, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

participação da família imperial<sup>775</sup> que, inclusive, teria recebido um presente (uma almofada de veludo bordada à ouro) das mãos de sua diretora<sup>776</sup>. Ressaltamos que, apesar de não ser apresentado como o objetivo dessas festas, foi possível encontrar relatos de esmolas destinadas à instituição<sup>777</sup>.

Por fim, a festa literária promovida pela instituição em 1886, seguiria uma dinâmica parecida com as festas de aniversário, com apresentações de piano, de poesia e de um coro, além da exposição dos trabalhos das meninas e de aspectos formais como o Hino Nacional, a saudação à família imperial, e um discurso do diretor<sup>778</sup>. Antes disso, contudo, seria celebrada uma missa “em intenção das pessoas que beneficiaram o mesmo estabelecimento e com especialidade das que concorreram para o bom êxito da quermesse ultimamente ali realizada”<sup>779</sup>.

**Figura 50** - Programação da festa literária promovida pela Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo



Fonte: **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1886. Disponível em:

<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 jul. 2025.

<sup>775</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 83, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>776</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 88, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>777</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 82, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>778</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 37, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>779</sup> *Ibid.*

Essa festa, que foi posteriormente noticiada sob a ótica de valorização daquelas meninas, e de exaltação ao seu fundador – e à família imperial –, era mais uma oportunidade de se refletir sobre o que significava aquela instituição para a imprensa, representado por aquele jornal.

[...] a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo é destinada a prestar serviços às gerações que nos sucederão. Não a devemos considerar um simples asilo de órfãs desvalidas, que devam à caridade pública a vida e o bem-estar; aceitemo-la antes como **um grande centro de atividade, onde ao trabalho, à ordem e à economia são confiados os destinos de futuras mulheres úteis. Professoras, mães de família, criadas de servir, enfim – todas as ocupações que se possam constituir garantias de vida para a mulher na sociedade, competem àquelas que ali estudam, que ali trabalham [...]**<sup>780</sup>

Visto isso, entendemos que a conformação dos divertimentos em torno daquela escola contribuía para que determinados valores daquela sociedade fossem incorporados, seja por meio das iniciativas locais, seja pela forma pela qual a elite imperial se aproximava.

Desta maneira, como apontamos, a relação daquela instituição com as formas de sociabilidade locais também se fazia presente a partir de outras formas de aproximação. Assim, além de promover divertimentos – sobretudo a partir da construção de sua capela, em 1883<sup>781</sup> –, a Escola também recebia algumas festas religiosas em suas instalações, com destaque para as festas do Mês de Maria, sendo as únicas exceções encontradas, atos da Paixão e Morte de Jesus durante a semana santa em sua recém-inaugurada capela em 1883<sup>782</sup>, e uma festa do Sagrado Coração de Jesus, que teria ocorrido em 1888<sup>783</sup>.

As festas do Mês Mariano, contudo, teriam sido noticiadas nas instalações daquela escola em 1879<sup>784</sup>, 1882<sup>785</sup>, 1883<sup>786</sup> e 1884<sup>787</sup>. A partir da leitura das fontes,

<sup>780</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 38, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>781</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 06, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>782</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 21, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>783</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 43, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>784</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 36, n.p., 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>785</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 39, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

pôde-se perceber que este era um elemento comum daquelas festas que, por sua extensão, mobilizava várias instituições religiosas, como a própria igreja matriz da cidade ou outro asilo, o de Santa Isabel. Em nossa compreensão, o fato daquela instituição colocar-se em posição de sediar alguns de seus atos, era mais uma forma de se colocar à vista da sociedade petropolitana, fortalecendo assim os laços com aquela comunidade de possíveis beneficiadores.

Outra forma de colocar-se em destaque, nesse sentido, se daria pela própria figura de suas educandas. Se já pudemos notar elementos culturais em suas apresentações a partir das festas promovidas pela própria instituição, por que não também fazer parte de realizações outras? Sob esta perspectiva, foi possível notar em alguns casos, a participação dessas meninas em diferentes iniciativas, geralmente fazendo parte de partes cantadas. São elas: a festa do Sagrado Coração de Jesus, em 1876<sup>786</sup>; as festas de Reis<sup>789</sup> e da Semana Santa<sup>790</sup>, em 1880; o Natal, em 1883<sup>791</sup>; a festa de Nossa Senhora do Rosário, em 1884<sup>792</sup>; festa de *Corpus Christi*, em 1887<sup>793</sup>; além de receberem convites para missas em ação de graças ao Imperador<sup>794</sup>.

Diante disso, tendo em vista a grande variedade de ações nas quais era mobilizada – de diferentes maneiras – a figura daquela instituição, entendemos se tratarem de estratégias para que se notabilizasse a imagem daquela instituição enquanto merecedora do apreço – e conseqüentemente do apoio – da sociedade petropolitana. Se como já notamos, a caridade no trato com aquela Escola passou a

---

<sup>786</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 41, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>787</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 31, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>788</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 50, n.p., 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>789</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 02, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>790</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1880. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>791</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 98, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>792</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 13, n.p., 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>793</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 44, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>794</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 70, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025. **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 73, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

se fazer presente na agenda pública, iniciativas particulares também eram solicitadas – em muitos casos, com muito mais confiança por parte dos atores envolvidos naquela instituição. A Escola, além disso, era indicada como um exemplo, sendo notabilizada quando em Petrópolis se discutia a criação de uma instituição com o objetivo de beneficiar as “classes desprotegidas” da cidade<sup>795</sup>.

Sob esta perspectiva, pudemos encontrar em nossas fontes dezenas de ações particulares em benefício à instituição, passando por figuras de visitantes, autoridades de outras localidades, membros da família imperial, dentre outros. Destacaremos a seguir, aqueles que se relacionam ao objeto da presente pesquisa, isto é, os divertimentos.

E finalmente, destacaremos um fato importante, qual seja: em 1888, após a entrega dos recursos para a alforria dos escravizados a partir do angariamento de recursos advindos de diferentes frentes – com protagonismo dos divertimentos beneficentes –, houve um valor excedente. E foi para a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo que este recurso foi enviado. Começamos, então, por alguns dos divertimentos que destinaram recursos para a instituição:

Em 1881, foi encontrado um espetáculo do Circo Pery para a instituição após outro em benefício ao hospital de caridade da cidade<sup>796</sup>; ao passo que em 1883, outro circo – o de Paul Serino – também destinaria recursos para a Escola<sup>797</sup>. Em 1885, a sociedade *Euterpe Comercial Tenentes do Diabo*, que visitaria a cidade, também deixaria esmola para a Escola, apesar de não ter feito nenhum espetáculo inicialmente<sup>798</sup>. Em 1886, foi a vez dos alunos do Colégio Paixão<sup>799</sup> e do *Real Club Ginástico Português*<sup>800</sup>, além de ser oferecida uma valsa por um compositor à comissão da quermesse daquele ano<sup>801</sup>. Em 1887, um grupo carnavalesco – Os

---

<sup>795</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>796</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 19, n.p., 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>797</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 26, n.p., 1883. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>798</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 23, n.p., 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>799</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 10, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>800</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 12, n.p., 1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>801</sup> *Ibid.*

*Kagados* – ligado a um comércio local, também teria conseguido recursos para a instituição<sup>802</sup>, assim como uma exposição de objetos chineses e japoneses oferecidos por um Sr. Bender<sup>803</sup>. Por fim, no ano de 1888, também teriam sido oferecidos um “livrinho” de um concerto<sup>804</sup>, além de ter sido solicitada a instauração de um divertimento chamado “tômbola”<sup>805</sup> – um jogo de azar com características similares ao bingo – também em benefício à instituição.

Há um relato interessante também, de 1882, de uma festa artística em benefício à Escola que não ocorreu. Segundo noticiou o Mercantil, a ingerência da câmara municipal pode ter atrapalhado a execução daquele divertimento, indicando certo descrédito que se dava à institucionalidade política<sup>806</sup>, elemento que já apresentamos anteriormente:

BOA AÇÃO NÃO REALIZADA – Quando há dias foram afixados e distribuídos uns cartazes anunciando uma festa artística em benefício da *Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo*, vimos nesse impresso alguma coisa que nos fez duvidar do bom êxito da empresa. Dizia-se ali que a festa teria lugar com o concurso da câmara municipal, e isso fez nascer a nossa descrença. [...] Se o Sr. Guérin tivesse procurado o patrocínio de pessoas importantes andaria melhor, mas procurar a câmara municipal de Petrópolis para obras meritórias...!<sup>807</sup>

Diante disso, por fim, apresentamos aquela que em nossa compreensão foi a mais significativa das doações para a instituição: a quantia restante do que foi arrecadado para a libertação dos escravizados na cidade, em abril de 1888.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO  
Por indicação de Sua Alteza Imperial, a Sra. Princesa regente, a comissão libertadora desta cidade entregou à Sra. Condessa da Estrela, tesoureira da *Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo*, a quantia de 423\$850,

<sup>802</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 11, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>803</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 16, n.p., 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>804</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 04, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>805</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 89, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>806</sup> Não podemos deixar de indicar, além disso, disputas de poder que se notabilizavam através das folhas daquele jornal, sobretudo por ser o seu proprietário Bartholomeu Sudré uma figura política que em alguns momentos já havia sido membro da câmara municipal.

<sup>807</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 28, n.p., 1882. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

que ficou das quantias arrecadas para a libertação de cativos e que Sua Alteza Imperial resolveu fosse doada ao pio estabelecimento.<sup>808</sup>

Em nossa compreensão, como já trabalhamos no capítulo inicial, a causa da emancipação teria sido utilizada como culminância de todo um processo que visava apontar como deveriam se portar os cidadãos daquela sociedade, voltados ao engrandecimento moral e ao prestígio da cidade e daqueles que se faziam presentes enquanto impulsionadores daquela localidade. Assim, mais do que refletir sobre a expressão daqueles valores, notamos como a Escola Doméstica também teria se colocado enquanto uma das causas sociais mais importantes da cidade. E isso passava pela necessidade de se autoafirmar enquanto merecedora destes recursos, sendo os divertimentos um elemento central para tal, seja por meio da beneficência, seja pela promoção e participação nestas manifestações.

Estudar os divertimentos na Petrópolis oitocentista revela como essas práticas serviam à difusão do projeto civilizatório das elites. Entre festas e espetáculos, buscava-se reforçar valores — quase sempre subordinadas à religião e às elites locais. A beneficência, elemento central nesta pesquisa, também reforçava estruturas de dominação, apresentando hierarquias e, como no caso das meninas asiladas na Escola Doméstica, pouco contribuindo para sua ascensão social. Mais uma vez, poderia ser afirmado: **“Dias de muito, véspera de nada!”**

---

<sup>808</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 30, n.p., 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 jun. 2025.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, percebemos que a história de Petrópolis envolve uma disputa de narrativas, sobretudo sobre sua relação com a família imperial e as elites cariocas, que precisa ser considerada em qualquer estudo sobre a cidade. As hipóteses da historiografia tradicional exigem que reflitamos sobre esses elementos, o que pode tanto reafirmar certas visões quanto abrir caminho para novos debates.

Neste sentido, se bem verdade é que, a partir de nossas fontes, acabamos por reafirmar a ideia de uma cidade que tinha o lazer das elites como pano de fundo de sua conformação, não podemos cair na armadilha de achar que tal conformação se deu livre da presença – e, em muitos casos, do protagonismo – das classes populares; ou livre de contradições e conflitos.

A compreensão de que Petrópolis foi concebida e planejada para o refúgio e o lazer das elites é evidenciada sobretudo durante o verão, notabilizado em nossas fontes como a “estação calma”. Esse período, marcado pela chegada da corte à cidade, fazia com que Petrópolis fosse marcado por uma maior quantidade – e diversidade – de divertimentos, apresentando aquele período como o ápice das relações de sociabilidade na cidade. Isso, contudo, não era regra, já que algumas iniciativas ocorriam também no inverno, abrindo espaço, inclusive, para as associações locais, além de apresentar certo protagonismo de festas religiosas.

Por este motivo, buscamos refletir sobre os usos sociais e políticos em torno dos divertimentos na cidade de Petrópolis entre os anos de 1875 e 1888. Neste cenário, indicamos alguns elementos que contribuiriam na conformação de uma cidade que se pretendia grande, ao passo que também precisava reafirmar a grandeza de seus recorrentes visitantes, os membros da família real.

Como fatores marcantes, encontramos a criação de uma organização hortícola, que teria fundado uma associação em 1875 com importante participação de membros da família imperial. Esta associação teria sido responsável por promover exposições e se aproximar de outras práticas de divertimentos, culminando no uso de seu pavilhão para as festas da emancipação de escravizados no ano de 1888.

Nesse cenário, a família imperial não se apresentava apenas como espectadora, mas sua presença nos divertimentos servia para reforçar a imagem de uma monarquia humanitária e próxima dos interesses do “povo”, ainda que saibamos que se tratava de uma noção de “povo” excludente, e que ocorria dentro de limites aceitáveis para a manutenção da ordem imperial.

Além disso, as reflexões em torno dessa organização indicariam um elemento preponderante em quase todas as práticas de divertimentos que foram relatadas em nossa pesquisa: a característica da beneficência. Mais do que apresentar intencionalidades diversas de cunho político ou não, essa característica servia para ajudar a despertar o interesse da população acerca dos divertimentos, o que poderia ocorrer tanto em divertimentos menos concorridos, como forma de chamar o público, quanto como forma de reafirmar aqueles divertimentos que já contavam com o apreço dos espectadores.

Em nossa compreensão, essa característica nos ajuda a refletir sobre a complexidade de suas práticas, isto é, ao passo que serviria para que as organizações envolvidas na promoção daqueles divertimentos pudessem ser mais bem contempladas pelos atores locais, o que engloba tanto as elites – em sua maior parte notada pela figura da família real –, a imprensa, e os demais espectadores, que queriam se divertir, também lhes dava a reputação de contribuintes para o engrandecimento local.

Junto a característica da beneficência, contudo, outros tipos de relações se faziam presentes no que se refere aos divertimentos daquela Petrópolis. No carnaval, isso poderia passar pelas disputas em torno de elementos como o entrudo; no teatro, pelas diferenças notadas entre diferentes estabelecimentos, ou nas relações incorporadas por associações locais e companhias externas a Petrópolis; na mágica e nas grandes novidades, havia disputas de narrativas que indicavam as contradições em torno de conteúdos científicos e os ideais de modernidade; no circo, ainda pouco consolidado na cidade, o mero entretenimento poderia resultar em pouco apreço popular.

Em todos esses exemplos, contudo, uma característica deveria ser levada sempre em consideração: eles deveriam levar em consideração aspectos civilizatórios, de moral e, em muitos casos, religiosos. É o que nos faz apresentar,

também, as festas religiosas e o papel da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, instituição que tanto promovia divertimentos quanto era beneficiada por eles.

Em vista disso, se as elites visavam dominar a narrativa dos divertimentos, as classes populares – incluindo os escravizados – também ocupavam esses espaços. Embora não fosse possível encontrar em nossas fontes (sobretudo jornais feitos das elites para as elites) relatos mais contundentes sobre a participação dessas pessoas nos divertimentos, isso se fazia notar nos indícios: no resistente entrudo, nas reinterpretações das festas religiosas ou até mesmo nos protestos ocorridos em um espetáculo. Mesmo silenciados em nossas fontes, essas pessoas faziam parte da disputa de narrativas que aqui estamos trabalhando e, sobretudo, disputavam seu lugar na cidade e em suas redes de sociabilidade – onde se inserem os divertimentos.

Ademais, os divertimentos em Petrópolis não seguiam uma linearidade no que se refere aos seus usos, assim, não é possível pensar em linearidade no trato com eles. Suas experiências ocorriam concomitantemente a outras e, portanto, faziam parte de uma rede de sociabilidade que não se encerrava neles. Diante disso, mais do que reunir práticas de divertimentos, esta pesquisa buscou compreender os sentidos e usos atribuídos a eles. Ao mostrar que eram atravessados por disputas e estratégias políticas, procuramos reforçar que, em Petrópolis, ajudavam também a configurar um modelo de cidade ideal.

Este trabalho, por fim, apresenta algumas lacunas que poderão ser mais bem delineadas em pesquisas futuras. A primeira delas é fruto da própria natureza das fontes utilizadas – os jornais –, construídas das e para as elites e, portanto, não nos apresentando muitos elementos acerca das classes populares. Como vimos, ainda assim, elas se faziam presentes, resistiam e... se divertiam.

Outro ponto a ser considerado é a multiplicidade de divertimentos encontrados que, portanto, podem ser trabalhados em pesquisas futuras, tais como os bailes dançantes, os concertos musicais, alguns primórdios dos esportes como as corridas de cavalos, dentre outros. E, por fim, entendemos que o recorte temporal de nossa pesquisa pode contribuir para análises do período imediatamente posterior,

marcado pelo questionamento: quais elementos teriam continuidade no período republicano? E quais se encerrariam no Império?

## REFERÊNCIAS

### FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negócios do Império (RJ) - 1832 a 1888. Ano 1875, ed. 003. Hemeroteca digital/BNDigital. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/720968/13085>. Acesso em: 01 jul. 2025.

CORREIO IMPERIAL (1887-1888). Hemeroteca digital/BNDigital. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-imperial/813222>. Acesso em: 01 mai. 2024.

GUIA DE PETRÓPOLIS PARA O ANO DE 1885. Petrópolis-RJ. Tip. Do Mercantil, 1885. Hemeroteca digital/BNDigital. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/guia-de-petropolis/828750>. Acesso em: 01 jun. 2025.

MERCANTIL (1872-1892). Hemeroteca digital/BNDigital. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 01 mai. 2024.

### REFERÊNCIAS E FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cristiane D'Ávila Lyra. **Fantasia na Serra: Representações de Petrópolis na mídia impressa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Espetáculos de fantoches em Minas Gerais no final do século XIX. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 29, 2024. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.29.23648. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/23648>. Acesso em: 1 jul. 2025.

AMBROZIO, Julio Cesar Gabrich. **O presente e o passado no processo urbano da cidade de Petrópolis: uma história territorial**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06012009-163050/pt-br.php>. Acesso em: 04 Abr. 2023.

AQUINO, Renata; CUNHA JUNIOR, Henrique. Cidades negras – Petrópolis imperial. **Revista Ambivalências**, v. 2, n. 4, p 81-96, jul-dez, 2014.

BARROS, José d'Assunção. **O campo da história**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, José d'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis: Vozes, 2020.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. São Paulo: Global, 1994.

COSTA, Verônica Soares. **Tribuna de Petrópolis: trajetória e representação na Cidade Imperial – Imprensa e identidade de Petrópolis em 100 anos de jornal local**. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/8176?show=full>. Acesso em: 04 Abr. 2023.

DAIBERT, André Barcelos Damasceno. **História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930**. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, 2010. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6568>. Acesso em: 04 Abr. 2023.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. História e historiografia do lazer. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, jan./jun. 2018b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/17878>. Acesso em: 04 Abr. 2023.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Mercantilização do lazer no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, 364-403. 2018a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1822>. Acesso em: 04 Abr. 2023.

DIAS, Paola Vanessa Gonçalves. **Do apagamento à fala pública: A memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do Quilombo da Tapera**. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

FREIRE, Susanita. **O fim de um Símbolo: Theatro João Minhoca - Companhia Authomatica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

HAACK, Frederico. Plano Koeler. A História de Petrópolis. 07 mar. 2014. Disponível em: <https://ahistoriadepetropolis.blogspot.com/2014/03/plano-koeler.html>. Acesso em: 01 jul. 2025.

HOBBSAWN, Eric J. **Sobre História**. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

JONES, Roberto. Tragédia que vitimou sete petropolitanos em março de 2022 completa dois anos. Sou Petrópolis. 20 mar. 2024. Cidade. Disponível em: <https://souponpetropolis.com/2024/03/20/tragedia-que-vitimou-sete-petropolitanos-em-marco-de-2022-completa-dois-anos/>. Acesso em: 29 abr. 2024

JOSÉ de Saldanha da Gama. Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=16014>. Acesso em: 02 mai. 2024.

LAETA, Tainá; FERNANDES, Manoel do Couto; FERNANDES, Mário Gonçalves. A Cartografia Histórica de Petrópolis e uma análise geográfica sincrônica para o século XIX (1846-1861). **Rev. cartogr.**, Ciudad de México, n. 106, p. 147-168, jun. 2023. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2663-39812023000100147&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2663-39812023000100147&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 01 jul. 2025.

LEAL, Luciana Silva. **Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo e o processo de escolarização de mulheres negras na Primeira República (1889-1910)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

MACHADO, Lucas; GOMES, Marcelo; ALVES, Júnior; FREITAS, Flávia. Em 2020, mesmo depois da maior tragédia climática da história, Petrópolis gastou apenas 15% do valor autorizado em habitação. Portal G1, 14 mai. 2023. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/02/14/em-2022-mesmo-depois-da-maior-tragedia-climatica-da-historia-petropolis-gastou-15percent-do-valor-autorizado-em-habitacao.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MACHADO, Paulo Henrique. **Pão, terra e liberdade na Cidade Imperial: a luta antifascista em Petrópolis no ano de 1935**. Petrópolis: Arteg, 2008.

MARQUES, Ariane; LUCHESE; CRUZ, Adriana. Saiba quem são as vítimas do desabamento em Petrópolis, na Serra do Rio. Portal G1. 23 mar. 2024. Região Serrana. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2024/03/23/saiba-quem-sao-as-vitimas-do-desabamento-em-petropolis-na-serra-do-rio.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MARZANO, Andrea. A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro. Apicuri, 2010.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. São Paulo. Usina Editorial, 2020.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. **O lazer no planejamento urbano**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, Serv. de Publicações, 1971.

MELO, Victor Andrade de. Por que devemos estudar História da Educação Física/Espportes nos cursos de graduação? **Motriz**, v. 3, n. 1, jun, 1997.

MELO, Victor Andrade de. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, set./dez., 2013.

MELO, Victor Andrade de. Uma Diversão entre a Ciência e o Ocultismo: Os Espetáculos de Mágica no Rio de Janeiro do Século XIX (Décadas de 1840-1880). **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 527-574, 2021. DOI: [10.35699/2447-6218.2021.36339](https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.36339). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36339>. Acesso em: 30 jun. 2025.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. **A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)**. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Poder) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012.

MORAES, Renata Figueiredo. **As festas da Abolição no Rio de Janeiro (1888-1908)**. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2023.

MORAES, Renata Figueiredo. A República e as festas da abolição: resistência e liberdade no pós-abolição. **Acervo**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 40–62, 2019. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1523>. Acesso em: 30 jun. 2025.

OLIVEIRA, Arthur Eduardo Oliveira de. **A construção do carnaval das grandes sociedades carnavalescas a partir da imprensa do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

OLIVEIRA, Eduardo de. Lazer em Petrópolis da monarquia à belle époque: circos, ilusionismo, anões e uma “cabeça de menina em caixinha”. Petrópolis Sob Lentes. Descobertas. Disponível em: <https://petropolisoblentes.com.br/circos-e-ilusionismo-na-petropolis-do-comeco-do-sec-xx-cabeça-de-menina-em-caixinha-estava-entre-as-atracoes/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PERROT, Michelle. O olhar do outro: os padrões franceses vistos pelos operários (1880-1914). In: PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra. n.p., 2017a.

PERROT, Michelle. As três eras da disciplina industrial na França do século XIX. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra. n.p., 2017b.

PIRES, João Victor Ribeiro. O cativo no alto da serra: a escravidão e seus desdobramentos em Petrópolis através do periódico O Parahyba (1857-1859). **Faces de Clio**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 54–83, 2024.

POPINIGIS, Fabiane. **Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.

SANTOS, Flávia da Cruz. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ARKMHB>. Acesso em: 04 Abr. 2023.

SANTOS, Flávia da Cruz; MELO, Victor Andade de. Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889). **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, n. 463, p. 39-69, 2014.

SANTOS, Flávia da Cruz. Contribuições Teóricas e Metodológicas da História Conceitual para os Estudos do Lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, p. 359-380, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução – As marcas do período. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História do Brasil Nação: 1808-2010. Vol. 3 - A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro no século XIX. *In*: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro. Apicuri, 2010.

SILVA, Lucas Ventura da. Patrimônio Documental sobre Escravidão: o elemento servil na Petrópolis do Oitocentos. **Revista Manduarisawa**, v. 4, n. 1, 2020a.

SILVA, Lucas Ventura da. Entre festas e solenidades: O processo de abolição e liberdade na Petrópolis da década de 1880. *In*: XIX Encontro de História da ANPUH-Rio. Anais do XIX Encontro de História da ANPUH-Rio, 2020b.

SILVA, Lucas Ventura da. Flores, festas e liberdade: reflexões sobre a experiência abolicionista em Petrópolis. *In*: 31º Simpósio Nacional de História, Rio de Janeiro, 2021. Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico] : história, verdade e tecnologia / organização Márcia Maria Menendes Motta. - 1. ed. - São Paulo : ANPUH-Brasil, 2021.

SILVA, Lucas Ventura da. **Movimentando a abolição: sociabilidades, emancipação e liberdade na Petrópolis imperial (1884-1888)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023a.

SILVA, Lucas Ventura da. A Petrópolis abolicionista: As dinâmicas de abolição e de liberdade na cidade imperial (1884-1888). *In*: 32º Simpósio Nacional de História – ANPUH Nacional, 2023, São Luis-MA. Anais do 32º Simpósio Nacional de História, 2023b.

SILVA, Renata Aquino da. **Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2019.

SOUZA, Maria Julia. 85 anos de fundação: Instituto Histórico de Petrópolis trabalha com o resgate da memória histórica da Cidade Imperial. *Tribuna de Petrópolis*. 24 dez. 2023. Cidade. Cultura e Lazer. Variedades. Disponível em: <https://tribunadepetropolis.com.br/noticias/85-anos-de-fundacao-instituto-historico-de-petropolis-trabalha-com-o-resgate-da-memoria-historica-da-cidade-imperial/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

TAULOIS, Antonio Eugênio. **História**. TURISPETRO, Petrópolis. Disponível em: <https://www.petropolis.rj.gov.br/turispetro/historia>. Acesso em: 04 Abr. 2023.

TAUNAY, Afonso de (1938 a). Viajantes estrangeiros: Francis de Castelnau (1843). *In*: Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis. Vol I, P.M.P: **Diretoria de Educação e Cultura**: Petrópolis, p. 47-63, 1938.

VASCONCELLOS, Francisco de. **Sobrevivência da escravidão: 1888-1988**. IX Simpósio de História do Vale do Paraíba. Petrópolis, 21 de julho de 1988.

## ANEXOS

### **Anexo A (Discurso de José de Saldanha da Gama sobre a importância das exposições hortícolas)**

Senhores. – Pálido reflexo da falange que no Brasil consome a força e seiva da mocidade no cultivo da história natural, venho mais uma vez queimar no fogo sagrado do trabalho o diminuto combustível de uma experiência adquirida nos livros e natureza. A filosofia natural deve na época presente à agricultura e à horticultura os dois fatos de mais transcendente alcance que por ventura lhe poderiam servir de sólido fundamento. Corriam os primeiros anos deste século, quando Lamarch despertando o mundo dos naturalistas com a teoria da descendência dos seres organizados, descobriu ao mesmo tempo um novo horizonte para o cultivo do pensamento, criando o ponto de partida para a ciência da observação dos fatos ligados pelos laços de sã filosofia. O estudo empírico da natureza física não possuía mais do que uma série de fatos acumulados de geração em geração sem os elos da grande cadeia que só o império da razão é dado construir para a indagação da verdade filosófica que luz no espaço, nos tempos os mais remotos da história do globo terrestre, e através dos séculos ainda envolvidos pelas sombras do futuro. Era uma simples hipótese nascida na alma de um naturalista francês, sem provas que justificassem nem de leve a doutrina da série evolutiva dos seres organizados. Luta tremenda se ergueu altivamente entre os sectários do nascente realismo e os partidários acérrimos do dualismo. Brilhava apenas a ideia fecunda, a inspiração de um gênio, e nada mais. Veio a trégua; a nova planta era débil por falta de raízes fortes que a prendessem ao solo almejado da nutrição: nem vida, nem vigor para triunfar de adversários indômitos que a cercavam por todas as faces. O silêncio fê-la revestir-se de morte aparente; caíram-lhe as folhas e as flores pela neve e pelo frio, ficando-lhe, porém a vida momentaneamente interrompida para na próxima primavera cobrir-se de frondosos ornamentos expandidos do elemento vital que não se aniquilara. E de fato, senhores, decorridos algumas dezenas de anos depois dos primeiros combates travados entre os possantes defensores das duas escolas opostas, e após o necessário repouso consagrado às grandes ideias, eis que surge a hipótese da evolução ou transformação dos seres; abrindo agora uma nova era de conquistas intelectuais porque assentada sobre a irrecusável prova da experiência, bebida átomo a átomo no vasto campo da natureza vegetal e do reino animal. De um lado: a cultura dos animais; de outro a cultura dos vegetais; ambas iniciando o homem na formação de variedades deste ou daquele tipo específico, e levando-o pela seleção artificial ensaiada por Darwin ao princípio da seleção natural derivada da luta pela existência, *struggle for life*. Representada uma vez a natureza pelos meios artificiais lembrados pelo engenho humano, a nossa alma volta-se para os milhões de séculos que já se foram e encontra luz aonde justamente ela se havia apagado em virtude do espantoso movimento do tempo. Se a grande doutrina filosófica hoje aceita por nós em muitas das suas conclusões, vai produzir a maior das revoluções nas ciências, nos corpos sociais, e nos destinos futuros da sociedade, a fonte de semelhante acontecimento outra não é que a agricultura aplicada aos animais domésticos, e a horticultura tendo por objeto as plantas de utilidade imediata e para ornamentação exigidas pela criatura. De uma e de outra teve origem o princípio da seleção obtida pelo homem para confirmar o mesmo

princípio posto em prática pelas forças múltiplas da natureza orgânica. Do adiantamento das duas indústrias proveio, portanto, a lei reformadora das ciências sob o nome de Darwinismo. É um dever, é uma glória o animá-las [sic] para outros resultados que a ciência, e a marcha do pensamento humano, aguardam no interesse de todos, da verdade, e do triunfo constante da razão sobre as trevas do desconhecido. **As exposições agrícola e hortícola são os degraus a subir para a conquista gloriosa das coisas úteis, e instrutivas: são elementos de prosperidade dos municípios, das grandes cidades e das nações que pugnam pelo progresso.** Senhor. – Na frase de Hackel: ainda que um século na vida de um homem seja uma gota d'água no oceano da eternidade, quando um meio século de nobre existência se define por oceanos de egrégios benéficos, parece que o infinito é quem pode medir a vistosa coroa de louros sobre a fonte augusta de tão merecida sabedoria. É a voz de um brasileiro, reconhecido por tantos títulos à vossa alta proteção, que se alteia imparcial nesta festa de trabalho, para em nome dos seus compatriotas entoar hinos à Providência pela preciosa saúde de Sua Majestade, a Imperatriz. Para com o Príncipe Consorte a Sua Alteza, a Princesa Imperial, avultam igualmente os nossos sentimentos da mais inteira dedicação, espelhando a esperança de uma vida não menos ilustre como tem sido o seu passado na história recente do seu amor pela pátria.

Glória à nação brasileira.  
Petrópolis, 20 de janeiro de 1876.  
- José de Saldanha da Gama.<sup>809</sup>

---

<sup>809</sup> **BNDigital**: Mercantil (1872-1892), ed. 08, n.p., 1876. **Grifos nossos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercantil/376493>. Acesso em: 29 abr. 2024.